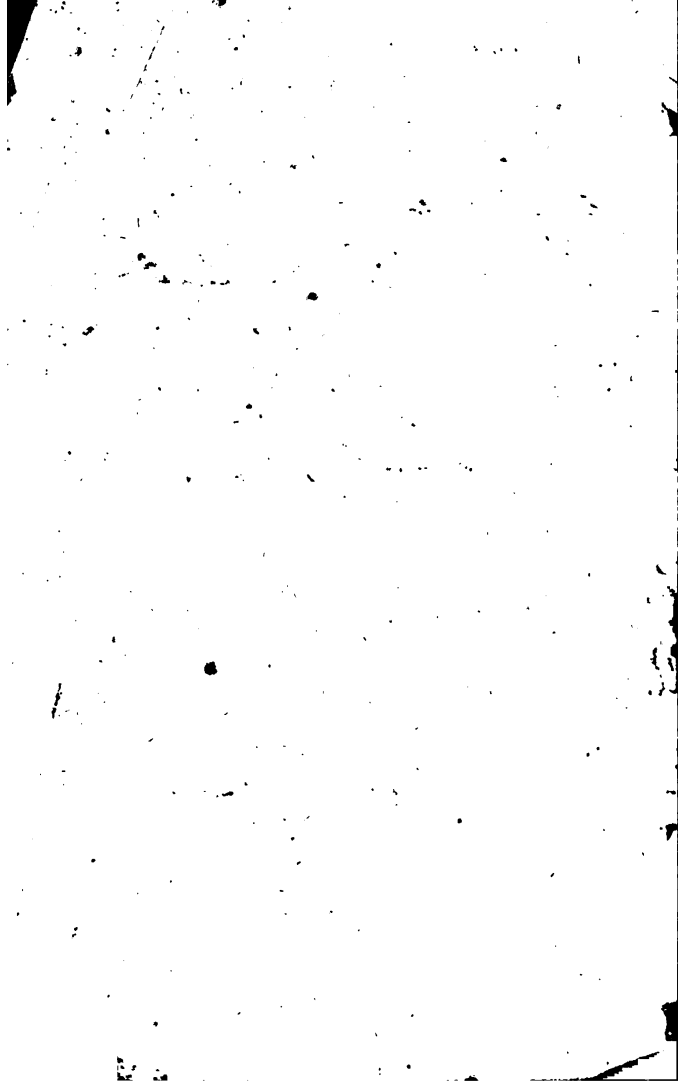
Hyacinthe Freyre de Andrade
né à Beja en Portugal 1597
mort à Lisbonne 1657. Il est Auteur
de la Vie de Dom Jean de Castro Viceroi
des Indes, en Portugais, le Livre
peut être le mieux écrit en cette
langue. –
Abr: Chronol.^que d'Espagne & de Portug.
par Henault. Vol. 2. p. 513.

VIDA
DE
D. JOAÕ
DE CASTRO,
IV. VISO-REY DA INDIA.

VIDA
DE
D. JOAÕ DE CASTRO

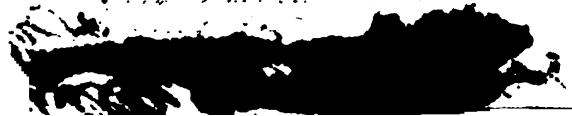
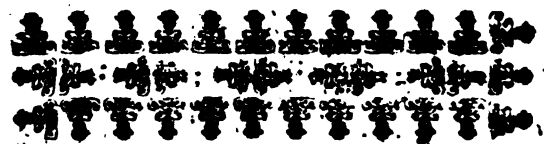
IV. Viso-Rey da India.

ESCRITA

Por JACINTO FREYRE de Andrada.

PRIMEYRO TOMO das suas obras.

LISBOA.

Na Officina de Domingos Rodrigues.
Anno de M.DCC. XLVII.
Com todas as licenças necessarias.
Vende-se na mesma Officina.

AO PRINCIPE
D. THEODOSIO
NOSSO SENHOR
SERENISSIMO SENHOR.

TIVERAM os Scipioens quem os igualasse nas obras, porêm naõ na fortuna. Teve D. Joaõ de Castro, Darios, a quem vencer na Asia, mas naõ achou Curcios, e Livios na Europa, que illustrassem seu nome. Persuadiome o Bispo D. Francisco de Ca- [illegible] *iro*

ſtro a eſcrever eſta Hiſtoria, que agora faz publica na eſtampa, bem que com penna deſigual do merecimento de hum varaõ, que chegou a ſer grande entre os mayores, cujas virtudes começáraõ taõ cedo, que mais parecêraõ herdadas, que adquiridas. Naõ acabou de encher os annos de ſeu governo, no qual foraõ quaſi iguaes os dias, e as vitorias, bem que viveo á Patria idade larga; menos á natureza. Porém agora que o nome de V. Alteza ampara ſua memoria, fica em duvida ſe foi mais felice na vida, ou na poſteridade, victorioſo ſempre, dos inimigos entaõ, e hoje dos annos. Neſte lugar pudera dar a ler a voſſa Alteza ſuas meſmas virtudes, mas para tal materia he a carta breve, tambem o fora o livro. O brádo univerſal do Mundo ſerá papel aberto, onde em mais fiel eſtylo as lerâõ todos, eſperando que unindo Voſſa Alteza a gloria das armas âs delicias do eſtudo, ſerá entre os Principes

Por-

Portuguezes no nome, e no valor primeiro. Guarde Deos a Sereniſſima peſſoa de Voſſa Alteza. Lisboa 15. de Março de 1651.

Jacinto Freire de Andrada.

AOS QUE LEREM.

SAõ os Prologos hũ anticipado remedio aos achaques dos livros, porque andaõ sempre de companhia os erros, e as desculpas. Eu por hora me desvio do caminho trilhado, naõ quero pedir perdaõ de nada; quem achar que dizer, naõ

naõ me perdoe [nem
ſerâ neceſſario encomẽ-
dalo.] Se me notarem o li-
vro de ruim, naõ negaraõ
que he breve, e eſcrito em
lingua Portugueza, que
tãtos Engenhos moder-
nos, ou temem, ou deſ-
prezaõ, como filhos in-
gratos ao primeiro leite,
ſervindo-ſe de vozes eſ-
trangeiras, por onde paſ-
ſâraõ como hoſpedes, ſẽ
reſpeito áquellas vene-
raveis cans, e ancianida-
de madura de noſſa lin-
guagem antiga. Eſcrevi
eſta

esta Historia com verda-
de de memorias fieis, sem
que a penna, ou o affecto
alterasse o menor accidé-
te. Antes que este papel
saisse dos borroens, sei
que muitos o taixârão de
escasso, dizendo q̃ hou-
vera de dilatar a Historia
com allusoens, e passos da
Escritura, que fizessem
mais crecido volume; es-
tes comprão os livros pe-
lo pezo, e naõ pelo feitio:
de mais que naõ permit-
tem taõ licenciosa penna
as leys da Historia. Ou-
tros

tros queriaõ que me valesse do estrepito de vozes novas, a que chamaõ Cultura, deixando a estrada limpa por caminhos fragosos, e trocando com estimaçaõ pueril o que he melhor pelo que mais se usa; mas como naõ determinei lisongear a gostos estragados, quiz antes com a grandeza da verdade servir ao applauso dos melhores, que â fama popular, e errada.

APPRO-

APPROVAÇOENS, e licenças.

CENSURA DO P. M. Fr. JOAM de Vasconcellos, do Coñselho de Sua Magestade, e do Geral do Santo Officio.

COm particular gosto li, e (por ordẽ do Conselho Géral do Santo Officio) attentamẽte revi a vida do Grãde D. Joaõ de Castro, quarto Viso-Rey da India, escrita por Jacinto Freyre de Andrada. Livro verdadeiramente pequeno para cõprender homẽ tamanho grande; para mostrar o luzido taléto de seu Autor, na verdade, na disposiçaõ, no juizo, precisas leys da Historia, pontualmente observadas. Pintar em pequeno quadro hũ grande gigante, mais mostra a arte do pintor, que a grandeza do gigante, se naõ foi necessidade, que homens de tal grandeza, nem em mayores volumes cabem, e nunca a penna chega ao que o entendimento concebe, de virtudes taõ heroicas: *Desinamus prosequi quod assequi non possumus*, deu S. Joaõ Chrystomo por razaõ, de abreviar o Panegyrico de hum varaõ illus-

illuſtre de ſeu tempo. O juizo do mundo todo he a Chronica de D. Joaõ de Caſtro: o que naõ cabe nos livros, fica na opiniaõ dos homens: *Maiorẽ ſui nominis gloriam in animis hominum condidit*, diſſe o grãde Nazianzeno de Santo Athanaſio. Ventura grande de quem eſcreve, poder largar o pano todo á eloquencia, ſeguro de detrotar, e ſem temor de linguas envejoſas, que a excellencia tanta naõ ha enveja que ſe atreva.

Quis enim liveſcere poſſit?
Quòd nunquam pereant ſtellæ? Quod Jupiter olim.
Poſſideat Cælum? Quòd noverit omnia Phœbus?

Envejou Alexandre á Aquilles o Chroniſta: com mais razaõ podéra eſte envejar ao de D. Joaõ de Caſtro a empreza. Digniſſimo me parece o livro de ſe eſtãpar nos bronzes, nos corações, para mais eternizar a memoria de hum varaõ, que Deos deu á terra por molde, e exemplar de grãdes homens, para deſmentir, a opiniaõ do Mũdo, que julga por impoſſivel: *Eodem tempore, & bonum virum, & bonum ducem agere* (como diſſe Seneca) cõ o exemplo de hum, em quem a Chriſtandade, e o valor corréraõ ſempre parelhas. Lisboa no Moſteiro de Santiſ-

ſimo

ſimo Sacramento. 4. de Dezembro de 1650.

Fr. João de Vaſconcellos.

POde-ſe tornar a imprir o livro, de que eſta petição trata, e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença para correr, ſem a qual não correrá. Lisboa Occidental 5. de Setembro de 1721.

Rocha. Fr. Rodrigo de Lancaſtre. Carneiro Cunha. Teixeira Sylva.

DO ORDINARIO.

POde-ſe tornar a imprimir o livro de D. João de Caſtro, e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual não correrá. Lisboa Occidental 12. de Setembro de 1721.

D. J. A. de Lacedemonia.

DO PAÇO.

POde-ſe tornar a imprimir o livro, de que ſe faz menção, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará a eſta Meza para ſe confe-

conferir, e taxar com o original, e sem isso naõ correrá. Lisboa 10. de Março de 1721.

Andrade. Pereira. Oliveira. Teixeira.

CENSURA DO CONDE Camareiro Mór.

LI a Vida de D. Joaõ de Castro, e me parece digna de se imprimir, para q̃ conheça o Mundo tivemos varoens, que taõ bem souberaõ obrar, e nos naõ faltáraõ sogeitos para eternizar seus nomes, diminuindo a soberba dos Romanos, naõ só dos Heroes, mas com os Escritores; e mostrando com evidēcia, naõ he inferior a nenhuma a lingua Portugueza, na elegancia, gravidade, e energia: em persuadir, narrar, ou descrever: de que se acharaõ taõ vivos, e repetidos exemplos neste livro: que póde ficar em duvida (como a origem de seus primeiros Fundadores) se os seguimos, ou se os ensinamos. A naõ conhecer quanto Vossa Magestade estima os escritos de Jacinto Freyre de Andrada, e a inclinaçaõ que V. Magestade tem de honrar as letras, me ficará só lugar de lembrar a V. Magestade favorecesse esta obra, para que á vista do

dre-

premio se alentem outros Engenhos a escrever em credito da Patria. Lisboa 13. de Dezembro de 1721.

O Conde Camareiro Mór.

ESTá conforme com o original. S. Domingos de Lisboa Occidental 27. de Março de 1722.

Fr. Manoel Guilherme.

VIsto estar conforme com o original póde correr. Lisboa Occidental 27. de Março de 1722.

Rocha. Fr. Rodrigo de Lancastre. Carneiro Cunha. Teixeira. Sylva.

POde correr. Lisboa Occidental 27. de Março de 1722.

D. João Arcebispo de Lacedemonia.

TAxaõ este livro em hũ cruzado. Lisboa Occidental 28. de Março 1722.

Pereira. Oliveira. Alvares.

VI.

VIDA
DE
D. JOAÕ
DE CASTRO
IV. Viſo-Rey da India.
LIVRO PRIMEIRO.

EScreverey a vida de D. Joaõ de Caſtro, Varaõ ainda mayor que ſeu nome, mayor que ſuas victorias; cujas noticias ſaõ hoje no Oriente, de pays a filhos, hum livro ſucceſſivo, conſervandoſe a fama de ſuas obras ſempre viva; e nós ajudaremos o pregaõ univerſal de ſua

ria com este pequeno brado: porque duraõ as memorias menos nas tradiçoens, que nos escritos.

1 Foy D. Joaõ de Castro, entre os de taõ grande appellido, illustre descendente; mas primeiro relataremos as virtudes, e depois a origem, por serem as obras proprias, pays melhores, que os q̃ da natureza se recebem. Passou os primeiros annos, cultivados nas letras, e virtudes que sofre aquella idade, sendo taõ facil o natural à disciplina, que naõ havia mister torcido, senaõ encaminhado. Como naõ era D. Joaõ herdeiro da casa de seus pays, dispunhaõ elles inclinallo a estudos mayores: porque nas casas grandes foraõ sempre neste Reyno as letras o segundo morgado. Obedeceo D. Joaõ em quanto naõ tinha liberdade para engeitar, nem escolha para tomar outro exercicio.

Primeiros estudos de Dom Joaõ de Castro.

2 Aprendeo as Mathematicas com Pedro Nunes, o mayor homem, que desta profissaõ conheceo Portugal; fazendo-se taõ singular nesta sciencia, como se a houvera de ensinar. Nesta escola acõpanhou o Infante D. Luiz, a quem se fez familiar, ou pela qualidade

Applicase ás Mathematicas.

lidade, ou pelo engenho; porèm como D. Joaõ amava as letras por obediencia, e armas por destino, desprezou, como pequena, a gloria das escolas, achando para seguir a guerra, em si inclinaçaõ, em seus avòs exemplo.

Em companhia do Infãte Dom Luiz

3 Era naquelle tempo clara a fama de D. Duarte de Menezes, Governador de Tanjer; cujo nome os Africanos ouviaõ com temor, e nòs com reverencia. Considerava D. Joaõ melhor suas victorias, que as figuras, e circulos de Euclides, amando as artes em quanto podiaõ servir ao valor.

4 Chegado aos dezoito annos, vendo-se mais crecido no brio, que na idade, fugindo se embarcou para Tanger; onde contra o estylo daquellas praças, assistio nove annos, como quẽ queria fazer vida do que era só caminho. Em todas as occasioens daquella guerra se portou com esforço igual ao sangue, e mayor que os annos, merecendo congratulaçoens dos parentes, envejas dos soldados.

Passa a Tanger.

Dom Duarte de Menezes ar Caleir

5 D. Duarte de Menezes o respeitava, como se houvera lido nesta Historia as victorias da Asia, que estamos escrevendo. Por suas mãos lhe quiz

dar, e receber a honra de o armar Cavalleiro, gloriando-se taõ anticipadamente no filho de sua disciplina. E vendo que taõ grandes espiritos mereciaõ ser ajudados dos favores Reaes, dezejando que respondessem os premios ao valor; zelando igualmente a causa do Rey, e do vassallo, escreveo a ElRey Dom Joaõ o Terceiro, que Dom Joaõ de Castro havia servido de maneira, que nenhum posto, ou mercè já lhe seria grande: que Sua Alteza o devia honrar, porque as lembranças dos Reys faziaõ soldados, e era justo que aos olhos de taõ grande Principe naõ ficassem sem premio as virtudes.

E informa a ElRey de seu merecimẽto.

6 ElRey mandou logo chamar a D. Joaõ por huma carta taõ honrada, como se lhe naõ quizera fazer outra mercé; com a qual Dom Joaõ se veyo à Corte, onde foi taõ envejado pelas feridas, como pelos favores. ElRey lhe fez mercé da Comenda de Salvaterra, acordando aos homens de novo seu merecimento a estimaçaõ com que os tratava.

ElRey o chama, honra, e aprecase à Mathematicas.

7 Cursou Dom Joaõ algum tempo a Corte, sem que a nenhum deſar da

mo-

mocidade o arraſtaſſem os annos, ou os exemplos, parecendo verdadeiramente varaõ em toda a idade; porém com tal medida, que nem a madureza o fazia pezado, nem a urbanidade facil. Soube filoſofar entre as diverſoens da Corte, evitando naquelle genero de vida a parte q̃ tinha de ocioſa, mas naõ a de diſcreta.

Caſou cõ D. Leon. Coutinho.

8 Mudou de eſtado, caſando com Dona Leonor Coutinho, ſua prima ſegunda, filha de Leonel Coutinho, Fidalgo da illuſtriſſima caſa de Marialva, nobreza taõ conhecida, e taõ antiga, que della, e do Reyno temos igual noticia. Naõ lhe deraõ outro dote que as qualidades, e virtudes da eſpoza; porém ſem os arrimos da fazenda, conſervou o reſpeito de maneira, que era tratado de todos com veneraçaõ de rico, e laſtima de pobre.

Jornada de Tunez.

9 Offereceo-ſe neſte tẽpo a jornada de Tunez, facçaõ mais celebre pela victoria, que pela utilidade; de que naõ coube a Dom Joaõ de Caſtro pequena parte na honra, e no perigo. Daremos do ſucceſſo relaçaõ menos abreviada, por haver ElRey D. Joaõ empenhado na facçaõ o poder, o Infante

Occasiaõ q para ella houve.

fante D. Luiz a pessoa. Havia aquelle famoso Cossario Barba Roxa infestado todo o Mediterraneo com poder, e atrevimento mayor que de Pirata, achádo a fortuna taõ prompta a seus insultos, que entre os triunfos de Carlos, era só Barba Roxa o escandalo de suas victorias. Vendo-se cada dia mais crescido em opiniaõ, e forças, se passou ao serviço do Turco, com quem já a fama de nossas injurias o tinha acreditado, e comprando-lhe a graça com o mais precioso de seus roubos, alcançou ser General do mar; e baixando diversas vezes com grosso numero de galès, fez grandes danos nos portos de Napoles, e Sicilia, sem que bastasse a defendellos o valor de seus naturaes, nem a tutela do Imperio, a que serviaõ. Cativou infinitas almas, perdendo muitas a Fé pela liberdade; assolou povos, e abrazou navios, dandolhe as mizerias dos Chirstãos entre os Barbaros, huma glorioza fama, atè que esquecido de seus principios, lhe fizeraõ as prosperidades lugar á ambiçaõ de reynar, usurpando o Reyno de Tunes com varios artificios, cuja relaçaõ naõ serve a

nossa

nossa Historia. Vendo pois Carlos este tyranno já com forças proprias, fomentadas de outro poder mayor; e que pela vizinhança de seus Reynos naõ convinha q̃ criasse raizes ás portas de sua mesma casa;e que os Mouros,a quem naõ faltava valor,mas disciplina, industriados de soldado taõ pratico,viriaõ a conhecer suas forças, em dano de seus Reynos. Resolveo buscalo com huma poderosa armada, e tirarlhe o abrigo de Tunez, para q̃ quando melhor livrasse,se tornasse aó mar, donde como Pirata, só poderia offender com forças vagas, as quaes mais facilmente poderiaõ acabar os tempos, e os successos. Tirou os soldados velhos dos presidios de Italia, que suprio com bisonhos,fez grandes levas na Alemanha alta, e paizes de Flandes; alistou Italianos, e Hespanhoes, álem dos senhores, e nobreza, que servia sem soldo; e como empreza taõ util, e justificada, e onde o Emperador empenhava a pessoa, acudiaõ muitos aventureiros a acompanhar taõ pias, e valerosas armas. Em Sardenha tomou o Emperador mostra da gente que levava, e achou vinte e
cinco

cinco mil infantes de lista, que recebèraõ soldo fóra outra muita gente que servia sem elle, que era huma grande parte do exercito, e cada dia recebia differentes soccorros, que engrossavaõ o campo.

Acompanha nella o Infante D. Luiz.

10. O Infante D. Luiz, Principe digno de empresas iguaes a seu valor, se resolveo achar nesta jornada com o Emperador seu cunhado; e ainda que delRey Dom Joaõ foy mui dissuadido com razoens differentes; humas q̃ topavaõ no amor do sangue, e outras no respeito da pessoa; com tudo o Infante interpretãdo a vontade delRey, mais em favor do brio, que da obediencia, partio secretamente com alguns fidalgos; o que entendido por ElRey lhe mandou a Barcellona, onde o Emperador estava, largos creditos, e aprestar vinte e cinco caravellas, e alguns navios redondos; entre elles hum galeaõ, que jugava duzentas peças de bronze, o mayor que atè aquelles tempos surcáraõ nossos mares, à ordem de Antonio de Saldanha, para que servissem na jornada; e por reverencia do Infante se encomendáraõ as vasilhas da armada a fidalgos de grande conta,

sendo

ſendo hum delles Dom Joaõ de Caſtro, que neſta occaſiaõ igualmente deſprezou o perigo, e a cobiça, como logo moſtrará a Hiſtoria.

11 Os fidalgos que ſe embarcáraõ neſta armada, de que alcancey noticia, foraõ, de mais de D. Joaõ de Caſtro, Dom Affonſo de Portugal filho herdeiro do Conde de Vimiozo, Dom Affonſo de Vaſcõcellos filho do Conde de Penella, Luiz Alvares de Tavora ſenhor do Mogadouro, com Ruy Lourenço de Tavora ſeu irmaõ, que depois foy Viſo-Rey da India, Dom Joaõ de Almeida filho do Conde de Abrantes, Dom Pedro Maſcarenhas, que tambem foy Viſo-Rey da India, D. Diogo de Caſtro Alcaide mòr de Evora, Dom Fernando de Noronha, Dom Franciſco de Faro, D. Franciſco Pereira Embaixador que foy delRey Dom Sebaſtiaõ em Caſtella, Dom Affonſo de Caſtelbranco Meirinho mòr, Pero Lopes de Souza, Joaõ Gomes da Sylva Pagem da lança, e D. Luiz de Attaide, que depois foy Conde de Attouguia, e morreo na India, ſendo ſegunda vez Viſo-Rey daquelle Eſtado. Todos eſtes fidalgos foraõ

Fidalgos que foraõ neſta jornada.

ſervir

servir á sua custa, levando criados, e soldados, sem receberem soldo; com galas, e librès, demonstradoras do gosto com que seguiaõ a guerra. Tomou a armada o porto de Barcellona, e salvando a Capitania Imperial, deu de si huma mostra bellicoza, e alegre. O Emperador se veyo ás casas do Embaixador de Portugal Alvaro Mendes de Vasconcellos, que por estarem sobre o mar, eraõ mais aptas para honrar, e festejar a entrada.

12 Os Duques de Alva, e Cardona, com outros muitos Senhores, vieraõ a praya buscar o General, e fidalgos de sua companhia, que foraõ beijar a maõ ao Imperador, o qual os recebeo com todas as honras, e agasalhos, que a authoridade sofre, alegrando-se de se acõpanhar de nossa milicia pratica, e valerosa, a quem naõ pareceriaõ estranhas as Luas, e lanças Africanas. Todas as resoluçoens grandes communicava o Imperador ao Infante D. Luiz, naõ só pela grandeza da pessoa, mas pela do juizo, taõ pratico na Corte, mo no Estado, de quê referirey hum lanço de urbanidade, pela estimaçaõ q̃ delle fizeraõ os Castelhanos. Recolhiaõ-se

lhiaõ-se huma noite o Imperador, e o Infante, e ao entrar de huma porta, sobre qual havia de passar diante, pleiteáraõ ambos a cortesia, querendo hũ, que precedesse o Hospede, outro a Magestade. O Imperador, travandolhe do braço, quasi por força o fez passar primeiro. Naõ querendo o Infante aceitar esta honra, nem podendo engeitalla, lançou maõ a huma tocha, que hum pagem levava. Assim soube o Infante fazerse taõ senhor da vontade do Imperador, que esteve resoluto dar-lhe o Estado de Milaõ, achando nelle qualidades para o merecer, e para o defender, valor; mas as pretençoens de França fizeraõ o dominio deste Estado taõ contingente, q̃ ficou o senhorio delle muitos annos debaixo do juizo das armas.

Cortesia entre o Imperador, e Infante.

13 Naõ relatarey os successos desta guerra, por ser historia alhea, bem que nella D. Joaõ de Castro se portou de maneira que o Imperador o quiz armar Cavalleiro, honra de que elle se escuzou cõ a verdade, de o haver já sido por outras mãos, que o que lhe faltavaõ de Reaes, tinhaõ de valerosas. Mandou o Imperador dar dous

O Emperador quer armar Cavalleiro a D. Joaõ, que naõ aceita.

mil

Nem a mercè do dinheiro. mil cruzados a cada hum dos Capitães da armada que D. Joaõ singularmente naõ quiz aceitar, porque servia com mayor ambiçaõ do nome, que do premio.

14 Triunfante Carlos, como outro Scipiaõ da guerra de Africa, se veyo descansar entre applausos, e acclamações de Europa, podendose chamar antes fundador, q̃ herdeiro de seu Imperio. Voltou tambem a nossa armada ao porto de Lisboa, onde D. Joaõ achou nos braços do Rey, e saudaçoens do povo mayor premio, do que engeitára do Cesar: e como varaõ que tambem sabia desprezar sua mesma fama, se retirou à sua quinta de Sintra, desejãdo viver para si mesmo, havendose no serviço da patria de maneira, q̃ nem o desemparava como inutil, nem o buscava como ambicioso. Aqui se recreava com huma estranha, e nova agricultura, cortando as arvores, que produziaõ fruto, e plantando em seu lugar arvores sylvestres; e estereis; quiçá mostrando, que servia taõ desinteressado, que nem da terra que agricultava, esperava paga do beneficio: mas que muito, fizesse pouco cazo do

Concluida esta jornada, se recolhe a Sintra.

que

que podiaõ produzir os penedos de Sintra, quem soube pizar com desprezo os rubîs, e diamantes do Oriente!

15 Achava-se D. Joaõ no melhor de seus annos, estimulado a servir com os exemplos de sua mesma casa; e como a guerra de Africa cõ a nova conquista do Oriente, ou se dissimulava, ou se esquecia, havendo o mundo por mais glorioza a fama, que vinha de mais longe, resolveo D. Joaõ passar à India, cujá conquista enchia o Reyno de fama, e de victorias, embarcando-se sem pedir posto, ou mercè alguma, havendo por mais sua, a honra que se vay a ganhar, que a que se leva.

Passa a primeira vez à India.

16 Passou naquella occasiaõ a governar a India D. Garcia de Nororha seu cunhado, que estimou levar a D. Joaõ de Castro cõ meritos de successor, e praça de soldado. ElRey, logo que entendeu a resoluçaõ de D. Joaõ, lhe mandou dar mil cruzados cada anno o tempo que servisse na India, e portaria da fortaleza de Ormuz, que elle (naõ sey se com mayor ambiçaõ, ou com mayor temperança) naõ aceitou, por ser mais rara a memoria das mercès, que se engeitaõ, que das

Faz-lhe ElRey mercè, e como a aceita.

das que se recebem: acçaõ mais facil de louvar, que de imitar.

17 Embarcou-se D. Joaõ de Castro, com seu filho Dom Alvaro de treze annos, dandolhe por entretenimento daquella idade os perigos, e tormentas de taõ prolixos mares. Chegou a armada de Dom Garcia á India com prospera viagem, onde achou ao Governador Nuno da Cunha com armada prompta para soccorrer a Dio, e peleijar com as galés do Turco, que o tinhaõ sitiado naquelle illustre cerco, que defendeo Antonio da Sylveira.

Leva seu filho D. Alvaro.

Tomou D. Garcia, com a posse do governo, a obrigaçaõ de soccorrer a praça, para o que se lhe offereceo D. Joaõ de Castro, que como soldado da fortuna alvoraçado se embarcou no primeiro navio, parece que já presago dos futuros triunfos, a que o chamava Dio. Porém a retirada dos Turcos privou a Dom Garcia da victoria, ou lha quiz dar sem sangue, se menos gloriosa, mais segura.

Embarcase no soccorro de Dio.

18 Falleceo brevemente D. Garcia, a quem succedeo D. Estevaõ da Gama, que na India teve os brios dos de seu appellido, e parece que tivera

a for-

a fortuna, se naõ fora taõ breve o seu governo. Emprendeo huma facçaõ, no perigo, e na gloria, grande; qual foy embocar o Estreito do mar roxo, e queimar as galés dos Turcos, que no porto de Suez se fabricavaõ cõ voz de lançar os Portuguezes da India: empreza q̃ o Turco reputava por digna de seu poder.

19 Posta de verga dalto toda a armada, naõ houve soldado de valor a quem naõ alvoraçasse o risco de taõ nova jornada, na qual tanta fama merecia a victoria, como o atrevimento. Partio Dom Estevaõ da Gama com doze navios de alto bordo, e sessenta embarcaçoens de remo o primeiro de Janeiro de mil e quinhentos e quarenta e hum. Aqui foy D. Joaõ de Castro Capitaõ de hũ galeaõ, e seguindo sua viagem com Levantes, avistaraõ a costa de Arabia, posto que derramados. O Governador D. Estevaõ da Gama a vio em monte Felix, e surto na boca do Estreito esperou os navios de sua conserva. Aqui foy certificado que as galés inimigas estavaõ varadas em terra, porém taõ vigiadas, que se naõ podiaõ queimar senaõ com força descuberta;

Vay ao mar roxo cõ D. Estevaõ da Gama.

berta; o que seria impossivel aos navios redondos, em razaõ dos baxos, e restingas daquelle porto; com tudo D. Estevaõ da Gama, desprezando o avizo, e o perigo, passou avante com algumas fustas, huma das quaes levou D. Joaõ de Castro, deixando o seu navio. Passáraõ pelas primeiras Ilhas, situadas em doze graos, e meyo, e pela enseada velha em treze escassos, tomàraõ a da Fortuna, q está na mesma altura. Em todas estas angras, e enseadas da boca do Estreito atè Suez, foy D. Joaõ de Castro, tomando o Sol, e fazendo roteiro, formando juizo, já de Filosofo natural, e já de marinheiro, mostrãdo como caminha cèga a experiencia rude dos Pilotos sem os preceitos da arte. Aqui taõ judiciozo, como soldado, discurçou doutamente sobre as cauzas, porque ao mar roxo foi imposto este nome; e tambem dos impulsos, e movimentos naturaes das crescentes do Nilo nas monçoens do Estio, materia que desvelou muitos engenhos, a quẽ a natureza tantos annos escondeo estes secretos. Assim contaremos deste varaõ como parte menor de sua grandeza, o que os Ro-

Nesta viagẽ faz hum Roteiro.

manos com taõ ſoberba eloquencia, eſcrevem de ſeu Cezar, que com tanto juizo tomava a penna, como cõ o valor a eſpada. Eſte tratado, e outro de que daremos mais inteira noticia, eſcritos entre as ondas do mar, e o açoute dos ventos, dedicou ao Infante D. Luiz, offerecendo-lhe o fruto das letras, que juntos aprendéraõ.

20 Neſta paragem viraõ o monte Sinai, onde com fabrica de Anjos foraõ as reliquias de S. Catherina collocadas em illuſtre depoſito; a cuja viſta D. Eſtevaõ da Gama armou Cavalleiro a D. Alvaro de Caſtro, o qual em memoria de taõ celebre ſáctuario tomou por timbre de ſuas armas a roda de navalhas, com q̃ religioſamente as illuſtraõ ainda hoje ſeus deſcendentes. Do effeito deſta jornada naõ daremos particular noticia, porque a vigilancia dos Turcos nos fruſtrou o effeito.

D. Eſtevaõ arma Cavalleiro a D. Alvaro.

21 Tornando D. Joaõ ao Reyno, como querendo deixar creſcer as palmas do Oriente, que haviaõ de coroar ſuas victorias, naõ deſembarcou outras riquezas, mais que a fama de ſuas obras; e eſtando com os veſtidos do mar, ainda mal enxutos, o nomeou

Torna D. Joaõ ao Reyno.

ElRey por General das armadas da costa, dandolhe novas occasioens de servir em premio do que tinha servido. Sahio logo D. Joaõ no anno de 545. a comboyar as naos, q̃ de viagem se esperavaõ da India, e pairando na altura de seu regimento, houve vista de hum Cossario Frances, que com sete navios infestava todos aquelles mares, e havia feito algumas prezas em navios de nossas conquistas, que o tinhaõ atrevido, e rico. Logo q D. Joaõ o avistou, se fez naquella volta com os navios arrasados em popa, e atracando a Capitania do inimigo, a abordou, e rendeo depois de porfiada resistencia; meteo dous navios no fundo, e outros se salváraõ com o favor da noite. Os casos particulares desta briga naõ pude achar escritos, assim ficará nosso silencio disculpado com o descuido alheyo.

He General da armada da costa.

Desbarata sete naos de Cossarios.

22 Houve Dom Joaõ vista das náos dentro em poucos dias, que com reciprocas salvas lhe ajudáraõ a festejar a rota do Cossario: entrou com ellas pela Barra de Lisboa, sendo taõ géral o applauzo com que foy recebido, que parecia haver passa-

Recolhe as da India.

do

do já os perigos do odio, e da enveja: felicidade, ou mizeria, que só na ſepultura alcançaõ, ou evitaõ os varões excellentes. Porèm deſtes ſucceſſos conſeguio D. Joaõ ſómente o premio na victoria:porque quando as dividas ſaõ grandes, os Reys por naõ ficarem eſcaſſos,arriſcaõ-ſe antes a parecer ingratos; mais faceis a confeſſar os vicios na peſſoa, que na Mageſtade.

23 Pouco tempo deixáraõ a D. Joaõ de Caſtro deſcanſar no goſto da victoria,porque logo para negocio de mayor cuidado, tornou a veſtir as armas,como referirey mais largamente, ainda que contra meu coſtume; por naõ troncar a Hiſtoria, buſcarey principios afaſtados. Vioſe aquelle famoſo Coſſario Haradin Barba Roxa quaſi desbaratado com a perda de Tunes,e Goleta, e muito mais cõ a das Galés, perdendo na terra a authoridade de Tyranno,e no mar as forças de Pirata. Porèm naõ ficou eſte inimigo de todo taõ quebrantado, que deixaſſe de gemer ainda Italia muitos annos debaixo de ſeu açoute. Tinha depoſitado em differẽtes partes o melhor de ſeus roubos, como ſegunda taboa em que

salvar-se; fez delles hum prezente a Solimaõ senhor dos Turcos de tanta estimaçaõ que pode fazer esquecer, ou disculpar a disgraça da armada, e fugida de Tunes, de q Solimaõ ainda tinha a dor, e a memoria fresca. Representou-lhe o muito q podia obrar em dano dos Christãos, pois começando a tentar o mar com duas galeotas mal armadas, o valor, e os successos o fizeraõ temido, e poderoso, e fazendolhe cruel guerra com seus proprios despojos; que naõ cabiaõ já os cativos nas masmorras de Africa: q̃ no Reyno de Napoles, em toda a Apulha, e terra de Lavor, fizera estragos, que ainda agora, nem o sangue, nem as lagrimas estavão enxutos; que as galés de Sicilia, temerosas apodreciaõ ancoradas no porto; que aquelle Andre Doria, taõ buscado dos Principes da Europa, diria quãtas vezes por se desviar de Barba Roxa, tinha forçado o remo; que seguramente daria por testemunha de suas obras seus proprios inimigos; q̃ o Imperador Carlos, irritado de tantos danos, vendo que só Barba Roxa fazia a suas victorias sõbra mais impaciente que soldado, juntára

tára para o destruir todas as forças de Alemanha, Italia, Espanha, e Flandes, expondo temerario o melhor de seus Reynos, ao caso de huma ruina, ou de hũa victoria, e ainda que o naõ desacõpanhou sua antiga fortuna, só tirou da jornada fama sem fruto, restituindo a Tunes hũ inimigo por desapossar outro; que senaõ recolhera taõ inteiro, que lhe naõ custasse a victoria navios, e soldados; e que com as despezas de taõ numeroso poder, esgotára os thesouros de Espanha; q̃ agora era o tempo opportuno para arruinar a Christandade, enfraquecida com huma larga guerra, descuidada com huma apparente victoria; que no Estreito de Gibraltar estava a celebre Cidade de Ceita, porta por onde já os Africanos entráraõ com victoriosas armas a dominar Espanha: que os Portuguezes a tinhaõ com fraços muros, e hum debil presidio, mas attentos a inquietar os vizinhos, q̃ acautelarse delles; porque altivos com as prosperidades do Oriente, desprezavaõ sua propria morada, à maneira de rios, que quanto mais distaõ do berço em que nacéraõ, saõ mayores; que se a Magestade

do

do graõ senhor se inclinasse a senhorear esta parte taõ principal da Europa, elle se offerecia com hũ justo numero de galès, a entregarlhe Ceita, para q̃ as naçoens do ultimo Occidente vivessẽ na reverencia de seu Imperio. Assim discorreo o Cossario, tentando restaurar com forças alheas o credito, e estado de que havia caido. E como nas Cortes dos Principes, as cousas grandes saõ melhor ouvidas que as possiveis; e em Barba Roxa a experiencia, e o valor tinhaõ tantos abonos, Solimaõ altivo, e bellicoso, começou a dar ouvidos a empreza de tantas cõsequencias, q̃ parecia opportuna pela paz, e prosperidade, que gozava seu Imperio. Ouvio diversas vezes a Barba Roxa, que lhe persuadio serem os uteis desta facçaõ mayores q̃ as difficuldades. Inflammavaõ mais a indignaçaõ do Turco os Mouros Africanos, queixosos de que naõ podiaõ respirar, senaõ debaixo da paz de nossas armas, chorando huns a liberdade, outros a injuria de seu Profeta nas postradas Mesquitas. No remedio destes danos empenhavaõ o Turco por zelo, e por grandeza, porque huns tocavaõ

cavaõ á Religiaõ,outros á Mageſtade; motivos que cobriaõ a ambiçaõ, e juſtificavaõ a jornada.

24 O Imperador Carlos, que da negociaçaõ de Barba Roxa em Conſtantinopla andava cuidadoſo, entendendo que aquelle tronco,de quem cortára as ramas, não ficára taõ ſecco, que com calor alheo, naõ pudeſſe brotar novo veneno: teve induſtria para ſaber a reſoluçaõ do Turco àcerca da invaſaõ de Eſpanha;e ainda que o primeiro golpe ameaçava a Ceita, como nunca a corrente da victoria,pára onde começa,naõ querendo cair, tambem ſobre noſſas ruînas, mandou armar navios, aliſtar gente, e dobrar os preſidios nos portos do Eſtreito, eſcrevẽdo a ElRey D. Joaõ ſeu cunhado,os avizos q tinha para que juntos diſpuſeſſem a reſiſtẽcia do cõmum inimigo.

Avizos do Emperador a ElRey.

25 Chegada a Portugal eſta nova, tratou logo ElRey de fortificar Ceita, q̃ naõ tinha outra defenſa, que a que enſinava a diſciplina daquelles tempos; e como nòs em Africa eramos conquiſtadores, defendiamos noſſas praças com o temor alheyo. Governava naquelle tempo Ceita D. Affon-

ſo

E lhe pede ajuda para reſiſtir aos Turcos

ſo de Noronha, a quem ElRey encommendou a fortificaçaõ, e a defenſa, mandandolhe gente, materias, e engenheiros. Pedia o Emperador a ElRey, que mandaſſe ſair a armada, para que unida com a que tinha em Cadiz, à ordem de Dom Alvaro Baçaõ eſperaſſem o inimigo na boca do Eſtreito, onde em qualquer ſucceſſo teriaõ no abrigo de ſeus portos ſegura a retirada. Poſto o negocio em conſelho, pareceo que as armadas ſe juntaſſem, porque naõ ficaſſe ſobre noſſas forças todo o pezo da guerra.

26 Entrou ElRey em conſideraçaõ de buſcar quem governaſſe a armada, e dado que no Reyno havia muitos homẽs, a quem as experiencias, e perigos de noſſas Conquiſtas tinhaõ feito ſoldados, o nome de Dom Joaõ de Caſtro ſe fazia lugar entre os mayores: fez brio de naõ pedir, nem engeitar o ſerviço da patria. Sabemos q̃ ElRey D. Joaõ, ainda que o amava por valeroſo, lhe era pouco affecto por altivo; de ſorte que o que grangeava por huma virtude, vinha a perder por outra; aſſim naõ vimos que na caſa Real tiveſſe officio, ou valimento, porque

varaõ

varaõ taõ livre podiaõ-no ſofrer como vaſſallo, mas naõ como criado Eſtava já cõ velas metidas toda a armada, e embarcada muita parte da nobreza do Reyno, e os ſoldados na expectaçaõ de quem havia de governar facçaõ taõ importante; quando de repente ſe divulgou a nomeaçaõ em D. Joaõ de Caſtro, feita com geral ſatisfaçaõ, ainda dos meſmos pretẽdentes.

No-mea ElRey a D. Joaõ por Geneal.

27 Mandou ElRey chamar a D, Joaõ a quem communicou os avizos do Emperador, e deſignios do Turco, ſignificando-lhe a inveja com que o mandava a taõ honrada empreza, mas que pois era hũa prizaõ Real das Mageſtades poder dar honras ſem poder merecellas, lhe entregava aquella armada, eſperando que havia de ajuntar ás Ruelas dos Caſtros as bandeiras que aos Turcos ganhaſſe, para que a ſeus deſcendentes as deixaſſe ainda mais hõradas do que lhas entregáraõ. D. Joaõ beijou a maõ a ElRey, agradecido; entendendo que dos Principes era melhor ſer bem avaliado, que bem viſto.

Confiãça que moſtra ter de D. Joaõ.

28 Aos doze dias de Agoſto de 1543. ſe fez á vela toda a armada, e em poucos

cos dias com ventos de servir, surgio á vista de Gibraltar, onde achou sobre ferro a armada Imperial, que recebeo a nossa com toda a cortesia naval, alegrando, ou assombrando o lugar com repetidas salvas. Veyo logo D. Alvaro Baçaõ com os principaes Cabos da armada visitar a Dom Joaõ de Castro ao mar, onde depois de saudaçoens cortezes, lhe deu conta das noticias q̃ tinha do inimigo, que segundo os avisos, a primeira invazaõ seria sobre Ceita. Alli se discorreo, como unidas as armadas de dous taõ grãdes Principes, convinha á reputaçaõ de humas, e outras armas peleijar cõ o inimigo; que dado que viesse cõ mayores forças, peleijavamos nos nossos mares á vista de nossos portos; que no conflito nos podiaõ soccorrer cõ gente descansada; e os navios destroçados teriaõ o abrigo vesinho; e que quando bem a victoria se inclinasse aos Turcos, ficariaõ taõ quebrados, que naõ podessem intentar facçaõ nas praças do Estreito, as quaes sempre remiriaõ peleijando em ambos os successos, mayormente, q̃ as ordens, q̃ traziaõ cerradas de buscar o inimigo, naõ sofriaõ outra

Ajunta-se com o General do Emperador.

Discorrem sobre a jornada

outra interpretaçaõ cõ que ſe ſalvaſſe a honra, e a obediencia. Tomada eſta reſoluçaõ, ainda que preciza, brioza, ficáraõ os ſoldados alvoroçados, e os Cabos ſolicitos nas ordens, e diſpoſiçaõ de taõ grande negocio; quando de repẽte chegáraõ apreſſados avizos, que Barba Roxa com toda a armada junta demandava o Eſtreito. Mandou logo D. Joaõ de Caſtro recolher alguma gente que andava em terra, dar ordens aos Capitaens, empaveſar navios, e avizar a D. Alvaro de como ſe levava. O qual com a imaginada viſta do inimigo, resfriado daquelle ardor primeiro, eſcreveo a D. Joaõ de Caſtro, que novos caſos neceſſitavaõ de novos conſelhos; e que pelas noticias das eſpias, ſabia q̃ Barba Roxa trazia dobrado numèro de baxeis do q̃ as armadas tinhaõ; que naõ era intençaõ, nem ſerviço de ſeus Principes perderem-ſe com riſco taõ ſabido; que eſtando aquellas armadas inteiras naõ podia o inimigo intentar couſa grande; e ſe acaſo na peleija ficaſſem deſtroçadas, ficariaõ as praças do Eſtreito por premio da victoria; que elle em deixar de peleijar ſe violentava

Reſolvem peleijar

Muda o Geral Caſtelhano o parecer.

lentava muito, mas que primeiro esta va o serviço do Cezar, que o brio dos particulares; que lhe pedia recolhesse naquelle porto a armada, e que da resolução dos Turcos tomarião mais seguro conselho. Dom Joaõ de Castro respondeo ao General Castelhano, q elle naõ mudava de opiniaõ á vista do inimigo; que bastava para animar os Turcos o verem-se temidos; que pois elles pretendiaõ pizar terra de Espanha, as armadas se deviaõ arriscar pela reputaçaõ, quanto mais pela injuria; que juizo havia de fazer o mundo das forças de dous tão grandes Principes, quãdo se colligavaõ para fazer a Barba Roxa a guerra defensiva? deixando senhorear a bandeira do Turco nossos mares á vista das Aguias do Imperio, e Quinas de Portugal; que elle se resolvia em esperar o inimigo, seguro de lhe imputaré culpa em hũ, e outro acontecimento, porq̃ no máo successo, os perdidos naõ davaõ conta de nada, e aos victoriosos de nada se pedia.

E trata de reduzir a Dom Joaõ.

O qual permanece em peleijar com os Turcos

29 Mas nem esta resoluçaõ bastou para o General Castelhano Dom Alvaro Baçaõ mudar de conselho; naõ sabemos se o tomou por melhor, se por

E o espera no Estreito tres dias.

por mais seguro. D. Joaõ de Castro se
pos na boca do Estreito, aonde esteve
iurto tres dias; aqui teve avizo, que se
fizera em outra volta a armada do ini-
migo, por dissençoens que houvera
entre os Cabos mayores, ou como em
outras memorias achamos, por haver
recebido Barba Roxa novas ordens do
Turco, que recolhesse a armada; po-
rem a gentileza com que D. Joaõ de
Castro a esperou no Estreito, mereceo
dos presentes, enveja; e dos futuros
gloria; pois para conseguir huma il-
lustre victoria, naõ faltou o valor, fal-
tou o conflicto; bem que desta taõ
generosa resoluçaõ, se fizeraõ em
Hespanha juizos differẽtes, pondolhe
nota aquelles, q̃ a todas as acçoẽs naõ
vulgares, chamão temeridades; porém
eu creo, q̃ ainda os q̃ mais condenáraõ
esta acçaõ, tomáraõ ser autores della.

30 Vendo pois D. Joaõ, que com
a retirada do inimigo ficára assegura-
do o receo daquellas praças, se foy a
Ceita a communicar algumas cousas
de sua instrucçaõ com Dom Affonso
de Noronha; o qual recebeo a Dom
Joaõ com tantas salvas de artelharia,
q̃ os Castelhanos em Gibraltar se per-
suadi-

suadiraõ q̃ peleijava a armada; mas n
assim quizeraõ desaferrar do porto
faceis em alterar o primeiro cons
lho, tenazes no segundo. Aqui teve D
Joaõ de Castro avizo, q os Mouros t
nhaõ Alcacere Ceguer em apertad
cerco, praça, q os nossos sustetavaõ er
Africa com despeza, e perigo inutil
de q era Capitaõ hum Fidalgo do ap
pellido de Freitas. Despachou logo
seu filho D. Alvaro com hum troço
da armada, e ordem, que metesse o soc
corro na villa, e que atè se levantar
inimigo estivesse no porto; o que exe
cutou promptamente, bastecendo, e
municionando a praça; e como o exer
cito dos Mouros se compunha de gẽ
te tumultuaria, faltandolhes o calor
da primeira invazaõ, levantou o sitio
e D. Alvaro se tornou a aggregar à
armada, que depois de assegurar Cei
ta, e livralla do receo dos Turcos, se
recolheo ao porto de Lisboa, aonde já
havia chegado a fama de hũ, e outro
successo, que como cairaõ sobre valor
taõ bem reputado, parecèraõ mayo-
res; mas D. Joaõ, q̃ nenhuma cousa ti-
nha por grande, querendo tratar com
desprezo suas mesmas obras fugio das
hon-

Mandou seu filho cõ soccorro a Alcacer Ceguer.

Volta a Lisboa E espera no Estreito tres dias.

hõras populares ao retiro de Sintra, ou taõ modesto, taõ altivo, q̃ naõ avaliava suas acções por dignas de si mesmo.

31 Entrou ElRey D. Joaõ em consideraçaõ de buscar quem governasse o Estado da India, porque Martim Affonso de Sousa tinha acabado o tempo, e pedia successor com repetidas instancias, porque as cousas do Oriente estavaõ por varios accidentes hum pouco declinadas, e naõ queria que a guerra com algum dezar lhe desluzisse a gloria de seus feitos, como quem sabia, que dá a ignorancia do povo poder a huma disgraça, para desautorisar muitas victorias. Para negocio taõ grande se representáraõ a ElRey sujeitos differentes; huns que pela antiguidade do sangue costumavaõ a ser, senaõ benemeritos, herdeiros dos lugares mayores (segunda tyrannia de reynar, que inventou a nobreza;) outros humildes por nacimento, e illustres por si mesmos, que o q̃ se lhes devia por seus merecimentos, perdiaõ por falta dos alheos; assim q̃ para posto de tãta authoridade, nẽ bastava valor plebèo, nẽ qualidade inutil.

32 Com estas considerações ElRey irreso-

irresoluto na escolha de varaõ, de quem pudesse fiar o pezo de taõ grande governo, preguntou ao Infante D. Luiz, quem no estado presente fizera Governador da India? O qual lhe siggnificou o conceito que tinha dos espiritos de D. Joaõ de Castro; porque ainda que na occasiaõ do Estreito a muitos havia parecido q̃ se houvera com animo sobejo, he certo, que naõ haveria soldado que naõ estimasse ser reo de taõ honrada culpa; e que dado que seus emulos o arguiaõ de altivo, e retirado, por naõ pedir mercês, nem cortejar ministros, eraõ estes defeitos de taõ boa qualidade, que vinhaõ a ser melhores os vicios de D. Joaõ, que as virtudes de outros; que naõ via quem pudesse conservar a disciplina da primitiva India senaõ Dom Joaõ de Castro, o qual servia taõ alheo de todos os interesses, que parecia desprezar os premios da terra, como se S. Alteza naõ fora Rey dos homens, senão Deos dos vassallos; que era afeiçoado a D. Joaõ de Castro por suas qualidades, porém taõ livremente, q̃ seus merecimentos ainda separados do sujeito, amára em qualquer outro.

He proposto pelo Infante para o governo da India.

33 El-

33 ElRey com quem a opiniaõ do *ElRey*
Infante tinha credito grande, vendo *o ele-*
que avaliava as cousas de Dom Joaõ *ge, e*
com zelo de Principe, e noticias de *lhe fa-*
amigo, approvou a inculca feita pelo *la.*
Infante, cuja authoridade qualificou
o conceito de todos, e mandando cha-
mar a Dom Joaõ de Castro a Evora,
onde tinha sua Corte, lhe disse em sala
, publica. Andei estes dias cuidadoso
, em buscar varaõ q̃ governasse o Esta-
, do da India, e naõ duvidava podelo a-
, char na familia dos Castros, de cujo
, tronco os Senhores Reys meus ante-
, cessores tiràraõ sẽpre Generaes para
, os exercitos, Regẽtes para os póvos;
, assi me prometto, que de taõ valero-
, za raiz naõ póde degenerar o fruto:
, mòrmẽte se medir as futuras acções
, pelas passadas, as quaes vos tem dado
, justo nome na opiniaõ do Reyno, e
, estimaçaõ na minha; pelo q̃ confia-
, damente vos encomendo o governo
, da India, aonde espero procedais de
, maneira, que possa dar vossas acções
, por Regimento aos que vos succede-
, rem. D. Joaõ beijou a maõ a ElRey,
mais agradecido à honra, que ao offi-
cio, estimando só de taõ grande cargo

C o naõ

o naõ o haver buscado. Na Corte houve sobre esta eleiçaõ diversos sentimentos, alguns a notáraõ por inveja, e outros por costume; tanto, que nas virtudes em que lhe naõ podiaõ achar faltas, lhe arguiaõ excessos, foy porèm taõ bem avaliado dos mais, e dos melhores, que ElRey se alegrava de haver achado hum homem feito á vontade de todos.

Approvaõ todos esta eleiçaõ.

34 ElRey lhe mandou logo despachos para aprestar a armada sem correr o meneo della por outras mãos como erradamẽte andou escrito, affirmando hum Autor que D. Joaõ passára á India descontente por ser mal respondido em seus particulares; cousa taõ encõtrada com as noticias que temos, e cõ a pouca ambiçaõ deste fidalgo, q mais se desvelava no q havia de engeitar, que no que havia de pedir; como se naõ tivera Rey a quem rogar, senaõ a quem servir.

Corre com o apresto das naos.

35 Determinou levar consigo a seus filhos D. Fernando, e D. Alvaro, que era o mais velho; o qual mandou cortar algumas galas, das que pediaõ a profissaõ, e os annos; e passando D. Joaõ a caso pela Jubiteria, vendo estar pen-

Reprova as galas de seu filho.

penduradas humas calças de obra, parando o cavallo, perguntou de quem eraõ? e tornandolhe o official, que as mandára fazer Dom Alvaro filho do Governador da India, pedio D. Joaõ de Castro huma tisoura, com que as cortou todas, dizendo para o mestre: Dizey a esse rapaz, que compre armas. Naõ lemos que fosse mais exemplar, ou austera a disciplina dos antigos Romanos.

Naos e Capitães delas.

36 Apreston D. Joaõ a armada brevemente, sem violencia, nem queixa dos pequenos, porque ainda entaõ as extorçoens com que os ministros mayores armaõ á graça dos Principes, se naõ usávaõ, ou se naõ conheciaõ. Era o corpo da armada de seis náos grãdes em que se embarcáraõ dous mil homens de soldo. A Capitania S. Thomé; em que o Governador hia, que lhe deu este nome, q̃ depois appellidou nas batalhas, invocando ja como de justiça ao Apostolo da India por patraõ de huma, e outra conquista. Os outros Capitães de sua conserva eraõ Dom Jeronymo de Menezes filho, e herdeiro de Dom Henrique irmão do Marquez de Villa Real, Jorge Cabral;

D. Manoel da Sylveira, Simaõ de Andrade, e Diogo Rebello.

Partem, e em que tempo.

37 Aos dezasete de Março de 1545. desafferrou do porto toda a armada, e a poucos dias de viagem foy avizado o Governador, q̃ na sua nao hiaõ quasi duzentas pessoas que recebiaõ raçaõ sem assentarem praça; huns que por inuteis naõ foraõ recebidos, e outros que por delictos se embarcáraõ escõdidos. Instavaõ os ministros da náo com o Governador que os embarcasse na caravella de refresco para desempachar a náo, e levarem mantimentos sobrados para os casos de taõ larga viagẽ; porém o Governador mais cõpassivo que acautelado, fazendo huma mesma a causa dos miseraveis, e a sua, seguio sua derrota. Passados alguns dias, começou-se a conhecer a falta dos mantimentos, com o que os marinheiros, e soldados formaraõ a queixa contra o Governador, que com taõ arriscada piedade queria pôr em contingencia pelo remedio de poucos, a salvaçaõ de todos. Os mais eraõ de parecer, que se lançasse esta gente nas ilhas de Cabo verde, onde os criminosos, e os pobres ficavaõ asseguurados, estes

eſtes da fome, aquelles da juſtiça. Porém o Governador conſiderando, que os ares, e o terreno das ilhas, buſcados fóra de monçaõ, eraõ conhecidamẽte nocivos, reſolveo amparar os miſeraveis no ſeu meſmo navio, crendo ſe ſalvaria com elles, e por elles dizendo, que era deshumanidade lançar do mar a quem fugia da terra. Aſſim foraõ navegãdo com tempos eſcaſſos, até que lhe entráraõ os geraes na coſta de Guinè; onde a náo do Governador tocádo, eſteve ſoçobrada, ſendo, na opiniaõ dos mareantes, aquelles mares limpos, e aonde a carta naõ ſinalava baixos. Foi a confuſaõ como de quem ſe via beber a morte inopinadamente; as horas, e o temor faziaõ mayor o perigo, até que a náo eſtando atraveſſada, e ſem governo, começou a ſordir ſobre a vaga; ſeria caſo, mas pareceõ milagre. O Governador mandou tirar tres peças, para que as naos que vinhaõ por ſua eſteira déſſem reſguardo ao baixo; as quaes naõ entendendo o ſinal, arribàraõ ſobre elle, e com melhor fortuna que cõnſelho, ſendo do meſmo porte q̃ a Capitania, ſalvàraõ ẽ baixo, achando ſobre as meſmas

Compaixaõ do Governador.

Perigo da ſua náo.

aguas differente successo, cuja causa não souberão ajuizar os mareantes.

Chega a Moçambique.

38 Seguindo o Governador sua viagem com toda a armada junta, surgio em Moçambique, onde o seu primeiro cuidado foy a desembarcação, e commodidade dos enfermos, ajudado de seus filhos Dom Alvaro, e Dom Fernando, parecendo entaõ herdeiros de sua piedade, depois de seu valor. Os dias que o Governador esteve em Moçambique notou que a fortaleza que alli tem o Estado, era obra mal entendida, por estar em distancia da praya, difficil aos provimentos, e socorros de nossas armadas, situada em lugar baixo, aonde podia ser batida de muitas eminencias que a senhoreavaõ, impedindolhe juntamẽte a pureza dos ares em dano da saude. Communicou este negocio com as pessoas que desta arte tinhaõ alguma luz por uzo, ou disciplina, e a todos parecèraõ os erros da fortificaçaõ notados com juizo. Succedeo logo a execuçaõ ao conselho, e escolhido sitio conveniente, determinou materiaes, e mestres para a nova defensa; e como isto se obrava aos olhos do Governador, os fidalgos á volta

Muda a fortaleza para melhor sitio.

volta dos pioens accarretavaõ as pedras: humas que serviaõ á lisonja, outras ao edificio.

39 Posta já em defensa a fortaleza, e reparada a saude dos enfermos cõ os ares, e refrescos da terra, deu o Governador à vela, e navegando sempre cõ ventos de servir, ferrou a dez de Setembro a barra de Goa, onde por hum navio que se adiantou, soube Martim Affonso de Souza q tinha o successor vesinho, dispondo-se a recebelo com festas que mostrassem o gosto com q agasalhava o hospede, e deixava o governo. Foy logo buscalo ao mar em hum bargantim esquipado, donde o trouxe à quinta de Antonio Correa, em quanto se dispunha a solemnidade de seu recebimento. Alli banqueteou ao Governador, e aos fidalgos, e Capitães da frota, com tanto primor no serviço, e abastança taõ grande nas viandas, que parecia solemnizar as ultimas honras do cargo que espirava. Houve aquella noite bailes, e follias, festins que a singeleza do Portugal antigo levou ao Oriente. Aqui esteve o Governador dous dias, assistido de todos os fidalgos, desemparando a Martim

Parte para Goa.

tim Affonso de Souza, atè aquelles, que como creaturas suas, tinha feito de nada, aprendendo a ingratidaõ Oriental dos Indios, que apedrejaõ o Sol quando se poem, e o adoraõ quando nasce.

Chega, e como he recebido

40 Chegado o termo da entrada, se meteraõ os dous Governadores em huma Falùa com remos dourados, e o toldo de sedas differentes. As torres, e os navios os festejáraõ com horror de repetidas salvas; e os vivas, e expectaçoes da plebe lisonjeavaõ sem artificio ao novo governo. Assim chegáraõ à desembarcar em hum grande theatro, onde os aguardava a Camera da Cidade em corpo de Cabido. E assentados com as ceremonias que a vaidade inventou em semelhãtes actos, fez hũ dos Vereadores hũa estudada arenga, em que se promettia o Estado prosperidades grandes com o novo ministro. Depois de ouvir o Governador as lisonjas publicas, ouvio tambem as secretas de muitos, que com ellas abriaõ a porta a seus particulares interesses.

41 Acabada a solemnidade daquelle acto; e entregue D. Joaõ do Gover-

no da India, se partio Martim Affonso para Cochim a tratar de seu apresto para o Reyno. Entrou logo o novo Governador em cuidados molestos de aquietar o povo alterado pela mudāça da moeda, que os ministros Reaes haviaõ sobido cō dano dos vassallos, e escandalo do Gentio vizinho. Direy de seus principios o caso.

Estado em que achou o governo.

42 Corre na India huma moeda de baixa ley, que chamaõ Bazarucos, a qual entre Christãos, Mouros, e Gentios cōservou sempre a mesma estimaçaõ vulgar. Esta como se lavra de cobre, material que naquelle tempo passava de Portugal por droga, pareceo aos ministros que se lhe devia sobir o preço em beneficio da fazenda Real. Publicou-se solemnemēte a alteraçaõ da moeda, começando a correr com nova estimaçaõ, porém como aquelle valor legal naõ era intrinseco, pois tinha só o que recebia da ley, e naõ do pezo, o Gentio, que naõ estava sojeito a leys alheas, faltava com a ordinaria provizaõ de mantimentos, e os povos padeciaõ, como por decreto de seu mesmo governo. Os ministros mayores defendiaõ, como Real, a causa, zelando

Com alteraçaõ dos Bazarucos.

lando a utilidade do Rey na perdiçaõ do povo; o corpo da Cidade clamava, que os Reys de Portugal nunca fizeraõ de suas miserias thesouro, nem costumavaõ beber as lagrymas de seus vassallos em baixelas douradas; que os Gentios, è Mouros se gloriavaõ de que naõ podendo destruir os Portuguezes com o ferro, os acabavaõ com suas mesmas leys, armando contra elles a ambiçaõ de seus Governadores. Crecia a fome, e a liberdade dos queixosos, que fazia mayor a justiça da causa e a conformidade do agravo cõmum. Com estas queixas foraõ os Vereadores da Cidade, entre pobres, mulheres, e mininos, huns cõ razoens, e outros com lastimas demandar ao Governador; o qual mandando quietar a plebe, ouvio a huns como juiz, a outros como pay, e porq̃ o mal da fome naõ se cura cõ remedios tardos, lhes remetteo a concluzaõ para o seguinte dia; assim os despedio confiados, crendo alguns, pelo costume da India, que como obra de seu antecessor lhe parecesse injusta. Logo naquella mesma tarde chamou os ministros da fazenda Real, e ouvidos os fundamentos, que

Ouve a Cidade, e Povo.

Resoluçaõ que toma.

tiveraõ, deu parte da materia aos homens mais ſcientes nas leys, e na politica daquelle Eſtado; os quaes, ſem diſcrepancia, reſolvéraõ ſer cruel o decreto, e repugnãte à piedoſa intençaõ dos noſſos Principes. E eſte parecer ſe corroborou com os fóros, e privilegios populares, e outros legalidades; que deixamos por naõ fazer prolixa noſſa Hiſtoria. Revogada eſta ley pelo Governador, começáraõ a correr os mantimentos do Sertaõ, e os povos lhe vieraõ offerecer as vidas, que lhes havia remido com a nova indulgencia do tributo.

43 Concluido eſte negocio com tanto credito da clemencia Real, vieraõ Embaixadores do Hidalcaõ, que depois de lhe darem as ſaudaçoens ordinarias, e congratulaçoens do cargo, lhe pediaõ entregaſſe certo priſioneiro na fórma que com ſeu anteceſſor eſtava concertado. E porque eſte negocio chegou a alterar o Eſtado com guerra deſcuberta, naõ deixaremos em ſilencio a origem que teve.

Primeira embaixada do Hidalcaõ

Sobre a cauſa do Meàle.

44 Morto Bazarb Principe do Balagate, no tẽpo q̃ foy Governador Nuno

da

da Cunha ficou Meále ainda no berço de sua infácia, havido por indubitavel successor da Coroa. Era o Hidalcaõ neste tempo a segũda pessoa, do Reyno em authoridade, a primeira em valor, porque nas guerras dos Principes vezinhos, tinha dado de suas obras hum testemunho grande: E como estes barbaros mais reynaõ por occasiaõ, que por Justiça, o Hidalcaõ vẽdo que suas forças, e a impossibilidade do herdeiro lhe abriaõ larga porta á ambiçaõ da Coroa, começou a solicitar os coraçoens dos grandes, com os quaes artificiosamente se lastimava da miseria do Reyno com successor minino, com quem haviaõ de servir, ou sofrer como a Rey, todos os seus validos; que os Principes cõ quem traziáo guerra, não perderião a occasião de os acabar vendo no berço quem os havia de defender; que buscassem hum varaõ, onde havia tantos, para salvar a patria; que elle seria o primeiro que lhe obedecesse, porque o governo do Reyno naõ podia esperar os tardos movimentos com que a natureza havia de dar a hum minino primeiro forças, depois [illegible]; que quando com [illegible]

obedi-

obediencia, abraçado aos peitos das amas adorassem Meále, naõ duvidava q por conservarem o Rey, perderiaõ o Reyno. Mostrou-se logo affabel com os povos, com os soldados liberal, como quem naõ queria imperar para si, senaõ para elles, valendo-se ambiciosamente de todas as virtudes, naõ como necessarias para viver, senaõ para reynar. Chegáraõ em fim os principaes a offerecerlhe a Coroa, crẽdo, que sempre se acordasse que fora creatura de seus mesmos vassallos, ao qual sempre seria grata a memoria de taõ grande beneficio.

45 Era o Hidalcaõ liberal, e valeroso, e sem duvida fora hum grande Principe, se conservára o Reyno, com as mesmas virtudes cõ que soube adquirilo; porem logo que se vio obedecido, cessáraõ aquellas artes fingidas como naõ tinhaõ movimẽto natural, e rebentáraõ a ambiçaõ, e soberba como vicios de casa. Naõ tratou logo de matar a Meale, ou por clemencia fingida, ou por crueldade nova, querendo quiçá que o pobre Principe com obediẽcia servil lhe authorizasse o cetro q̃ lhe tyrannizava. Os Satrapas

pas do Reyno vendo-se fóra de tẽpo arrependidos, e que já naõ podiaõ ser traidores, nem leaes sem perigo, andavaõ cõsultando meyos de assegurar Meále da tyrannia do Hidalcaõ, como se tivera o desgraciado Principe mais justiça para viver, do que para reynar. Nestes discursos passáraõ alguns annos, nos quaes Meàle chegou a idade q podia conhecer seu perigo, e cõsiderãdo que sua presença argüia a consciencia culpada do tyranno, o qual maquinava com seu sangue apagar a memoria da intruzaõ da Coroã; aconselhado dos mesmos que lhe tiraraõ o Reyno, se passou a Cambaya; onde foy bem recebido, mostrando o Rey, e o povo q se compadeciaõ de miserias Reaes; porém como aquelles favores tinhaõ mais de ambiçaõ que de piedade, chegáraõ a durar pouco, porque só os primeiros dias lhe fizeraõ tratamẽto como a Rey, os outros como a perseguido. Com tudo Meàle se deixou ficar em Cambaya, havendo por mais toleraveis os desfavores do hospede, que as injurias do tyranno.

46 Entretanto o mayor cuidado do Hidalcaõ era destruir aquelles q lhe

deraõ

derao a Coroa, que ainda que como complices da traiçaõ, lhe puderaõ ser gratos, os aborrecia, ou porq̃ lhe acordavaõ a obrigaçaõ, ou o delicto. E como jà vivia temeroso de suas obras, entendeo que mais o podia assegurar a crueldade q̃ a clemencia; assim o faziaõ duas vezes cruel, o vicio, e a necessidade. Aos mayores foy usurpando as fazendas para os igualar com a plebe, com pretexto de castigar debitos impostos, ou esquecidos, cubrindo a tyrannia com sombras de justiça, crendo que cõ abaixar os poderosos se faria aceito aos pequenos, aos quaes sẽpre he grata a ruina dos grandes por odio natural de sua fortuna. Porém elles vendo que naõ bastava o sofrimento, consultàraõ meyos de restituir Meále, huns por vingança, e outros por remedio. Fizeraõ suas jũtas secretas, onde tomàraõ differentes acordos, os quaes lhes fazia variar cada dia o temor, e a difficuldade do negocio, mais arduo na execuçaõ que no conselho. Acabàraõ em fim de apurar a obediencia forçada com os aggravos novos; tentàraõ pois cõ a morte do Hidalcaõ remir a culpa, e cobrir a infamia da

traiçaõ

traição passada; não sendo deste voto os atrevidos, senaõ os desesperados; porque já o Hidalcaõ neste tempo vivia com forças de Rey, e cautelas de tyranno. Era assistido do povo, que aborrecendo o Rey, amava as crueldades executadas cõtra a nobrêza, infesta pela desigualdade de hũa, e outra fortuna. Os conjurados temerosos de si mesmos, e que com a dilaçaõ se faziaõ os odios mais remissos, e a paciencia servil, se fazia costume, vendo q para taõ grande empreza naõ tinhaõ forças, buscâraõ as alheas. Acordáraõ communicar o negocio com Martim Affonso de Sousa, Governador que entaõ era do Estado da India, pedindolhe mandasse vir Meâle de Cambaya, e o tivesse em Goa. E quando engeitasse a gloria de o restituir teria sempre ao Hidalcaõ temeroso, e propicio para todas as occurrencias do Estado.

47 Persuadido Martim Affonso, q este fogo de discordia, que começava a arder entre o Hidalcaõ, e os seus, cõvinha mais sopralo que extinguilo, e que seria util ao Estado enfraquecer hum vezinho soldado, e poderoso; cobrin-

cobrindo estas cõveniencias com causas mais honestas, quaes eraõ, pôr á sombra de nossas armas hum Principe desapossado, e perseguido; facçaõ para os de fóra glorioza, e para os nossos util, resolveo mandar buscar Meàle a Cambaya, significandolhe a disposiçaõ de seus vassallos acerca da restituiçaõ do Reyno, cujos animos se esforçariaõ vendo q̃ lhe amparava o Estado, a causa, e a pessoa. Recebida do Mourò taõ inopinada mensagem, havendo por desacostumada a piedade de homens, por religiaõ naõ só differentes, mas contrarios, se encommendou â fé, e clemencia do Estado; e embarcando-se com sua pobre familia, aportou a Goa, onde foy recebido do Governador com grandes honras; mais merecidas de seu sangue, que de sua fortuna; se bẽ foraõ de alguns interpretadas, antes em injuria do vezinho, q̃ em favor do Hospede. Derramada por toda aquella costa a vinda de Meále, que já começava a reynar nos animos de muitos, tomou o seu partido maiores forças entre os conjurados, vendo que já a sõbra de nossas armas amparava sua causa, e que começava a

 soar

ioar bem seu nome nos ouvidos do povo.

48 Considerando o Hidalcaõ, que o Estado naõ chamara Meále só para segurar a pessoa, mas defender a causa, cujas armas com o victoriozas, e vezinhas lhe eraõ mais formidaveis, mandou a Martim Affonso de Sousa hũa embaixada, significando-lhe como tinha sabido; que estava em seu poder Meále, a quem parecia, que a fortuna andava guardando para perturbar a paz do Oriente; que sabia como fora chamado de alguns sediciosos, que cãçados de obedecer, queriaõ crear senhores novos a quem poder mandar; q̃ elle Hildalcaõ naõ referia as razões que tivera para tomar a Coroa, porque se os Principes houvessẽ de dar razaõ de seu dereito, naõ haveria differença entre os Reys, e plebéos; que a justiça dos Principes havia de ser julgada de Deos, e naõ dos homens; que o mundo tinha já recebido, que em materia de reynar naõ havia differẽça de causa a causa, mas de pessoa a pessoa; que naõ negava que Meále apoucado, e cobarde era de geraçaõ Real, mas que o erro que fizera a natureza, emmendára

ra a fortuna, dandolhe o Reyno a elle ousado, e valeroso; quanto mais que a natureza só aos leoens dera cõ o nacimento a coroa, aos homens deixara que a ganhassem; que muitas cousas pareciaõ ao mundo por menos costumadas, injustas; que tomar para si o Reyno quem era digno delle, os primeiros o recebiaõ como escandalo, os outros como ley; que Meále fora o homem mais vil, que nascéra em seu Reyno, e elle o mais felice; e que naturalmente os homens aborreciaõ os monstros da natureza, e amavaõ os da fortuna; que nos preguntassemos à nós, com que acçoens senhoreàvamos a Asia? que parentesco tinhamos com o Sabayo para nos deixar Goa? em que grao estavamos com Soltaõ Badur para lhe herdarmos Dio? se o Achem nos deixara Malaca em testamento, e tantas praças quantas por todo o Oriente nos pagavaõ tributo, que nos rogava naõ infamassemos nelle os mesmos titulos com que nos faziamos do mundo absolutos senhores; que naõ tirassemos a Deos o cuidado de governar o mundo, pois nascendo no ultimo Occidente, queriamos emmendar as

 desor-

dezordens da Asia; que nos fazia a saber, que nos seus Reynos havia minas de metaes differentes; que de humas tirava para os amigos ouro; e de outras para os inimigos ferro; que ultimamẽte pedia a elle Governador lhe entregasse Meále, porque na clemencia que com elle uzasse, se visse que era digno de reynar, quem assim tratava seu mayor inimigo; que seus Embaixadores levavaõ ordem para assentar todas as conveniencias do Estado.

49 Recebida por Martim Affonso a carta, e ouvidos os Embaixadores do Hidalcaõ, entendeo delles, que pela pessoa de Meále offereciaõ cẽto e cincoenta mil pardaos, e as terras firmes de Bardez, e Salsete, importantes ao Estado pelos rendimentos, e vizinhãça de Goa. Pareceo a Martim Affonso que o negocio era de muito pezo, e q̃ de ambas as faces mostrava utilidades grandes, porque restituir a hum Principe, e abaixar a hum tyranno, era empreza digna de armas Christãas, da qual receberia naõ vulgar reputaçaõ o Estado, mostrando ao mundo, que naõ passaraõ nossas bãdeiras a Asia a usurpar Reynos, nem acquirir riquezas,

pois só tratavaõ de que os Pagãos, e Mouros do Oriente guardassem a Deos fidelidade, e justiça entre si. Por outra parte discorria, que Meále quãdo chegasse a reynar depois de larga guerra, naõ podia dar ao Estado mais, que o que o Hidalcaõ sem ella offerecia; e q como estes Mouros por odio, e por Religiaõ eraõ sempre inimigos, rirsehia o mũdo se visse que com nosso sangue destruiamos hum infiel, e criavamos outro, quando da ruina de ambos pẽdia nossa prosperidade; mórmente, que naõ passáraõ á India nossas armas a defender os inimigos da fé, senaõ a destruillos. Que se Meále naõ achára amparo em ElRey de Cambaya, de quem era parente, porque o havia de esperar dos Portuguezes, de quem era inimigo, que quando se visse restituido, e poderoso, a primeira lança, que se arrojasse contra o Estado havia de ser sua, porque lhe seria sospeitoza a vizinhaça de homens taõ valerozos, que o fizeraõ Rey; e que para nos aborrecer, bastava a memoria de taõ grande beneficio.

50 Resolveo em fim Martim Affonço a entregar Meále por fundamento

menos

menos considerados, despedio os Embaixadores, e com elles a Galvaõ Viegas hum cavalleiro honrado, com largos poderes para assentar o contrato na fórma referida, mandando logo tomar posse das terras firmes, em virtude da offerta do Hidalcaõ, com beneplacito de seus Embaixadores.

Reposta do Governador.

51 Neste estado achou Dom Joaõ de Castro as cousas de Meále, pedido agora pelo Hidalcaõ com nova embaixada, em fé do capitulado com seu antecessor; porém Dom Joaõ com differente acordo respondeo ao Hidalcaõ, que os Portuguezes eraõ fieis aos inimigos; quanto mais aos hospedes; que as propostas de seu antessor mais foraõ para conhecer a causa que para resolvela; que as terras firmes pertēciaõ ao Estado por doaçoens mais antigas, e que dos rendimentos era justo alimētar Meále por gratidaõ dos Reys seus antecessores, q̃ as vinculáraõ ao Estado; que o deixasse lograr quieto esta pequena memoria de seu direito, e q̃ o amparar o Estado sua pessoa atégora naõ era protecçaõ, senaõ piedade; que naõ alterasse a paz cõ impacientes armas, porque entaõ viria a fazer certo

o que temia, irritando o Estado para que se fizesse autor de huma, e outra vingança. E porque seus Embaixadores apontavaõ, que com a negaçaõ de Meále seria forçoso o rompimẽto, lhe lembrava, que as mais das fortalezas, que fizemos na India, tinhaõ os alicesses sobre cinzas de Reynos abrazados; que os Portuguezes tinhaõ a condiçaõ do mar, que com as tormentas se levanta, e crece; que elle assi como naõ buscava a guerra, taõ pouco a sabia engeitar.

62. Com esta reposta despedio o Governador os Embaixadores, que na constancia com que lhes respondeo entenderaõ, que o naõ dobraria a entregar Meále, temor, ou beneficio. Aperceboose logo para fazer, e esperar a guerra, q̃ como era de Principe vezinho, primeiro poderiamos sentir o golpe que ver a espada. Mandou logo alistar a gente de cavallo, que seriaõ duzentos homens, e serviaõ debaixo de huma só bandeira, milicia mais valeroza que ordenada. Encarregou a guarda da Cidade á gente da ordenança, e os soldados pagos teve promptos para qualquer invasaõ subita do inimigo

Apercebimento q̃ faz.

migo. Tratou logo de aprestar a armada, que achou desbaratada pelas viagens, e guerras de seu antecessor, e a pobreza do Estado, e como as forças navaes saõ as mais importãtes, aqui se empregou todo. Reparou as embarcaçoens que estavaõ no rio, fez tres galés, e seis navios redondos com estranha brevidade, naõ faltando aos officiaes com a paga, e o agrado, com que a obra medrava, vẽcendo a diligẽcia o tempo. Destas galés, e navios nomeou Capitães, que assistiaõ ás obras, como a cousa propria; expediente que foy assaz importante para a brevidade do apresto, bondade, e abundancia das muniçoens, e mantimentos, com que a armada se poz de verga dalto em tẽpo opportuno, e breve, e com ella poz freo aos Principes vesinhos para se naõ colligarem com o Hidalcaõ, que já os solicitava a sacudir o jugo como em beneficio da commum liberdade.

Primeiros movimentos do Hidalcaõ

53 Entendida pelo Hidalcaõ a resoluçaõ do Governador recorreo á justiça das armas, querẽdo lançar fóra de casa a guerra, antes que com a presença de Meale tumultuasse os vassallos, a quem fariaõ fieis os póstos, e os pre-

nhos da milicia, defendendo como commum a causa. Vedou logo com rigorozas leys aos vivandeiros trazer a Goa a ordinaria provizaõ de mantimentos, que como os recebia do Sertaõ, naõ estava bastecida para aturar taõ repentina guerra. Tras isto mandou a Acedeçaõ hum valerozo Turco com dez mil homens a senhorear as terras firmes, que estavaõ à nossa obediencia.

54 Mas Dom Joaõ de Castro entendendo que a guerra recebe opiniaõ dos primeiros successos, sahio com dous mil infantes, e a cavalleria da terra a fazer rosto ao inimigo, e sendo de muitos fidalgos persuadido que naõ empenhasse sua pessoa cõ partido taõ desigual, que naõ era authoridade do Governador da India, cingir espada contra hum Capitaõ do Hidalcaõ, nem dar a entender ao mundo q̃ fazia tãto cazo desta guerra; mórmente quando tinha fidalgados benemeritos da honra, e do perigo desta empresa, naõ foy possivel dissuadillo da primeira resoluçaõ, dizendo cõ mayor confiança do q̃ permittiaõ as forças de seu cãpo, que sahia a castigar, e naõ a vencer. E mas-

Acode o Governador pessoalmente.

marchando duas legoas de Goa, avistou ao inimigo; que alojado ao pé de huma serra, tendo na frente hum rio, que lhe servia de cava, e de trincheira, com as ventagens do numero, e do sitio, esperou aos nossos, que ainda que cançados da marcha, cobrando novo alento, ou com a presença do Governador, ou com a vista do inimigo, começáraõ a passar o rio com mais resoluçaõ que disciplina. Naõ foi possivel aos Cabos detelos, ou ordenalos, porque os mais temerarios se lançáraõ ao rio, e nos sizudos a desconfiança fez necessidade, nos mais, para seguir aos companheiros, o exemplo pareceo disciplina.

Peleija, e desbarata o inimigo.

55 O Governador com singular acordo, mandou aos que ficavaõ que passassem o rio, entendendo que o que no principio fora erro, agora era remedio; e porque este dia naõ teve lugar de dispor como Capitaõ, peleijou como soldado. Envestiraõ logo os nossos aos Mouros taõ impetuosamente, que assombrados daquella primeira invasaõ, foraõ largando o campo, turbadas as fileiras, e por si mesmas rotas foraõ desordenadas, e vencidas; vendo os nossos

nossos (o que raras vezes succede) hum exercito sem perda, e mais desbaratado. Recebérão os Mouros grande dano na fugida, nenhum na resistencia. Foraõ os nossos duas legoas executando as licenças, e crueldades da victoria, recolhendo as armas que os miseraveis largavaõ como carga, e naõ como defença. Durou emfim o alcance o que durou o dia, sendo aos inimigos o horror da noite remedio contra o da victoria. Recolhidos os soldados, cheos de sangue, de gloria, e de despojos, se deixou o Governador ficar no campo ao seguinte dia, sem arguir aos soldados a desordem, que lhe deu a victoria; seguindo a condiçaõ dos juizos humanos; que nunca deu louvor ás desgraças, nem ás victorias culpa.

56 Entrãdo o Governador em Goa, foy recebido com singular applauzo daquelle povo taõ costumado a ver, e desprezar victorias. E porque nesta, e nas mais batalhas que Dom Joaõ venceo, appellidou o nome de S. Thomé Apostolo da India, crêmos que foraõ havidas com o auspicio de hũ Patraõ taõ grande, o qual por gratificar a piedade,

Recebe-se lhe em Goa.

dade, e, honrar a memoria de Dom Joaõ de Castro, se servio de descobrir nos dias de seu governo, aquella maravilhosa Cruz, achada em Meliapór na costa de Chhoromandel, quasi cubertos de hũa mesma terra a milagrosa Cruz, e o Corpo Santo. E como Dom Joaõ de Castro venerava este final de nossa redempçaõ com devido, mas peregrino obsequio, pois sempre que topava Cruz, se apeava do palàquim, ou cavallo pondo-se de joelhos; naõ parecerá casual a maravilha deste descobrimẽto, pois as misecordias do Ceo naõ vẽ por accidente. Daremos a relaçaõ deste mysterio, por involver hum milagre successivo, testimunho da fé Oriental, cultivada naquellas Regioens com o sangue, e duntrina de nossos Portuguezes.

Veneraçaõ q̃ fazia a Cruz

Invençaõ da Cruz de S. Thomé

57 Depois da maravilhosa invençaõ do Corpo deste sagrado Apostolo, na Cidade, ou ruinas de Meliapór, que entaõ se chamava Calamina, os Reys D. Manoel, e Dom Joaõ ardiaõ em piedoso zelo de soprar aquelas cinzas mortas, que da primeira Christandade do Apostolo allj ficáraõ, ainda que corruptas já com a doutrina de sacerdotes

dotes Armenios, e Caldeos, que separados da Igreja Catholica Romana, davaõ a beber áquelles innocentes Christãos, perniciozos dogmas: os quaes purgados em parte com o trabalho de nossos Missionarios, trataraõ de levantar huma Igreja no lugar aonde fora achado o preciosoCorpo doApostolo; e abrindo os alicesses para a fabrica, acháraõ huma Cruz lavrada em hũ pedestal de marmore de quatro palmos de alto, e tres de largo, borrifada de gottas de sangue ao parecer fresco. Tinha esta Cruz a fórma das q̃ uzaõ os Cavalleiros de Aviz; nos baixos da pedra estavaõ algumasCruzes pequenas com a mesma figura que a maior, salpicadas com as mesmas nodoas de sangue. Estava a Cruz grande assombrada pelo alto de huma pomba pendente; tinha em torno humas letras antigas, cujo significado ignoravaõ os naturaes da terra, por naõ estarem em lingua conhecida, nem se formarem com clausulas atadas. Foraõ buscados velhos, e antiquarios scientes em differentes linguas, sem que nenhum pudesse rastrear a letra, nem o sentido da escritura, até que dahi a alguns tem-

dos

pos foi trazido hum Bramene de Narzinga, que nos deu a exposição della em sentido corrente, dizia assim.

„ Depois, que appareceo a ley dos
„ Christãos no mundo, dalli a trinta an-
„ nos, a vinte hum de Dezembro, mor-
„ reo o Apostolo S. Thomé em Melia-
„ pôr; onde houve conhecimento de
„ Deos, e mudança de ley, e destruição
„ do Demonio. Este Deos ensinou a
„ doze Apostolos, e hum delles veo a
„ Meliapôr com hum bordão na mão;
„ onde fez hum Templo; e ElRey do
„ Malabar, Choromandel, e Pandi, e
„ outros de diversas naçoens, e feitas,
„ se sujeitárão voluntariamente á ley
„ de S. Thomé. Veo tempo em que o
„ Sancto foi morto por mãos de hum
„ Bramane, e com seu sangue fez esta
„ Cruz.

E como esta traducção era de interprete assalariado, não lhe derão os nossos inteira fé em negocio tão grave; assi chamárão outro Gentio douto no conhecimento de todas as linguas Orientaes, o qual sem ter noticia da exposição primeira, declarou as letras na mesma forma, sem discrepancia alguma. A ElRey Dom Sebastião foi trazida

zida a copia da estampa o anno de mil quinhentos sessenta e dous, como aqui parece.

Continuáraõ os nossos a fabrica da Igreja com maios despesas pela veneraçaõ do lugar, que era deposito dos penhores sagrados, sendo grande a piedade, e concurrencia do povo Malabar á vista de taõ illustre testimunho da fé que conservavaõ. Acabou-se a fabrica do Templo brevemente, servindo no altar mayor de retabolo a Cruz, gravada no marmore que temos referido. Começáraõ a celebrar-se os Officios Divinos com a decencia, que permittia hum lugar taõ remoto; quando aos dezoito de Dezembro, dia da Expectaçaõ da Senhora, estando-se officiando a Missa á vista de muito povo, começando o Sacerdote o Evangelho; começou tambẽ a Cruz sagrada a cobrir-se de hum suor copiozo, destillando sobre o altar naõ meudas gottas; e porque ficassem maiores finaes daquella maravilha, parou no sacrificio o Srcerdote, limpando com os corporaes a humidade que a Cruz evaporava, os quaes subitamẽte se banháraõ em sangue. á vista do numerozo povo

Milagre notavel da mesma Cruz.

povo que assistia. Foi logo a sagrada Cruz mudando a cor alabastrina em pallida, e desta passou a hum negro escuro, que tornou a mudar em azul, com hum resplandor maravilhoso, q durou em quãto o sacrificio da Missa; e depois de acabada, tornou a cor natural em que foi descuberta.

58. Successivamente se via o mesmo milagre muitos annos naquelle mesmo dia, e ainda agora sabemos por Autores, e relaçoens fieis succede algumas vezes; com que aquella Christãdade recebe os preceitos de nossa ley com fé já mais robusta. Este milagre se calificou ante o Bispo de Cochim em contraditorio juizo, cujos autos vieraõ a este Reyno em tẽpo do Cardeal Rey D. Henrique, que com authoridade do Papa Gregorio XIII. authenticou o milagre, já divulgado em nossas Chronicas, e Autores estranhos. As novas deste milagre recebeo Dom Joaõ de Castro cõ naõ vulgares mostras de piedade, amparando aquella Christandade de S. Thomé, opprimida da servidaõ dos Principes Gentios, que lhe haviaõ revogado certos donativos, e graças, que por intervençaõ

Affecto cõ que o Governador recebe esta nova.

quaõ do Santo Apostolo lhe foraõ
concedidas dos Reys antecessores, das
quaes hoje pelo odio dos infieis, e cor-
rupçaõ dos tempos, só guardavaõ as
memorias.

59 Naõ cessava o Hidalcaõ de in-
quietar os nossos com ordinarias cor-
rerias nas terras firmes, que bastavaõ
a nos ter em continua vigia, e impedir
a cultura aos lavradores, a cuja causa
se resolveo o Governador a darlhe o
golpe onde mais o sentisse. Mandou
logo embarcar a seu filho D. Alvaro na
armada que aprestára, com ordem que
nos portos do Hidalcaõ fizesse todo o
dano possivel; offerecendo aos solda-
dos escala franca, para com as esperan-
ças do saco, os fazer dissimular alguns
soldos vencidos, que lhe devia o Esta-
do; e desviar a outros dos tratos mer-
cantis; corrupçaõ que hia lavrando
em muitos, e já com feo exemplo dos
mayores.

Manda armada cõtra o Hidalcaõ seu filho D. Alvaro.

60 Sahio Dom Alvaro com nove-
centos Portuguezes, e quatrocentos
Indios em seis navios, e alguns baxeis
de remo, e a poucos dias de viagem
houve vista de quatro naos do Hidal-
caõ, que com roupas, e outras drogas

Sabe com seis navios

da terra navegavaõ à Cambaya. Mandou logo Dom Alvaro aos Capitaens, que lhe posessem a proa, e aos navios de remo, que se fossem cosendo com a terra, por se acaso o inimigo tentasse de encalhar desesperado. Eraõ as náos de mercadores, com pouca guarnição de soldados, e vendo, que nem podiaõ fogir, nem defender-se, mandáraõ à Capitania dous Mouros mercadores, que entre razoens, e lagrimas se mostravaõ innocentes nas discordias do Hidalcaõ com o Estado, offerecendo para os gastos da armada hũ justo donativo; porém, nem a cobiça dos soldados, nem a razaõ da guerra sofria que os ouvissem; assi foraõ as náos entradas, e mandadas a Goa, para que conforme o bando do Governador se repartisse a preza. Chegadas estas náos ao porto de Goa, foy estranho o alvoroço do povo, vendo q̃ huma a outra se alcançavaõ as victorias, louvando na primeira o esforço do pay, na segunda a fortuna do filho.

Preza q̃ faz.

Propoem D. Alvaro a entrada de Cambre.

61 Vendo D. Alvaro que as occasioens, e o tempo peleijavaõ por elle, e que tinha os soldados contentes, por terem já em seguro o fruito da jornada,

da, mãdou ao seu piloto, q̃ governasse ao porto de Cambre, onde o Hidalcaõ tinha dobrado as guarniçoens depois do rompimento. Havia duas fortalezas na entrada da barra com artelharia grossa, e pela estreiteza do canal naõ podiaõ nossas naos passar, nem surgir sem perigo evidente. Consultou o General D. Alvaro com os Capitaens da armada as difficuldades, que se representavaõ, e a todos parecéraõ dignas de reparar, dizendo, que emprezas voluntarias *naõ* se acõmettiaõ com risco taõ sabido; que mayor guerra faziaõ ao Hidalcaõ senhoreandolhe seus mares, fazendo prezas, e tolhendo o commercio à vista de seus olhos; que nas *facções* de terra era mayor o risco que o proveito; que o canal viaõ estava taõ cingido daquellas fortalezas, que os nossos navios haviaõ de passar quasi roçando sua artelharia; que o primeiro navio q̃ desaparelhassem impediria á passagem dos outros. E como D. Alvaro instasse, q̃ era preciso executar as ordẽs q̃ levava, q̃ eraõ saltar em terra, e abrasar os portos do inimigo, lhe replicáraõ no Conselho, propondo q̃ se ficasse elle General no mar mandando,

Resolve envestila.

 e

e que os Capitães dos mais navios cometteriaõ a barra, porque se ao General daquella armada, filho herdeiro do Governador da India, lhe acontecesse algum desastre, que mayor dano poderia receber o Estado, que o empenho em que ficava na necessidade de taõ justa vingança; do que D. Alvaro indignado, atalhou a pratica dizendo, que elle naõ queria victorias, onde o seu perigo naõ fosse igual ao do menor soldado, porque só para a obediencia era seu General, e para o risco seu cópanheiro; que a instrucçaõ que trazia do Governador, era arriscar sua pessoa facilmente, a seus soldados com grãde necessidade: q̃ os riscos que lhe represẽtavaõ, ainda lhe pareciaõ mais pequenos que os que vinha a buscar, porque a honra naõ se ganhava sẽ perigo; que de Portugal viera a buscar este dia, que esperava fosse muito fermoso para todos; e que nesta resoluçaõ naõ queria conselho, só na fórma de accometter lhes pedia consultassem o modo. A temeridade do General desculpáraõ entaõ o brio, e a mocidade, e depois o successo. Assentou-se que a gente passasse aos bateis, e que no

Salta em terra.

quarto

quarto da Alva pojasse em terra, ainda mal declarada a luz do dia, para q as peças do inimigo naõ podessem fazer certa a pontaria. Aquella noite se apercebèraõ todos, vendo já no semblante do General huns longes da victoria. Deixada guarniçaõ necessaria nos navios, saltou o General em terra com oitocentos homens escolhidos, e com taõ declarada fortuna, que dando nos bateis muitas ballas, naõ houve alguma que matasse, ou ferisse soldado, sendo este accidente para a victoria, disposiçaõ, ou principio.

62 Era a Cidade de cinco mil vezinhos, derramada por huma estendida planicie. As casas entre si desunidas, e independentes humas de outras, sem mais policia, uniaõ, ou medida que a que ensinava o gosto, ou poder dos moradores. Com tudo os pateos, e eirados de cada casa representavaõ juntos huma magestade barbara, como de homens que edificavaõ com mayor ambiçaõ, que architectura. Tinhaõ ao Norte hũa pequena serra, donde desciaõ alguns rios sem nome, q assi serviaõ ao deleite, como à fertilidade da campanha. Fora a Cidade antigamen-

te

te habitada de Bramenes, e agora de Mouros mercadores; lugar entre os Orientaes sempre famoso; então pela superstição, hoje pela riqueza. Não tinha o lugar defensa de muros, ou trincheiras, assegurados seus habitadores, ou na grandeza de seu senhor, ou na paz dos Principes vesinhos; porém ao presente, como a guerra que faziamos ao Hidalcão, começou por victorias, virão os Mouros seu perigo em seus mesmos exẽplos; assi trouxerão para defẽder a Cidade dous mil soldados pagos, que com a milicia da terra fizerão numero bastante a defendelos, conforme ao seu discurso.

Resistencia do inimigo.

63 Estes vierão debaixo de suas bãdeiras impedir a desembarcação aos nossos, com tanta ousadia, que nos embaraçarão espaço grande, peleijando a pé firme, e tão travados, que não podião os nossos soldados ajudarse da espingardaria, da qual só receberão a primeira carga com notavel constancia. Aqui deu Dom Alvaro mostras de seu valor, e acordo; inflammando os seus na peleija, já com palavras, já com o exemplo de suas obras. Virãose em fim apertados os nossos, e mais
pelei-

pelejavão pela vida, do que pela victoria, por espaço de huma hora esteve duvidoso o successo, até que hum grande troço dos moradores, cortados do temor, e do ferro, desempararão o campo, mostrando no primeiro conflicto valor mais que de homens; no segundo menos que de mulheres, cousa muito ordinaria nos bisonhos, succeder o mayor temor à mayor ousadia. Com o exemplo destes se forão os outros retirando timidos, e desordenados. Nesta volta recebérão os Mouros grande dano; porque quasi sem resistencia perecião, sendo os que cahião tantos, que estorvavão a fogida aos outros.

Entrão os nossos.

64 Entrárão os nossos de envolta com os Mouros à Cidade, onde os miseraveis se detinhão prezos do amor, e lagrimas das mulheres, e filhos, que acompanhavão já com piedade inutil, mais como testemunhas de seu sangue, que defensores delle; taes houve, que abraçadas com os maridos se deixavão trespassar de nossas lanças, inventando os miseraveis nova dor, como remedio novo; dos nossos soldados, huns as roubavão, outros as defendião, quaes seguião

seguiaõ os affectos do tempo, quaes os da natureza. Algũas destas mulheres com desesperado amor se metiaõ por entre as esquadras armadas a buscar os seus mortos, mostrando animo para perder as vidas, lastimosas nas feridas alheas, sem lastima nas suas. Ganhamos em fim a Cidade com menos dano, que perigo, porque na resoluçaõ da entrada por baixo da artelharia do inimigo, mais arrastou a Dom Alvaro o valor, que a disciplina. Dos Mouros pereceo a mayor parte, huns no conflicto, os mais na retirada. Mayor animo mostráraõ as mulheres, que os maridos; elles perderaõ as vidas, que naõ souberaõ defender; ellas podendoas salvar, as desprezáraõ. Dos nossos morreraõ vinte e dous, foraõ mais os feridos, em q entrou o General da Inmafetta. Foy necessario acabar hum estrago, para começar outro. Cessou a ira, começou a cobiça. Mandou D. Alvaro dar a Cidade a saco, onde o despojo ignalou a victoria, porq naõ tinhaõ os Mouros posto em salvo cousa alguma, ou fosse confiança, ou descuido; e atè a gente inutil para a defensa guardáraõ na Cidade, ou por despre-

E ganhaõ a Cidade.

Destruiçaõ, e saco della.

zo

to de nossas armas, ou por naõ mostrar sombra de temor aos defensores; foraõ em fim as fazendas tãtas, que se naõ pudéraõ recolher aos navios; os soldados recolhiaõ as mais preciosas, e deixavaõ as outras, como para alimẽto do fogo, com que se havia de abrazar a Cidade, a qual Dom Alvaro deixou entregue a hum lastimoso incendio, que fez naõ pequeno horror nas povoaçoens vezinhas, por ser este lugar de toda a costa o mais rico, e defẽsavel, que quasi servia aos outros de muro, agora de miseravel exemplo.

Volta Dom Alvaro a Goa.

65 Levouse o General com toda a armada, e se fez na volta de Goa a descarregar os navios, que com o muito pezo hiaõ empachados, determinando deixar ahi os feridos, e alguns enfermos, para tornar a continuar a guerra, a qual desejavaõ os soldados, cõtentes da liberalidade, e fortuna do novo General. Chegou primeiro a nova, que os navios, a Goa, e o Governador fez grande estimaçaõ da victoria, e a plebe dos despojos. Logo se teve aviso, que os que escápáraõ [illegible] foraõ representar ao Hidalcaõ o miseravel destroço da Cidade, e entre a primeira

dor

dor dos filhos, e parentes; contavaõ o segundo estrago das fazendas, e edificios, onde a voracidade do fogo deixára taõ confuzas humas, e outras cinzas, que naõ podiaõ chorar os seus mortos cõ lagrimas distintas. Diziaõ ao Hidalcaõ, que se cõ tal gente determinava cõtinuar a guerra, iriaõ habitar os desertos, onde naõ veriaõ estas feras do Occidente, nascidas para escandalo, e ruina da Asia. Assi contavaõ, e maldiziaõ nossas victorias hũa a hũa; mais engrandecidas em seu temor, que em nossas escrituras.

Comette o Hidalcaõ paz.

66 O Hidalcaõ vendo a fortuna de nossas armas, as queixas, e o estrago dos vezinhos, e muitas võtades alheas de seu serviço, que a guerra, e os successos faziaõ mais atrevidas, inclinou o animo à paz para remediar as discordias, e conseguir bens de casa, que podiaõ tomar mayores forças cõ as liberdades de gente armada; e pondo em conselho o estado das cousas presentes, a todos pareceo, que deviaõ cobrir seus aggravos cõ hũa paz fingida, esperando que o tempo lhes mostrasse moçaõ mais opportuna, para com as forças de alguns Reys offendidos comet-

ter

ser o Estado juntamente; e como estes Mouros mais guerreaõ pela conveniencia que pela injuria, mandou o Hidalcaõ Embaixadores ao Governador, disculpando a guerra que fizera com frivolas escuzas; e acordando os beneficios que de sua amizade recebêra o Estado.

67 O Governador ouvio os Embaixadores em falla publica com grande authoridade, respondendolhe que assi como não buscava a guerra, taõ pouco a sabia engeitar, que a prosperidade do Estado consistia em ter mais inimigos, porque com despojos, e victorias se engrandecêra sempre; mas que tambem nunca negára a paz a quem com obras, e amizade fiel a merecia; que elle queria privar a seus soldados das commodidades que desta guerra se promettiaõ, mas que soubesse, que o primeiro dia que tinha de Rey, era este em que capitulava paz com os Portuguezes. Assi despedio os embaixadores assombrados de animo taõ altivo, e cõ este mesmo desprezo tratou sempre as guerras do Oriente, nas quaes mostrou valor igual à sua fortuna.

O Governador a aceita

68 Voltou logo o animo ao expediente

Trata das cousas do Estado

diente dos negocios particulares; premiãdo aos soldados que haviaõ servido, aos quaes deixava taõ satisfeitos do despacho, como do agrado. Deu Capitães às fortalezas vagas, em quãto os providos por ElRey naõ entravaõ; fazendo do merecimento dos homens estimaçaõ taõ justa, que nem á conveniencia, nem ao Estado ficava devedor: virtude nos Principes difficultosa, e nos ministros rara.

E das da Religiaõ.

69 Naõ andava menos no zelo da honra de Deos, q̃ na do Estado; porque entre a confusaõ da guerra, e estrondo das armas, acodia aos negocios da Religiaõ, como se só para os zelar fora enviado; e porque ElRey Dom Joaõ assi conhecia seu valor, como sua piedade, lhe encommendava a dilataçaõ da fé, e culto divino; e de huma carta que sobre esta materia lhe escreveo, se colhe bem, quaõ inflammados andavaõ na causa de Deos o Rey, e o Ministro; de que daremos a copia, para que veja o Mundo, que nossas armas no Oriente grangeaõ mais filhos à Igreja, que vassallos ao Estado.

Carta

Carta de ElRey a D. Joaõ de Castro.

„GOvernador amigo. O muito q̃ „importa olharem os Principes „Christãos pelas cousas da fé, e na cõ„servação della empregar suas forças, „me obriga avizarvos do grande sẽti„mento q̃ tenho,de q̃ naõ só por mui„tas partes da India á Nòs sujeitas,mas „ainda dentro da nossa Cidade de Goa, „sejaõ os Idolos venerados,lugares em „que mais fora razão que a fé florecé„ra;e porque tambem somos informa„dos da muita liberdade cõ que cele„braõ festas gentilicas,vos mandamos „que descobrindo todos os Idolos por „ministros diligentes , os extinguais, „e façais em pedaços em qualquer lu„gar onde forem achados, publicando „rigorosas penas cõtra quaesquer pes„soas que se atreverem a lavrar,fũdir, „esculpir , debuxar, pintar, ou tirar á „luz qualquer figura de Idolo em me„tal, bronze , madeira , barro, ou ou„tra qualquer materia, ou trazelos de „outras partes ; e contra os que cele„brarem publica,ou privadamente al„guns jogos, q̃ tenhaõ qualquer chei-

ro

„ ro gentilico, ou ajudarem, e occulta-
„ rem os Bramenes, pestilencias ini-
„ migos do nome Christaõ. A qual-
„ quer de todos os sobreditos, que en-
„ correr em semelhãtes crimes, he nos-
„ sa võtade, que os castigueis com a se-
„ veridade que dispuser a prematica,
„ ou bando sem admittir appellaçaõ nẽ
„ dispensar em cousa alguma; e porque
„ os Gentios se sujeitem ao jogo Evã-
„ gelico, naõ só convencidos com a pu-
„ reza da fè, e alẽtados com a esperãça
„ da vida eterna, senaõ tambem ajuda-
„ dos cõ algũs favores temporaes, que
„ amansaõ muito os coraçoẽs dos sub-
„ ditos; procurareis com muitas veras
„ que os novos Christãos daqui adiãte
„ consigaõ, e gozem todas as exemp-
„ çoens, e liberdades dos tributos, go-
„ zando dos privilegios, e officios hõ-
„ rados; q̃ atè aqui costumavaõ gozar
„ os Gentios. Havemos tambem sido
„ informados, que em nossas armadas
„ vaõ muitos Indios forçados, fazendo
„ para isso despesas involuntarias; e de-
„ sejando Nós o remedio de taõ grãde
„ excesso, vos mandamos, que desta
„ violencia sejaõ os Christãos izentos;
„ e sendo a necessidade mui urgente,
„ prove-

, provereis, como em caſo que vaõ ſe
, lhes dé ſatisfaçaõ cada dia de ſeu tra,
, balho, com a fidelidade que de voſſo
, cuidado, e diligencia eſperamos. Ha,
, vendo tambem ſabido de peſſoas gra,
, ves, e fidedignas (com particular ſen,
, timento noſſo) que alguns Portugue,
, zes cópraõ eſcravos por pouco pre,
, ço para os vender aos Mouros, e ou,
, tros mercadores barbaros por intereſ,
, ſar alguma couſa nelles, com notavel
, detrimento de ſuas almas, pois pode,
, riaõ facilmente ſer convertidos á fé,
, vos mãdamos empregueis todas voſ,
, ſas forças em atalhar tamanho mal,
, impedindo ſemelhantes vendas, pelo
, grande ſerviço q̃ niſſo ſe faz a Deos,
, e nos fareis, ſe com o rigor que o caſo
, pede, remediais huma couſa que taõ
, mal nos parece. Procurareis, que ſe
, refree a exceſſiva licença de muitos
, uſurarios, que havemos ſabido an,
, daõ, ſem embargo de huma ley das
, antigas de Goa, a qual deſde logo re,
, vogamos, e vós revogareis, tirando-a
, do corpo das de mais, como contraria
, á Religiaõ Chriſtaõ. Em Baçaim da,
, reis ordem, como ſe levante logo
, hum Templo com a invocaçaõ de S.
, Joſeph,

, Joseph, sinalandolhe por nossa conta
, renda para hum Reitor, e alguns Be-
, neficiados, e Capellaens, que nelle sir-
, vaõ. E porque os Pregadores, e mi-
, nistros da fé padecẽ algumas necessi-
, dades por tratarẽ da conversam dos
, Gentios, queremos, e he nossa vonta-
, de, que se lhe dem algumas ajudas
, de custo, e só para isto lançareis de
, tributo cada anno tres mil Pardaos
, às Mesquitas, que tem os Mouros em
, nossos senhorios. Tambem por conta
, de nossas alfandegas, e direitos, dareis
, trezentas fanegas de arroz perpe-
, tuas, para alimentos daquelles, que
, nas terras de Chaul, ha convertido,
, do, e converter o Vigairo Miguel
, Vaz; a qual quantidade manda-
, mos entregar ao Bispo, para que elle
, a reparta, conforme vir a necessidade.
, Havemos tambem sabido, que nas
, terras de Cochim saõ defraudados os
, pezos, e medidas dos Christãos de S.
, Thomé pelos nossos mercadores, que
, alli vendem pimenta, e que lhes ti-
, raõ as crescenças, que com justo pe-
, so, e medida se davaõ de sobejo, con-
, forme o antigo costume, aos quaes
, por muitos respeitos fora melhor fa-
vorecer,

; vorecer, que agravar, pelo que da-
; reis ordem, que se lhes guardem
, seus antigos costumes. Assim mesmo
, tratareis com ElRey de Cochim, que
, faça tirar certos ritos, e superstições
, Gentilicas, que na venda da pimenta
, costumaõ fazer seus agoureiros, pois
, nisso lhe vai pouco a elle, e he de grã-
, de escandalo para os Christãos, q alli
, contrataõ. E porq̃ ha chegado á nossa
, noticia a violencia, q̃ este Rey faz os
, Indios que recebem a fé, tomando-
, lhes as fazendas; procurareis, com
, muitas veras, apartar ao dito Rey (a
, quẽ sobre o caso escrevemos) de taõ
, barbara crueldade, pois della resulta
, tãto mal para almas, e corpos de seus
, vassalos, o que fará por ser nosso ami-
, go pondo vós da vossa parte o cuida-
, do que vos encommendamos. E no q̃
, por vossas cartas, e informações nos
, avisastes, ácerca de livrar os povos de
, Socotorá da miseravel servidaõ em
, que vivem, nos pareceo remedialo de
, maneira, que o Turco, cujos vassallos
, saõ, naõ infeste esses mares com suas
, armadas, o que provereis, como mais
, convier, com conselho do Vigario
, Miguel Vaz, cuja experiẽcia vos aju-

„ darà muito, assi neste, como em todos
„ os negocios arduos que se offerece-
„ rem. Os da pescaría das Perolas, além
„ de outros males, e aggravos que pa-
„ decem, sabemos que recebem dano
„ em suas fazendas, constrangendo-os
„ nossos Capitaens cō pouco temor de
„ Deos, a que sò para elles façaõ a pes-
„ caria com condiçoens intoleraveis.
„ Pelo q desejando Nós, que nenhum
„ de nossos vassallos padeça agravo, ou
„ violencia, vos mandamos que os taes
„ povos se lhes naõ faça semelhante a-
„ gravo, nem nossos Capitaens preten-
„ daõ acquirir taõ injusta posse. E assi
„ para evitar taes vexaçoens, e forças,
„ vereis se aquellas costas estaõ sufici-
„ entemente guardadas, e se he possivel
„ cobrarem-se nossos dereitos, se q alli
„ haja armada, e achãdo q isto póde ser,
„ tirareis nossos Capitaens, mandando
„ q naõ se navegue por aquellas costas,
„ porque desta maneira possaõ os natu-
„ raes gozar suas fazendas, e se escu-
„ ze agravos, e extorçoens. Sobre tudo
„ vos encommendamos, que em tudo o
„ que se offerecer consulteis ao Padre
„ Francisco Xavier, e principalmente
„ sobre se convẽ ao augmẽto da Chris-

,, tandade da costa da Pescaria, que os
,, novamente convertidos se naõ occu-
,, pem nella; ou quando se lhes permit-
,, ta, que seja de maneira, que se conhe-
,, çaõ nelles, com a nova Religiaõ, no-
,, vos costumes, limitandoselhes a grã-
,, de soltura com que se haõ nella. Ha-
,, vemos tido tambem informaçaõ, que
,, os que de novo se convertem da Gé-
,, tilidade à nossa santa Fé, saõ mal tra-
,, tados, e desprezados de seus paren-
,, tes, e amigos, desterrando-os de suas
,, casas, e despojando-os de suas fazẽdas
,, com tanta injuria, e violencia, q̃ lhes
,, he forçoso viver miseralvelmente,
,, cõ grãde necessidade, e trabalho; para
,, que cousa semelhante se remedee, fa-
,, reis com conselho do Vigairo Miguel
,, Vaz, sejaõ soccorridos à nossa custa,
,, entregando o que se lhes houver de
,, dar ao Reitor que delles tiver cuida-
,, do, para que cada anno lho reparta da
,, maneira que mais convier. Juntamẽ-
,, te havemos sabido, que de Ceilaõ se
,, veyo para Goa hũ mancebo fugindo
,, à furia, e indignaçaõ de seus parentes,
,, e que sendo (como he) da casa Real,
,, lhe pertence a successaõ do Reyno;
,, sobre o que nos pareceo, que para

 empara-

„ exemplo dos mais convertidos, e por
„ converter, o accommodeis, já que he
„ Christaõ, no Collegio de S. Paulo des-
„ sa Cidade, onde á nossa custa seja pro-
„ vido de tudo o que lhe for necessario
„ para sua sustentaçaõ, e regalo, e casas
„ onde esteja, em maneira, que bem se
„ veja nossa grandeza com semelhantes
„ pessoas, além do que tratareis de ave-
„ riguar o dereito que pretende ter ao
„ Reyno, e o que acerca deste põto vos
„ constar, nos mandareis authentico,
„ para provernos o que mais cõvier, e
„ entre tanto he nossa vontade, que cõ
„ todo o rigor tomeis cõta ao Tyranno
„ das crueldades que executou nos que
„ á nossa santa Fé se converteraõ, obri-
„ gando o que dé satisfaçaõ a saõ grãde
„ insolencia, para q̃ todos os Principes
„ da India vejaõ quãto nos apraz a jus-
„ tiça, e como tomamos á nossa conta o
„ favorecer os q̃ pouco podem. E por-
„ que naõ he conveniente, que os offi-
„ ciaes Gentios fundaõ, pintem, ou la-
„ vrẽ (como atégora se lhes permittio)
„ imagens, e figuras de Christo Senhor
„ nosso, nem de seus Santos, para ven-
„ derem; mandamos que ponhais toda
„ diligencia em o impedir, pondo pe-
„ nas

[illegible]; que o que se provar q̃ fez algu-
ma imagem das sobreditas, perca sua
fazenda, e lhe dem duzentos açoutes,
porque sem duvida parecerão muito
mal imagens que representaõ myste-
rios taõ santos, andarem por mãos
de idolatras Gentios. Da mesma ma-
neira sabemos, que as Igrejas de Co-
chim, e Coulaõ, que de novo se come-
çáraõ, estaõ por acabar, descubertas,
e pósta a todas as inclemẽcias do tẽ-
po, o que naõ só parece mal, mas ain-
da he em perjuizo do edificio; pelo q̃
mandareis q se continuem até se aca-
bar, sem reparar no custo; e isto por
mãos, e traça dos melhores arquite-
ctos, e officiaes. Em Naraõ manda-
reis tambem edificar huma Igreja em
honra, e com a invocaçaõ do Aposto-
lo S. Thomé; e acabar em Calapór a
que está começada cõ o nome de Sã-
ta Cruz; e na Ilha vezinha de Coraõ
levantareis outra, da traça, e mages-
tade q̃ vos parecer conveniente, pois
he cousa, que nada mais despertará
nos Gentios, a devaçaõ ás cousas da
nossa Santa Fé, que a affeiçaõ que da
nossa parte virem. Além do que vos
[illegible] aqui apertadamente, q̃
em

„ nosso Senhor muita gloria, e Nós ve-
„ lo teremos em particular serviço,
„ Dada em Almeirim a oito de Março,
„ anno do Nascimento de nosso Senhor
„ JESU Christo de mil quinhentos
„ quarenta e seis.

R E Y.

Milagroso successo nas Malucas.

94 Desta carta deu Dom Joaõ á execuçaõ aquillo que cõ as armas naõ podia obrar, porque foi o tempo de seu governo hũa continuada batalha, e os soldados cõ as licenças da guerra estavaõ mais promptos a estragar leys, q a emendar costumes; porém a historia nos mostrará naõ leves argumentos de seu zelo, gratificado do Ceo cõ sinaes, e maravilhas; de que referirei huma, que aconteceo nas Malucas, que por ter a direcçaõ de seu governo, substanciarei o caso brevemente, como he nosso costume.

95 Havia naquellas Ilhas resplandecido a luz do Evangelho, porque S. Francisco Xavier, como fiel obreiro da vinha do Senhor, alimpou em grande parte aquellas terras das espinhas, e cardos da infidelidade; se bem devemos a primeira cultura ao grande Portuguez Antonio Galvaõ, valeroso Governa-
dor

dor,e Apostolo zeloso daquelle paga-
nismo. Ao valor respondeo o fruito
com maravilhosa conversaõ de almas,
que receberaõ cõ o Bautismo o suave
jugo de Christo, assim da plebe,como
dos Regulos,e Magnates,todos doceis
á obediencia do Evangelho. Sentia o
Demonio, que naquellas trevas da
Gentilidade apparecesse a luz do Ceo,a
descubrirlhe os caminhos da vida,e ar-
mou contra a innocente Christandade
hũ Gentio daquellas partes,que havia
tyrannizado a Ilha de Moro,e se chama-
va Tolo; o qual cõ zelo infernal co-
meçou a perseguir os novos convertĩ-
dos,obrigando-os cõ inventadas crueld-
des a ser apostatas da Fé,q tinhaõ pro-
fessado; pelo qual muitos chegaraõ a
derramar o sangue cõ felice martyrio
porém outros com [illegible] robusta
cederaõ aos tormentos. Crescia o desa-
foro do Tyranno com injuria de nossas
armas, obrigadas no castigo deste idola-
tra,em obsequio da Fé,e serviço do Es-
tado. Os perseguidos, e os temerosos
acodiaõ cõ queixas aos Portuguezes,
q estavaõ em Ternate, os quaes reso-
lutos a domar este barbaro se dispuze-
raõ,com mais zelo que forças, a bus-
calo

noutra a eſpada, dando que diſcorrer ao Oriente, ſobre huma acçaõ taõ grande, como fora ſoſter huma guerra voluntaria pela tutèla de Meále, hum Mouro perſeguido, a quem os vaſſal*los* negáraõ a fè, e os Principes de ſeu ſangue hum piedozo amparo.

Pouco tempo o deixou reclinar a Aſia ſobre os triumfos de ſuas victorias, porque logo o começou a deſpertar Cambaya com os rumores de outra nova guerra, de que já as intelligencias do Eſtado ouviaõ os eccos, a qual referiremos em livro ſeparado, porque he da noſſa Hiſtoria a porçaõ mais illuſtre.

gua os juizos dos homens, ou pela cõmiseraçaõ natural dos que padecẽ, ou por veneraçaõ da Regalía, e odio de nosso imperio, taõ aborrecido por estranho, como por poderozo.

Trata El Rey de Cambaya de tomar Dio.

2 Mahamud Rey de Cambaya, herdeiro da Coroa, e da injuria de Badur, cuja morte succedida no governo do grande Nuno da Cunha, referem nossas Chronicas, inflammado igualmente da gloria, e da vingança, emprendeo tomar aos Portuguezes Dio, e só liga de outros Principes, lançalos da India, negocio (ao parecer dos seus) naõ mui difficil; porque differenciavaõ que o Estado era hum corpo monstruoso, pois tendo a cabeça no Occidente, nutria membros distantes de si mesmo por infinito espaço, [illegible] mares, e terras interpostas, e que era taõ grãde o poder de Cambaya, que tanto com a ruina, como com a victoria podia opprimir o Estado, enfraquecido então por varios accidentes. Os Grandes, e Satrapas do Reyno se partiaõ em pareceres differentes; huns ajuizavaõ já por fracas as armas Portuguezas [illegible] de Cambaya, argumentando com o primeiro cerco, de que ainda tinhaõ as feridas,

vidas, e a memoria freſca, e ainda que [illegible] a morte de Badur, com a paciencia de outros offendidos, deſejavão pagar a fé. Reprehendião os primeiros, que aſſentarão pazes co o Eſtado, e porque agora intentavão quebralas, aſſim porque não ſabião guardar a fé, como porque aquelles conhecem a injuria. Outros (como ſoe ſucceder nas conſultas incertas) diſcorrião ao contrario, e achavão tantas razoens para a guerra, como para a victoria.

Perſuadido de Coge C,ofar

3 Entre todos Coge C,ofar, o mais poderoſo, e aborrecido de Cambaya, e que da privança de El Rey lograva a melhor parte, perſuadia cauteloſo a guerra, crendo que com o perigo commum ceſſarião as invejas de ſua fortuna, e as emulaçoens dos Grandes, como vicios da paz; e que com os poſtos, e mercês da guerra, faria homens de novo, que como creaturas ſuas lhe ſerião fieis. Darei huma breve noticia deſte homem, porque diverſas vezes neſtes eſcritos ſe ha de ouvir ſeu nome.

Quem era Coge C,ofar

4 Foi Coge C,ofar de nação Albanez, filho de pays Catholicos, ainda que em [illegible] ſervio alguns

annos

annos nas guerras de Italia, mais conhecido por insolente, que soldado, nos motins, e rebellioens era buscado, como peor que todos;assi passou algũs annos aquella vida livre,sem premio, nem castigo, como homem inquieto; querẽdo antes buscar a fortuna,q̃ espera-la,mudou de profissaõ passãdo de soldado a mercador,porq̃ era intelligẽte, e cobiçozo,para seus intentos era este caminho mais breve, e mais seguro. Começou em pouco tẽpo a crecer nos tratos,como quem sabia as opportunidades,e monçoens do comercio,sendo em hum mesmo tempo,liberal, e avaro,servindo-se cõ artificio dos vicios,e virtudes. Veo emfim a medrar cõ cabedal,e credito,de sorte que navegando o Estreito cõ tres sétias suas, carregadas de differentes drógas,encontrou a Rax Solimaõ,General do Soldaõ do Cairo,que o investio,rendeo, e despojou. Foi a presa maior que a victoria,e Solimaõ por credito de sua mesma fama,lhe fez honrado tratamento, apresentãdo-o aõ Soldaõ,como prisioneiro de maior porte,fazendo maior estimaçaõ da pessoa que da presa. Começou Coge Çofar a contentarse de sua desgraça,

graça, como se a buscara; tinha sufficiente pratica da guerra, aprendida nos exercitos de Italia, e Flandes; fallava no poder dos Christãos cõ odio, e desprezo, como ensinando ao Soldaõ a conhecer suas mesmas forças. Com estes artificios veo o Soldaõ a pôr os olhos no escravo para cousas maiores, começou a ouvilo; ao principio por curiosidade, logo por affeiçaõ. Approva-lhe Coge Cofar os erros, e os acertos, cõ hũa lisonja taõ encuberta, q̃ parecia liberdade, porq̃ naõ mostrava q̃ queria agradar, se naõ servir. Encubria a graça do Soldaõ, e evitava favores publicos, mais cauto, que modesto. Chegou a ser thesoureiro do Cairo, officio de grande confiança, que administrou com juizo, e verdade; louvadas pelo Soldaõ, como virtudes, entre barbaros novas. Era o seu voto de maior pezo nos cõselhos de guerra, jà pela pratica, jà pela valia. Nas facções cõtra Christãos, votava com grande bizarria, particularmente nas que se haviaõ de executar por outros; e assi cresceo de maneira, que jà naõ podia com sua mesma fortuna; e naõ querendo conservarse com as mesmas artes, com que havia

medra-

medrado, veyo descubrir a ambiçaõ, e soberba; fez-se senhor dos lugares, buscando com maior attençaõ os postos que os amigos; os quaes já naõ queria para arrimo, nem para companhia; só do Soldaõ queria parecer escravo, e dos outros senhor. Empenhava, e destruia os maiores cõ pretextos publicos, como querẽdo introduzir Monarchia de dous; até que cançados os Mouros de taõ servil paciencia, começáraõ a publicar queixas cõ que perturbar o animo do Soldaõ na graça de Coge Çofar assi lhe reprezẽtáraõ cõ grãde sẽtimẽto seus agravos, dizendo, que já era escuzado armar galés contra Christãos, se depois haviaõ de fazer senhores a seus mesmos escravos, quando os Turcos mais nobres recebiaõ dos Christãos taõ cruel tratamento, que andavaõ por Italia, e Hespanha arrastando cadeas, chegando a escreverlhes no rosto com infames letras os sinaes de cativos; que naõ era toleravel, que tãtos Baxás illustres estivessẽ recebendo leys de hũ vil escravo, que ainda que viaõ com seus olhos cada dia suas mesmas injurias, já naõ podia sofrer as do Profeta; naõ entrando em suas Mesquitas

Como ... Cam... ça.

hum vil Christaõ, soberbo, e irreverente, que naõ faltava ja mais, que nas praças do Cayro, mandar levantar Cruzes, e adoralas.

5 Foraõ estas cousas ditas com tanta liberdade, que mais pareciaõ conjuraçaõ que queixa; e como entre os agravos particulares envolviaõ a causa da Religiaõ, que costuma levar tras si a justificaçaõ, e amor publico, foraõ bem ouvidas do Soldaõ, privando a C,ofar dos cargos, e mandando-lhe que mudasse de crença: taõ caduca he a graça dos Principes, ainda com suas creaturas mesmas.

6 Vendo-se C,ofar caído, tornou a vestir a primeira humildade, e as artes, que a necessidade do tẽpo lhe ensinava; e como de Christaõ só conservava o nome, e a memoria, foilhe facil trocar no veneno do Alcoraõ a saude Evãgelica, mudãdo o nome imposto no Bautismo, por este de Coge C,ofar, que lhe dèmos anticipalmente por ignorarmos o primeiro que teve. Feito C,ofar cultor de Mafamede, começou a grangear mayores confianças cõ os Mouros, saneando o odio dos émulos com dadivas, e o da plebe com a nova apostasia,

Como veyo a Cambaya.

cafia, com que purgou as sospeitas na fidelidade; obrando cõ ambiçaõ mais cauta, cõ que se fazia mais affabel aos inimigos, que aos estranhos; mas conhecendo a instabilidade do Soldaõ, temeroso de segunda quéda, naõ tẽdo por segura huma vontade já reconciliada; matando huma noite a traiçaõ a Rax Solimaõ seu mortal inimigo cõ hum filho que tinha, juntou as joyas, e dinheiro que pode, e se passou secretamente ao serviço de ElRey de Cambaya, de cuja grandeza, e liberalidade tinha inteiras noticias; e da estimaçaõ que fazia de homens estrãgeiros, principalmẽte daquelles que tinhaõ alguma pratica das guerras, e policia de Europa. Respondeo-lhe o successo ao pensamẽto, porq̃ em breve tempo chegou a gozar a melhor parte da graça de Badur, ou já por sua fortuna, ou sua industria, sendo cõpanheiro de suas victorias, e de suas desgraças, achando-se na ultima de sua morte, como nossas historias referẽ; porém já taõ engrandecido nos favores Reaes, que em poder, e authoridade era o maior vassallo, cõservando com Mahamud successor da Coroa; a mesma estimaçaõ, ao qual in-

 flamava

flammava na vingança da morte de Badur, pelos fins que temos referido, e por merecer a graça do novo Principe, com o amor, e fidelidade que mostrava as cinzas do defunto; he fama, que ante o Rey, e Sàtrapas de Cambaya, fallou nesta substancia.

„ As mercés que por espaço de dez „ annos recebi de Soltaõ Badur, saõ ma„ nifestas a todos; aos de fóra com espá„ to de sua grandeza, aos de casa com en„ veja de minha fortuna; posme os o„ lhos, e levàtoume como vapor da ter„ ra, antepondome estranho, e peregri„ no, aos q lhe nascèraõ em casa; sendo „ vassallo me tratou como amigo, e me „ amou como filho. A este clementissi„ mo Principe (cujas cinzas venéro co„ mo de senhor, choro como de pay) „ debaixo do sagrado da paz, tiràraõ „ os Portuguefes a vida com escanda„ lo de todos os Reys, e naõ menor in„ juria de seus vassallos, indignos de o „ havermos sido de Principe taõ grãde, „ pois insensiveis, e ingratos estamos „ alimentando os homicidas de nosso „ Monarca em nossa mesma caza, go„ zãdo como herança a praça que asse„ guràraõ com taõ atròz delicto; hon-

„ tem

,, tem hospedes, e agora senhores. Vós,
,, ó Principe herdeiro, e senhor deste
,, Imperio, vedes vossos vassallos cada
,, dia receber leys destes insultuosos; a
,, vós toca determinar a quem havemos
,, de obedecer primeiro, se a nosso Rey,
,, se a nossos inimigos. Crescerà com a
,, nossa paciencia o seu atrevimẽto. De-
,, pois de cometido o maior delicto,
,, qual naõ teraõ por leve? Quem du-
,, vidarà ser offensor onde se naõ vin-
,, gaõ injurias? Acabemos pois de des-
,, pertar deste mortal lethargo; meta-
,, mos até os cotovelos os braços no sã-
,, gue destes crueis tyrannos; neste ve-
,, neno banhemos os alfãges, para q per-
,, caõ cõ as vidas, a gloria de taõ grãdes
,, insultos. Com o sãgue de Badur rece-
,, bèraõ as armas Portuguezas a maior
,, fama do mais atróz delicto, e deixa-
,, moslhes na maõ a espada, cõ q nos de-
,, golàraõ o Rey, para q cõ ella mesma
,, nos usurpem o Reyno; tiremos pois
,, de entre nós estas biboras nascidas no
,, ultimo Occidente, para inficionar a
,, Asia toda, como se verà discorrendo
,, por seus estragos, que elles chamaõ
,, victorias. E começando naquelle pri-
,, meiro Gama, á quem os mares, para

persua-

,perturbar a paz do Oriente, deraõ fa-
,tal paſſagem; o Camorim de Calecut
,foi o primeiro aquem cortou ſeu fer-
,ro: As naos de Meca, que no amparo
,do Profeta, e paz das ondas, navega-
,vaõ ſeguras, foraõ aſſaltadas, e rẽdidas
,deſte coſſario, que tãtos annos, como
,monſtro do mar, teve por caſa as on-
,das, e por abrigo os ventos, e as tor-
,mentas. Pois aquelle Dom Franciſco
,de Almeida, que em hum ſó dia, e cõ
,o meſmo golpe deſtroçou as arma-
,das de Egypto, e Cambaya, q̃ na vin-
,gança da morte de ſeu filho, parece
,q̃ quiſera beber o ſangue do Oriente
,todo, teve hum Albuquerque ſucceſſor
,de ſua crueldade, e ſeu governo, lhe
,naõ viera a tirar das mãos a eſpada.
,Eſte naſceo para injuria de todas as
,Monarchias, porq̃ cõ ſenhorear Malà-
,cà, poz a todo o Sul freo; rendeo Or-
,muz, emporio das riquezas do Mundo
,tomou Goa ao Sabayo para cabeça
,de ſeu tyrannizado imperio; e ſẽ tra-
,zer os exercitos de Xerxes, ou Dario,
,fez tributarios mais Reynos do q̃ tra-
,zia ſoldados; levãtando o penſamẽto
,a querer tirar de Meca o corpo do
,Profeta, poz em conſelho mudar ao

,Nilo

,Nilo as correntes,para alagar o Egy-
, pto;emprendendo seu espirito fazer
, duas taõ famozas injurias, huma ao
, Ceo, outra á natureza. Naõ poderei
, referir a ambiçaõ de tantos,que com
, nossas injurias se fizeraõ illustres,
, porq temo me naõ caiba no tẽpo, ou
, na memoria;porém lançai pelas mais
, remótas partes do Oriente a vista,ou
, o juizo,vereis a maior parte do Mũ-
, do receber leys de poder taõ peque-
, no. Elles navegaõ daquella parte de
, Africa,que corre do Cabo de Boa Es-
, perança até as portas do Estreito do
, mar Roxo, dominando por aquella
, parte Moçambique, Çofála,Quilóa,
, e Mombáça; e discorrẽdo o Cabo de
, Guardafú,olhando para as gargantas
, do mar Roxo, Adém, Xael, Herit,
, Caxèm. Temem suas armadas as Ci-
, dades de Dofár, e Norbete no Cabo
, de Fartaque, e logo Curia, Muria,
, Rozalgate.Aqui fica a Cidade de Or-
, muz;alli a Ilha de Queixome,Curia-
, te, Calayàte, Malcàte, Orfacáõ, e
, Lima, o Cabo Mocandáõ,e Jazque,
, que formaõ a boca do Estreito,que se
, estende até o rio Indo; logo o Cabo
, Guzaràte, e Cinde nesta nossa Cam-
, baya

, bàya, donde até o Cabo de Comorí
, passeaõ suas armadas a India por es-
, paço de trezentas legoas, e começan-
, do desta nossa Cidade de Cambàya
, discorre por Madigaõ, Grandàr, Ba-
, roche, Gurráte, Reynèr, Moscarim,
, Damaõ, Taraper, Baçaim, Chául, Ba-
, dór, Cifardáõ, Galanci, Dabùl, Corta-
, pór, Carepatáõ, Tamega, Banda, Cha-
, porá. Senhoreaõ Goa, assento de seus
, Governadores, e logo o maritimo do
, Canará, com Onór, Baticalá, Braça-
, lór, Bracanór, e Mangalór; e logo
, aquella parte principal do Malabár,
, que aquë taõ suas frotas, onde està o
, Reyno de Cananór, e nelle Catecou-
, láõ, Marabia, Tramapatáõ, Maim, Pa-
, repatám. Cõ naõ menos soberba assõ-
, braõ o Imperio de Calecút com seus
, portos de Pandarane, Caulate, Charé,
, Capocáte, Parangale, Tanór, Pananè,
, Balcançór, e Chatúa. Nos Reynos
, de Cananór, e de Cochim quasi do-
, minaõ cõ absoluto imperio em Por-
, cá, Coulaõ, Calecoulaõ, Dotorá, Bi-
, rinjáõ, Travancór. Alcança o respei-
, to de suas armas até o famozo Cabo
, Comorì, defronte do qual está a illus-
, tre Ilha de Ceilaõ, onde carregaõ as
, naos

,, naos de differentes drógas. Naõ per-
,, doaõ á enseada de Bengala, ou seu do
,, Gange, avistando Tacançuri, Mana-
,, pár, Vaipár, Calegrande, Ghereapá-
,, le, Tutucuri, Calecuré, Beàdala, Ca-
,, zhamorra. Caren Negapatào, Na-
,, bor, Trimuripatàm, Tragumbàr, Co-
,, loràm, Casapàte, Sadrapatàm. Amo-
,, drentaõ com a multidaõ, e grandeza
,, de seus baixeis Bisnagà, e a costa bra-
,, va de Orixa, e toda aquella distancia,
,, que ha de Segoporà até Orissào, e as
,, bocas do Ganges. Atravessaõ o cabo
,, de Negraes, Arracáõ, e Pegú com tan-
,, tas, e taõ maravilhosas Ilhas. Passaõ
,, por Vagará, e Martavàõ, Tagàla, e
,, Favay, Tanaçari, e Lungùr, Tairàõ,
,, Quedà, Solungór, navegando até sua
,, Malaca, cabeça de todo aquelle Ar-
,, chipelago. E logo dobrando o cabo
,, de Sincapúra, ancoraõ nos portos dos
,, Reynos de Syaõ, Cambóya, Cham-
,, pà, e Cochinchina. E passando aos
,, Reynos da China, se atrevéraõ a olhar
,, aquelle taõ recatado Imperio, que
,, nunca sofreo a communicaçaõ de gen-
,, tes estrangeiras; alli fundàraõ a cele-
,, bre Cidade de Macáo, por onde per-
,, suadem aos Chins os Mysterios de sua
,, crença,

,, crença, fazendo juntamente do commer-
,, cio a Religiaõ escada. Daqui se diver-
,, tem para as innumeraveis Ilhas do
,, Japaõ, visitando Java, Timor, Bor-
,, neo, Banda, Maluco, Lequios, de-
,, sorte, que as velas Portuguezas com
,, incansavel navegaçaõ rodeaõ a mór
,, parte do Mundo em distancia de mais
,, de nove mil legoas, que a taõ ardua
,, navegaçaõ os estimulou sua ambi-
,, çaõ, guiou sua fortuna. Repeti proli-
,, xamente todo o maritimo da Asia, on-
,, de as armas Portuguezas, por impe-
,, rio, ou commercio, se haõ feito conhe-
,, cidas, porq̃ de taõ derramadas Con-
,, quistas, faz o Mundo erradamente o
,, maior argumento de seu poder, e eu
,, de sua fraqueza; porq̃ sendo Portugal
,, hũ abreviado Reyno no ultimo Occi-
,, dente, e cõ perpetuas guerras na Afri-
,, ca vezinha, onde se consumem cõ os
,, successos prosperos, e adversos, co-
,, mendo-lhes sẽpre gente a guerra nas
,, facçoens, e nas praças, e agora naõ po-
,, dendo caber aonde nasceraõ, como
,, aborrecendo o Ceo, e o clima, que os
,, ha produzido, andaõ vagando o Mun-
,, do, como se lhes fora usurpado o se-
,, nhorio dos homens, das terras, e dos
,, ventos,

ventos. Agora deixo ao mais rasteiro
, entendimento, que julgue o pouco q̃
, se podem temer forças taõ divididas,
, as quaes na maior prosperidade vaõ
, acabando suas mesmas victorias. Que
, temos q̃ recear deste imperio de lou-
, cos, que com hum braço na Asia, ou-
, tro no Occidente, querem abarcar o
, Mundo. Na India tem muitos Princi-
, pes sujeitos porém nenhum amigo;
, todos aos dominantes adoraõ, e abor-
, recem, porque com nenhum assenta-
, raõ os Portuguezes paz, senaõ depois
, de victorias; desorte que naõ o amor,
, senaõ a injuria os tẽ feito conformes;
, e todos estes servem em quanto naõ
, podem offender. Mas que será se vi-
, rem a Soltaõ Mahamud armado na
, campanha? Quem duvida, que todos
, os offendidos seraõ nossos soldados?
, Fizeraõ muitos Reys tributarios á
, força de armas, e dado, q̃ dellas mes-
, mas hoje recebem amparo, mais facil-
, mente esquece hũ beneficio, que hu-
, ma injuria. Selim senhor dos Turcos
, ainda vé abertas as feridas dos seus
, Janizaros recebidas em Dio; e quẽ es-
, tá taõ pouco costumado a receber in-
, jurias, naõ perderá a ocasiaõ de vingar-

, a pri-

„a primeira, ou sendo autor da guerra,
„ou companheiro nella, ambicioso tã-
„bem de que a melhor parte do Mun-
„do conheça seu imperio. O Camorim
„depois que entrárão os Portuguezes
„no Oriente, não tem porto que naõ
„fosse theatro de victorias suas; e ape-
„nas tẽ vassallo q̃ naõ fosse cortado de
„seu ferro. O Hidalcaõ cada dia vè re-
„gadas de sãgue as terras de Bardez, e
„Salsete; e depois de o Governador lhe
„fazer injusta guerra, trouxe Meàle a
„Goa, querendo honestarlhe sua ruina
„com a justiça alhea. Todos os outros
„Principes se haõ de armar contra o
„cõmum inimigo, para poderem res-
„pirar na antiga liberdade em que vi-
„viaõ. Pelo que a mim toca, ós filhos,
„a fazenda, e a pessoa offereço a esta
„guerra, se acabar nella, em meu san-
„gue verá Badur minha fidelidade; e em
„ambos os successos naõ terei por me-
„nos honrada a morte, que a victoria.

O Soldaõ os aprova, e lhe encarrega a empresa.

8 As razoens de Coge Çofar foraõ bem ouvidas, pelo odio da causa, e authoridade da pessoa. ElRey, depois de lhe engrandecer a fidelidade, lhe commetteo a empresa, como a maior que todos no zelo, e disciplina. Começou logo

logo a dar calor aos apreſtos, com diſferentes miſſoens aos Reys vezinhos, acordandolhes ſuas meſmas injurias, e offerecendolhes as armas de ſeu Principe, como em beneficio dos agravos de todos. Deſpachou Embaixadores a Cõſtantinopla convidando o Turco à reſtaurar o credito de ſuas armas cõ a expulſaõ dos Portugezes da India, negocio taõ importãte a Religiaõ, como ao Eſtado. Facilitava o ſoccorro, que lhe pedia, com hum donativo de tanta eſtima, que era mais apto a deſpertar a ambiçaõ do Turco cõtra ſuas riquezas, que a dar-lhe armas auxiliares com que as defendeſſe.

9 Era neſte tempo D. Joaõ Mascarenhas Capitaõ mór de Dio, a quem o naſcimento fez em Portugal grande, o valor no Oriente, varaõ taõ benemerito de ſua fama, como de ſua fortuna. Eſte ſabẽdo por intelligencias ſecretas os deſenhos de Coge Çofar, e q̃ todos ſeus apercebimẽtos ameaçavaõ aquella fortaleza, eſcreveo ao Governador Dom Joaõ de Caſtro os aviſos que tinha, e como eſtava falto de gẽte, muniçoens, e petrechos; deſcuidos que cubria a paz de tantos annos, ou quiçá

Dom Joaõ Maſcarenhas Capitaõ de Dio.

Aviſa o Governador.

aſſegu-

assegurados os nossos no respeito da primeira victoria. Accrescentava, q̃ os aprestos do Soldaõ estavaõ mui avãte, o inimigo vezinho, e que os tẽporaes do inverno naõ tardariaõ muito, com que ficariaõ cerradas as portas ao soccorro.

10 Quando D. Joaõ de Castro recebeo este aviso, tinha já mandado duzentos soldados aquella fortaleza, debaixo das Capitanias de Dom Joaõ, e Dom Pedro de Almeyda, filhos de D. Lopo de Almeyda, eraõ os outros Capitães Gil Coutinho, e Luis de Sousa, filho do Chanceler mór do Reyno. E para conhecer o estado em q̃ se achava o inimigo, despachou dous enviados praticos no maritimo, e sertaõ de Cambaya com cartas a Soltaõ Mahamud, em que lhe significava as noticias que tinha das conducções, e aprestos que fazia, de que lhe devia dar conta, pois, como amigo o queria acõpanhar na empreza; que na occasiaõ prezente lhe seria mui facil por ter prompta no mar huma poderosa armada; e q̃ tambẽ na fortaleza de Dio tinha soldados valerosos com muniçoens sobejas, aos quaes seria mais grato enriquecer cõ despo-

Que escreve ao Soldaõ

despojos da guerra, que com o soldo limitado de huma paz ociosa. E logo encomendou aos enviados, que notassem com sagacidade as forças do inimigo; os soccorros que tinha, e rumor do povo, para por elle penetrar os dezenhos da empreza. Mas em quanto os nossos enviados daõ á vela, poremos hum pequeno silencio nas cousas de Cambaya, por dar lugar aos successos de Maluco; que tiveraõ a direcçaõ deste mesmo governo.

Direito dos Reys de Portugal sobre as Malucas.

11 Estiveraõ as Malucas muitos annos á obediencia de nossas leys, descubertas, e conquistadas com as armas desta Coroa, que foraõ as primeiras da Europa, que viraõ aquellas Ilhas, as quaes entravaõ na nossa demarcaçaõ, conforme á repartiçaõ que os Papas fizeraõ entre os Reys de Portugal, e Castella, tendo ElRey D. Manoel em seu favor o direito das armas, e o das leys, naõ sendo estas Ilhas de Portugal sómente por conquista, mas tambem por herança; porém no tempo de ElRey D. Manoel, o ultimo, e primeiro deste nome, corriaõ naquellas Ilhas com igual prosperidade o divino, e o humano, resplandecendo por beneficio de seu

zelo

zelo as luzes do Evangelho nas trevas daquelle Paganismo, recebendo muitos Reynos de taõ ditoso Principe Religiaõ, e Imperio. Foi entre outros ElRey Dom Manoel (que em Goa recebeo o Bautismo) Rey, e senhor das principaes Ilhas de Maluco, o qual depois de bẽ instruido nos mysterios de nossa crença, voltando a governar, e doutrinar seus póvos, faleceo em Malaca sem descendẽcia alguma; por gratidaõ dos beneficios, que desta Coroa havia recebido, deixou a ElRey Dom Joaõ o Terceiro deste nome por herdeiro dos Reynos de Maluco, em testamento solemne, authorizado cõ todas as legalidades civis, para q̃ andasse vinculado successivamente na Coroa Portugueza. Estas Ilhas descubertas com trabalho, defendidas cõ o sangue, possuidas com justiça, viemos a deixar a Castella contra a opiniaõ dos melhores Juristas, e Geografos.

O Governador as dá a Cachil Aeyro. 112 Achou o Governador Dom Joaõ de Castro em Goa a Cachil de Aeyro, pessoa de grande authoridade nas Malucas, benemerito, no serviço do Estado, e da linha Real do ultimo Principe D. Manoel, o mais conjunto em sangue,

gue, porém taõ pobre por varios acci-
dentes, que passou á India, encommen-
dando-se á clemẽcia dos nossos. O Go-
vernador, parecendolhe suas miserias
indignas de seu sangue (crendo que fi-
cava a memoria de nossos Reys mais
honrada com dar hum Reyno, do que
recebelo) lhe deu a Envestidura da Co-
roa de Maluco, com que ficasse o uso
da Regalia dependente do Cetro Portu-
guez, nelle, e seus descendentes; attri-
buindo os Reys da India taõ grande
donativo, huns á prodigalidade, outros
a desprezo, espantando-se, que fizesse-
mos tanto por acquirir, o que sabia-
mos largar taõ facilmente.

13 Entretanto as cousas de Maluco
estavaõ alteradas com a vinda de tres
navios Castelhanos, q derrotados avis-
táraõ aquellas Ilhas, desembarcãdo na
de Tidóre para repararse das fortunas
do mar, e levar a seu Principe sinaes
mais certos de seu descobrimẽto. Dei-
xarei de referir as oposiçoẽs que os nos-
sos lhes fizeraõ, por cairem estes suc-
cessos debaixo de outro governo, e an-
darem já com melhor penna escritos;
trataiei só precisamente do succedido
nos dias de D. Joaõ de Castro, o qual

Vaõ Castelhanos a ellas

mandou a Malúco a Fernaõ de Sousa de Tavora para desalojar os Castelhanos, que cõvidados da abundancia, e riqueza da terra, queriaõ gozar o fruito dos trabalhos alheos, perturbãdo nos a paz, e comercio daquellas Ilhas, de q̃ a conquista, e herança nos fizeraõ duas vezes senhores. Governava os Castelhanos Ruy Lopez de Villalobos, homem mais cauteloso que valente. Este havia feito ostentaçaõ soberba das grãdes forças do Emperador Carlos V. seu senhor, e dos grandes uteis que podiaõ receber de sua amizade aquelles Reys Gentios, na guerra, e no comercio, tratando a fama de nossas cousas cõ grande abatimento, e como na opiniaõ dos homens he maior o esperado que o presente, algũas daquellas Ilhas tomaraõ a voz do Castelhano, buscãdo para isso motivos, ou aggravos, huns leves, e outros esquecidos.

Quem era Capitão dos Castelhanos.

24 Neste tẽpo aportou em Malaco Fernaõ de Sousa mãdado pelo Governador, que informado de Jurdaõ de Freitas Capitaõ mór da fortaleza, do estado das cousas, entẽdeo, q̃ o partido dos Castelhanos se engrossava na esperança do soccorro e riquezas, que promettiaõ

Fernaõ de Sousa chega a Maluco.

go, esquecimento; que se os Castelhanos se retirassem queixosos, facilmête os tornaria a trazer sua mesma offensa; que ainda q desbaratados do mar, e das doenças, se os obrigassem a condiçoens injustas, maior força lhes faria o brio, que a necessidade em que estavaõ.

57 Fernaõ de Sousa, entendendo dos rodeos desta carta e de outras noticias, q os Castelhanos se queriaõ remir cõ dilaçoens, respondeo que deixados argumentos, tratasse de defender com a espada seu direito.

58 Ruy Lopes de Villalobos vendo desta reposta que o entendiaõ, ou q o desprezavaõ, escolheo deixarse vêcer da razaõ primeiro que da força, e logo respondeo a Fernaõ de Sousa, que se vissem ao outro dia no mar cõ sós tres cõpanheiros para assentarê as condiçoens da passagem, e embarcaçaõ q lhe offerecia; o que assi se fez, saindo Fernaõ de Sousa da fortaleza em hũa embarcaçaõ lustrozamente toldada, e emproando cõ a dos Castelhanos, que já o aguardavaõ, sobre qual dos Capitães havia de passarse á outra, em ceremonias prolixas gastaraõ largo têpo.

Vê-se os dous Capitaens.

Entrou

Entrou o Castelhano na de Fernaõ de Sousa, onde entre saudaçoens, e urbanidades, abrio a conversaçaõ porta ao negocio.

Acordo que tomaõ.

19 Tratou Fernaõ de Sousa cõ grande comedimento das razoens de sua causa, reduzidas a escrituras outorgadas entre os Reys de Portugal, e Castella, que Ruy Lopez de Villalobos folgou de ver, como que de nosso direito havia de formar sua desculpa. Assi ficaraõ acordados q dentro de tres dias viriaõ os Castelhanos meterse dentro na nossa fortaleza de Ternate, onde lhes dariaõ embarcaçaõ para a India, levãdo livremente a roupa, drógas, e armas q tivessem, e que ElRey de Tidore seu faccionario ficaria em nossa graça. As solemnidades com que remataraõ esta concordia, foraõ hum largo banquete, brindando alegremente ás saudes dos Reys: beneficio, que lhes repetiraõ muitas vezes. Ao convite acrescentou Fernaõ de Sousa o seu Caguate, a uso da India, dando algumas joyas ao Capitaõ, e companheiros, cõ que os deixou mais satisfeitos do trato, que do despacho que levavaõ, porque com o limete do cravo saboreavaõ os dessabrimentos da terra.

20 Despe-

20 Despedidos os Capitaens se tornou Fernaõ de Sousa á fortaleza, contente de alhanar hũ negocio taõ escabroso, por meios taõ commodos á sua hõra, como ao Estado. Ao terceiro dia, que era o aprazado para os Castelhanos se virem á nossa fortaleza, se poz Fernaõ de Sousa mui galante para demonstraçaõ do gosto cõ que esperava os hospedes, q foi buscar ao mar. O que sabendo Ruy Lopez despedio huma embarcaçaõ da terra, pedindo-lhe suspẽdesse o negocio para o seguinte dia, porque andava vencendo algũs inconvenientes, de que lhe daria conta. Fernaõ de Sousa entendẽdo, que a dilaçaõ era cautela, e que o Castelhano faltava no concertado; como lhe deraõ o recado no mar, mandou forçar a voga, e cõ mais paixaõ que acordo, se foi meter desacõpanhado entre os Castelhanos. O que visto por Ruy Lopes o veyo esperar á praia cõ oitenta arcabuzeiros que trazia de guarda, e levãdo-o a seus aposentos, lhe deu conta da alteraçaõ, que entre os seus havia; porque D. Alonso Henriques Capitaõ de hum navio, cobrindo seu particular interesse com o zelo de servir a seu Prin-

Falta o Castelhano á promessa.

E o q nisto faz Fernaõ de Sousa.

cipe,

cipe, naõ queria estar pelo capitulado, e tinha convocados amigos, e homens inquietos, que sustentavaõ seu partido, persuadindo cousas fantasticas a El Rey de Tidóre, e a outros, por engrossar seu bãdo, chamando á sua sediçaõ zelo, e á moderaçaõ do General fraqueza, pois entregáva as armas, e as bãdeiras de Espanha, q̃ jurara defender cõ a vida, e privava ao Emperador do Senhorio de taõ abundãtes Ilhas, e aos pobres soldados do fruito, e premio de navegaçaõ taõ perigosa; e q̃ os Portuguesés como naçaõ soberba, e sempre opposta á sua, fariaõ riso, ou gloria de taõ vil rendimento. Porém que elle sabia, que todas estas bizarrias armavaõ sobre falso, porque os naõ estimulava o serviço do Cesar, nẽ o zelo da honra, senaõ o amor do cravo, de que tinhaõ recolhido quantidades grandes, e naõ fiavaõ de nós, que lhes deixarsamos levar a Hespanha as novas desta dróga cuja valia lhes havia de compensar os perigos, e trabalhos passados. O q̃ entẽdido por Fernaõ de Sousa, e os mais q̃ seguiaõ sua voz, os assegurou nesta parte de todos seus receos; e como o brio dos Castelhanos servia de cuberta

ao

ao intereſſe, ſe vieraõ ao outro dia meter na fortaleza, eſquecidos dos brios com que bizarreavaõ.

21 Mas já o eſtrondo das armas de Cãbaya naõ ſoffre eſta pequena digreſſaõ de negocios menores. Governava Coge Cofar eſta guerra cõ abſoluto imperio, livrando o bom ſucceſſo della, parte na força, e parte nos enganos. Em quanto pois juntava bagagens, e ſoccorros, q̃ pela grandeza delles neceſſitavaõ de eſpaços differentes, eſcreveo a D. Joaõ Maſcarenhas, que deſejava tirar qualquer eſcãdalo que perturbaſſe a paz capitulada entre o Soltaõ, e o Eſtado, para que ſe lograſſem com reciproco amor os fruitos de taõ juſta concordia; que no ajuſtamento paſſado tinhamos dado conſentimento a q̃ ſe fizeſſe hũ muro entre a fortaleza, e a Cidade, o que ſenaõ executára por naõ moſtrar deſconfianças em taõ tenra amizade; porém agora, que a paz de tãtos annos tinha purgado qualquer injuſto affecto, cõvinha ſatisfazer ao povo, q̃ pedia eſta ſeparaçaõ, como ſinal da liberdade em q̃ vivia; q̃ quando por aquella parte deſmãtelamos a Cidade, fora cõ a ira, ou licença da victoria, e que

Propoſta de Cofar ao Capitaõ de Dio.

q naõ queriaõ os moradores acordarse cada dia de sua injuria cõ taõ fea memoria; q os sinaes do odio, como naõ estavaõ no animo, naõ era bẽ q se cõservassẽ nas pedras derribadas; que pois eramos hospedes em Dio, naõ cõvinha dar leis como Senhores, e que levariaõ asperamente os moradores o que lhes ordenavaõ seus Reys, tolherlho seus vezinhos; q de vassallos alheos deviamos querer amizade, e naõ obediẽcia; q o Soltaõ lhe dera aquella Cidade, a qual determinava engrandecer cõ novos moradores, aos quaes queria mostrar, q aquella fortaleza naõ estava como freo, se naõ como amparo de seus habitadores; q aos Portugeses cõvinha dar grãdes satisfações ao povo para assegurar hũa paz fũdada sobre agravos

Reposta do Capitaõ.

22 Por esta carta entendeo D. Joaõ Mascarenhas, q Cofar buscava causas ao rõpimento, havendo que se lhe cõcedia o muro, facilitava a empresa; se lho negava, justificava a guerra; e assi lhe respondeo, que em hũa paz taõ assentada, como Mahamud tinha com o Estado, mais seguro lhe seria derribar paredes, que intentar levantalas; que o muro nem a nós seria de perigo, nẽ

a

relles de amparo, que entre a fortaleza, e a Cidade estava outro reparo mayor que a defendia, que era a fidelidade Portugueza, que do novo Senhorio lhe dava o parabem, e que dos Portuguezes que alli estavaõ fizesse a mesma conta que dos outros vassallos; que o negocio, que propunha, tocava ao Governador da India, o qual estava aprestando a armada para vir visitar aquella fortaleza, que chegado elle lhe communicaria a sua proposta. E logo avisou ao Governador do estado das cousas, que já pelos enviados, que mandára a Cambaya, tinha do cerco noticia mais inteira, recebendo do Soltaõ hũa reposta incerta, sem declarar, nem encobrir a jornada, fazendo relaçaõ intempestiva de passadas offensas, como quem (sem alterar a paz) queria começar a guerra.

E avisa o Governador.

25 Porém o Governador, dando-se todo a este só negocio, pesando a importancia daquella praça, resolveo sobre sua defensa empenhar as forças todas do Estado, sem perdoar a despesa, perigo, ou diligencia. As Cidades de Baçaim, e Chaul, que eraõ as mais vezinhas, encomendou affectuosamente os soccorros de Dio, lembrando-lhes a honra,

Que soccorre Dio com gente, e munições.

za do rochedo, em que bate. Tem outro canal na face da Ilha, aonde podem ancorar navios, e deste recebe a Cidade mais commoda passagẽ. Naõ segui a fórma, em q̃ a descreve Joaõ de Barros, por se haver alterado com a differença dos Mouros que a senhorearaõ, fortificando-a a cada huns delles cõ varia disciplina, conforme o juizo, ou variedade dos tempos lhes ensinava.

27 Entrado Coge Çofar na Cidade com oito mil soldados, muitos delles Turcos, trazidos a seu soldo, sessenta peças grossas, em que entravaõ dezoito basiliscos, cõ muniçoẽs, e bastimentos de homẽ que antevia a duraçaõ do sitio. Trazia mil Janizaros no campo com avantajado soldo, os quaes cõ sua ordinaria soberba desprezavaõ a empresa, accusado o temor de Çofar, em cõvocar socorros, e inquietar as armas do Graõ Senhor contra quatro miseraveis Christaõs, defendidos de hũa fraca parede, cõ os quaes nem na peleija se ganhava honra, nẽ na victoria despojo. Coge Çofar nem louvava, nem reprendia o animo dos Turcos; mas da victoria fazia mais incerto juizo, ensinado do temor, ou da experiencia; e no

abrir

abrir as trincheiras, plantar baterias, formar esquadrões, mostrou que era soldado; e logo que teve posto sitio á fortaleza, fez aos Turcos huma breve pratica, dizendo.

Pratica de Coge Cofar aos seus.

28 Companheiros, e amigos, naõ vos ensinarei a temer, nẽ a desprezar esses poucos Portuguezes, que dentro daquelles muros estais vendo encerrados, porque naõ chegaõ a ser mais q̃ homens, inda que saõ soldados. Em todo o Oriente atégora os acompanhou, ou servio a fortuna, e a fama das primeiras victorias lhes facilitou as outras. Com hũ limitado poder fazem guerra ao Mundo, naõ podendo naturalmente durar hũ Imperio sem forças, sustentado na opiniaõ, ou fraqueza dos que lhes saõ sujeitos. Apenas tẽ quinhentos homẽs naquella fortaleza, os mais delles soldados de presidio, que sempre costumaõ ser os pobres, ou os inuteis; por terra naõ podem ter soccorro, os de mar lhes tem cerrado o inverno. Estaõ faltos de municoens, e mantimantos, assegurados na paz, ou na soberba, com que desprezaõ tudo. Como saõ poucos, sempre naquelle muro haõ de

, assistir

,, assistir os mesmos defensores, sé haver soldado reservado para o lugar de outro; faltalhes peonagẽ para reparar as ruinas da nossa bataria, e por força os ha de render o trabalho repartido em taõ poucos. Estaõ insolẽtes cõ o destroço q̃ fizeraõ nas galés doGraõSenhor no cerco desta mesma fortaleza. A taõ honrados Turcos, e valentes Janizaros, como estais presẽtes, toca acudir pela honra de vossa gente, e de vosso Imperio, como causa mais justa da guerra, que fazemos; que ainda que Cambaya tẽ exercitos, e soldados, naõ convem á reputaçaõ do Graõ Senhor vingar suas injurias cõ as armas alheas. Com este fim vos trouxe a esta empresa, porque vos naõ furtassẽ outros gloria de taõ justa vingança. Esta mesma terra, que agora estais pisãdo, cobre os ossos de vossos cõpanheiros, parẽtes, e amigos, que a cada hũ de nós (me parece) estaõ chamando por seu nome, contandonos as mortes, e as feridas, que destes homicidas receberaõ, esperando por vosso esforço poderem descançar vingados. Estes mesmos saõ os matadores de Badur, ingratos aos benefi-

„ cios, atrevidos á Magestade de Princi-
„ pe taõ grãde, cuja vingança será gra-
„ ta a todos os que se chamaõ Reys,
„ precisa a todos os q somos vassallos.

29 Acabada esta pratica, ou querẽdo justificar mais a guerra, ou ganhar tẽpo para esperar soccorros, tornou a tẽtar o animo de D. Joaõ Mascarenhas, com condiçoens mais graves, instando na porfia de levantar o muro, e pedindo, que as naos do Soltaõ, seu senhor, podessem navegar livres sem cartazes de nossos Generaes; injuria, que o Soltaõ tolerava como amigo, e naõ podia sofrer como Monarcha. Pedio mais, que as naos de mercadores naõ fossem obrigadas tomar aquelle porto; liberdade, que devia outorgar em beneficio do comercio. Dom Joaõ Mascarenhas lhe respondeo, que entre tambores, e bombardas naõ se faziaõ acordos de amizade; que aquella fortaleza, estava costumada a dar leys a todos, e naõ a recebelas de ninguẽ; que em breve esperava castigalo, como a quebrãtador das pazes, e que entaõ sofreria a seu pezar condiçoens mais duras, escritas com o sangue de seus mesmos Janizaros.

Insta de novo ao Capitaõ de Dio.

Reposta do Capitaõ.

30 Já

30 Já neste tempo o Governador tinha feito aprestar nove embarcações com estranha brevidade; dizendo aos soldados, que occasiaõ taõ honrada, só a havia de fiar dos seus mimosos, que elle trocára agora as prisões de seu cargo, pela liberdade de qualquer soldado; que ainda q̃ estava resoluto em ir descercar Dio, naõ podia negar ao cavejas, que tinha aos q̃ primeiro que elle haviaõ de vir a braços cõ os Turcos. E logo chamando a seu filho D. Fernando lhe disse em salla publica.

O Governador manda a Dio seu filho D. Fernando.

,, Eu vos mãdo, filho cõ este soccorro à
,, Dio, que pelos avisos que tenhõ, hoje
,, estará cercado de multidaõ de Tur-
,, cos; pelo q̃ toca a vossa pessoa naõ fi-
,, co cõ cuidado, porque por cada pedra
,, daquella fortaleza, arriscarei hum fi-
,, lho. Encomendovos, que tenhais lem-
,, brãça daquelles de quem vindes, que
,, para a linhagem saõ vossos avôs; e pa-
,, ra as obras saõ vossos exẽplos; fazei
,, por merecer o appellido que herda-
,, stes, acordandovos que o nascimento
,, em todos he igual, as obras fazem os
,, homens differentes; e lembrovos, que
,, o que vier mais hõrado, esse será meu

 ,, filho,

,, filho: Esta he a bençaõ que nos dei-
,, xáraõ nossos maiores, morrer glorio-
,, zamente pela Ley, pelo Rey, e pela
,, Patria: Eu vos ponho no caminho da
,, honra, em vós está agora ganhala.

Com isto lhe lançou a bençaõ, e o en-
commendou a Diogo de Reynozo,
hũ dos mais valentes Cavalleiros que
passáraõ á India. Neste soccorro foi Se-
bastiaõ de Sá, filho de Joaõ Rodrigues
de Sá, que nesta occasiaõ, e em outras
deu de seu valor hũ testemunho illus-
tre. Com elle passou D. Francisco de
Almeida filho de D. Lopo, a acompa-
nhar dous irmãos, que tinha já em Dio.
Com o mesmo soccoro foraõ Antonio
da Cunha, Pero Lopes de Sousa, Dio-
go da Sylva, Jorge Mascarenhas, An-
tonio de Mello, e outros muitos fidal-
gos, que naquelle tẽpo andavaõ apos
os perigos, como se lhes fugíraõ.

31 Escreveo o Governador a D. Joaõ
Mascarenhas huma carta mui honra-
da, dizendo-lhe, quanto maior cousa
era nesta occasiaõ ser Capitaõ de Dio,
que Governador da India; q̃ naquelle
soccorro lhe mandava seu filho Dom
Fernando, para que depois no Reyno,
entre

entre as vanglorias da velhice, cõtaſſe que fora ſeu ſoldado; que eſtiveſſe certo, que todas as forças do Eſtado ſe haviaõ de empenhar na defeça daquella fortaleza; que naquelles navios hiaõ muitos fidalgos moços, cujo orgulho devia moderar, porq a obrigaçaõ dos cercados ſó era defenderſe; que alli lhe mandava municoens, que baſtavaõ a eſperar ſegundo ſoccorro, dous engenheiros, e muitos officiaes mecanicos para reparar as ruinas da bataria, com os inſtrumentos, e materiaes convenientes; no que D. Joaõ de Caſtro naõ ſó moſtrou zelo de miniſtro, mas pratica de ſoldado, antevendo as neceſſidades do ſitio, e occorrendo a todas.

31 Já neſte tempo D. Joaõ Maſcarenhas tinha mandado quebrar a ponte, que dava ſerventia por cima da cava do baluarte Santiago á outra bãda, mãdando fazer outra levadiça. A torre de Santiago entregou a Alonſo de Bonifacio Eſcrivaõ da Alfãdega; o baluarte S. Thomé a Luis de Souſa; o de S. Joaõ a Gil Coutinho; o q̃ ficava ſobre a porta a Antonio Freire; e outro baluarte Santiago, que deſcubria o rio, a D. Joaõ de Almeyda com ſeu irmaõ

Reparte o Capitão de Dio os poſtos da forta-

Dom

Dom Pedro de Almeyda; o de S. Jorge a Antonio Peçanha; a couraça pequena a Joaõ de Venezeanos; a grande a Antonio Rodrigues. Por estes Capitães repartio cento e setenta soldados, ficando elle de sorbe rolda cõ trinta, para soccorrer as estancias. Cõ taõ pequenas forças esperava D. Joaõ taõ numeroso poder, como contra si tinha, disponde com tanta segurança a defẽça, que lhe naõ fazia o perigo temor, ou novidade. Com as muniçoens, e mantimentos mandou ter grande cõta, pela contingencia em que estava poder receber outros cõ os estorvos do tẽpo, e do inimigo. Entre os escravos, e outra gente inutil para tomar as armas, repartio o trabalho de acudirẽ ao muro cõ lanças, panelas de polvora, pedras, e mantimento, por desviar aos soldados de outra ocupaçaõ mais q̃ a da peleija. Neste serviço entreteve os mininos, os velhos, e as mulheres, para q̃ na fortalesa naõ houvese pessoa inutil, ou ociosa, pela idade, ou sexo. E logo juntando os soldados no terreiro da fortaleza, lhes disse com alegre semblante.

E fala a seus soldados.

,, Estes Turcos, e Janizaros, que ,, deste lugar estamos vendo, vem a res-

, taurar

,taurar com noſco a honra que no pri-
, meiro cerco perdéraõ;porém nem el-
, les valẽ mais que os que entaõ foraõ
, vencidos, nem nós valemos menos q̃
, os vencedores. Eu vos confeſſo, que
, me criei ſempre com a enveja do me-
, nor ſoldado que defendeo eſta praça;
, pois ainda agora a memoria de ſeu
, valor honra ſeus deſcendentes, que
, menos conhecemos pelo appellido,
, patria,ou ſolar, que por filhos,ou ne-
, tos daquelles que taõ gloriozamente
, acabáraõ, ou triumfaraõ em Dio.Os
, mais illuſtres hõraraõ ſua familia;os
, mais humildes deraõ a ella princi-
, pio.Trouxenos a fortuna eſta empre-
, ſa a aquella nada deſſemelhante; naõ
, ſepultaraõ cõſigo aquelles valerozos
, Portuguezes toda a gloria das armas,
, ainda nos deixaraõ eſta,q̃ nos fará il-
, luſtres. Naõ nos aſſombre a deſigual-
, dade do poder, porque a fama naõ ſe
, alcança com perigos vulgares.Nave-
, gamos cinco mil legoas ſó a buſcar
, eſte dia,para nelle ganhar a hõra,que
, nos naõ podẽ dar os Reys,nẽ as gen-
, tes;porque os Reys daõ premios,naõ
, daõ merecimentos. Naõ nos faltaõ
, muniçoens, nem mantimentos para
, a entreter

, entreter o cerco até chegar soccorro
, e ainda que andaõ os mares levanta-
, dos, por serem os tẽpos verdes, temos
, hum D. Joaõ de Castro, que por de-
, baixo das ondas virá com a espada na
, boca a soccorrernos, e tantos outros
, fidalgos, e Cavalleiros, que teraõ por
, injuria ganharmos nós sẽ elles a hõ-
, ra que se nos offerece, cõ a qual naõ
, temos, que esperar mais da fortuna,
, pois seremos cõtados no numero da-
, quelles que ao Rey, e â patria fizeraõ
, algũ memoravel serviço, cuja honra
, viemos a sustentar do ultimo Occidẽ-
, te a taõ remotas partes. E o que mais
, he que tudo, peleijamos cõ inimigos
, de nossa fé, e naõ nos póde faltar fa-
, vor para taõ justa causa, pois servi-
, mos ao Deos das victorias.

34 Acabada a pratica, se ouvio logo no cãpo dos Turcos huma grossa salva, cõ q̃ Coge Cofar festejava hũ soccorro de dous mil infantes, que lhe haviaõ chegado de Cãbaya, todos soldados velhos, que faziaõ o soccorro maior na qualidade que no numero. Acõpanhavaõ esta gẽte, entre outros, dous Capitaens Mogores, pessoas entre os seus de grãde nome. No mesmo dia entrou

trou graõ parte da nobreza da Corte, q se alojou separada do Cãpo, em mui lustrozas tendas, cõ tal concerto, que naõ deviaõ nada á policia de Europa. Os nossos cõ a desestimaçaõ da vida, divertiaõ o horror de tãtos apparatos, animando-se com discursos cõformes ao tempo, tirando da necessidade conselho para as cousas prezentes.

Entraõ mais soccorros ao inimigo.

35 Ao seguinte dia, que foi Quinta feira maior deste anno de mil quinhẽtos quarẽta e seis, amanheceo vezinho á fortaleza hum baluarte entulhado de terra amassada, cõ suas bombardeiras, e nellas algumas peças grossas, e por sima do muro quãtidade de sacas de algodaõ, forradas de couros crús para fazerẽ resistencia ao fogo; maquina que espantou aos nossos, pelo silencio, e brevidade com que se havia obrado; mostrando bem, que naõ era esta fabrica desenho de multidaõ barbara, e cõfuza; porque em todo o conflicto mostràraõ igual o valor á disciplina. Logo começáraõ a bater ditozamẽte a nossa fortaleza, porque nos cegáraõ quatro peças, das quaes a sua bataría recebia mais dano.

Comeca a bater a fortaleza.

36 O bom sucesso deste dia lhe deu

para os outros conselho, formando em cinco noites cinco fortes em proporcionada distancia, para darẽ géral assalto por brechas differẽtes, a que naõ podiaõ resistir divididos taõ poucos defẽsores. Ao designio pudéra responder o successo, se o nosso forte do mar, que estava a cavalleiro dos seus, lhes naõ fizera tãto dano, q̃ julgáraõ lhes convinha acudir primeiro ao reparo, q̃ á offença. Calláraõ as bõbardas dous dias, em quãto para segurança da primeira fabrica, maquináraõ segunda. Lançáraõ ao mar huma nao alterosa chea de polvora, alcatraõ, e outros materiaes dispostos ao fogo; estes dispoféraõ na primeira cuberta, cõ o ardil reservado para segundo intento; por cima delles fizeraõ huma grande esplanada, onde podiaõ peleijar quasi duzentos homẽs para com elles intentar a escala; ficava a nao senhoreando o forte, donde com a vẽtagẽ do numero, e lugar da peleija, entendiaõ que seriaõ os nossos entrados facilmente, e quando a resistencia fosse taõ porfiada, deixada a nao, lhe pegariaõ fogo, q̃ ateado no forte, o abrasaria, sem dano, nem perigo dos seus, e q̃ logo occupadas as ruinas, que deixasse

Estratagema do inimigo em huma nao.

deixasse o fogo,sobre ellas levãtariaõ outro, donde se pudesse bater a nossa fortaleza,ficando os seus baluartes seguros deste padrasto, cõ que poderia laborar sẽ dano a sua artelharia.Estratagema inventado cõ militar discurso.

Desbaratada pelos nossos.

37 Da obra,e do intento teve o Capitaõ mór aviso por espias que trazia no cãpo,e chamando o Capitaõ do mar Jacome Leyte,soldado de grande confiança,lhe disse; q̃ lhe naõ queria roubar a honra que tocava a seu posto;que estimasse, que a primeira facçaõ deste cerco fosse sua;e praticandolhe tudo o referido,lhe ordenou, que na segunda vigia da noite,tivesse tudo aponto.Sahio Jacome Leyte na hora determinada com dous catures,e trinta soldados, remando a vóga surda, e emproando cõ a naõ,a começou a servir de muitas panelas de polvora; viraõ os Mouros seu perigo cõ o mesmo fogo,q̃ os estava abrazando, e acudindo ás armas, turbados do temor,e do sono,se defendiaõ com huma resistencia timida, e confusa,impedindo-se huns aos outros com as vozes,e desacordo,causado do subito acometimẽto.Alguns se começaraõ a lançar ao mar,estes fizeraõ aos

outros

outros caminho, e exemplo; em fim entre queixas, e alaridos despejáraõ a nao fazendo pór em arma o campo todo. Teve Jacome Leyte tempo para dar hum cabo á nao, e trazela atoada; a quem o Capitaõ mór deu muitos abraços, e louvores, estimãdo este successo por dar á guerra taõ ditoso principio. Os Mouros ordenáraõ q̃ se continuasse a batería a risco aberto, custando-lhes cada pedra que derribavaõ da fortaleza, soldados, e artilheiros. Naõ fazia a sua batería dano consideravel, só o baluarte Santiago, ou por mais fraco, ou por melhor batido, estava por duas partes aberto, e já cõ roturas capazes de se entrar por assalto, se bem os de dentro se reparavaõ com alguns travezes, fazendo reparos do entulho que furtavaõ de noite.

E trazida á fortaleza.

38 Continuava a batería naõ sẽ effeito, porque já se via o muro por muitas partes aberto, por todas aballado, e naõ podia pelas ameas assomar soldado, q̃ naõ fosse encravado das settas do inimigo, ou ferido das ballas, q̃ eraõ tantas, que pareciaõ hũa continua salva, doendo pouco a Coge Çofar despẽder muniçoens, e ariscar soldados, como quem

quem de tudo estava prevenido, e sobrado. Tambem da fortaleza lhe respondia a meuda a nossa artelharia cõ mais dano, porque como era tanta a multidaõ dos Mouros, nenhuma balla se julgava perdida.

39 Instavaõ os Turcos, porque se desse o assalto, porque já em muitos lugares pelas ruinas da bataría, se podia subir ao muro; porém Coge Çofar os detinha, ou esperãdo maior poder, ou querẽdo, que o trabalho, e feridas quebrantassem o orgulho dos nossos, cuja furia esperava domar cõ lentas armas, apurando as forças, as muniçoens, e ainda a paciencia dos cercados; discurço, que naõ era de todo errado, porque o inverno, que começava furiozo, impossibilitava os soccorros necessarios, e forçozos desde o primeiro dia, em razaõ de que os descuidos da paz, e a subita invazaõ do inimigo, tinha os nossos menos apercebidos para soster o pezo desta guerra; sẽdo nesta parte taõ demasiada nossa cõfiãça, que depois do cerco de Antonio da Sylveira, só cõ o respeito daquella vitoria se defendia a praça; e Dom Joaõ Mascarenhas se achava só com quarenta barrís de pol-

vora

vora de bombarda, e vinte de mosquete; a estreiteza de mantimentos, como de homens, que primeiro viraõ a guerra, que a esperassem; os defésores eraõ duzentos, os mais delles soldados de guarniçaõ, a quem a gloria deste cerco deu a primeira fama.

Chega D. Fernando a Dio. 40 Traziaõ ao Capitaõ mór solicito o estado das cousas, e a incerteza dos soccorros, que importava encobrir taõ cautamente aos de casa, como aos de fóra, e naõ queria nos principios do cerco taixar os mãtimétos, e munições, vendo por hũa parte ser danoso, e por outra preciso; quãdo as vigias lhe vieraõ dar aviso, que a huma vista pareciaõ nove velas, e que pela feiçaõ dos vasos mostravaõ serem nossas. Chegáraõ os soldados todos ao muro cõ o alvoroço desta nova, causando variedade nos juizos a distancia da vista, e cerraçaõ do tempo; porém dentro de hũa hora divisaraõ as bandeiras de quadra, e logo cõ as armas Reaes a Capitaina, que com os ventos ponteiros, vinha forçando as ondas em demãda da nossa fortaleza. Vinhaõ todas com flamulas, e galhardetes, empavezadas, e guerreiras. Salvaraõ logo as torres, donde

lhes

lhes responderaõ com a mesma cortezia naval. Os Mouros lhe tiraraõ muitas peças de terra, em quanto davaõ fundo. Foraõ dezembarcando as muniçoens, e mantimentos, tras elles os soldados, e o ultimo de todos Dom Fernando; ou fosse instrucçaõ de pay, ou brio do filho.

41 O Capitaõ mór depois de receber aquelles fidalgos, como companheiros de sua fortuna, sabendo que vinha alli Dom Fernando, o foi buscar ao navio, e o encontrou na escada da fortaleza, por onde já sobia, e levando-o nos braços, lhe disse palavras accommodadas ao lugar, e tempo, e offerecendo-lhe sua mesma pousada, a naõ quiz aceitar D. Fernando, pedindo-lhe, que aquella honra lhe poupasse para o tempo da paz, que agora o baluarte mais arriscado havia de ser a sua guardaroupa, porque lhe naõ prestaria o sono hum passo desviado da muralha. Dom Joaõ Mascarenhas o tornou a abraçar, espantado de ver espiritos varonis em annos taõ verdes.

Dom Joaõ Mascarenhas a recebe.

42 Vinha nos navios quantidade de polvora, armas, e mantimentos, com q se podia entreter o cerco atè outro

soccorro; tambem se lembrou o Governador de mãdar aos enfermos, e feridos, remedios, e regalos. Mostrou o Capitaõ mór aos soldados a carta do Governador, em que (como dissemos) o assegurava de sua vinda, para a qual se ficava aprestando com a maior diligencia, e forças, que sofria o Estado; o que deu coraçoens novos aos cercados, com que já as necessidades, e aprestos da guerra mostravaõ outro semblante; a qual se hia continuando, recebẽdo Coge Çofar cada dia soccorros, e traçando artificios, para q̃ tinha conduzido engenheiros de differẽtes partes, que a emulaçaõ, e premio incitavã a inventar cousas novas, que fazia os nossos mais attentos ao perigo occulto, que ao descuberto.

43 Porém o Governador, logo que despedio seu filho D. Fernando, mandou pregoar guerra, a fogo, e sangue, contra ElRey de Cambaya, como perjuro, e quebrãtador da paz, que tinha com o Estado, e isto com instrumentos militares, e solemnidades legaes, para fazer publicas, e justificadas as causas de huma guerra, que tinha attentos os juizos do Oriente todo. Escreveo aos

Publica o Governador guerra contra Cambaya.

mora-

moradores de Baçaím, lembrandolhes que como mais vezinhos lhes tocava a obrigaçaõ de soccorrer a Dio; que as outras praças acodiaõ ao perigo do Estado, elles ao seu proprio, pois as bombardas, que batiaõ a Dio, aballavaõ os edificios de Baçaim; que elle se aprestava para ir desbercar a fortaleza, e fazer a Cãbaya as hostilidades possiveis, porque o Estado nunca fizera guerra defensiva aos Reys do Oriente; q lhes pedia estivessem promptos para o acompanhar com navios, e gente, como de taõ hõrados Cidadãos, e leaes Portuguezes se devia esperar; que o serviço de cada hũ deixava em seu inteiro arbitrio, entendendo, que qualquer delles, com a fidelidade, e amor de seu Rey, excederia a possibilidade.

44 Na mesma fórma escreveo ás outras praças, de q podia receber soccorro, achando os animos dispostos a o servir, e despender as fazẽdas: felicidade, que nõtaremos por singular em seu governo, como em differẽtes successos mostrará a Historia. Começou a dar grande calor aos aprestos da armada, e achando o Estado pobre para tãtas despezas, pedio aos mercadores grandes

Emprestimo que pede aos mercadores.

ſommas ſobre ſua verdade, que era o ouro, e diamantes, que ſó entheſourára; prenda ſobre a qual os homens de negocio lhe offereciaõ tudo: e naõ ſei ſe entre os poderoſos correm hoje fazendas deſta ley em tanta eſtima. Mãdou fazer orações publicas, e ſecretas, pedindo a Deos amparaſſe a cauſa dos Fieis, pois era ſua, fiando mais dos ſacrificios, que das armas. Diſcorria de ordinario cõ os ſoldados de experiencia ſobre as couſas de Dio, naõ ſe inclinando ao voto mais authorizado, ſenaõ ao mais experto.

Recorre a Deos com preces publicas.

45 Em Dio naõ deſcançavaõ as armas. Foi o Capitaõ mór aviſado, que no exercito ſe eſperava por huma grande cáfila de mantimentos, que ſe haviaõ de carregar por aquella coſta de Balſar, até Damaõ; o que entendido, deſpedio o Capitaõ de mar Jacome Leyte cõ tres navios, para que o foſſe eſperar até a Ilha dos Mortos, o qual ſaindo de noite pela barra fóra correndo a coſta, na qual tomou muitas Cotias, q̃ vinhaõ baſtecer o exercito, paſſou os Mouros á eſpada, excepto alguũs que reſervou, para trazer enforcados nas vergas dos navios, quando entraſſe a barra; o que aſſi

Tomaõ-ſe aos inimigos muitos mantimẽtos.

assi se fez, dando com elles ao exercito huma lastimoza vista, certificado mais do successo com o fogo em que vio arder as Cotias; os mantimentos se recolherão na fortaleza, que era a droga mais importante para o tempo.

46 Tinha já Coge Çofar perdido muita gente, sem ver na fortaleza, nẽ nos animos dos cercados quebra, q̃ lhe désse esperanças de ganhala; os nossos passeavaõ no muro cõ galas, ẽ plumagens, que mostravaõ o gosto, ou desprezo da guerra que sostinhaõ. Vendo Coge Çofar que estavamos senhores do mar cõ taõ pequenas forças, e que as provisoens, q̃ recebia o exercito, vinhaõ furtivas, e arriscadas, mandou sair hũa armada da barra de Surrate, a qual encontrou tres embarcaçoens nossas, que de Baçaim, e Chául vinhaõ prover a fortaleza. Peleijáraõ os Portuguezes desesperadamente, mas como era taõ desigual o poder, os mais ficáraõ mortos, vendendo taõ caras as vidas, que naõ tiveraõ os Mouros, que festejar na preza, ou na victoria. D. Fernando de Castro pedio ao Capitaõ mór licença para sair ao inimigo em alguns navios do soccorro, que lhe naõ deu; por en-

tender seria diligencia perdida, porque o inimigo fez aquella saida furtado, e se recolheo logo.

47 Tratou D. Joaõ Mascarenhas de avizar por terra a S. Alteza do estado das cousas, para o que se lhe offereceo hum Armenio pratico na lingua, e costumes dos Mouros, o qual despachou em hum Catúr ligeiro, para que o lançasse na costa de Pór; e dahi em trajos de Jogue (que entre elles he habito religioso, e pobre) se passasse ao Cinde, e dahi a Ormúz, com cartas ao Capitaõ. Este fez a jornada em companhia de mercadores de Baçorá, que o passáraõ a Babylonia pelo rio Eufrates, onde havia de esperar as cáfilas, para atravessar os desertos da Araria.

O Capitaõ de Dio avisa por terra a El-Rey.

48 Continuava Coge Çofar as obras da fortificaçaõ com naõ menos perigo que trabalho, e cõ porfia taõ barbara, e cruel, que os mesmos corpos dos gastadores, que os nossos matavaõ, lhe serviaõ ao entulho usãdo taõ deshumana disciplina, quiçá por encobrir o dano, q̃ começava já a ser conhecido no exercito, se bem se restaurava cõ quotidianos socorros, que por horas engrossavaõ o campo. Mandou Coge Çofar assestar

sestar nas estácias sessenta peças grossas, em que entravaõ Basiliscos, Salvagens, Aguias, e Camelos, sem outra artelharia miúda, de que era maior numero. Aos cinco baluartes, que havia levantado assegurou cõ novos muros, cobrindo os gastadores com paredes torcidas, em tantas voltas, que os naõ podia pescar a nossa artelharia. Com este artificio chegáraõ os Mouros a senhorear a cava da fortaleza, onde assẽtáraõ dezoito Basiliscos, com q̃ tiravaõ quinze dias continuos, fazendo na fortaleza tal estrago, que os nossos, por ultimo remedio, se reparavaõ cõ suas mesmas ruínas, fazendo contramuros, e reparos das pedras derribadas.

Senhoreaõ os inimigos a cava.

49 Tinhamos já perdido oitenta homens, e mais de cento feridos, e pela estreiteza, e ruim qualidade dos mãtimentos, muitos andavaõ enfermos. As muniçoens em grande parte gastadas, tinhaõ reduzidos os nossos a perigozo estado; o que entendido por Coge Çofar de alguns escravos, que fugíraõ da fortaleza, mandou reforçar as batarias crendo; que naõ poderiaõ durar os animos em taõ quebradas forças; e logo, como homem, que queria partir com

seu

seu Rey os mimos de sua fortuna, avisou ao Soltaõ, que estava em Champanel, que se viesse ao cãpo para lhe entregar a fortaleza cõ o primeiro assalto. Na fé desta promessa acodio o Soltaõ cõ dez mil de cavallo, e graõ parte de sua Corte, onde foi recebido com hũa salva Real a volta de muitos instrumentos de guerra, e de alegria, consonancia, que os nossos ouviaõ, aos animos temeroza, aos ouvidos barbara.

Chega o Soltaõ cõ muita gente.

50 Pareceo aos nossos, que a alegria do campo solemnizada cõ duplicadas salvas, seria no recebimento dos Turcos, que esperavaõ. Logo D. Joaõ Mascarenhas ordenou a Fernaõ Carvalho Capitaõ do forte do mar, que mãdasse huma almadía a tomar lingua, para saber os passos do inimigo, porque as espias que trazia no cãpo, ou se haviaõ feito dobres, ou eraõ descubertas; o q̃ se fez na mesma noite, trazẽdonos hũ Mouro, que referio a vinda do Soltaõ, as promessas de Coge Cofar, e confiãças da empresa. Mãdou o Capitaõ mór soltar o Mouro, e que dissesse a ElRey de Cãbaya, que lhe pedia se detivesse no exercito, porque esperava irlhe pagar a visita a seus alojamẽtos. O Mouro

to se foi contente com a liberdade, e assombrado com a reposta do Capitaõ mór. Foi o Mouro levado ante Mahamud, e referindo as palavras do Capitaõ; lhe disse, que os Portuguezes tinhaõ a fortaleza derribada, e os animos inteiros.

51 Coge Cofar mandou continuar a bataría, e dizer a Dom Joaõ Mascarenhas por Simaõ Feo (hum prisioneiro nosso, que contra as leys da guerra havia reprezado) que se espantava de o ver encurralado, sem sair a pelejar ao campo, como fazia o bom Cavalleiro Antonio da Sylveira; que mal respondiaõ as obras as palavras; á qual mensagem os soldados cõ pilouros respondéraõ do muro. Cinco horas durou a bataría, fazendo no edificio já aballado, estrago grande. Porem as nossas peças lhe responderaõ cõ maior dano, e com melhor fortuna, porque dentro na tenda do Soltaõ, huma balla perdida matou hum Mouro, com quá o mesmo Soltaõ estava praticando, e como estes Mouros Orientaes saõ credulos em agouros, tomãdo ElRey o caso, como aviso de algum mao sucesso, quiçá cubrindo com a supersti-
gaõ

Retirase, e fica Juzarcaõ em seu lugar.

ção o medo, sahio logo do campo, deixando a Juzarcaõ, hum Abexim valente, que nas guerras do Mogor tirára soldo contra Soltaõ Mahamud, e agora como soldado mercenario, fora chamado com algumas vantagens a servir nesta guerra.

5. Partido ElRey do arrayal, mais bellicozo na paz, que no conflicto, retirando-se na mesma Ilha à quinta de Melique, dava calor aos soccorros, que cada dia reforçavaõ o cãpo, porém D. Joaõ Mascarenhas, que pelo aperto do sitio, naõ tinha avisos certos dos designios do inimigo, praticou com os fidalgos, e Cavalleiros quanto importava tomar alguma lingoa. Ouvio esta pratica Diogo de Anaya Coutinho, hũ fidalgo que vivia do soldo, porém com espiritos mui dignos de seu sangue; este se offereceo ao Capitaõ mór, e lançado do muro por huma corda, assegurado do escuro da noite, encaminhou aos quarteis do inimigo, e a poucos passos vio junto a si dous Mouros que estavaõ praticando; duvidou de os acometter, porque trazer dous naõ era possivel, peleijar com elles naõ convinha; porém tomando da occasiaõ conselho

Acçaõ notavel de Diogo de Anaya.

felho, derribou com hum bote de lança a hum delles, e abraçando-se com o outro, que se defendia bradando, mordendo, e forcejando, o levou até as portas da fortaleza, onde achou o corpo da guarda, que entre louvores, e envejas o leváraõ ao Capitaõ mór cõ o seu prisioneiro. Referirei agora a circũstãcia, por ser maior que o caso. Levou Diego de Anaya prestado hũ capacete de hum soldado, e vendo-se na fortaleza sem elle, crendo, que cõ a luta, e bracejar do Mouro o perderia, se tornou pela mesma corda a derribar do muro, e buscando-o á vista de hum exercito já alterado, o recolheo, e trouxe, taõ temerario, como ditozo.

53 Pelos avisos do Mouro, soube o Capitaõ mór, q̃ Coge Çofar, e Juzarcaõ, hum valente, outro desconfiado, fizeraõ reciprocos juramentos a Mafoma de ganhar Dio, ou acabar na empreza, dizendo, que se nos naõ podia soportar amigos, mal nos poderiaõ sofrer victoriosos. Com a continuaçaõ da bataria, lhe rebentáraõ muitas peças, em lugar das quaes encavalgáraõ outras, batendo furiozamente os baluartes S. José, S. Thomé, e San-Tiego de que

eraõ

eraõ Capitaens D. Joaõ de Almeyda, Luis de Sousa, e Gil Coutinho, os quaes sempre cõ as armas vestidas, sobre ellas mesmas tomavaõ algum breve repouso, sempre constantes no perigo, e ao trabalho promptos.

54 O baluarte San-Tiago, como mais fraco, fez maiores ruinas, e já nelle podiaõ os Turcos peleijar quasi iguaes aos nossos; naõ ficou na fortaleza parapeito, nẽ amea, que naõ fosse arrasada, e do baluarte S. Joaõ até o de San-Tiago, todo o lanço do muro estava aberto, cõ que ao trabalho do dia succedia o da noite, sendo impossivel, e forçoso, taõ poucos defensores, cõ taõ quebradas forças, reparar em poucas horas o estrago de huma fortaleza por tantas partes rota; porém todos conformes se dispunhaõ ao trabalho, q naõ podiaõ vencer, nem escuzar.

Valor das mulheres de Dio.

55 Acodiraõ as mulheres da fortaleza a acarretar os materiaes para a defeça, sobindo sẽ temor ao muro, tropeçando em lanças, espadas, e pelouros, vẽcendo a natureza, e o sexo, como se trouxeraõ coraçoens varonis em habitos alheos; taes houve, que vestindo armas, fizeraõ aos inimigos rosto, correndo

rendo da agulha â lança, do estrado a muralha; entre todas mereceo maior gloria Izabel Fernandes, a quẽ nossos Escritores em lugar de elogios, q̃ honrassem sua memoria, chamaõ a Velha de Dio; celebre por este nome nos annaes, ou memorias do Oriente. Despendeo parte de seus bens esta grande matrona em mimos, e regalos, cõ que no mais vivo do conflicto, alentava aos soldados, exhortando os a defensa, e á peleija, com razoens maiores, que de hum espirito, e juizo feminil. Em fim a diligencia destas matronas, servia de elivio no trabalho, nos perigos de exemplo, acodindo a qualquer obra servil, ou arriscada que fosse, promptas, e opportunas.

56 Vendo Coge Cofar, q̃ tudo quãto suas armas arruinavaõ de dia, nossa industria reparava de noite, maquinou hum artificio mais sutil pela traça, que util pelo successo. Defronte do baluarte S. Thomé, que pela materia, e disposiçaõ do sitio estava mais aberto, determinou levantar outro, q̃ lhe ficasse igual, ou eminente, para que batido pelo alto derribasse as ameas, tolhẽdo peleijar aos defensores, e ainda de noite, poder

poder fazer reparos, ficando as peças para aquella parte assestadas de dia cõ pontaria certa. Mandou logo trazer montes de terra, e rama, para entulhar a cava, fortalecendo a esplanada com troncos de arvores grossas para lhe assegurar o terrapleno. A quãtidade dos gastadores, que serviaõ o campo, era outro novo exercito, com que a obra medrava sem tempo, e sem medida. Entretanto a artelharia do nosso baluarte jugava com dano do inimigo, porque como esta peonagem servia amontoada, e descuberta, naõ se tirava da fortaleza tiro algum perdido.

57 Reparou Goge Çofar no dano, por ser grãde, ordenando, q̃ na obra se trabalhasse de noite, para que tirando os nossos com pontaria incerta, e vaga fosse menor o effeito, mandou fazer maior ruido onde se obrava menos, a fim de que os nossos artilheiros, guiados pelo ouvido, apontassem as peças ao tino do rumor, e dos eccos. O que entẽdido por D. Joaõ Mascarenhas, mãdou cobrir de luminarias a fortaleza; para que os gastadores, q̃ trabalhavaõ amparados do escuro da noite, ficassem expostos ao mesmo perigo, que de dia.

Porém

Porém Cege Cofar, que tinha pratica aprendida na milicia de Europa, mandou fazer estradas torcidas, e encubertas, por onde continuáraõ os Mouros mais seguros a elevaçaõ do forte, gastando a nossa artelharia ballas inuteis, e perdidas.

58 Deu o negocio ao Capitaõ Mór cuidado, porque crescendo aquella maquina, naõ ficava na fortaleza lugar algum seguro, jugando a artelharia do inimigo a cavalleiro dos nossos baluartes, cõ que dos cercadores aos cercados, naõ havia no lugar vantagem, ficando os Mouros cõ a do numero taõ desigual aos nossos. Posto o cazo em conselho, todos conheciaõ o perigo, e nenhũ o remedio. Alguns com maior ousadia, que prudencia, votáraõ que saissem os nossos, e lhes estorvassem a obra a risco descuberto sem ver q̃ era maior o perigo que acometriaõ, que o de que se livravaõ. Poucos approvaraõ este conselho, nenhum sabia dar outro. Fizeraõ os nossos algumas sortidas, porém de pouco effeito; porq̃ o inimigo poderoso, e vigilante, tinha com grossa escolta assegurados os postos aos gastadores; mas como nos apertos grandes

soe

soe o perigo ser o melhor conselheiro, lembrouse D. Joaõ Mascarenhas, que na fortaleza havia hũa eminencia, que sobrelevava o forte S. Thomé; por sima do qual podia jugar a artelharia. Aqui mandou encavalgar algumas peças, as quaes tiráraõ cõ taõ ditoso effeito, que em poucos dias derribáraõ aquella maquina levantada, e caida cõ o sangue dos que a fabricáraõ. Porém como esta Hydra tinha tantas cabeças, emprendeo Coge Çofar cegar a cava cõ as mesmas ruinas; o que lhe era mais facil por ser obra que naõ havia mister medida, disposiçaõ, ou engenho.

59 Começáraõ dous mil piaens a cobrir a cava com os materiaes do forte. Entretanto hũ grande troço do exercito com dardos, settas, e espingardaria impedia aos nossos assomarse ao muro. Cresceo a obra, e o perigo nos cercados, porq como os altos da fortaleza estavaõ desmantellados, pouco que subisse o terrapleno, ficava igual ao muro. Desvelavase o Capitaõ mór por lhe frustrar o intẽto, e vacillãdo nos meios cõvenientes, alguns velhos criados na fortaleza, lhe disseraõ, que no lugar onde estavaõ, tinha o muro hũ postigo, que o dis-

o discurso dos tempos cubrira cõ terra movidiça, e q̃ por aquella parte sẽ risco, e cõ facil trabalho se podia furtar o entulho. Pedia a necessidade execução prompta; mandou cavar o Capitaõ mór; e achou o postigo accommodado a seu intento. Sahiaõ os nossos de noite, e furtavaõ o entulho por baixo, deixando a superficie vãa; que cobria os vazios, solidos na apparencia do inimigo; porém como aquella terra estava no ar violentada, trouxe a seu mesmo pezo ao centro, caindo todo aquelle vulto fantastico á vista do inimigo.

60 Foi logo avisado Coge C,ofar de industria, com que lhe frustramos taõ custoso trabalho, e acudindo aquella parte, impaciente na contraposição que achava a todos seus desenhos, sahio da fortaleza huma balla perdida, que no meio de hũ esquadraõ de Turcos, lhe levou a cabeça. Houve no exercito sentimẽto publico pela falta de taõ grande soldado. Viraõ os nossos cõ destemperadas caixas, e arrastadas bandeiras dar sepultura ao corpo com todo o funeral militar, e politico, que ensinou a vaidade da guerra. Jurou logo seu filho Rumecaõ sobre o sangue

Morre Coge C,ofar de hũa balla.

do pay tomar justa vingāça, que entre elles a dor, e a ira he a ultima piedade, que offerecem em sacrificio a seus defuntos.

Succedelhe Rumecaõ seu filho.

61 Succedeo Rumecaõ ao pay no odio, e cargo, continuando a guerra com a obrigaçaõ de General, e sentimento de filho, taõ empenhado pela dor, como pelo officio. Mandou continuar por seis partes o entulho da cava, sendo por horas soccorrido o exercito de gastadores, bastimentos, munições, e soldados, crescendo por toda parte a obra, que Rumecaõ esforçava, como disposiçaõ para nos dar assalto. Tratou tambē de continuar a maquina, que o pay começára, contrapondo hum artificio a outro, lavrou seis estradas encubertas, que todas hiaõ a parar no postigo da fortaleza, por onde os nossos lhe limpavaõ o entulho; estas hiaõ sechar sobre a ponte de madeira, que naquelle lugar tinhamos levantado para o mesmo intento de lhē furtar a terra, sobre q̄ armavaõ a maquina, q̄ temos referido, e sobre a pōte lāçáraõ pedras atraves, de tamanha grādeza, que a fizeraõ encurvar cō o peso, e logo virse a terra, naõ sem dano dos servidores, que

por

por debaixo della andavaõ recolhendo a terra. O que visto pelo Capitaõ mor, mandou cerrar o postigo por ficar já esta serventia inutil, e evitar alguma subita invazaõ do inimigo, qual se estorvo continuava a obra, em quanto os nossos vacilavaõ em descobrir algum engenho, ou força, com que pudessem contrastar fabrica taõ danosa, porque os Mouros cõ festas, e algazáras, mais mostravaõ gozar já da victoria, que esperala.

62 A estes cuidados succediaõ outros naõ menos pesados, porque já naõ havia na fortaleza duzentos homens defensores, huns rêdidos do trabalho, outros de enfermidades, e feridas, mais necessitados de reparar as forças, que de offerecelas a segundo trabalho. E nos soldados ordinarios já a desconfiança hia abrindo porta ao temor. Faltavaõ munições, e mantimentos; os mares verdes, o inverno furioso; tiravaõ toda a esperança de soccorro, pois nẽ para o pedir, nem para o receber era o tempo opportuno.

63 Era Vigario da fortaleza Joaõ Coelho; q sobre as virtudes do Sacerdocio, tinha resoluçaõ para emprẽder

qualquer justo perigo. Este se offereceo ao Capitaõ mór (a quem era singularmente aceito) para, a despeito dos temporaes, tentar os máres, e aportando em Baçaim, ou Chául, significar aos Capitães com certeza de vista, o estado das cousas; e dahi avisar ao Governador por correos de terra, prometendo na fé do habito voltar a Dio com a primeira reposta, como fiel cõpanheiro da fortuna de todos. O Capitaõ lhe mandou logo esquipar hum Catùr cõ doze marinheiros, onde o deixaremos lutando com as ondas até darmos razaõ do successo, que teve viagem taõ animoza, e pia.

O Vigairo Joaõ Coelho vai ao Governador.

64. Os Mouros trabalhavaõ por força no entulho da cava, mas Rumeçaõ cruel, e imperioso os mandava morrer, ou aturar no trabalho, de que recebiaõ por premio, na mesma obra, miseravel sepulchro. Em fim chegáraõ a igualar a cava, e pelo baluarte de Gil Coutinho, que se naõ podia entulhar, atravessáraõ grandes mastos com tavoas pregadas, que lhes serviaõ de ponte, para picar o muro, o que se lhes naõ podé defender com a artelharia por trabalhar cubertos.

65 Ordenou logo D. Joaõ Mascarenhas humas cadeas grossas, que do muro alcançassem á ponte, das quaes pendiaõ muitas sacas de gunes; envoltas em polvora, salitre, e outros materiaes faceis ao fogo as quaes lançadas, ateáraõ na ponte cõ tal braveza, que logo a desfizeraõ. Acudio Rumecaõ a sustentar a obra com novo madeiramento, e maior copia de servidores, e soldados, huns que assistiaõ à defença, outros ao trabalho, a que os nossos se oppozeraõ, dandolhes miudas cargas de artelharia, e espingardaria, de que o inimigo recebeo grande dano; mas insistia Rumecaõ na obra taõ porfiadamente, que por cima dos mortos fazia sobir outros, que ainda que violentados venciaõ o perigo com a obediencia. Chegou em fim por meyo de taõ custozo trabalho a igualar a cava.

66 Conhecendo pois Rumecaõ o estado em que nos achavamos pelos poucos defensores que occupavaõ os postos, nos quiz tentar os animos, crendo; q em taõ perigoso estado nos ensinaria a razaõ, e a natureza, a naõ engeitar as vidas. Cerada a noite, ouviraõ os do baluarte San-Tiago bradar pela vigia,

O Partido q aos nossos offerece Rumecaõ.

gia, em lingua Portugueza, dizendo, que era Simaõ Feo, que queria fallar ao Capitaõ mór em negocio importãte. Foi logo avisado D. Joaõ Mascarenhas, e pondo-se cõ o soldado á falla, elle lhe disse, q̃ era Simaõ Feo, que vinha mandado por Rumecaõ, que affeiçoado ao valor de taõ grandes soldados, lhes queria poupar as vidas, que agora desesperadamente defendiaõ, q̃ bẽ via a fortaleza arruinada toda, a maior parte dos defẽsores enfermos, ou feridos sẽ esperança algũa de soccorro, faltos de munições, e mantimentos, que naõ quizessem parecer obstinados, afeando com a temeridade dos fracos o muito que tinhamos obrado; que nos rẽdessemos, porque para gloria sua desejava conservar vivos taõ valerosos inimigos, q̃ nos faria todos os partidos honrados, deixandonos com a liberdade as fazendas, e os navios para nossa passagem, e que naõ aceitando passariamos pelas leys da guerra, e pelas licenças que dava nos estragos á ira, e a victoria. D. Joaõ Mascarenhas lhe respondeo, que a fortaleza onde estavaõ Portuguezes, naõ havia mister muros, que no campo razo a defenderiaõ ao poder

Reposta do Capitaõ

der

der do mundo, que esta verdade conheceria no primeiro assalto; que tratasse de pedir ao Soltaõ mais gẽte, e melhores soldados, que os Portuguezes desprezavaõ victorias taõ pequenas; q̃ as ruinas da fortaleza esperava reparar cõ cabeças de Turcos; que se lhe faltassem mantimentos, ao seu arraial os iria buscar como despojos; que em quãto seus soldados tinhaõ armas, naõ lhes podia faltar nada entre seus inimigos; que a boa passagẽ que lhes offerecia, esperava fazer cedo cõ a espada na maõ por meio de seus esquadrões armados; e a elle Simaõ Feo dizia, q̃ ainda q̃ repetia forçado palavras alheas, naõ tornasse cõ segunda mensagẽ, porq̃ o mandaria espingardear do muro.

67 Vendo pois Rumecaõ, que dos perigos, trabalhos, e fomes, nos serviamos como do alimento, injuriado no despreso desta reposta, determinou dar o primeiro assalto. Amanheceo aos nossos hũ temeroso dia, que foi aos dezanove de Julho deste anno de mil quinhentos quarẽta e seis; em rôda da fortaleza appareceo o exercito inimigo Jazarcaõ cõ mil e quinhẽtos soldados escolhidos accometteo o baluarte Saõ Joaõ

Assalta o inimigo o baluarte S. Joaõ.

Joaõ

Joaõ, de que era Capitaõ Luis de Sousa, acompanhado de D. Fernando de Castro, Sebastiaõ de Sá, Diogo de Reynoso, Pero Lopes de Sousa, Diogo da Sylva, Antonio da Cunha, e de outros fidalgos, e soldados, que naõ passavaõ de trinta. Estes esperáraõ o primeiro impetu do inimigo, com tanta gentileza, que rebatéraõ os primeiros oitenta que subíraõ, mostrando o dano que recebéraõ nas vozes, no sangue, e na caida. Logo lhes succedéraõ outros, fazẽdolhes a subida mais facil os corpos dos que cahiraõ mortos. Juzarcaõ os inflammava com a honra, com o premio, com a vingança. Os ares feridos de instrumentos de fogo, e de vozes humanas, faziaõ nas paredes da fortaleza hũa impressaõ medonha. A bataria continuava nos outros baluartes; em Saõ Joaõ, e Saõ Thomè o assalto; porque fossem mais faceis de render forças, sobre pequenas, divididas.

E o de S. Thomè.

68 Rumecaõ cõ os Turcos assaltou o baluarte Saõ Thomè, de que eraõ Capitaens Dom Joaõ de Almeyda, e Gil Coutinho; e como gente pelo valor escolhida, pela naçaõ soberba, arremetéraõ taõ furiosos, que pelas lanças dos

nossos

nossos intentavaõ subir atravessados; buscando pela morte a victoria. Elles tinhaõ a vantagem do numero, a do lugar os nossos, e os que tinhaõ cavalgado o muro, ou haviaõ de entrar victoriosos, ou morrer estropeados, porque lhes era mais perigosa a retirada, que a peleija. O inimigo sempre com nova gente reforçava o assalto, os nossos valendo-se de humas mesmas forças, se mostravaõ superiores aos primeiros, iguaes aos ultimos. As mulheres acudiaõ com armas, e panelas de polvora; vestindo os espiritos do tempo, naõ os da natureza. Algumas com regalos, e bebidas alentavaõ aos soldados, e naõ podendo mostrar esforço proprio, serviaõ ao alheo. Taes houve, que com exhortaçoens os animavaõ, merecedoras de forças varonis em coraçoens tamanhos; mas nos feitos deste cerco cõtaremos os seus pelos mais raros, senaõ pelos maiores. Via-se hum monte de corpos mortos aos pés dos baluartes, huns desangrados do ferro, e outros abrasados do fogo. Alguns agonizando entre a ira, e a dor, pediaõ vingança, e tal vez os q̃ hiaõ a satisfazelos, acabavaõ primeiro. Em fim os nossos este
dia

dia fizeraõ cousas maravilhosas, mais faceis de ajuizar pelo successo, do que pela escritura; porque sempre no particularizar accidentes, he a verdade incerta; mórmente nos acontecimẽtos da guerra, onde a ira, ou o temor, e outros affectos, arrebataõ o juizo de maneira, que apenas poderia cada hũ ser Chronista fiel de suas mesmas obras.

Resistencia dos nossos.

69 D. Fernando de Castro mostrou este dia esforço igual a seu sangue, e maior que seus annos. Sebastiaõ de Sá nos deixou de seu valor hũa clara memoria, até que atravessado de hũa setta ervada por hum joelho, cahio quasi mortal; e naõ podẽdo sustentar a peleija, naõ queria deixala. Foi em fim retirado dos companheiros com lastima, e enveja, deixando já nos inimigos seu sangue bem vingado. Todos em fim obraraõ taõ valerosamente, que este só dia bastava para os fazer soldados. Depois de duas horas de peleija, parecia q̃ começavaõ o assalto, obrãdo Rumecaõ, como quẽ queria acabar a guerra em hũ só dia; mandou peleijar as naçoens divididas, ou para que a emulaçaõ as incitasse, ou por conservar melhor a obediencia; e elle, mandando, e

pelei-

peleijando, com a voz, e com o exemplo os obrigava; e naõ se fartando do sangue, que via derramado, louvava os ouzados, afrontava os remissos, mostrando entre o horror das armas, colera com acordo. D. Joaõ Mascarenhas se mostrou naõ só Capitaõ, mas ainda companheiro de todos nos maiores perigos, peleijando, e governando taõ sabiamente, que naõ ficou devendo nada ao valor, menos á disciplina.

70 Vendo Rumecaõ os muitos mortos, que estavaõ em torno dos baluartes, e que os seus acodiaõ já cõ obediencia mais remissa, mandou tocar a recolher, retirando cõ pressa os mortos, e feridos, como para cobrir aos seus o dano, aos nossos a victoria; porém delles mesmos soubemos, que perderaõ quinhẽtos soldados neste assalto, muitos mais os feridos; dos nossos morreo hum só soldado, os feridos foraõ menos de vinte. Nesta desproporçaõ se vé, que naõ se alcançou a victoria só cõ forças humanas, e que Deos defendia a causa como sua, sendo de seu poder nossas armas felices instrumentos, de que ainda nos mostrará a Historia argumentos maiores.

Retirase o inimigo com perda.

Reco-

71 Recolhido o inimigo, chamou o Capitaõ mór os nossos a segundo trabalho; o qual lhes fez mais facil, ou a necessidade, ou a victoria. Era precizo reparar as ruinas da fortaleza; sendo as pedras, e o barro os leitos molles, em que os nossos haviaõ de restaurar as forças ja taõ quebradas; acodiráõ todos, facceis, e alegres ao serviço, a que o Capitaõ mór os obrigava cõ seu proprio exemplo, vencêdo, depois dos inimigos, a mesma natureza. Amanheceo a fortaleza em parte reparada, respirãdo os nossos no trabalho, como em novo descanço; naõ lhes fazendo o pezo das armas differença da noite ao dia. Ficou o inimigo taõ cortado deste assalto, q se naõ atrêveo em muitos dias vir com os nossos a braços; fazendo-o a experiẽcia mais cauto, ou temeroso. Tentava a fortaleza por momẽtos cõ algumas arremetidas leves, para quebrantar os nossos com rebates continuos, e notar a disposiçaõ dos animos no occupar dos postos; naõ cessavaõ porém a bataria, intentando enfraquecernos cõ hũ lento assedio; mas como cada dia engrossava o campo cõ diversos soccorros, e o Soltaõ significava o

empe-

empenho em que estava nesta guerra, resolveo Rumecaõ dar segundo assalto á fortaleza.

72 Considerando porém o dano, que havia recebido, peleijando com taõ superiores forças, entẽdeo que o estrago dos seus devia ter causas maiores, para o q̃ convinha applacar o Profeta. Ordenou logo, que se tirasse hũa bandeira com a figura de Mafoma, e cõ ella désse o exercito diversas voltas em torno da Mesquita, e cõ outras expiaçóes barbaras, e ridiculas, tivessẽ a Mafamede applacado, e propicio, cuja ira retardava aos seus a victoria. Fernaõ Carvalho Capitaõ do baluarte do mar, vio discorrer aquella noite o exercito cõ graõ copia de luzes, ouvindo a tẽpos as vozes, e clamores, q̃ logo paravaõ em subito silẽcio, e tornavaõ a rebétar em hũs gemidos de multidaõ cõfusa, succedendo aos ays, e alaridos, os instrumẽtos de guerra; e nesta supresticiosa vaidade occupáraõ muitas horas da noite. Deu a Fernaõ Carvalho cuidado a novidade, de q̃ naõ póde fazer juizo. Avisou com tudo a D. Joaõ Mascarenhas do que vira; que entendeo seriaõ disposiçoens para o assalto, aju-

Recorre Juzartaõ a superstições.

dadas

dadas de algum barbaro culto, ou supersticioso rito, cõ que entendiaõ conciliar a indignaçaõ de seu falso Profeta.

73 Apercebeose o Capitaõ mór para esperar esta segunda invazaõ do inimigo, achando a todos os soldados espiritos sãos em forças taõ quebradas; os feridos, e enfermos desemparavaõ os leitos, e os remedios; mais promptos a buscar o perigo, que a saude. D. Joaõ Mascarenhas obrava, e dispunha as cousas necessarias á defença cõ valor, e juizo. Amanheceo o inimigo sobre a fortaleza (ainda mal declarada a luz do dia) cõ vozes, e alaridos medonhos, entre bellicos instrumentos q̃ fazia mais temerosos o silencio da noite. Vinha o exercito dividido em tres esquadras; traziaõ diante, entre outras hũa bãdeira, em que estava figurado o seu Profeta, para que os incitasse juntamente a Religiaõ, e a Regalia. Ao mesmo tempo assaltáraõ os baluartes S. Joaõ, e S. Thomé, e a guarita de Antonio Peçanha, com tanta furia, que lhes naõ deixava ver, nem temer o perigo; porém foraõ recebidos dos nossos de maneira, que voltáraõ mais depressa de q̃ haviaõ

Outro assalto.

haviaõ ſubido, caindo muitos mortos, os mais feridos, e outros abraſados do fogo. Ouviaõ-ſe as vozes de Juzarcaõ, e Rumecaõ, que incitavaõ a outras a eſcalar os baluartes. Eſtes ſubiraõ de refreſco, favorecidos da eſcopetaria do exercito, inumeraveis ſettas, e outros tiros miſſivos. Aqui ſe ateou com graõ calor o aſſalto, inſtando os Turcos por reſtaurar a opiniaõ perdida, peleijavaõ eſtimulados da furia, ou da vergonha, porfiando a ſobir por entre o ferro, e fogo, como homens q̃ eſtimavaõ a vida menos q̃ a victoria; aſſim chegáraõ a igualarſe com os noſſos, peleijando corpo a corpo ſobre o baluarte.

74 Luis de Souſa, D. Fernando de Caſtro, com os fidalgos, e ſoldados de ſua cõpanhia deraõ eſte dia novo credito a noſſas armas, obrando de maneira, que Rumecaõ os nomeava aos ſeus humas vezes para exemplo, e outras para injuria. Os Turcos tinhaõ por momentos ſoccorros ſucceſſivos; os noſſos ſẽpre os meſmos, taõ valẽtes ſe moſtravaõ aos ultimos, como aos primeiros. Fervia a guerra em todos os lugares. Dos inimigos eraõ já muitos mortos, ou eſtropeados; porém o furor,

e

e a ira, ou encobriaõ, ou desprezavaõ o dano; porque sobre o corpo daquelle que cahia, estribava outro o pé para arrojar a lança, ou peleijar mais firme, inventado o ardor, e a impaciencia da victoria, novas finezas, ou crueldades novas.

Entraõ os Turcos o baluarte S. Thomé

75 Entraraõ em fim o baluarte S. Thomé; que sustentáraõ por hum espaço largo, caindo huns, e succedendolhes outros. Aqui foi grande a furia do inimigo, e tambem o estrago. Os tres irmãos D. Joaõ, D. Francisco, e D. Pedro de Almeyda, se mostráraõ taõ irmãos no valor, como no sangue, sustentando o pezo de tantos inimigos o tempo que durou o assalto.

76 Os Turcos do terço de Rumecaõ peleijavaõ cõ os nossos corpo a corpo iguaes no sitio, no numero maiores; o perigo acrescentou o esforço. Dos que entraraõ o baluarte, poucos baixaraõ vivos; mas como tinhaõ já esta porta para a victoria aberta, a todo risco queriaõ sustentala. Rumecaõ, como este era o primeiro favor, q̃ lhe deraõ as armas nesta guerra, com louvores, e promessas acendia o orgulho dos Turcos. Entre os nossos se derramou hũa voz,

que

que o baluarte era ganhado,e esta fa-
ma,ou fosse ardil,ou caso, pudera per-
der a fortaleza,porque os que nas ou-
tras estancias peleijavaõ, quasi tinhaõ
desemparado os póstos por soccorrer
o baluarte, que haviaõ por perdido;
principalmente os que guardavaõ as
casas da banda da rocha;acodiraõ com
tanto impetu ao soccorro, que se ali-
viaraõ em parte os companheiros,que
do trabalho, e feridas, tinhaõ já as
forças lassas, e quebradas.

77 D. Joaõ Mascarenhas andou pe-
las estancias certificando a todos, que
estava por nós o baluarte, e do valor
cõ que nelle se peleijava, que Rume-
caõ estava vendo o destroço dos seus,
que banhados em sangue,se precipita-
vaõ do muro, acabando de perecer na
quéda.Durava o assalto,e com as mor-
tes,e feridas, parece que cresciaõ em
huns, e outros inimigos as forças,e a
braveza;o que considerando Juzarcaõ
crendo que os poucos defensores,que
tinha a fortaleza, estariaõ nos baluar-
tes escalados,saindo do cõflicto,se foy
com alguns soldados torneando o mu-
ro,e chegãdo aquella parte da fortale-
za, q chamaõ a Couraça, a qual a na-
tureza

Juzarcaõ envesté a Couraça.

tureza fizera defensavel, sem arte, pela altura, e asperaza do rochedo, em que o mar batia, e vendo que estava deserta, sẽ presidio, ou vigia, entendeo, que a qualidade do sitio nos tinha assegurados; e mandando chamar hum Sangiaco, de cem Turcos, e prevenir escadas, começáraõ a sobir por aquella parte sem que fossem vistos, nem resistidos, porque os soldados que estavaõ alli de guarda, cõ a nova do baluarte S. Thomé ser perdido, desamparãdo o posto, que guardavaõ, com mais valor que disciplina, se foraõ a soccorrello.

78 Subiraõ os Turcos ousadamẽte a rocha, e foraõ demãdar humas casas, que estavaõ encostadas á Igreja de Sã Tiago, e davaõ passo a huma varanda baixa, em que logo arvoraraõ escadas para subirem outros; e Juzarcaõ de fóra os animava, crendo que havia roubado a Rumecaõ a honra, e a victoria. Ganháraõ os Turcos as casas, pelas quaes foraõ descẽdo á fortaleza; e hum mais atrevido, ou diligẽte, entrou em casa de hũa mulher casada, pedindo-lhe dinheiro cõ seguro da vida; a pobre da mulher cortada do temor mostrou q̃ sabia a buscallo, e entrando na casa de outra vezi-

Valor de hũa mulher Portugueza.

vezinha lhe contou desmayada o peri-
go em q̃ estavaõ; e esta, cõ o sobresal-
to da cousa, deu aviso a outra; a qual
com acordo, e forças de varaõ, tomou
huma chuça, e indo a demandar a casa
em que os Turcos estavaõ, vio hum
delles á porta, como vigiando o que
passava fóra, e remetendo a elle, tiran-
do-lhe alguns botes de chuça, o fez re-
colher dentro, ficando-lhe o juizo, taõ
livre no perigo, que teve acordo para
cerrar a porta, e animo para esperar os
Turcos, e impedir-lhe a saida; digna
por certo, que entre os varoens mais
claros ficasse sua memoria.

79 As mulheres q̃ viviaõ para aquel-
la parte assombradas de hũ temor taõ
justo, foraõ em demanda do Capitaõ
mór, gritando: Turcos na fortaleza, o
qual acharaõ com tres soldados corrẽ-
do os baluartes, e ouvindo as vozes das
mulheres, naõ menos acordado, que
animozo, mandou, que se callassem,
levãdo-as comsigo por guia á casa onde
estavaõ os Turcos; e despedindo hum
soldado dos que o acompanhavaõ, lhe
mandou que tirasse alguma gente dos
baluartes, que menos apertasse o inimi-
go, callando o perigo da fortaleza aos

Acode o Capitaõ mór.

que peleijavaõ; e logo despedio outro soldado, para que lhe trouxesse a gẽte que achasse derramada por fóra das estancias. No caminho se lhe ajuntou Andre Bayaõ com outro cõpanheiro; e chegãdo á casa onde estavaõ os Turcos, vio aquella mulher, que os tinha encerrados, defendendolhes a saida cõ esforço mais que varonil, faltandolhe na vida premio, nesta Historia nome.

80 D. Joaõ Mascarenhas, havendo por presagio da victoria, achar em huma mulher valor taõ novo, sabendo della, q̃ estavaõ os Turcos encerrados na caza, mandou a hum Abexim, que acaso alli apparecéra, que lhe trouxesse huma panela de polvora, e porque se despachava lentamente, lhe travou de hum braço, a tempo que do eirado da Igreja, onde já estavaõ alguns Turcos, sahio hum pelouro, que matou o Abexim, servindo ao Capitaõ de escudo. Chegou logo hum soldado com huma panela de polvora, e tomando-lha das mãos D. Joaõ Mascarenhas, lançãdo-a de hum salto em as portas dentro, a quebrou entre os Turcos, onde o fogo abrasou os mais delles, sem lhe tocarem muitos pelouros, que dentro tiraraõ com

E lança fóra os inimigos.

ponta-

ria cheà de soldados o lugar donde pelejava, que era o cirdo, ou abobeda da Igreja. Em fim os nossos a preço de seu sangue cavalgaraõ o muro, depois de porfiada contenda, mostrando a differença do valor na desigualdade do lugar, e do numero. Tres horas largas durou a briga, na qual os poucos que nella se acharaõ, obraraõ de maneira, que merecia só esta facçaõ particular Historia; porém nem ainda os nomes lhes achamos escritos, havendo merecido com seu sangue mais distincta memoria. Foraõ mortos quasi todos os Turcos, huns na queda, outros na resistencia, e sempre seriaõ os melhores os que mereceraõ ser escolhidos para facçaõ taõ grande.

E retiraõ-se.

85 O Capitaõ mór entendendo, que nos baluartes inda durava o assalto, levou os companheiros a descançar em segundo perigo; e visitando as estancias achou os nossos taõ empenhados na resistencia, q parecia, depois de quatro horas, começar o assalto. Ao pé dos baluartes estavaõ tantos mortos, que lhes faltava a terra, cujos corpos facilitavaõ a subida do muro. Rumeçaõ de fóra animava, ou reprendia aos seus,

segun-

segundo o brio, ou fraqueza com q̃ se combatiaõ, incitandoos com premios, ou castigos, mostrando em todas as facções deste cerco valor, e disciplina. D. João Mascarenhas naõ descansava, ordenando, e provendo o necessario em todas as estancias, de sorte, que em nenhum perigo o achavaõ os cõpanheiros menos. Neste dia, que foi do Apostolo Sant-Iago, parece que nos quiz mostrar o Santo, que era a victoria sua naõ menos poderosa contra Mouros agora na Asia, que antes na Hespanha.

Morte de Juzarcaõ

84 Durava a briga de huma, e outra parte cruel, e temerosa, e Juzarcaõ cõ a dor viva de naõ effeituar a escala da fortaleza, que lhe foi taõ custosa, vinha com os soldados de sua obediencia dar calor ao assalto, porém de hum pelouro da fortaleza, que lhe deu pelos peitos, cahio atravessado, e morto. E como era pessoa de tanta conta pelo valor, e posto que occupava, foi logo a nova derramada pelo exercito, e chegando aos ouvidos de Rumecaõ, a recebeo com grande sentimẽto, ou fosse temor, ou piedade; mandou logo tocar a recolher, e retirar o corpo de Juzarcaõ, perda q̃ se naõ pode encubrir aos

seus

seus, que como fosse sobre outras muitas, ajuizavaõ, que já a victoria naõ valia o que tinha custado; e quando bem a alcançassem, quem havia de ficar que lograsse o triumfo? Que bem se mostrava o Profeta estar contra elles indignado, pois sofria ver sua bandeira ignominiosamẽte rota; e a estas cõsideraçoens juntavaõ outras, accusando a fortuna do General, e as causas da guerra, avaliãdo como culpas as desgraças presentes. Rumecaõ curava estas desconfianças com varios artificios, cubrindo a perda dos seus, e encarecendo a nossa; pondolhes diante dos olhos as merces do Soltaõ, e a fama, como parte melhor do premio que esperavaõ. Em este assalto perdemos sette soldados, e feridos trinta; dos Mouros passou de mil o numero dos mortos, e foraõ perto de dous mil os feridos.

E de muitos Turcos.

85 Dom Joaõ Mascarenhas, depois de ordenar o enterro dos mortos, e cura dos feridos, em que naõ faltou com o cuidado, e menos cõ a fazenda, que despendeo sem conta, avisou por hum Catúr ao Governador do estado das cousas, significando-lhe a falta que tinha de gente, munições, e mantimẽtos.

O Capitaõ mór avisa o Governador.

Nesta

Nesta fusta, ou Catur se embarcou Sebastião de Sá a rogo do Capitaõ mór, e amigos, dizendo elle, que só no baluarte onde fora ferido, podia ter saude; a qual lhe desejavaõ poupar todos, porque naquelle cerco mereceraõ suas obras fama, e vida muito mais dilatada. Chegou a Baçaim com a fusta quasi soçobrada, acodindo ao receber, e hospedar D. Jeronimo de Menezes Capitaõ da fortaleza, enviando logo ao Governador as cartas com os avisos de D. João Mascarenhas.

Cuidados do Governador sobre soccorrer Dio.

86 Andava neste tempo D. João de Castro mui cuidadoso dos successos de Dio, porque os temporaes do inverno lhe impediaõ ter novas, e despachar soccorros; porem se perdoar a despesa, ou perigo, quasi por debaixo dos mares, lhe acodio com muniçoens, e gente, nos maiores apertos, como logo mostrará a Historia. Tinha abalado todo o poder da India cõ animo de ir em pessoa descercar Dio, e parece que os successos lhe respondiaõ ao intento, porque os Reys da India lhe faziaõ mil honradas offertas, e os fidalgos, e soldados, sem soldo, ou merce, se lhe offereciaõ.

87 Neste

87 Neste tempo, que era já na entrada do mez de Julho, chegou á barra de Goa a não Espirito Santo, Capitão Diogo Rebello, a qual era da conserva do Governador, e por roim navegação havia invernado em Melinde; e ainda que chegou cõ alguma gente enferma, os ares da terra, o cuidado do Governador, e o alvoroço da jornada de Dio, lhes fez em breve reparar a saude. Alegrouse D. João de Castro com tão opportuno soccorro para engrossar a armada; porém tardavão novas da fortaleza, que o povo interpretava com indicio de algũ mao successo; quãdo chegárão as cartas enviadas pelo Vigairo, das quaes o Governador entendeo o aperto do sitio, as forças do inimigo, a falta em que os nossos estavão de gẽte, e bastimentos; e como o tempo pedia mais conclusão, que conselho, assentou comsigo enviar a seu filho D. Alvaro de Castro com hum troço da armada contra o parecer dos mareantes, que havião por temerario este acometimento no principio do inverno. Porém D. João de Castro se deixarse vẽcer do amor do filho, nem dos medos do tempo, resolveo enviar o soccorro;

Chegão-lhe avisos do Vigairo.

Manda seu filho D. Alvaro com soccorro.

o soccorro; o que entendido pelos soldados, e fidalgos, se lhe vieraõ offerecer, ainda aquelles que pelos annos, e authoridade já estavaõ escusos. Entre estes foi Dom Francisco de Menezes, que depois de occupar grandes postos, se offereceo ao soccorro com praça de soldado; o Governador o levou nos braços, pedindo-lhe se guardasse para passar na armada em sua companhia; mas vendo q̃ estava resoluto a ir neste soccorro, lhe deu sete navios, para que com elles tentasse o golfaõ, cõ muitos soldados de brio, e algũs parẽtes seus, amigos de ganhar hõra, q̃ acõpanhàraõ.

E primeiro a D. Frãcisco de Menezes cõ sete navios.

88 Dahi a tres dias partio D. Alvaro, reconciliado já com o pay da queixa de enviar seu irmaõ D. Fernando primeiro, como se lhe tocassem por herança os primeiros perigos. Neste soccorro se embarcou graõ parte da nobreza, a quẽ o gosto da empreza, e o da cõpanhia do General, fazia desprezar os Turcos, e as tormentas. O Governador lhe lançou a bençaõ, e o embarcou com grande saudade do povo, entregando os filhos pela Patria, de quẽ se mostrou mais amoroso pay, que de seu mesmo sangue. Depois de o Governador

Parte Dom Alvaro cõm dezanove.

nador dar ao filho algumas instruçoens secretas, lhe ordenou, que estivesse á obediencia de D. Joaõ Mascarenhas, sem embargo de o eximir o posto, e assi lho escreveo; porque foi sempre D. Joaõ de Castro justo estimador de virtudes alheas. Eraõ dezanove os navios da armada, cujos Capitães foraõ D. Jorge de Menezes, D. Duarte de Menezes filhos do Conde da Feira, Luiz de Mello de Mendoça, e Jorge de Mendoça seu irmaõ, D. Antonio de Attayde, Garcia Rodrigues de Tavora, Lopo de Sousa, Nuno Pereira de Lacerda, Athanasio Freire, Pero de Attayde, Inferno, D. Joaõ de Attayde, Balthasar da Sylva, D. Duarte Déça, Antonio de Sá, Belchior Moniz, Lopo Vaz Coutinho, Francisco Tavarez, e Francisco Guilherme.

Capitães q̃ cõ elle hiaõ.

89 Logo que o Governador despachou esta armada, ficou aprestando a em que determinava passar, buscando bastimentos, e dinheiro, pedido sobre sua verdade, que era só o thesouro, q̃ conservou na India, com que se fez senhor dos coraçoens, e fazendas de todos; o que certificaremos com os exẽplos, como argumentos vivos.

Aprestos do Governador.

90 As

As mulheres de Chaúl offerecẽ suas joyas.

90 As dónas, e donzellas de Chául movidas de hum mesmo espirito, juntaraõ todas as joyas cõ que se adornavaõ, de ouro, e pedraria, e com liberalidade maior que de mulheres, as enviavaõ ao Governador, sẽ preceder obrigaçaõ, ou rogo, significando-lhe, que de seus proprios filhos, e maridos tinhaõ menos saudade, que enveja, pois o acompanhavaõ; naõ lemos nos Annaes dos Cesares acçaõ mais generosa das matronas de Roma.

91 Acaso se achava em Goa huma dóna de Chául, chamada Catherina de Sousa, quando chegou o prezente, e juntando em hum boceta todas as joyas que tinha, as enviou ao Governador com esta carta:

Offerta, e carta de hũa dóna.

„Senhor, eu sube como as mulheres de Chául tinhaõ offerecido a Vossa Senhoria as suas joyas para a guerra. Ainda que eu me achasse em Goa, naõ quiz perder a parte da honra que me dalli cabe. Por Catherina minha filha mando as minhas joyas a Vossa Senhoria. Naõ julgue, em quaõ poucas saõ, as que pódem haver em Chául, porque certifico, que eu sou a que menos tenho, porque as tenho repartidas por mi-

geitada de alguns, só por difficultoza, a aceitou promptamente. Do successo, e perigos que teve, diremos a seu tempo.

93 Com a vigilancia do Governador haviaõ entrado na fortaleza alguns soccorros, com que o perigo, e trabalho carregavaõ sobre forças maiores, bem que naõ tinhaõ proporçaõ com as do inimigo, porque o ultimo soccorro, q chegou ao exercito, era de treze mil infantes, conduzidos por outro Juzarcaõ, naõ menor no valor, nem melhor na fortuna, q o primeiro. Este trouxe apertadas ordẽs do Soltaõ para estreitar o cerco, escrevendo a Rumecaõ, que naõ era possivel, que viessem quatro miseraveis do fim do mundo fazer aos Principes de Cambaya injurias em sua mesma casa; que morressem todos na empreza, porque antes queria hum Imperio deserto, que sogeito; que pois nas ruinas da fortaleza estavaõ já os Portuguezes meios enterrados, quãdo os naõ pudessem render como a homẽs, os matassẽ como a leoens em suas mesmas covas. Rumecaõ naõ respondeo com mais, que apontar para as muralhas, e baluartes, todos postos por terra,

Vem outro Juzar-caõ a conti-nuar o cerco.

rar já para gloria, já para desculpa; fu-
rioso de lhe parecer que o Soltaõ esta-
va mal satisfeito do q̃ tinha obrado, &
mais irritado da desconfiança, que do
premio, prometeo satisfazerlhe com
a morte ou com a victoria: e como a
crueldade o fazia mais obedecido que
o cargo, mandou levantar hum bastiaõ
defronte do baluarte San Tiago, que se
obrou com incrivel presteza; o qual
guarnecido de artelharia e gente, que
ficando a cavalleiro dos nossos, naõ
podiaõ assomar-se, que os naõ pescas-
sem as ballas do inimigo.

Levanta o inimigo hũ bastiaõ.

94 Deu este negocio ao Capitaõ mór
naõ pequeno cuidado, porque se Ru-
meçaõ dera por aquella parte o assal-
to, como era seu desenho, naõ podiaõ
resistirlhe os nossos defensores sem q̃
ficassem descubertos ás ballas do ini-
migo: e resoluto a derribar esta maqui-
na, encomendou a facçaõ aos dous ir-
mãos D. Pedro e D. Ioaõ de Almeyda,
os quaes saindo com cem soldados no
quarto da modorra, achàraõ os Mou-
ros, huns dormindo, e outros descui-
dados na confiança do lugar e da hora,
e dando subitamente nelles, fizeraõ em
pequeno espaço estrago grande; porq̃
desacor-

Os nossos o desfazem.

desfaçendados se metiaõ nas lanças, e espadas dos nossos, sem conhecer a morte, ou o inimigo. Os que puderaõ escapar fogindo despertaraõ o arrayal com gemidos, e vozes, sem saber affirmar cousa certa. Com a mesma confusaõ chegou a Rumecaõ a nova, e como os perigos da noite se fazem parecer mayores, entendeo elle, que o atrevimento dos nossos estribava em forças grandes trazidas em algum soccorro, que havia chegado a furto das suas sentinellas. Chamou os Cabos a conselho, em quanto se punha o exercito em armas, e resoluto em soccorrer o bastiaõ com o poder todo, entre ordens, e apprestos gastou o tempo de obrar, e quando já chegou, achou a fabrica desfeita, degolado o presidio, os nossos recolhidos; facçaõ naõ menos ditosa, que importante; morreraõ 300 inimigos, nenhum dos nossos.

95 Rumecaõ mandou logo levantar humas grossas paredes defronte do baluarte S. Joaõ, asseguradas cõ húa tropa de Mouros, que por quartos faziaõ sentinella, e sobre o terrapleno hia plãtando algũa artelharia, para daquelle sitio, em mais proporcionada distãcia,

bater o baluarte. Porêm D. João Mascarenhas, como andava vigilante em impedir os desenhos do inimigo, em huma noite tormentosa, e escura, lançou quatorze soldados por huma bombardeira, que dado de subito nos Mouros, os lançàraõ do posto, em quanto os servidores com picoens, e outros instrumentos desfizeraõ a obra, do que sendo Rumecaõ avisado, resolveo assaltar a fortaleza com força descuberta, ordenando hum assalto geral para o seguinte dia, no qual fez hũa pratica aos soldados, incitando-os com as injurias que tinhaõ recebido de taõ poucos inimigos, quasi desbaratados dos trabalhos, da fome, e das feridas; que mais honrados estavaõ os que alli acabaraõ, que os q̃ ficaraõ vivos, sendo no Mundo testimunhas infames de hũa afrontosa guerra; que em seus braços estava salvar a honra de seu Rey, vingar seus companheiros, e deixar de si no Oriente huma clara memoria; que das mercês do Soltaõ estivessem seguros, porque havia de premiar, e contar hũa a huma as feridas de todos; que se algũ se atrevia a governar o bastaõ de General, promettia como soldado ser o primeiro que subisse no muro. Assi

Valor de quatorze soldados.

96 Assi os despedio igualmente irritados da gloria, e da injuria. Logo ao outro dia ao romper da alva se aballou o exercito ao som de muitos instrumẽtos bellicos cõ as bandeiras desenroladas, que se viaõ tremolar dos nossos, e chegãdo aos muros, começaraõ em torno da fortaleza a arvorar escadas, favorecidas do corpo do exercito, cõ innumeraveis, e differẽtes tiros de settas pelouros, e outras armas, ajudando o horror deste conflicto, confusas, e duplicadas vozes, que incitando furiosamẽte os animos, e turbando os juizos, impediaõ mandar, e obedecer. Subiraõ os Mouros ouzadamẽte os muros, e os Turcos por outra parte, como envejando cada hũ o perigo alheo, trabalhavaõ todos por ser primeiros no risco, e nas feridas. Os nossos, ainda que poucos, sendo cada hũ Capitaõ, e despertador de si mesmo, obravaõ de maneira, como se estivesse por conta de cada hum a honra de todos. Os primeiros que subiraõ, com o sangue, e as vidas pagaraõ a ouzadia; mas logo cõ o mesmo ardor lhes succediaõ outros, incitados huns do valor, outros do General, que debaixo louvava, ou repren-

Assalto geral.

 di-

dia aos que subiaõ, segundo o animo, ou fraqueza, que nelles descobria.

97 Lançavaõ os Mouros nos baluartes granadas, panelas, e alcanzias de fogo em tanta quantidade, que os nossos peleijavaõ entre as chamas, que prendẽdo nos vestidos os abrasavaõ vivos. Occorreo o Capitaõ mór neste perigo com algũas tinas de agoa, que em parte extinguiaõ, ou refrigeravaõ o ardor do fogo; porém como o inimigo entẽdia o dano, continuou o ardil em todos os assaltos, a que os nossos inventáraõ hũ remedio mais facil, que efficaz, vestindo-se muitos de couro, em que o fogo naõ podia prender taõ levemẽte; e Dom Joaõ Mascarenhas da colgadura de guadamecins, que tinha, fez reparar á muitos, ficando-lhe as paredes nùas, e os soldados vestidos.

Reparo dos nossos contra o fogo.

98 Fervia a guerra, e apenas se divisava a fortaleza, escõdida entre nuvés de fumo, e só a descobria com breve luz, o continuo furzilar dos tiros; fazia horror o que se via, e o que se ouvia. Estavaõ ao pé do muro innumeraveis corpos, huns mortos, outros agonizando, e tudo o que se represẽtava á vista e ao juizo, era hum feo espectaculo de

mortes,

mortes, horrores, e feridas. Em todos os baluartes se peleijava em ambas as partes cõ grande valor, ainda que desigual pela desproporçaõ do numero entre cercadores, e cercados. Mas o baluarte de Luis de Sousa, onde estava D. Fernando de Castro, quasi esteve perdido, porque o tomou o assalto cõ mayores ruinas, e foi acomettido pela gẽte mais escolhida do campo. Porém fizeraõ os defensores illustres provas de valor peleijando entre chamas de fogo cõ taõ nova constancia, que nenhũ desamparou o lugar, mostrandose sobre valentes, insensiveis. Aqui se singularizou D. Fernando de Castro com esforço de mayores annos; parece que o valor naõ esperou a idade. Obraraõ este dia os Portuguezes cousas dignas de melhor penna, e mais larga escritura. E os mesmos Turcos foraõ testimunhas fieis de suas proezas, dizendo, que só os Frangues mereciaõ trazer barbas no rosto.

199 Em quanto durou o assalto, deu o baluarte do mar muitas cargas ao inimigo, q̃ como peleijava em tropas descuberto, recebeo grande dano. O que advertido por Rumecaõ, vendo suas ban-

Recolhese o inimigo.

bandeiras rotas, perdidos os melhores soldados, e que os Portuguezes haviaõ defendido as ruinas da sua fortaleza; sem perder huma pedra, mandou tocar a recolher, sentido o dano menos que a injuria. Foi este dia a nossas armas muitas vezes felice, porque morrendo dos inimigos trezentos, e levãdo dous mil feridos, naõ faltou nenhum dos nossos, ainda que alguns ficaraõ bem sangrados. Proveo logo o Capitaõ mór na cura dos feridos, sendo a benevolẽcia com que lhes assistia, o primeiro remedio; acodindo aos enfermos com as despezas, e tambem com a dor, e sentimento, parecendo pay na paz, na guerra companheiro. Logo ao perigo succedeo o trabalho, reparando todos de noite o que as batarias derribavaõ de dia; porém acodiaõ todos taõ alegres ao serviço, que parecia vinhaõ a descançar, acarretando as pedras, a terra, e a faxina.

Com morte de trezẽtos.

100 Vẽdo Rumecaõ o risco, e difficuldade q̃ tinha tomar a fortaleza por escala, mãdou correr cõ o entulho da cava do baluarte S. Joaõ até o de Sanctiago, obra q̃ encomendou aos Janizaros, os quaes por opiniaõ, ou por valor so-

Traça Rumecaõ entulhar a cava,

soberbos,

berbos,buſcavaõ com ambiçaõ os maiores perigos deſte cerco. Eraõ já mortos quatrocentos, deixando entre os ſeus fama,e ſentimento; os que reſtavaõ aſſiſtiaõ a eſta obra,que para elles foi de nenhum fruito, e de grande perigo;porque a noſſa artelharia os peſçava,e a muitos ſervidores,cujos corpos lançavaõ no entulho com diſciplina barbara,e cruel. Creſçia a obra, como era de faxina,e terra, quaſia amaſſada com ſangue dos miſeraveis, que nella trabalhavaõ, chegaraõ a encavalgar algumas peças, com que faziaõ dano aos baluartes,principalmente ao de S. Thomé,onde nos chegaraõ hum Camelo, e moſtrava já a bataria diſpoſiçaõ para couſas maiores.

Torna o Vigario a Dio.

101 Neſte tempo chegou á fortaleza o Vigario Joaõ Coelho com nove ſoldados em hũa embarcaçaõ pequena; e ainda que achou os mares groſſos,e os ventos ponteiros,o trabalho,e a neceſſidade fez vencer o perigo. Referio, q̃ o Governador ſe apreſtava com vivas diligencias para acodir ao cerco, e os groſſos ſoccorros, q̃ já tinha enviado. Que em Baçaim ficavaõ quinhẽtos homens, que cõ o primeiro tempo eſperavaõ

ravaõ atravessar o golfaõ, e que muitos impacientes na tardança tinhaõ tẽtado os mares. Pela fortaleza se derramou logo esta nova, que foi festejada dos soldados cõ folias, e musicas, e pondo todos os olhos no mar; as nuvens lhes pareciaõ navios: taõ credulos saõ os homẽs em qualquer esperança. Foraõ os Mouros sabedores das novas do soccorro, e antes que os nossos se engrossasse cõ as forças que esperavaõ, dispuseraõ hum assalto geral, resolutos a entrar a fortaleza, ou dar ao mundo, e ao Soltaõ descul pa com as mortes, com o sangue, e com as ruinas

Novo assalto

102 Começou a bataria aquelle dia com vinte e tres Canhoens, e alguns Basiliscos, e a continuaraõ até o por do Sol, e no seguinte dia até as tres da tarde. Arruinaraõ a mòr parte dos muros, sem que os nossos se podessem cobrir com alguns reparos, ou travezes, pelas continuas cargas, que dava a espingardaria do inimigo. Chegaraõ logo os Turcos a cavalgar o baluarte S. Thomè pelas ruinas da bataria; porém o Capitaõ Luis de Sousa, D. Fernando de Castro, e Dom Francisco de Almeyda com outros valerosos soldados, que o guarne-

guarnecião, os recebèraõ nas lanças cõ tal furia, que os fizeraõ voltar, huns mortos, outros estropeados. Succederaõ logo outros de novo, que cortados do nosso ferro, fizeraõ aos primeiros companhia. Nos outros baluartes se pelejava com a mesma fortuna, sendo o dano igual nos Mouros, e o valor nos nossos. Estava taõ rasa a bataria, que os Mouros pelejavaõ cõ os nossos iguaes no sitio, como em campo partido; servindo-lhes as ruinas de escada, mas cõ grande vantagem do numero, e instrumentos de fogo. Porem os nossos merecèraõ este dia hũa immortal memoria, sustentando muitas horas o peso de taõ desigual batalha; porque dos inimigos aos cançados, ou feridos, lhes succediaõ outros; os Portuguezes sempre os mesmos, naõ mostravaõ no valor, ou no tempo differença.

Resistencia dos nossos.

103 D. Joaõ Mascarenhas andava por todas as estancias mandando, e pelejando, humas vezes Capitaõ, e outras companheiro de todos; e vendo que o baluarte S. Thomé tinha o mayor perigo por ser mais carregado do Inimigo, mandou trazer muitas panelas de polvora por aquellas heroicas matronas, que despre-

desprezando o risco, e o trabalho, acodiaõ opportunas a servir entre as lanças, e os pelouros, com nunca visto exemplo, e algumas exhortaçoens aos soldados com juizo, e valor grande; outras com regalos, e mimos os esforçavaõ, parecendo que buscavaõ, ou mereciaõ fama igual com elles. Tinhamos o vento contrario, e levantando nuvens do pó da terra movediça, que os Mouros pisavaõ, quasi cegava os nossos, que estiveraõ a risco de pederse só por este accidente; porém elles peleijando com os olhos cerrados, acomettiaõ os Mouros, mais attentos a offender, que a repararse. Os inimigos peleijavaõ desesperadamente, acordandolhes Rumecaõ por momentos a honra de seu Rey, e a sua.

Juzarcaõ investe o baluarte S. Joaõ.

104 Juzarcaõ cõ os soldados de sua obediẽcia acometteo o baluarte S. Joaõ cõ tanto valor, que estiveraõ os nossos em grande perigo; porque depois de derribar os primeiros que haviaõ subido, tornaraõ outros a cavalgar as paredes com tanta furia, que sustentáraõ a peleija igual por muitas oras, até que desangrados do nosso ferro, huns mortos, outros desalentados, perderaõ o

Ju-

lugar, e as vidas. Aqui foi maior o esforço, e tambem o perigo; porque estando os nossos com as forças já lassas, e quebradas, sobrevieraõ outros Mouros de novo, porém elles, como se tiveraõ poupadas as forças, e o espirito para o maior trabalho, assim rechaçaraõ os ultimos, como os primeiros.

105 Na guarita de Antonio Peçanha se peleijou com naõ menor valor, nem desigual fortuna; e sem particularizar accidentes, podemos ajuizar pelo successo, os casos deste dia; porque deixou o inimigo mil e seiscentos mortos, fora inumeravel copia de feridos; cousa incrivel de pouco mais de duzentos soldados, q seriaõ os nossos; assi o achamos escrito nas Relações, e Historias deste cerco, que sendo nossas, costumaõ escrever louvores proprios com penna mui escaça. Nós ficamos com tres soldados mortos, e com trinta feridos.

Perda grãde dos inimigos.

106 Da bataria, que precedeo a este assalto, ficou a fortaleza quasi em roda arruinada, e aberta, faltandonos para reparála tempo, materiaes, e gẽte; porém furtavaõ os nossos as horas ao descanço, trabalhando de noite, e derribando

polvora, de q̃ se serve a milicia da India em mar, e terra; e neste cerco foraõ de naõ pequeno effeito. Esta falta se reparou, juntando duas telhas cõ os vazios para dentro, e breadas por fóra, de que pendiaõ murroens com as pontas accesas, e arrojãdoas entre os inimigos, abrasavaõ a muitos, e cõ este facil engenho, ajudáraõ os nossos a victoria.

Como se remedeou a falta de pelouros de polvora.

109 Desejava o Capitaõ mór tomar lingua para saber os passos do inimigo, q̃ sagaz, e ardiloso nos encubria seus desenhos com estranho recato; além de q̃ do forte do mar havia tido aviso, que as mais das noites chegavaõ algũs Mouros até a ponte da fortaleza, onde paravaõ, como gente q̃ vinha a medir, ou reconhecer o sitio para algũ effeito o silencio, a ora, e a continuaçaõ, mostravaõ naõ ser a diligencia a caso; pelo que D. Joaõ Mascarenhas encomẽdou a Martim Botelho, soldado de cõfiança, que com dez companheiros se fosse huma noite lançar na ponte, e que por força, ou manha trabalhasse por lhe trazer hũ destes Mouros. Foi lançado Martim Botelho com os mais companheiros pelas bõbardeiras da Couraça no quarto da modorra, levando só espadas,

padas, e rodelas; e chegando ao lugar determinado, se baqueárão em terra para não ser vistos dos Mouros; e a pouco espaço applicado o ouvido sentirão gente, q̃ vinha a demãdar a põte, e levantados acometterão subitamẽte os Mouros, que erão desoito, que como se virão de improviso assaltados, voltarão as costas aos primeiros golpes, ficãdo só hum Nobino campo, que se defendia com huma lança mui valerosamente; porèm Martim Botelho, vendo que era mais importante prẽdelo, que matalo, lhe desviou hum bote de lança com a espada, e arcando com elle, o troxe apertado nos braços atè a fortaleza, onde foi recebido com a honra, que merecia o feito.

Tomaõ os nossos huma lingua.

110 Deste prisioneiro soube o Capitaõ mór os intẽtos do inimigo, servindose do aviso para se vigiar de alguns ardis, q̃ maquinavaõ os Turcos. Mais lhe disse, que faltavaõ no exercito cinco mil homens mortos ao nosso ferro, sem outros Cabos de nome; e que os soldados de melhor voto desconfiavaõ da empresa, entendendo seriamos soccorridos com a primeira vaga, que o mar fizesse; porèm que Rumecaõ com as

Que novas deu do inimigo.

as pêrdas recebidas estava mais obstinado em proseguir o cerco, como homẽ empenhado na honra, e na palavra q̃ havia dado aoSoltaõ. E assi acõselhado de hum engenheiro Turco de Dalmacia, ordenou q̃ se minasse o baluarte S. Thomè, onde estava D. Fernando com Diogo de Reynozo, e outros Capitães, e Cavalleiros, o que se fez com estranho silencio, sem que os nossos podessem rastrear o intento, quiçá por lhes parecer, que os instrumentos de fogo naõ eraõ taõ praticados na Asia como na nossa Europa; mas como os principaes Cabos do exercito eraõ Turcos, parece que assim trouxeraõ o valor, como a disciplina.

Minase o baluarte S. Thomé.

111 Em quãto se trabalhava na mina, mandava Rumecaõ picar o muro por differentes partes, para que os nossos attentos ao perigo publico, naõ dessem no secreto; e por nos divertir a attençaõ com outra industria; mandou fabricar alguns cavallos de madeira, e postos naquella parte, que olhava o baluarte S. Thomé, dava hũs longes de o tomar por escala, e determinãdo dar o assalto ao dez de Agosto, aos nove mãdou recolher a artelharia,

que

que tinha nas estancias; e porque desta novidade lhe podiamos rastrear o intento, tratou de nos assegurar com outro novo engenho. Mādou na mesma noite hum Abexim á fortaleza industriado de hũ sotil engano, o qual chegado ao muro, fingindo hum temeroso recato, bradou pela vigia, dizendo, que o recolhessem dentro, porque queria tratar cō o Capitaõ cousas de grande pezo. Recolhido e escutado por D. Joaõ Mascarenhas, começou a arengar discretamente, execrando a perdiçaõ do estado em que se achava; pois nacido de pays Christãos, perjurara a fé paterna em q̃ fora criado, como fruito abortivo de Catholicas plantas, que agora já cō os olhos abertos vinha bater as portas da Igreja, para q̃ os Sacerdotes Latinos encaminhassem ao curral de Christo taõ perdida ovelha; q̃ esta era a miseravel relaçaõ de taõ descōcertada vida; que nos particulares de Cambaya lhe affirmava, que o Soltaõ tivera aviso, como o Mogor cō poderoso exercito entraya pelos confins do Reyno, pōdolhe tudo a ferro; e que Juzarcaõ, que pouco antes viera ao exercito cō treze mil infantes, trazia ordē para se unir

Trata Rumecaõ divertirnos.

unir com Rumecaõ, e juntos fazerem opposição ao inimigo; que cõ esta resolução mãdara recolher a artelharia; porem que estivesse avisado para esperar hũ assalto geral ao seguinte dia, porque queriaõ os Turcos que aquella guerra acabasse com algum estampido. D. Joaõ Mascarenhas lhe louvou, e confirmou a resolução Catholica, que havia tomado, e no mais lhe agradeceo o aviso, tornando-o a lançar pelo muro, para que o fizesse sabedor de qualquer novidade que houvesse no cãpo.

112 Derramou-se pela fortaleza a nova de levantar-se o cerco com a certeza do futuro assalto, e os soldados alegres vestiraõ aquelle dia galas, huns festejando a vinda do inimigo, outros o fim da guerra. O Capitaõ mór achou a gente mui disposta a esperar o assalto, que como na opiniaõ de todos era o ultimo de taõ prolixo cerco, cada hum queria deixar de suas obras a memoria mais fresca.

113 D. Fernando de Castro estava de cama, curando-se de febres, e sabendo do assalto que se esperava, se levantou, fazendo força o brio á natureza; o que D. Joaõ Mascarenhas tratou de lhe impe-

D. Fernando doente acode do baluarte.

O

impedir, humas vezes como Capitaõ, e outras como amigo; mas como nesta parte a desobediencia parecia virtude, quiz antes errar contra a saude, que contra a opiniaõ, vestindo armas, e acodindo ao baluarte.

114 Amanheceo o dia do gloriozo S. Lourenço, dedicado cõ sua felice batalha a martyrios de fogo. Acodiraõ a suas estancias fidalgos, e soldados, com tanto alvoroço, como se já tiveraõ posse do premio, e da victoria. Logo viraõ de longe aballarse o exercito inimigo com ordenada marcha, derramando-se em torno da fortaleza. Laborava a nossa artelharia com naõ pequeno effeito, porque o inimigo, como soldado, sofreo a carga sem descompor a ordem com que vinha marchando, até ganhar o posto, e arvorar escadas para dar o assalto. Chegaraõ a acometer os baluartes com resoluçaõ grande, querendo cevar os nossos na peleija, para que a confusaõ do conflicto servisse de cuberta ao engano do fogo, que tinhaõ maquinado. Faziaõ os nossos grãdes gentilezas nas armas, como quem se apressava a descançar na victoria promettida no termo deste dia.

Finge o inimigo novo assalto.

115 No

115 No baluarte S. Joaõ se resistia á violencia do ferro, sem temer a do fogo. Peleijavaõ os inimigos tibiamẽte, até que lhes chegou o final de se dar fogo á mina, retirando-se a hũ mesmo tempo todos; porém o temor igual, e subito nos descubrio o engano. Bradou logo o Capitaõ mór dizendo, que deixassem o baluarte, para que sem dano rebentasse a mina, já conhecida na improvisa retirada do inimigo. Obedeceraõ todas ás vozes do Capitaõ mór, deixãdo o posto; porém Diogo de Reynoso, com desordenado valor, sustentou o lugar, tratando de covardes aos q̃ o desamparavaõ. A estas vozes tornaraõ todos a ocupar o posto, naõ querẽdo seguir a razaõ, senaõ o exemplo. Rebẽtou logo a mina cõ espantoso estrondo, e aquelles valerosos defẽsores, sustentaraõ mortos o lugar, que defenderaõ vivos. Aqui acabou D. Fernando de Castro em idade de dezanove annos, levantado de hũa doença, que a natureza pudera fazer leve, e o valor fez mortal. Morreo D. Francisco de Almeyda, cõtinuando-se nelle o valor, e as desgraças dos de seu apellido. Aqui ficáraõ tambem sepultados Gil Coutinho,

Da fogo á mina.

Pessoas que pereceraõ nella.

nho, Ruy de Sousa, e Diogo de Reynoso, que pagou com huma vida tãtas mortes, de que havia sido generoso, mas fatal instrumento. D. Diogo de Sottomaior, voando com huma lança nas mãos, cahio em pé na fortaleza, sẽ receber lisaõ do fogo, nem da quéda. Alguns cáiraõ no arraial dos inimigos; quasi sessenta homens pereceraõ nesta desaventura, e treze que escaparaõ cõ a vida, ou ficaraõ feridos, ou disformes do fogo. Escrevem outros com dilatada penna os casos deste incendio. Nós por naõ lastimar a attençaõ de quẽ ler esta Historia, quizéramos nos successos de taõ illustre cerco deixar antes em silẽcio este infelice dia. Admiraraõ-se os nossos de ver, q̃ foi taõ grande o effeito da polvora opprimida, que ás pedras da fortaleza, arrebatadas do violento impulso, mataraõ muitos no campo do inimigo, obrando o fogo mais á vontade da natureza, que ao regulado limite do inventor da mina.

116 Passado algum espaço, logo que o fumo desassombrou a fortaleza, mãdou Rumecaõ entrar quinhẽtos Turcos pelas ruinas do baluarte abrasado, seguindo-os de tropel o restante do

campo

campo, porém acharaõ cinco valerosos soldados, que lhes fizeraõ rosto, sustentando largo espaço o pezo de taõ nova batalha. Verdade taõ estranha, q̃ necessita de tanto valôr para se escrever, como para se obrar; porém calificada entaõ na cõfissaõ dos proprios inimigos, e agora nas cãas de tãtos annos. Acodio logo aquella parte Dom Joaõ Mascarenhas com quinze companheiros, e vio dous espectaculos; hum que merecia lastima, outro espanto; e soccorendo aos cinco soldados fizeraõ todos taõ dura resistẽcia ao inimigo, que bastaraõ a retardar a furia de hũ exercito já quasi victorioso; caso que referido só com a verdade núa, excede tudo o que escreveraõ, ou fabuláraõ os Gregos, e Romanos.

Valor notavel de cinco soldados nossos.

117 Correo voz pela fortaleza, que os Turcos estavaõ já senhores do baluarte abrasado, com o que alguns soldados, que nas outras estãcias peleijavaõ, corréraõ aquella parte como de mór perigo, e quiçá que este falso rumor salvasse a fortaleza, porque formáraõ hum grosso, que bastou a fazer rosto a treze mil infantes, que tantos contaõ nossas Historias, que cometteraõ o baluarte

luarte da mina. As mulheres, como ensinadas a desprezar as vidas, acodiraõ a ministrar lanças, pelouros, e panelas de polvora; e aquella valerosa Isabel Fernandes com huma chuça nas mãos, ajudava aos soldados cõ as obras, muito mais com o exemplo, e com as palavras, dizẽdo em altas vozes. Peleijai por vosso Deos, peleijai por vosso Rey, Cavalleiros de Christo, porque elle está com vosco. Os inimigos, como o successo da mina lhes havia aberto para a victoria huma taõ larga porta, determinaraõ este dia concluir a empresa, incitados do General, e da occasiaõ, peleijando já como favorecidos; os que combatiaõ no baluarte, pela ambiçaõ de ser primeiros em facçaõ taõ illustre, soportavaõ com mais ardor, que os outros; e como eraõ Janizaros, e Turcos queriaõ só para si a gloria deste dia. Rumecaõ mandou nas outras estancias reforçar o assalto, para com a diversaõ, em poder taõ pequeno, facilitar a entrada.

Esforço de Isabel Fernandes, e mais mulheres.

1 ... Esteve por muitas vezes perdida a fortaleza. Os inimigos muitos, e descançados; os nossos, sobre taõ poucos, vencidos do trabalho de resistẽcia

taõ

taõ desproporcionada. Aqui acodio o Vigairo Joaõ Coelho cõ hum Christo arvorado, dizendo, que aquelle Deos, cuja causa defendiaõ, era o Autor das victorias; com cuja vista alentados aquelles fieis, e fortes companheiros, parecia que obravaõ com forças mais q̃ humanas; porque nenhum mostrava das feridas fraqueza, ou sentimento, durando na batalha com o mesmo ardor, e espirito com que a começaraõ.

119 Já declinava o dia, e os Turcos com os nossos mortalmente abrasados, por hũas mesmas feridas vertiaõ sãgue proprio, e alheo; e como hũ exercito inteiro carregava sobre taõ poucos defẽsores, chegaraõ os nossos soldados a receber muitas lançadas em hũa só ferida. Parecerá exageraçaõ o que como verdade referimos. Os grandes feitos, que os Portuguezes obraraõ neste dia, o Oriente os diga; eu cuido, que da illustre Dio, lhes será cada pedra hum epitafio mudo. Porém dos cinco Cavalleiros, que havemos referido, naõ deixaremos com ingrata penna os nomes em silencio. Estes foraõ Sebastiaõ de Sá, Antonio Peçanha, Bento Barboza, Bertholameu Correa, Mestre Joaõ Cirurgiaõ

Nomes dos cinco soldados.

rurgiaõ de nome. Cõ a peleija acabou o dia; mandou Rumecaõ tocar a recolher depois de haver perdido neste assalto settecentos soldados, e se conta os feridos, de q̃ morrèraõ muitos, mal assistidos na cura, porque pela multidaõ cansavaõ os mestres, e faltavaõ os remedios. Dos cinco Cavalleiros, que defenderaõ o baluarte, morreo só Mestre Joaõ despedaçado de muitas feridas, que deixou bem vingadas, sem querer deixar a briga, nem obedecer aos amigos, que o retiráraõ como pessoa taõ importante pela arte, pelo valor naõ menos. Isabel Madeira sua mulher acodio a atarlhe as feridas mortaes, e depois de o enterrar por suas mãos cõ poucas lagrimas, e grãde sentimento, acodio ao trabalho das tranqueiras cõ as outras matronas; valor estranho, ou raras vezes visto ainda no varaõ mais constante.

Retira-se Rumecaõ.

Particular valor de Isabel Madeira.

120 Logo que se retirou o inimigo, mandou D. Joaõ Mascarenhas enterrar os mortos, que estavaõ nas ruinas do baluarte, sendo levados de hum sepulcro a outro. Foraõ enterrados juntos pela estreiteza do lugar, e do tempo; faltando funebres honras, e piedo-

ſas lagrymas a taõ hõradas cinzas;porém dormẽ cõ ſaudade mayor da patria em humilde jazigo, que aquelles, que em urnas de alabraſtro deixáraõ de hũa vida ſem nome ocioſa memoria. A D. Fernãdo de Caſtro depoſitaraõ em ſeparado enterro, por ſe o Governador ſeu pay quizeſſe tresladarlhe os oſſos a lugar differente; lavrarlhehia tumulo mais ſoberbo, porém naõ mais illuſtre. Depois que o Capitaõ mór cobrio aos companheiros de piedoza terra, acodio a reparar o eſtrago, que deixara o aſſalto nas paredes; a q̃ ajudaraõ as mulheres cõpanheiras do trabalho, e perigo, ſem reſervar tẽpo, e lugar para a dor, e lagrimas dos filhos, e maridos, que viraõ eſpirar com ſeus olhos, e ellas meſmas haviaõ ſepultado, encobrindo o ſentimento natural com nunca viſto exemplo.

Determinaçaõ do Capitaõ mór.

121. Reparados os baluartes com as pedras ainda quentes do ſangue, e do incendio; chamou o Capitaõ mór a cõſelho os poucos companheiros, que ſobreviveraõ ao eſtrago, repreſentandolhes o miſeravel eſtado em q̃ ſe achavaõ; a maior parte dos defẽſores mortos; os que ficavaõ enfermos, e feridos;

deſtroça-

destroçadas as armas,corrupto o mantimento,as muniçoens gastadas,a fortaleza posta por terra,os mares com os temporaes do inverno cada vez mais cerrados,o inimigo vigilante,e soccorrido por horas,com a noticia de todas estas faltas,o que considerado pedia a todos,que naõ se lembrando das vidas, o aconselhassem, como melhor poderiaõ salvar a honra de seu Rey, e as suas;que entendessem,que estavaõ como espectaculo do mundo,e tinhaõ sobre si os olhos do Oriente todo,expostos a merecer a maior fama,ou a maior infamia; que senaõ podiaõ alcançar a victoria,podiaõ privar della aos inimigos, pois estava nas mãos de todos o poder acabar gloriosamẽte, ganhando maior honra destroçados,que os Mouros victoriosos;que os havia chamado para lhes communicar a resoluçaõ em que estava,esperando,que todos a approvassem,a qual era,que em se gastãdo esse pouco mantimẽto,e muniçõẽs que havia,queimar a roupa, cravar a artelharia, e sair com as espadas nas mãos a buscar o inimigo,para que naõ pudesse chamar victoria aquella,em q̃ naõ acharia cativos,nem despojos. Ouvido

rido D. Joaõ Mascarenhas, naõ houve soldado a quem naõ parecesse q̃ tardava o effeito de resoluçaõ taõ valerosa. Diga Roma se acha nos seus Annaes escrita hũa acçaõ taõ illustre dos seus Fabios, Scipioens, ou Marcellos.

Viagẽ de D. Alvaro de Castro.

122 Em quãto estas cousas passavaõ, andava D. Alvaro de Castro cõ as tormentas do inverno a braços; porque sendo vinte e quatro de Junho, tempo em que senaõ deixaõ navegar aquelles mares, elle, temendo o perigo da fortaleza, e desprezando o da armada, forçava o remo navegando por debaixo das ondas. Era o vento travessaõ, e os mares andavaõ taõ cruzados, e soberbos, que comiaõ os navios; hũs abertos cõ a força do vento, outros sem mastros, e desenxarceados andavaõ sẽ governo á vontade das ondas, e se hiaõ alagando por hũ, e outro bordo, sẽ nenhũ obedecer ao leme. D. Alvaro obstinado em soccorrer a Dio, andava a huma, e outra parte errando, vendo-se por momentos soçobrado; até que com o trabalhar do navio, lhe saltou o leme fóra, com o que impaciente arribou a Baçaim destroçado com alguns navios de sua conserva; outros tomáraõ diffe-

Arriba a Baçaim.

rentes

rentes portos, e enseadas. Aqui achou Dom Alvaro a Dom Francisco de Menezes arribado com a mesma fortuna, depois de haver huma, e outra vez tentado o golfaõ, que achou com tal braveza, que alijou ao mar as muniçoens, e mantimentos que levava, por salvar o casco.

Chega Antonio Moniz a Baçaim.

123 Neste tempo chegou Antonio Moniz Barretto com o caravelaõ das munições; e como eraõ taõ geral a tormenta, esteve muitas vezes perdido, e surgindo o entregou a D. Alvaro com animo de passar a Dio, a despeito dos mares, em qualquer embarcaçaõ que chasse, como saboreado de hum perigo para entrar em outro. Este dia, crescendo o tempo, começou a cassear o caravelaõ, e trinçou duas amarras, e como era baixel taõ importante, por trazer as muniçoens do soccorro, tentou D. Alvaro acudirlhe; e por mais que trabalharaõ os marinheiros, naõ puderaõ chegarlhe com a força do tempo. Porém Antonio Moniz Barretto, metendo-se em huma Galveta, que acaso achou na praia, os de terra o viraõ mil vezes soçobrado; mas como era embarcaçaõ taõ leve, e naõ fazia resistencia

Solva o caravelaõ dos mantimẽtos.

aos

aos mares, sobre elles vagamente se sostinha. Em fim chegou, deu cabo ao caravelaõ, o qual contra o juizo de todos, cõ mais fortuna que razaõ, trouxe atoado. E fazẽdo discurso, q̃ só aquella embarcaçaõ, por leve, e pequena poderia penetrar mares taõ grossos, na qual faria menos impressaõ o choque, e embate das ondas, a comprou a hum mercador secretamente, e com alguns marinheiros pagos á sua vontade, se veyo embarcar nella. Estava á caso na praia Garcia Rodriguez de Tavora, e vendo a resoluçaõ de Antonio Moniz, lhe pedio o levasse consigo; escusou-se o Moniz dizendo, que lhe naõ convinha acõpanharse de homem taõ grande, que lhe fizesse sombra, porque queria só para si este perigo, sem q̃ na sua embarcaçaõ parecesse segundo. Garcia Rodriguez lhe affirmou, que em toda parte confessaria, que elle era o que o levava, e q̃ disto lhe passaria escritos. Com tanto escrupulo se travaõ naquelle tempo os põtos da opiniaõ. Satisfeito Antonio Moniz deste comedimento, deu lugar a Garcia Rodrigues; e vendo-os fazer-se ao mar Miguel de Arnide, hum soldado de copo agigantado,

Parte dous fidalgos para Dio.

Miguel de Arnide os acompanha.

tado, e maior ainda no brio, que na estatura, bradandolhes de terra, lhes disse. Como senhores, sem mim passaes a Dio? Naõ cabeis cá (lhe respondeo hum delles.) Mas o valeroso soldado, lançando-se ao mar vestido, com huma espingarda na boca, hia nadando demandar a Galveta. E vendo Antonio Moniz taõ grande gentileza, pairou para o recolher dentro, dizendo, que levava hum bom soccorro a Dio, em taõ bom companheiro.

Perigos da viagẽ.

124 Foraõ aquelles fidalgos navegando com tempos taõ rijos, que andaraõ todo aquelle dia, e noite á misericordia dos ventos, obedecendo a Galveta aos mares sem carreira, ou governo. Humas vezes a faziaõ surdir as ondas, outras perder o que tinhaõ ganjado. Foraõ correndo cõ hũa moneta ao pé do masto á discriçaõ dos mares, que a alagavaõ por hum, e outro bordo, os quaes apenas podiaõ vencer cõ baldes. Nesta fadiga, e risco passaraõ a noite toda rendidos do continuo trabalho, sẽ que com a escuridaõ della, e cerraçaõ do tempo, podessem conhecer a paragẽ em que estavaõ. Amanheceo o dia com pouca differença da noite, e elles

conti-

continuando com a luta das ondas, até que sobre a tarde houveraõ vista da fortaleza; porém taõ arrasada, que apenas se dava a conhecer pelas ruínas. Chegaraõ em fim a dar fundo, sem q̃ fosse sentidos das vigias; argumẽto de ser a fortaleza perdida. Bradou Antonio Moniz alto, e sendo ouvido dos de dentro, foraõ corrẽdo dar aviso ao Capitaõ mór. Aqui se conta, que preguntando as vigias, quem eraõ? responderá hum soldado, que Garcia Rodriguez de Tavora; o que Antonio Moníz sofrendo mal, disse, que elle era o que alli vinha; e pudera a desconfiança chegar a maior rotura, se Garcia Rodriguez cortés, e comedido, naõ temperara o animo de Antonio Moníz justamente sentido; se bem o tempo, e o motivo puderaõ fazer desprezar queixa taõ leve. Chegou D. Joaõ Mascarenhas, e levando-os nos braços, lhes disse, quãto estimava taõ opportuno soccorro. Preguntou a Antonio Moníz, onde se achava D. Alvaro de Castro, o qual lhe respondeo em voz alta, que os soldados ouviraõ: Aqui, senhor, em Madrefabat o tendes com sessenta navios, e com a primeira vaga do tempo lhe vereis

Chegaõ a Dio.

Descõfiança briosa destes dous fidalgos.

Daõ novas de D. Alvaro.

reis as bãdeiras. E em secreto lhe disse, que ainda ficava em Baçaim arribado, depois de tentar o golfo muitas vezes, mas taõ impaciente na tardança, q̃ naõ esperaria tempo para vir soccorrelo. Esta nova foi festejada de maneira, q̃ os soldados com danças, e folías, esqueciaõ os trabalhos passados, na esperança do soccorro vezinho; e os que haviaõ militado com D. Alvaro; com a experiencia de seu brio, certificavaõ a vinda a despeito dos mares, e dos vẽtos.

125 Dom Joaõ Mascarenhas agasalhou os hospedes no baluarte S. Joaõ, e S. Thomé, que eraõ os mais arruinados, dandolhes estes mimos da guerra, como a benemeritos dos maiores perigos. Naõ era neste tempo menor o risco, mas já menos temido. Mandou Antonio Moniz a embarcaçaõ, em q̃ viera, a seu primo Luis de Mello de Mendoça, que lha havia pedido. Passaraõ nella alguns soldados estropeados, cõ cartas do Capitaõ mór a D. Alvaro de Castro em que lhe dava conta de todo o succedido, referindolhe em somma as necessidades q̃ temos relatado. Chegou a Galveta a Baçaim com grande

Avisa o Capitaõ mór a D. Alvaro.

alvo-

alvoroço dos que a viraõ, pelas novas de estar ainda por ElRey a fortaleza, se bem misturadas com as fezes de tantas mortes, entre as quaes foi mui sentida a de D. Fernando de Castro, que em taõ verdes annos deixou de si taõ honrada memoria. Dom Alvaro a recebeo com a constancia de soldado, tomando por alivio acharse com a espada na maõ para vingala. E logo aquella mesma tarde mandou sair a armada com ordem, que todos pozessem a proa em Dio, e que nenhum navio aguardasse por outro.

O qual sae de Baçaim.

126 Entretanto Rumecaõ vendo, q̃ obravaõ mais as minas, que os assaltos, sabendo de alguns escravos, que da fortaleza haviaõ fogido, da fome, e do perigo, o sentimento cõ que os nossos estavaõ pela falta de tantas pessoas illustres, q̃ acabaraõ na mina, e a estreiteza cõ que se repartiaõ as munições, e mantimentos, resolveo continuar as minas, que se obravaõ com menos risco, e com maior effeito; para cujo intento mãdou picar o baluarte Sanctiago, e o lanço de muro que para elle corria, tudo por estradas torcidas, e encubertas, para nos esconder o deseP nho,

Continua Rumecaõ as minas.

nho,e assegurar os seus trabalhadores. D. Joaõ Mascarenhas cauto, e prevenido, arguindo daquella breve pausa, que faziaõ as armas do inimigo; que trabalhava em outra nova mina, temẽdo-se do baluarte de Antonio Peçanha, mandoulhe fazer alguns repairos, e abrir escutas, por onde conheceo, que por aquella parte se picava o muro, o qual o inimigo achou taõ forte, que o naõ podia romper o picaõ; difficuldade que venceo, cõ vinagre, e fogo. Donde se vé, que a estes inimigos da Asia, naõ faltava valor, nem disciplina, como erradamente escrevem, os què em abatimento de nossas victorias, imaginaraõ os Mouros Orientes barbaros, e bisonhos. Cõ este artificio começou a arruinar o muro; e logo entre o baluarte S. Thomé, e o Cubello, ordenou Rumecaõ, que se lavrasse a mina, a qual sendo conhecida dos nossos, lhe fizeraõ contramina, e levantáraõ por dentro hũa parede forte, e como estavaõ faltos de materiaes, e gente, acodiraõ aquellas hõradas matronas ao serviço de taõ pesada obra em beneficio dos feridos, e enfermos, que naõ podiaõ suprir este trabalho, nem taõ pouco escuzalo.

Os nossos acodem ao reparo dellas.

127 Lo-

127 Logo que Rumecaõ teve posta em perfeiçaõ a mina, determinou á sombra della dar hum géral assalto, e chamando a si os Cabos do exercito, e os que estavaõ escolhidos para escalar o muro, escrevẽ, que lhes fez esta falla.

Anima Rumecaõ os seus para outro assalto

,, Aquellas ruinas, que estais vendo, , tintas no sangue de nossos cõpanhei- , ros, haõ de ser hoje nosso sepulchro, , ou nosso alojamento. Cem soldados , saõ os que guardaõ aquellas estraga- , das muralhas, aos quaes a fome, e as , feridas tẽ tirado as forças de sorte, q̃ , só peleijamos cõ as sombras dos que , já foraõ homens, offerecendo os mise- , raveis aos nossos alfanges, vidas sem , sangue. A honra, que neste cerco tem , ganhado com valor infelice, ha de ser , toda nossa, porque do fim da guerra , tomaõ nome as empresas; que o mun- , do julga sempre o valor da parte da , ultima fortuna. Acabemos de ganhar , aquella fortaleza; subamos a este mõ- , te de triumfos, vingaremos infinitas , injurias cõ huma só victoria. Livre- , mos esta escrita da Asia das prisoens , do tributo; livremos nossos mares, q̃

, debaixo de suas armadas violentados
, gemem. Com este ultimo assalto po-
, remos fim a taõ illustre empręsa, e se
, acordará o Oriente idades largas cõ
, alegre memoria de taõ fermoso dia.

Cõmetẽ o baluarte Sanctiago. 128 Acabada a pratica, fallou, e animou aos particulares com razoens accommodadas ao tempo, e ás pessoas, sinalãdo premios aos primeiros, que subissem ao muro, como pudera o mais sabio, e pratico Capitaõ da Europa. No mesmo dia, que foi o de dezaseis de Agosto, sahio o inimigo com todo o poder, de seus alojamentos, e repartindo-se ordenadamente pelos baluartes, deixou o maior grosso do exercito, para acometter o de Sanctiago, por onde esperavaõ abrir a porta a victoria; ao qual se arrojáraõ tumultuariamente, dando espantosas vozes, e tirãdo sobre elles grãde copia de armas de arremesso para chamarẽ á defença a maior força dos nossos. Ateouse por esta parte *Rebẽta a mina cõ dano dos inimigos.* cõ maior calor a briga, atẽ que na força do conflicto, fingindo o inimigo, q̃ cedia á nossa resistencia, se retirou subitamente, como a sinal certo. Os nossos, que estavaõ sobre aviso, conhecẽdo o engano no temor simulado, cõ q̃

se

ſe retrahiaõ, ſe apartaraõ tambem do baluarte,eſperãdo q̃ rebentaſſe a mina. Deraõlhe os Mouros fogo,o qual achãdo reſiſtencia nos repuxos, e eſcarpas do muro,que lhe contrapoſeraõ, rebẽtou pela face fóra retrocedendo;e voando a cortina do muro, a lançou ſobre os Mouros com taõ grande violencia,que matou mais de trezentos,e muitos mais ficaraõ eſtropeados.

129 Ficou a fortaleza eſpaço grande eſcondida em nuvens de pó, e fumo,ſem que de huma,e outra parte ſe conheceſſe o dano ; mas logo que ſe começaraõ a adelgaçar os ares,acodio o inimigo em tropas a ſubir pelos eſtragos,e ruinas do fogo com tanta certeza de victoria, que huns aos outros faziaõ impedimento , eſtimulados da cobiça do premio , ou da ambiçaõ da honra. Porém os noſſos os receberaõ nas lanças,fazendo-os voltar em pedaços ſobre os opprimidos da mina. Tras eſtes acometteraõ outros, que depois de peleijarem grande eſpaço,foraõ tãbem derribados dos noſſos ; aos quaes deſatinavaõ muitas ſettas,chuços,e alcanzias de fogo , que tiravaõ do cãpo, com que nos encravavaõ algũa gente,

e

e impediaõ a defença aos soldados attentos a hũ, e outro perigo; porém assi abrasados, e feridos, naõ houve algum que largasse o lugar que sostinha, onde fizeraõ taõ heroicos feitos, como se deixaõ ver no successo, e na desigualdade da peleija. O fogo, que os Mouros lançavaõ no baluarte, era tanto, que os nossos peleijavaõ em hum incendio vivo, a que o Capitaõ mór occorreo mãdando trazer tinas de agua; onde mitigavaõ, ou extinguiaõ os vestidos, e corpos abrasados. Como a esta parte se inclinou mais o poder do inimigo, tambẽ aqui lhe fez opposiçaõ maior a força dos nossos, cõ que se acendeo a peleja mais viva, soccorrida dos Mouros por momentos com gente de refresco, e assistida com a presença, e voz do General, que os esforçava.

Continuaõ as mulheres seu valor.

130 Antonio Moniz Barreto, e Garcia Rodriguez de Tavora, deraõ aqui de seu valor hũa illustre prova, sostẽdo o peso dos inimigos cõ constancia naõ vulgar, mostrãdo os mesmos brios nos perigos da terra, que nos do mar. Muita parte da hõra deste dia coube àquellas nũca assaz louvadas matronas, naõ só companheiras no trabalho, mas tã-

bem

bem no perigo. A boa velha Izabel Fernandes cõ huma chuça nas mãos, animava aos soldados com palavras, e melhor com o exemplo; e as de mais entre as settas, as lanças, e pelouros, ou mostravaõ seu esforço, ou serviaõ ao alheo.

131 Nos outros baluartes naõ estavaõ as armas ociosas, porque em todos se peleijava, para com a diversaõ facilitar a entrada pelo de Sanctiago onde havia rebentado a mina. Ordenou tãbem Rumecaõ, que se batesse a Igreja da fortaleza, que podia ser arrazada por estar eminente, crendo naquelle lugar, seria mais sensitiva a offensa. Porém os nossos deraõ taõ grande pressa aos inimigos, que chegavaõ já froxos, e tibios a escala o muro, detidos no horror de seu mesmo estrago.

132 Mandou Rumecaõ tocar a recolher impaciente, deixãdo sobre quinhentos mortos, sem conto os feridos. Qualquer dos nossos se podia cõtentar com a honra, que ganhou este dia. Miguel de Arnide, aquelle valeroso soldado se asinalou tãto, q̃ mostrou ser ainda aquelle corpo pequeno para tamanho espirito, e como a taõ crecida creatura

Retiraõ-se os inimigos cõ perda.

acom-

acõpanhavaõ forças proporcionadas; o que alcançava cõ o primeiro golpe, escusava o segundo. Mojatecaõ, que tinha vindo ao exercito com hum soccorro grosso, e do valor dos Portuguezes fallava cõ desprezo, formando differente juizo com as experiencias deste dia, dizia, que eraõ dignos de que os servissem as gentes; e que a fortuna do mundo estava, em serem elles taõ poucos, porque a natureza, como a leoens, os tinha feito raros, encerrando-os nas covas do ultimo Occidente.

Mojatecaõ louva o valor dos nossos.

133 Este dia perdemos sette soldados, e ficaraõ vinte e dous abrasados, e já os saõs eraõ taõ poucos, q̃ naõ bastavaõ a curar os feridos, e menos a reparar as ruinas da fortaleza, para q̃ faltava tẽpo, materiaes, e gente; mas como Rumecaõ achavaõ nos assaltos taõ dura resistencia, fazia de nossas forças differẽte conceito. Neste tẽpo fugiraõ para o inimigo tres escravos nossos, os quaes levados a Rumecaõ, lhe affirmaraõ, que na fortaleza naõ havia sessẽta soldados, que podessem tomar armas, e estes muito debilitados com a fome, e continuo trabalho das obras, e vigias, nos quaes naõ acharia mais q̃ obstina-

Avisa-do Rumecaõ de tres escravos fugidos.

çaõ sem forças. Com a certeza deste aviso, resolveo Rumecaõ assaltarnos com todo o poder para o seguinte dia, declarando aos seus o estado em q̃ nos achavamos, e mandando, que todos o ouvissẽ da boca dos escravos; os quaes discorrendo pelo exercito, espalhavaõ alegres a relaçaõ de nossas miserias.

134 Logo que amanheceo se ordenou o exercito para dar o assalto, no qual como o ultimo da guerra, se quizeraõ achar todos, e algũs vestiraõ galas, crendo, q̃ hiaõ mais a triumfo, que a peleija. Sairaõ de seus alojamentos, com todas as insignias arvoradas, tocando diversos instrumẽtos, que alternados com a vozeria do campo, articulavaõ eccos barbaros, e medonhos; e como traziaõ vencido o medo com as noticias, que temos referido, de longe se avançaraõ ao baluarte S. Thomé, q̃ por estar quasi todo arrasado, as ruinas lhes serviaõ de escada. Era de Turcos esta primeira tropa, que arremeteraõ confiados, como á dar a victoria; porém os nossos quebrãdo entre elles algũas panelas de polvora, os fizeraõ retirar abrasados. Com a mesma furia chegaraõ outros, que depois de peleijarem

Dá outro assalto.

Valerosa resistẽcia dos nossos.

rem

rem algum espaço, voltaraõ tambem como os primeiros, sangrados do nosso ferro. Mas Rumecaõ, crêdo, que taõ continua resistencia nos teria consumidos, como o ferro, que cortando se gasta, ajuizando nossa fraqueza de seu mesmo estrago; bradou aos seus, que subissem a tomar posse da fortaleza, q̃ já naõ havia quem se lhes oppozesse. Aqui arremeteo tumultuariamente hũ graõ troço de Mouros esforçados, ou credulos as vozes do General. Estes com o primeiro alento cavalgaraõ o muro, e começáraõ a peleijar com os nossos braço a braço, muitos, e descansados contra poucos já lassos, e feridos; porém tirando forças do brio, e necessidade, se mostraraõ taõ valentes aos ultimos, como aos primeiros. Alguns dos inimigos cahiaõ, e succediaõ outros, com que esteve a fortaleza muitas vezes perdida. Aqui acodio D. Joaõ Mascarenhas animando os seus, como graõ Capitaõ, peleijãdo como o melhor soldado, e próvido a todas as occurrẽcias da guerra, tinha prompto todo o genero de armas, de q̃ se ajudavaõ os nossos, ministradas por aquellas valerosas mulheres. Luis de Sousa Capitaõ daquelle

quelle

quelle baluarte fez grandes gentilezas
nas armas este dia. Antonio Moniz
Barreto, Garcia Rodrigues de Tavo-
ra, D. Pedro, e D. Francisco de Almey-
da, fizeraõ obras dignas de maior es-
critura, e todos os mais Cavalleiros, e
soldados, que aqui se acharaõ, alcan-
çaraõ bem merecida fama.

Acomete Rumecaõ o baluarte S. Joaõ, e retira-se.

135 Mandou Rumecaõ acometter o
baluarte S. Joaõ, crendo pela informa-
çaõ dos escravos, que achasse a entra-
da franca, mas obraraõ tanto os poucos
defensores que tinha, que obrigaraõ a
retirar o inimigo com perda, e cõ ver-
gonha. Rumecaõ assombrado do que
via, affirmava, que eramos instrumen-
tos da indignaçaõ do Ceo contra Cã-
baya, e segũda vez tratou de applacar
Mafoma com algumas expiações bar-
baras, e ridiculas; e porque nos assaltos
perdia muita gente sẽ fruito, e os sol-
dados já timidos desprezavaõ a obedi-
encia com o horror de taõ quotidiano
estrago, tornou a tentar as minas, co-
mo artificio, ou mais efficas, ou mais se-
guro. E primeiro mãdou abrir muitas
seteiras na parede, q̃ dividia o exercito
da nossa fortaleza, por onde recebiaõ
os nossos muito dano, porq̃ peleijavaõ
como

como em campo raso, sem abrigo da muralha, que estava arruinada. Começaraõ a laborar os seus arcabuzes, dando continuas cargas.

Intenta arrõbar a cisterna.

136 Ordenou que cõ hum Quartão se batesse a cisterna, a qual se chegara arrombarse, nos perderiamos cõ sede, como mal sem remedio. Esta cisterna está á entrada de hũa rua, que chamamos a Cova, que foi a cava antiga dos Mouros, onde se recolhia a gente inutil. Aqui cahiaõ muitos pelouros cõ dano dos miseraveis, q̃ alli se abrigavaõ, e perigo da abobeda q̃ cobria a cisterna. A este perigo occorreo o Capitaõ mór, ordenando hũa tranqueira alta de vigas, e entulho, com que remedeou hum, e outro dano, furando as casas pela parte de dentro, com que de humas a outras se dava serventia segura.

Rebenta outra mina cõ dano dos inimigos.

137 Entretãto trabalhavaõ os Mouros na mina, que hia demandar o baluarte Sanctiago, o que entendido dos nossos, ordenaraõ por dentro repuxos fortes, e abriraõ alguns vãos por onde se vazasse o fogo. Chegado o termo de rebentar a mina, achou tal resistencia nas escarpas, que deu cõ parte do baluarte para a banda de fóra, matando

quanti-

quantidade de soldados, e mineiros, q assistiaõ na obra, sem que dos nossos perigasse algum, ficando inteira a cortina do muro; seria caso, mas taõ raro, que pareceo milagre. Em rebẽtando a mina, subiraõ de tropel os Mouros pelas ruinas do baluarte, donde se lhe opposeraõ os nossos, desvelados das cõtinuas vigias, debilitados das fomes, e feridas, sustentados mais na grandeza do espirito, que em forças naturaes; mais ainda assi os animou a honra, e o perigo, desorte, que pareciaõ peleijar com forças descançadas, e inteiras, detendo a furiosa corrente do inimigo á custa delle mesmo. Era o lugar capaz de peleijarem muitos, e a desigualdade do numero fazia o perigo maior. O ruido das armas, a confusaõ das vozes, impediaõ mandar, e obedecer. Cairaõ muitos Mouros, mas pela diligencia dos Cabos, lhes succediaõ outros, com o que naõ deixavaõ respirar os nossos, acomettidos de longe cõ armas de arremesso, e de perto peleijando braço a braço. Assi aturaraõ muitas horas esta dura contenda. Tiveraõ os inimigos lugar de arvorar tres bãdeiras no baluarte, defendidas de boa copia de espingardeiros

Perigo grande dos nossos.

Arvora o inimigo tres bãdeiras no baluarte Santiago

gardeiros. Deste lugar foraõ decendo ao muro atè a Igreja do Apostolo Sãctiago, que ficava encostada ao mesmo baluarte, metendo-se nos altos da casa; com o que ficou o baluarte, e a Igreja, ametade sustentada dos Mouros, e a outra dos nossos.

138 Sobreveo a noite, pondo termo á discordia, naõ a paz, senaõ a natureza; e ainda assi com golpes vagos, e incertos continuaraõ huma cega batalha. Ordenou logo o Capitaõ mór hũa fraca trincheira, que mais nos dividia, que amparava do inimigo, a qual se obrou com as armas nas maõs, quasi furtiva, ficando por alojamẽto dos soldados o lugar da batalha; onde, nem sobre as armas, podiaõ ter seguros hũ pequeno repouso, porque nem para curar as feridas tinhaõ tẽpo, ou lugar opportuno. Naõ descançava o Capitaõ mór com as armas, e menos cõ o espirito. Mandou aquella noite assestar hum Camelo á porta da Igreja, que ficava a cavalleiro do baluarte, e cõ elle varejava os Mouros, q̃ recebiaõ muito dano, em quanto cõservavaõ a posse do que tinha ganhado, atè que se cubriraõ cõ huma trincheira grossa, que os assegurava.

Cuidado do Capitaõ mór nos reparos.

139 Naõ

139 Naõ ſe paſſava menos perigo no mar,do que na terra, porque logo que chegou a Baçaim a Galveta do Antonio Moniz, ao outro dia, que ſe cõtavaõ quatorze deAgoſto,ſe embarcou nella Luis de Mello de Mendoça cõ quinze companheiros, e apos elle em hum Catùr D.Jorge, e D. Duarte de Menezes com dezeſette ſoldados; e D.Antonio de Attayde, e Franciſco Guilherme cada hũ em ſeu navio com quinze ſoldados. Luis de Mello ſe foi logo engolfando,ſordindo pouco,porque levava o vento pelo olho,e quãto mais ſe afaſtava da terra,via os mares mais groſſos;e como a Galveta era pequena,e eſtroncada, e as ondas toõ ſoberbas, que rebentavaõ em flor, quebrando-ſe cruzadas cõ a força do temporal,começou a entrarlhe a agua por hum,e outro bordo, que os marinheiros deſpejavaõ com baldes, vendo-ſe por momentos ſoçobrados, cõ que já areados,e timidos, grumetes, e ſoldados requeriaõ a Luis de Mello,que arribaſſe, dizendo, que ſabiaõ peleijar com homens, e naõ com os elemẽtos; que jâ naõ era valor, ſenaõ porfia,perderem-ſe ſem fruto; que contra a indignaçaõ

Sae de Baçaim Luis de Mello

Perigo que tẽ na viagem.

dignação de Deos, não valia esforço!
Porém Luis de Mello os applacou, dizendo, q̃ naquella Galveta, e cõ a mesma tormenta passára Antonio Moniz, que não levava melhores cõpanheiros que elle, nem lhe tinhão mais cortesia os máres, que ninguem acabara cousas grandes sem perigo, e que quãdo seus cõpanheiros, e amigos estavão ás lançadas cõ os Turcos, não haviaõ de esperar os máres leite, e os ventos galernos para ir a soccorrelos; que quando as ondas lhe comessẽ o navio, sobre a espada havia de chegar a Dio, q̃ trabalhassem, que Deos os havia de ajudar.

140 O temor, ou o pejo destas palavras, fez por entaõ aquietar a todos; assi foraõ aquella tarde, e noite lutãdo com a tormenta, esperando que cada onda os soçobrasse, e naõ podẽdo já as forças com o trabalho, vendo crecer o temporal por instantes, se conjuraraõ os marinheiros, e soldados, a obrigar a Luis de Mello por força, que arribasse; do que sendo avisado por hũ Gomes de Quadros soldado de sua obrigaçaõ, tomou as armas todas, e recolhidas no payol, se poz emsima com a espada na maõ, dizendo, que quem lhe fallasse em

Resiste aos q̃ querẽ arribar.

em arribar; as estocadas lhe havia de dar a reposta; que a vida de nenhum delles era de maior preço que a sua, para senaõ quererẽ perder, onde elle se perdia; que posessem os olhos em Dio, porque nem a honra, nem a salvaçaõ tinhaõ já outro porto. Vendo os soldados esta resoluçaõ, e os marinheiros mais temerosos do Capitaõ, que da tormenta, seguiraõ sua viagem sẽpre alagados, e com a morte bebida, parecendo, que cada rajada de vento os sepultava. Assi foraõ em cõtinuo naufragio navegando, até que sobre a tarde houveraõ vista da fortaleza, donde foraõ olhados com espanto, e alegria. Os Mouros lhes tiraraõ muitas bõbardadas ao entrar da barra; surgiraõ sẽ dano na Couraça, onde o Capitaõ os veo a receber cõ grande alvoroço; a quem Luis de Mello affirmou, q̃ naõ poderia tardar dous dias D. Alvaro de Castro; nova que foi festejada de todos cõ demonstraçoens que os Mouros entenderaõ, de que fizeraõ juizo, que andaria já no mar o socorro; a cuja causa determinou Rumecaõ apertar mais o cerco. Luis de Mello com os seus foi aposẽtado no baluarte Sanctiago, de que o

Chega a Dio, e dá novas de D. Alvaro.

inimigo tinha a maior parte, que havia guarnecido com os soldados mais escolhidos do campo, apostados a morrer na defença do que tinha ganhado. Ao seguinte dia chegaraõ D. Jorge, e D. Duarte de Menezes, havendo passado os mesmos riscos, com a mesma constancia, que Luis de *Mello*. Com estes soccorros, maiores na qualidade, que no numero, parecia que tinha já outro semblante a guerra.

Chegaõ outros fidalgos.

141 Importunavaõ os novos hospedes a D. João *Mascarenhas*, que os deixasse ver o rosto ao inimigo, tentando deitalo fóra do baluarte Sanctiago, o que elle concedeo levemente, querédo tambem acompanhalos. Aprestaraõ-se para o outro dia, e em amanhecédo sobiraõ pelos muros, com que o inimigo se cobria, lançando-se aos *Mouros* taõ impetuosamente, que os deitaraõ fóra sem lhes valer o esforço, e resistencia com que se defenderaõ. O estrondo das armas chegou aos ouvidos de Rumetaõ primeiro, que o aviso, e acodindo cõ todo o poder aquella parte, tornou a travar cõ os nossos com igualdade no lugar, e vantagem no numero. Aqui se peleijou de ambas as partes, braço a braço

Peleija-se no baluarte Sanctiago.

braço, e corpo a corpo, ferindo-se com as armas curtas, sustentando cada hum com o sangue, e com a vida o lugar, que occupava. Os nossos com taõ inferior partido, fizeraõ tantas gentilezas nas armas, que os Mouros os olhavaõ de fóra com temor, e espanto; porem como eraõ desiguaes as forças, do inimigo, tornou a recobrar aquella parte do baluarte, que já tinha ganhado, e reforçando-a com guarnição dobrada, mandou dar hum assalto géral á fortaleza. Peleijava-se por todas as partes com huma mesma furia; cahiaõ muitos Mouros, huns cortado do ferro, e outros abrasados do fogo; mas no mais vivo deste conflicto se começou a escurecer o dia com huma cruel borrasca de ventos, agua, trovoens, e relampagos, parecendo, que no ar se acendia outra nova batalha.

142 Os Mouros vendo que a agoa apagava as cordas, e q̃ naõ podiaõ ser offendidos cõ as panelas de polvora, nem outros instrumentos de fogo, interpretando a favor divino o curso, ou variedade dos tempos; por entre espessos chuveiros se chegavaõ aos nossos sẽ medo, cõ vozes, e algazarras, como

Perigo da fortaleza, e valor dos nossos.

mo de quem tinha o Ceo propicio. Foi este o dia, em que maior valor mostraraõ os nossos, e em que a fortaleza teve maior perigo, porque os *Mouros* se metiaõ pelas lanças, e espadas, ou brutos, ou valentes. Durou seis horas taõ porfiado assalto, até que tornou a abrir o dia, e os nossos se começaraõ a aproveitar das panelas de polvora, cõ que abrasavaõ muitos, cuja vista aos outros resfriou o orgulho, peleijando mais cautos, até que se lhes acabou o dia, e Rumecaõ tocou a recolher, deixando quatrocentos mortos, e mais de mil feridos; dos nossos faltaraõ sette, foraõ mais os feridos. Neste assalto se acharaõ todos os fidalgos do soccorro, mostrando no valor as mesmas qualidades que no sangue. D. Joaõ *Mascarenhas* fez as vezes de Capitaõ, e de soldado, sabia, e valerosamente, assistindo sempre ao perigo, sem faltar ao governo.

Retira-se Rumecaõ cõ muito dano.

Esta noite passaraõ os nossos mui vigiados pela vezinhança do inimigo, q̃ havia recebido do Soltaõ novas hóras, pelos apertos em q̃ tinha os cercados; e lhe havia entrado hum soccorro de cinco mil infantes com muitos Cabos Turcos, que Rumecaõ quiz logo avis-

Entra soccorro do inimigo.

 tar

tar com os nossos, para lhes mostrar os contendores que tinha, como em prova do que havia obrado.

143 Ao seguinte dia depois do assalto, entraraõ pela barra D. Antonio de Attaide, e Francisco Guilherme, que naõ acharaõ menos bravos os mares q̃ os outros q̃ temos referido. Disseraõ q̃ naõ podia tardar hũ dia D. Alvaro de Castro, porque se tinha já levado a armada cõ ordẽ, que nenhũ navio esperasse por outro. Os soldados festejaraõ a nova, e o soccorro, com musicas, e folias continuas, com que já pareciaõ passatempos os perigos do cerco.

Chegão a Dio mais fidalgos.

144 Entendendo Rumecaõ, que vinhaõ chegando á fortaleza alguns soccorros, e que em abrindo o tẽpo naõ seriaõ os Portuguezes tardos em darse huns aos outros a maõ nos maiores perigos, começou a desconfiar da empresa, vendo, que os trabalhos naõ quebravaõ os animos dos nossos, e que os seus soldados nas conversaçoens naõ tinhaõ por justificada a causa desta guerra, accusando aos quebrantadores da paz por nós fielmente guardada. Temeo a disposiçaõ, que via para algũ motim, o que atalhava encarecendo o mise-

Desconsia Rumecão da empreza.

miseravel estado dos nossos, e a infallibilidade que tinha da victoria. Fez pagas aos soldados, e mandou prégar pelos Cacizes a certeza de gloria para todos os que morressem nesta guerra; e as mercês com que o Soltaõ havia de remunerar aos libertadores da patria, naõ se esquecendo do temporal á volta do divino. E porque as minas eraõ de menos risco, que os assaltos, e obravaõ com maiores effeitos, determinou de as ir prosegnindo. Cõ este desenho, mandou abrir huma grande mina no lanço do muro, que hia do baluarte S. Joaõ a fechar na guarita de Antonio Peçanha; porém como os nossos andavaõ sobre aviso, ainda q̃ Rumecaõ cauto, e ardiloso fazia aos outros baluartes ponta, mandando trabalhar nelles de noite cõ estrondo, para com esta diversaõ cobrir o intento; com tudo D. Joaõ Mascarenhas teve noticias da mina, contra a qual se assegurou como das outras vezes, trabalhando os fidalgos nos reparos, cujo exemplo fazia aos soldados o trabalho mais leve.

Abre outra mina, que se atalha.

Dáse-lhe fogo, e os nossos defẽdẽ as roturas.

145 Chegado o termo de se dar fogo á mina, se abalou o exercito, e começou a tornear a fortaleza. Vinhaõ diante dous

dous Sanjacos capitaneando hũa tropa de Turcos, que eraõ os que haviaõ de entrar pelas roturas, que se abrissẽ ao rebentar da mina, a qual com tremendo estampido voou pelos ares toda a face do muro. Correraõ logo os Turcos, ainda cegos do fumo, e da terra, levantada nos ares cõ o impulso do fogo, porém acharaõ outro muro contraposto, a que o fogo, ou naõ chegou, ou achou resistencia; viraõ, com tudo, que a guarita de Antonio Peçanha ficara por tres partes aberta, e voltãdo aquella parte as armas, intentáraõ ganhala; mas os nossos acodiraõ a defendela, como lugar mais fraco, retardando a corrente do inimigo.

146 Aqui andou por hum espaço a briga mui travada, peleijando cercadores, e cercados como em campo raso. E crendo Rumecaõ, que estava naquelle lugar todo o poder dos nossos, mãdou acometter aos outros baluartes, onde taõbẽ os Portuguezes lhe mostraraõ o ferro. Meteraõ este dia os inimigos infinitos pelouros na fortalesa, dos quaes naõ recebemos dano, estãdo ella quasi arruinada, caso, que por ser raro, pareceo milagrozo. Durou enfim o cõbate

Retirase o inimigo.

algumas

algumas horas, retirando-se o inimigo com o mesmo dano que outras vezes, os nossos com a mesma fortuna.

Acomette Rumecão o baluarte S. Thomé

147 Rumecaõ, que já tinha por injuria a dilaçaõ do cerco, como homem, que buscava os perigos, e o dano por disculpa, accometteo o outro dia o baluarte S. Thomé em pessoa, fazendo cõ seu risco exẽplo, e mãdou por differẽtes Capitães escalar os outros baluartes, parecẽdo a invazaõ destes dias, hũ successivo assalto. Aqui peleijaraõ os Mouros, mais como desesperados, que valẽtes, corrẽdo atravessados pelas lãças, e espadas dos nossos a morrer, e a matar juntamẽte, mais promptos a offender, que a repararse, buscãdo a morte, como porta para a imaginada gloria, que lhe promettiaõ os Cacizes, maquinando este diabolico incentivo em beneficio da empresa, e desprezo da vida. Cõ este ardor sofreraõ o peso da batalha muitas oras, perdẽdo oitenta dos seus. sobre cujos corpos peleijavaõ, incitados da dor, e da injuria dos companheiros mortos. Peleijaraõ em fim cõ tal porfia, q̃ sustentaraõ aquella parte do baluarte, onde se combatia, e nelle arvoraraõ bandeiras, cobrindo-se com vallos, e estacadas.

148 Naõ

148 Naõ andavaõ menos quentes as armas no baluarte Sanctiago. Duas vezes o tiveraõ ganhado os inimigos, mas foraõ taõ valeroſamẽte reſiſtidos, que o tornaraõ a perder depois de bẽ ſangrados. Aqui foi tanto o fogo, que os inimigos lançaraõ, que os noſſos peleijavaõ abraſados, ſoccorrendo-ſe, por unico remedio, das tinas de agua para refrigerarſe. Antonio Moniz Barretto com dous ſoldados ſe achavaõ ſós no baluarte detendo a furia do inimigo; e querẽdo o Moniz ſairſe a mitigar nas tinas o ardor do fogo, travou delle hũ ſoldado, dizendo: Ah ſenhor Antonio Moniz, deixais perder o baluarte del-Rey? Voume banhar naquellas tinas (lhe tornou elle) que eſtou ardendo em fogo. Se os braços eſtaõ ſaõs para peleijar, tudo o al he nada (lhe reſpõdeo o ſoldado.) Cuja advertencia aceitou o Moniz, taõ pagado do valor que o ſoldado moſtrava, que o trouxe comſigo para o Reyno, e lhe alcãçou deſpacho, confeſſando generoſamẽte o ſeu deſar para credito alheo; chamandolhe ſempre com honrado appellido, o ſoldado do fogo; nẽ as relações deſte ſucceſſo no lo daõ a conhecer por outro nome.

Succeſſos no baluarte Sanctiago.

Valor particular de hum ſoldado.

149 Neſte

Retirase outra vez o inimigo.

149 Neste, e nos outros baluartes se peleijou este dia com valor, e perigo igual, que naõ podemos relatar por extenso, por serem os casos taõ semelhãtes, que parecendo huma mesma cousa repetida, se escrevem, e se lem com fastio; porém ainda que a relaçaõ deste cerco naõ deleite com a variedade, quem negará, que foi esta facçaõ huma das mais illustres, que se achaõ nas historias humanas, da qual fizeraõ estimaçaõ justa as mais bellicosas nações da Asia, e da Europa. Retirado do assalto o inimigo, se fortificou nas ruinas da fortaleza, donde continuamente se mostravaõ as armas.

Sae Antonio Correa a fazer alguma presa.

150 Ao seguinte dia despedio Dom Joaõ Mascarenhas em hũ Catúr a Antonio Correa, cõ vinte companheiros, soldado de grande valor, a quem naõ sabemos o nascimento, se bem suas obras o mereciaõ, ou o suppunhaõ illustre. Sahio da barra, e torneando a Ilha, como lhe foi ordenado, se recolheo sẽ preza; e como os soldados de valor se naõ contentaõ com obrar bem, se naõ ditosamente; tornou o Correa ao mesmo negocio cinco vezes (mais desconfiado, que obediente) á tentar a fortuna;

na; mas como o que parecia caso,era myfterio,ordenou,ou permittio o Ceo, que o valeroso soldado fizesse da empresa porfia,o qual, como se a desgraça fora culpa,se accusava a si mesmo. Tornou em fim cõ mais importuna experiencia a rogar,ou conhecer sua sorte,e dando volta á Ilha, divisou ao lõge hũ fogo,que a distancia fazia mais pequeno , e remando contra aquella parte , deixando os companheiros no Catúr, saltou em terra , caminhou algũ espaço só,até que a mesma luz do fogo lhe descobrio doze Mouros,que em torno delle reparavaõ o frio. Voltou logo aos companheiros alegre, dizendo,que saissem , porque tinhaõ como nas maõs a presa q̃ buscavaõ;porẽ os soldados, ou esquecidos de si mesmos , ou servindo á Providencia mais alta,o naõ acõpanharaõ , como dando lugar á fortuna do Capitaõ,o qual vẽdo a fea resoluçaõ dos soldados,se foi só a demandar os Mouros,bastandolhe o animo para acometter o perigo,que naõ podia vencer. De repente envestio os Mouros,os quaes amedrontados cõ o subito acomettimento,huns fugiraõ, outros se defẽdiaõ timidos, e sobresaltados,

Envefte com doze Mouros, q̃ o prẽde.

tados, mas tornados em si, e vendo-se acutilados de hum só homem, começaraõ a fazer-lhe rosto já com mais ouzadia, voltando os que fugiraõ, a defender-se unidos, e em quanto Antonio Correa se acutilava com huns, outros o sojugaraõ pelos lados, e ainda depois de prezo, como a fera, o temiaõ atado; assim o leváraõ a Rumecaõ, mostrando as feridas, que receberaõ, em credito do prezo.

He presẽtado a Rumecaõ.

151 Mandou Rumecaõ que o soltassem, preguntandolhe, que gente haveria na fortaleza? se viria o Governador a Dio? com que poder, e em que termo se esperava o filho? Elle lhe respondeo, com grande segurança, que na fortaleza havia seiscentos homẽs, que cada dia importunavaõ o Capitaõ que os levasse ao cãpo; que esperava brevemente a vinda de D. Alvaro com oitenta baxeis, o qual em desembarcãdo sairia a campanha; porque algũas galés que trazia, haviaõ mister chusma de Turcos; que o Governador aprestava maior poder, porque queria acabar de huma vez com as cousas de Cambaya. Rumeçaõ q̃ sabia a verdade de nossas forças, envejou hũ coraçaõ taõ livre em

em taõ baixa fortuna, fazendo estimaçaõ (como soldado) de quem entre prisoens o desprezava: Rogoulhe, que se fizesse Mouro, porque cõ melhor Ley teria melhor fortuna, e conheceria a differença de servir a hũ Monarca rico, ou a Piratas pobres. Porém o valeroso Cavalleiro, escandalizado na injuria de favores taõ feos, lhe respondeo, que os Portuguezes, pela Ley, e pelo Rey estavaõ sempre promptos a derramar o sãgue; que Mafamede fora hũ enganador, infame por obras, e doutrina; que se em Cambaya havia renegados, seriaõ de outras naçoens, qual o fora seu pay Coge C,ofar; que como monstro da terra em que nascéra, os pays, e a patria o negavaõ de filho.

Quer persuadilo a deixar a Fé.

152 Rumecaõ naõ podendo sofrer de hum escravo as injurias da Ley, e as da pessoa, inflammado do zelo, e do desprezo, o mandou ante si affrontar no rosto, primeiro que lhe tirasse a vida, crendo, que lhe seria mais leve a pena, que a injuria; e logo entre baldoens, e mofas, o mandou passear nú as ruas da Cidade, inventor barbaro de taõ novo supplicio, já contra o homem, já contra a humanidade. Porém o Cavallei-

Affrõtas que lhe faz.

ro de Christo, como soldado já de outra milicia, com mais castigado valor vencia sofrendo. Rumecaõ depois destas injurias, dizendo que pedia satisfaçaõ de sangue a honra do Profeta, mandou que fosse degolado, e a palma, que começou a merecer soldado, alcançou martyr. Foi levantada a cabeça em huma pica, e posta em lugar onde os nossos da fortaleza a vissem; os quaes com sentimento natural (mas injusto) como soldados, lhe vingaraõ o sangue; como Catholicos lhe enveja-raõ a morte. Entraraõ ao outro dia os soldados de sua companhia, os quaes o Capitaõ mór naõ quiz ver nem castigar, tendo respeito ao tempo, porém elles remitaõ a culpa, com se arriscar em todas as occasioens, como homens, que aborreciaõ huma vida sem honra. Muitos delles morreraõ quasi voluntariamente, accusados de seu mesmo delicto. Os Mouros nos faziaõ mofas, e algazarras de longe, apontando para a cabeça de Antonio Correa, havendo por satisfaçaõ de tantos danos aquella recompensa, e já mais atrevidos faziaõ a respeito dos nossos algumas gentilezas.

Manda-o degolar.

153 En-

153 Entre o baluarte Saõ Thomé, e o de Sanctiago estava huma bandeira arvorada, a qual desejou arrancar hum Mouro, crendo o poderia fazer sem risco, por ser o muro baixo, e pouco vigiado; ao qual chegou furtado sem ser visto dos nossos; e sobindo pelas ruinas travou da haste, e ainda que a abalou forcejando, nunca póde levala; e soltando-a temeroso, a deixou encostada; e vendo o pouco que lhe custara a primeira ousadia, tornou com o mesmo recato a buscar a bandeira; porém ao tempo, que para pegar nella, hia soltando o braço, hum soldado nosso lhe encarou a espingarda, e o derribou morto. Aconteceo isto á vista do arraial, que lhe tinha festejado o primeiro acometimento com gritas, e louvores; agora o olhavaõ caido com hum profundo silencio; correraõ os nossos com graõ velocidade a cortar-lhe a cabeça, que arvoraraõ, avistando-a com a de Antonio Correa.

154 Os Mouros, que estavaõ fortificados no entulho do baluarte S. Thomé, foraõ ganhando terra, palmo a palmo, á custa de seu sangue, levando sempre diante montes de terra, e rama,

que

que os cubria, e fortificava: Porém D. João Mascarenhas mandou levar hũ Basilisco ás portas da Igreja; que como lugar eminente lhe ficavaõ em bataria os Mouros; donde os varejou com tanta furia, que lhes rompeo as defenças, e com morte de muitos foraõ desalojados.

Extremos em que está a fortaleza.

155 Já neste tempo estava arrasada a fortaleza, e os Portuguezes, em lugar de muros, defendiaõ suas mesmas ruinas; o inimigo dentro dos baluartes ás portas da victoria; os mantimentos, huns eraõ pelo tempo corruptos, outros pela qualidade nocivos; de que resultavaõ doenças de taõ má qualidade, que os saõs recebiaõ maior dano do contagio, que da hostilidade.

Torna D. Alvaro a arribar.

156 Tinha partido de Baçaim D. Alvaro de Castro cõ cincoenta navios (assi chamaõ quaesquer baxeis na India; ainda que sejaõ caravelas latinas, ou embarcaçoens de remo) e como vinhaõ empachados cõ muniçoens, e bastimẽtos, naõ podẽdo sofrer mares taõ grossos, tornáraõ a arribar em popa destroçados, e abertos, tomando diversas angras, e enseadas, onde o temporal os lançava. Entre os mais navios, que foraõ

foraõ correndo com a tormenta, foy o de q̃ era Capitaõ Athanasio Fraire, o qual indo demandar a terra, se foy metẽdo na enseada de Cambaya quasi alagado, e taõ perdido, que de commum acordo se assentou varar na primeira terra, que avistassem, havẽdo, que precedia a vida à liberdade; assi foraõ encalhar junto a Surrate, onde foraõ cativos, e levados a Soltaõ Mahamud, q̃ os mandou aprisionar, e meter na masmorra, onde tinha Simaõ Feo com outros Portuguezes.

157 Ruy Freire, que vinha na conserva de Dom Alvaro em hum navio seu, com soldados pagos á sua custa, sofreo melhor os mares, e navegando aquelle dia, e outro com fortuna, avistou a costa de Dio, para onde se foy chegãdo atè ir demãdar a fortaleza; e entrando pela barra foy surgir na Couraça, onde foy bẽ recebido de todos, e deu ao Capitaõ mór as novas da vinda de Dom Alvaro, taõ esperada, como importante, porque ainda naõ sabia da arribada, de que daremos conta.

Chega Ruy Freire a Dio.

158 Dom Alvaro de Castro, e Dom Francisco de Menezes arribáraõ com tormenta geral a Agaçaim perdidos, aonde

Proseguè D. Alvaro a viagem.

aonde se reformáraõ brevemente, e tornáraõ acõmetter o golfaõ cõ a mayor parte dos navios de sua conserva; e vencendo a furia do temporal, houveraõ vista de outra costa por junto de Madrefaval. Nesta paragẽ appareceo de longe huã não grossa, q̃ se vinha furtando á nossa armada. Mandou D. Alvaro ao Mestre, que arribasse sobre ella, o que fizeraõ mais dous navios, que vinhaõ na sua esteira. Amainou logo á não, q̃ era delRey de Cambaya, e vinha de Ormuz, lançou dous mercadores fóra, que vieraõ apresentar a D. Alvaro hum cartaz passado antes da guerra; o qual fez represaria na nao, e a mandou levar a Goa, para que visse o Governador se era de preza. As drógas que trazia, eraõ coral, chamelotes, larins, e alcatifas, que tudo foy julgado por perdido. E logo D. Alvaro de Castro, seguindo sua derrota, tomou a barra de Dio com quarenta navios empavezados; traziaõ todos flamulas, e galhardetes, dando de si huma mostra bellicosa, e alegre. Saudou a Fortaleza com toda artelharia, que tambẽ lhe respondeo com a mesma, tocando todos os instrumentos de guerra. Mandou

Toma huma não de Cambaya.

Chega a fortaleza com quarenta navios

dou o Capitaõ mór abrir as portas da fortaleza para receber D. Alvaro, baixando todos os fidalgos, e soldados a receber, e festejar a armada, em que de mais da pessoa de D. Alvaro, vinhaõ fidalgos, e Cavalleiros de muita cõta. Traziaõ munições, e bastimentos para mui largo tempo, porque naõ quiz o Governador deixar á cortesia dos mares, negar, ou abrir passagẽ a segundo soccorro. Aposentouse D. Alvaro no baluarte, em que acabou seu irmaõ D. Fernando; passaraõ-se a elle os soldados de sua milicia, e os mais dos fidalgos, huns como companheiros de sua dor, outros de suas victorias; e como a General do mar lhe hiaõ pedir o nome sem querer separarse de sua obediencia, opiniaõ encõtrada com o tempo, e mais com a disciplina. Porém D. Alvaro disse ao Capitaõ mór, que elle vinha sojeito a suas ordens, o que parecendo lanço de urbanidade a D. Joaõ Mascarenhas, lhe respondeo cõ a mesma cortesia; mas D. Alvaro lhe mostrou a instrucçaõ que trazia, que entre as excellẽcias do Governador, naõ foy a mais pequena, na qual dizia, que ainda que a jurdiçaõ do cargo, e as provi-

Como he recebido do Capitaõ mór.

sões. Reaes o eximiaõ de qualquer subordinaçaõ, que naõ fosse a do Governadór da India, que elle mandava a seu filho D. Alvaro, que estivesse às ordens de Dom Joaõ Mascarenhas, porque assi o pedia à muita honra, que naquelle cerco tinha ganhado; temperança de varaõ verdadeiramente grande; porque onde havia perdido hum filho, e aventurava outro, da fama, que ajudára a ganhar cõ seu sangue, naõ quiz para si nada; sem duvida mayor neste desprezo, que despois na victoria.

159 Rumecaõ sabendo da vinda de D. Alvaro, disse, que já tinha na fortaleza prisioneiros para honrar seu triunfo, mandando trabalhar cõ mais calór nas minas. Despedio logo Dom Alvaro o seu navio com cartas ao Governador, do estado em que achára a fortaleza; e Dom Joaõ Mascarenhas o avizou de todos os successos passados. Haveria já na fortaleza seiscentos homens, todos soldados de opiniaõ, com os quaes lhe pareceo a D. Joaõ Mascarenhas que podia intẽtar cousas mayores q a defensa. Mandou logo assestar tres Camellos contra as estancias do inimigo, que as bateraõ taõ furiosamẽte,

Avizaõ ambos o Governador do estado da Fortaleza.

te, que Rumecaõ reforçou as fortificaçoens, que tinha, taõ attento a offender, como a defender.

160 Dos assaltos passados ficou nas ruinas do Baluarte S. Thomè, hum Basilisco soterrado de estranha grãdeza, o qual o Capitaõ mór desejou subir á fortaleza, e ordenando cabrestantes, e engenhos, nunca lhe foy possivel; e querendo ao menos seguralo, para que os inimigos se naõ servissem delle, o mandou liar cõ visadores grossos, porém os Mouros foraõ cavando por baixo das paredes do baluarte, e picando as pedras do alicesse, ate que faltandolhe os fundamẽtos, vieraõ as paredes a terra, ficando o Basilisco atado, e suspéso nos ares. Acodiraõ logo os Mouros a entrar o baluarte, aos quaes fez rosto D. Francisco de Menezes com os de sua companhia, que ahi se achavaõ, travando com os Mouros huma pendencia assaz de bem renhida; e como este era o primeiro dia, que viraõ a cara do inimigo, o carregáraõ com as mãos taõ pezadas, que houve a seu pezar de retirarse, deixando muitos dos cõpanheiros no campo, mas no tempo que mais fervia a briga, liáraõ outros o

Envejate o inimigo outra vez, e retirase.

Basi-

Basilisco cõ hum calabrote forte, e o levàraõ arrastando, quasi a furto dos nossos, que attentos á peleija naõ deraõ fé da obra, que os Mouros faziaõ.

161 Andava D. Joaõ Mascarenhas com grande vigilancia sobre os desenhos do inimigo, temendo mais as minas, que ser acõmettido com força descuberta; o que entendido pelos soldados de D. Alvaro, temerosos com o exemplo fresco de Dom Fernando de Castro, e outros fidalgos, e soldados, que morrèraõ abrasados, se conjuràraõ em sair a pelejar com o inimigo, timidos no perigo duvidoso, temerarios no certo.

Determinaõ os nossos irbuscalo.

162 Diziaõ, que naõ queriaõ com obediencia inutil perecer abrasados, quando podiaõ morrer na campanha victoriosos, ou vingados; q pois sabiaõ peleijar como homens, naõ queriaõ acabar como feras, atados ao perigo; que de dous escolhiaõ antes o que podiaõ vencer, que o de que naõ podiaõ fogir. D. Joaõ Mascarenhas os dissuadio, quanto lhe foy possivel, primeiro com razoens, depois com a authoridade do cargo, e da pessoa; mas tudo foy sé fruito, porque estavaõ taõ vãos,

O Capitaõ mòr trata dissuadillos.

e altivos com sua mesma culpa (como tinha semblante de virtude) que esperavaõ da desobediencia premios, e louvores. D. Alvaro de Castro acodio a detelos, estranhandolhes resoluçaõ taõ fea, dizendo: que ElRey sentiria mais a desobediencia de hum soldado, que a perda de hũa fortaleza; que ao Capitaõ mór só tocava o governar, e elles obedecer, e peleijar. Dom Francisco de Menezes lhes disse, que fossem embora a infamar o nome Portuguez, que a hóra levavaõ já perdida, a vida grandemente arriscada; que quando escapassem das armas de seu inimigo, naõ poderiaõ livrar-se da indignaçaõ justa de seu Rey, ao qual desprezavaõ na pessoa de seu Capitaõ mór com sediçaõ taõ fea. Porém elles fatalmẽte obstinados, se ordenaraõ para dar a batalha, dizendo, que de nenhum delicto se engeitava a victoria por disculpa; e quando se perdessem, ficavaõ fóra do premio, e do castigo; q̃ elles acodiaõ pela honra do Estado, que estava mais costumado a tomar praças aos Mouros, que perder as suas.

D. Alvaro, e D. Francisco fazem o mesmo.

Proseguem os soldados seu intento.

163 O mais que se pode acabar com os amotinados, foy, que ficasse a inva-

zaõ

nossos altivos, e desordenados remeté-
raõ ao muro. O primeiro que o sobio
foy Dom Alvaro, ajudado dos deus Ir-
mãos Luiz de Mello, e Jorge de Men-
doça, que tras elle sobiraõ. Dom Fran-
cisco de Menezes entrou por outra
parte, sendo dos primeiros Antonio
Moniz Barretto, Garcia Rodrigues de
Tavora, D. Jorge, e Dom Duarte de
Menezes, Dom Francisco, e Dom Pe-
dro de Almeida.

Resistencia dos inimigos.

165 Rumecaõ, Jamalcaõ, e Mojate-
caõ, vieraõ cõ grossas cõpanhias a en-
cõtrarse com os nossos, entre os quaes
se começou a batalha, sustentada de
nossa parte com mais valor, que disci-
plina. D. Francisco de Menezes foy le-
vando do campo os Mouros, que naõ
podendo sofrer o peso deste encontro,
perdèraõ muita terra, atè que soccorri-
dos de outros muitos, detiveraõ a cor-
rente dos nossos. Dom Joaõ Mascare-
nhas sobindo o muro, quasi ao mesmo
tempo, que os outros Cabos, vio mui-
tos soldados do motim, que estavaõ ao
pè delle sem ousar cavalgalo, e em voz
alta lhes accusou, com palavras feas, a
desobediencia, e fraqueza, os quaes ca-
lados, como querendo responder com

Reprende o Capitaõ mòr os amotinados.

as

as obras, o seguiraõ. E logo acometendo os inimigos, que andavaõ baralhados com Dom Alvaro, lhes fizeraõ perder parte do campo; mas como o partido era taõ desigual, os Mouros se foraõ melhorando, e carregando os nossos, de sorte, que se desordenàraõ.

Valor, e disciplina de D. Alvaro.

166 D. Alvaro fez obras, que respondèraõ bem ao sangue, opiniaõ, e ao valor; naõ faltou à disciplina, difficil de conservar nas desgraças, porque foy ordenando, e recolhendo os seus, quanto lhe foy possivel, retirando-se mui acordado com o rosto, sem [illegible] o inimigo, o qual lhe havia degolado alguma gente, e outra se desmandava, naõ podendo sofrer o impeto dos Mouros; o que vendo Jorge de Mendoça, inda que estava ja ferido, tomou a D. Alvaro nos braços para o sobir ao muro; mas podendo-o mal fazer, por estar desangrado, foy ajudado de seu irmaõ Luiz de Mello; e estando D. Alvaro já sobre a parede, lhe deraõ huma pedrada, que o fez cair da outra parte sem sentido.

Sobe o muro donde cabio de huma pedrada.

Passa bem pelo muro a Luis de Mello.

167 Depois de Luiz de Mello acodir a D. Alvaro, salvou tambem o irmaõ, ficando

do

do elle cõ Garcia Rodrigues de Tavora, Antonio Monís, e outros fidalgos, detendo o impeto dos Mouros, em quanto os mais subiaõ, atè que foy passado de hum pelouro, de que cahio quasi mortal. Os companheiros o levãtáraõ, e poseraõ em cima da parede, donde foy levado à fortaleza, e dahi a Chául, onde acabou da ferida, merecêdo seu singular esforço, se naõ mais gloriosa morte, mais dilatada vida.

Morte de D. Francisco de Menezes

168 D. Francisco de Menezes, pelejando muy valerosamente, cahio atravessado de hum pelouro, com cuja morte os de sua companhia se começáraõ a retirar desordenadamẽte. Aqui foy o estrago mayor, porque o inimigo, conhecendo o desarranjo dos nossos, carregou sobre elles com mayor ouzadia.

Acordo do Capitaõ mòr

169 D. Joaõ Mascarenhas se portou nesta disgraça com valor, e acordo, humas vezes retirando os seus, outras fazendo voltas ao inimigo em quanto se recolhiaõ os desmandados, com que evitou grande parte do dano; e tendo já salvado as paredes, se derramou huma voz, que era a fortaleza perdida, em que os soldados se começáraõ a es-

palhar

espalhar por differentes partes, como gente desbaratada. Neste taõ apertado conflicto bradou Dom João Mascarenhas aos seus, afeando lhes a retirada, e peleijando taõ valerosamente, que só com alguns poucos que o seguiaõ, deteve o inimigo. Os fidalgos, que aqui se acháraõ, alcançáraõ em dia taõ infelice, illustre nome. Lopo de Sousa ao pé do muro se defendeo de hũ graõ tropel de Mouros, fazẽdo-os afastar muitas vezes, com tal valor, que o acometiaõ de longe cõ armas de arremesso, atè que atravessado pelos peitos de hũ dardo cahio morto, deixando bem vingado seu sangue. Antonio Moniz Barretto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Duarte, e D. Jorge de Menezes, que trazia dezasete feridas, fizeraõ ao inimigo muy custosa a victoria.

Fidalgos q̃ se assinalaraõ neste dia.

170. Rumecaõ, querendo tirar mayor fruito de nosso desatino, mandou a Mojatecaõ, que fosse demandar a fortaleza com cinco mil soldados, cortando o passo aos que se recolhiaõ destroçados, e acommettendo o baluarte Saõ Thomé, achou nelle a Luiz de Sousa, que com a artelharia, e espingardaria lhe matou muita gente; porém o Mouro

Envestte Mojatecão a fortaleza, e retirase.

ro atrevido com o calor da victoria, insistio na escala; mas foy taõ valerosamẽte resistido, que se tornou a retirar com dano conhecido. Dom Joaõ Mascarenhas trabalhou tanto, q̃ tornou a ordenar os soldados, que andavaõ desgarrados, dos quaes fazendo hum batalhaõ cerrado, guiou à fortaleza, e encontrando muitos Mouros, desmandados na segurança da victoria, deu nelles taõ valerosamente, que muitos deixáraõ as vidas, e os demais o campo. Perderaõ-se nesta desgraça trinta e cinco pessoas, em que entráraõ os fidalgos, que havemos referido, e foraõ mais de cem os feridos, mas em taõ desordenada empreza, ainda se teve a desgraça por menor que o erro. O Capitaõ mór foy logo demandar a D. Alvaro, que ainda achou sẽ falla, e a juizo dos cirurgioens, mui contingente a vida, cujo perigo durou aquelles dias, que a Philosophia chama Decretorios, ou Criticos; porém fez á doença termo, cobrando D. Alvaro saude com alegria de todos, que o amavaõ pelas qualidades do sangue, e da pessoa. Nuno Pereira se achou neste conflicto, o qual despois de pelejar com valor conhecido,

Ordena o Capitão mór os soldados.

Perdados nossos nesta desórdem.

do,

do, se recolheo com quatorze feridas. Pedio licença para se ir curar a Goa, onde tinha sua casa, e era casado de pouco, cõ fazenda abundante, da qual no serviço delRey gastou grão parte, atè perder a vida, como diremos.

Animase Rumecaõ cõ este successo.

171 Vendo-se Rumecaõ com taõ inopinada victoria, havida por hũ valor desordenado dos nossos, concebeo maiores esperanças do successo, resoluto a ver o fim da empreza, para a qual começou a achar nos seus mais prompta obediẽcia, perdendo na experiencia daquelle dia muita parte do temor, q tinhaõ a nossas armas. Deu logo conta ao Soltaõ da victoria, que na Corte se festejou cõ alegrias publicas, e Rumecaõ recebeo delRey honras de homem victorioso, sẽdo daquelle dia em diante mais assistido de gẽte, municoens, e dinheiro, acodindo muita parte da nobreza a militar com elle, esperãdo gozar de sua fortuna. Mandou logo continuar a obra do baluarte, furtandolhe por baixo a terra, para que descarnado arruinasse o pezo, faltando o fũdamento sobre que assentava. Este desenho divertio D. Joaõ *M*ascarenhas, mandãdo fazer outro forte por dentro, que

Continua as minas, e os nossos os reparos.

fecha-

fechava em circuito menor, que por abraçar menos terra,era mais defensavel.Naõ se pode escõder a Rumecaõ a obra, e carregando para aquella parte muitos *Mouros*, tiravaõ de continuo aos trabalhadores pedras, dardos, alcanzias de fogo,huns cõ pontaria certa nas partes que descobria o muro, e outros por elevaçaõ, com que feriaõ a nossa gente; mais attenta ao trabalho, que à defensa; pelo que o Capitaõ ordenou se trabalhasse de noite cõ luzes escondidas; pondo as pedras pela estimaçaõ, e tino,do que tinhaõ desenhado de dia.

172 Rumecaõ altivo, e confiado cõ o bom rosto, q̃ lhe mostrou a guerra na ultima peleija, como em desprezo da vinda do Governador,q̃ se esperava começou a edificar hũa nova Cidade; como quem jà lograva os ocios do triunpho na imaginada victoria;ou fosse por dar aos seus confiança, ou q̃ obrava como homem credulo na prosperidade dos successos, q̃ já se promettia; fez Palacios para sua pessoa com a policia,e grandeza, que pudéra em huma paz ociosa.Para os Cabos mayores ordenou, apolentos, empenhando-os a de-

Fabricaõ huma nova Cidade.

defender suas proprias moradas, mostrando nesta fabrica naõ menor artificio, que soberba. Mandou atravessar com barcas a passagem do rio naquella parte, que se serve da Alfãdega para a Villa dos Rumes, as quaes depois de firmes com muy grossas amarras, terraplenou igualmente; por onde (como em ponte, ainda que tremulà segura) tinhaõ facil passagem os carros, q̃ basteciaõ a Cidade. Da confiãça com que Rumecaõ se dava a taõ custosa fabrica, se derramou hũa voz por muitos Reynos vezinhos, e distantes de Cambaya, q̃ era perdida a nossa fortaleza; e esta fama como grata aos ouvidos dos Mouros, e gentios, se espalhou por todo o Oriente, até chegar a receber o Soltaõ cõgratulações de muitos Principes, que lhe davaõ emboras de victoria. Em Goa se ouviaõ os ecos desta nova, com temor, e silencio, e ainda que vaga, e sem autor, chegou aos ouvidos do Governador, ficando-lhe mais certa pelo secreto, e recato com que huns a referiaõ a outros.

Cuidados do Governador.

173 Esta desgraça que se temia, parecia, que tomava certeza da tardança que havia nos avizos de Dio; porque nem

nem da armada de Dom Alvaro se sabia cousa certa, e os que queriaõ divertir o Governador, mais podiaõ desprezar, que negar a fama que corria; e elle, sendo o mais interessado, vendo quaõ necessario era animar o povo, mostrava hum coraçaõ inteiro, desmentindo com o semblante as novas, que temia.

174 Cõ este cuidado passava o Governador, divertindo-se com os negocios, e aprestos da armada, que sollicitava com viva diligencia, quando lhe deraõ avizo, que na barra surgira hũa náo do Reyno, de que era Capitaõ Dom Manoel de Lima, e se apartára de cinco mais, que vinhaõ na mesma conserva, à ordem de Lourenço Pires de Tavora. Das outras vinhaõ por Capitaens D. Joaõ Lobo, Joaõ Rodrigues Peçanha, Fernando Alvarez da Cunha, Alvaro Barradas. Estimou o Governador a vinda de D. Manoel de Lima, pela pessoa, e pela occasiaõ. Vinha provido na Fortaleza de Ormuz, que ElRey lhe deu por desviar alguns encontros entre elle, e o Governador Martim Affonso de Souza, com quem andava atravessado, espe-

Chega do Reyno a Goa Dom Manoel de Lima.

rando que viesse da India para lhe pedir satisfaçaõ de algumas queixas. Estes desabrimentos curou ElRey, como pay, interessado na paz de hum, e outro vassallo. Quizera Dom Manoel partirse logo a Dio com trezētos soldados à sua custa, porém o Governador o divertio, querendo acompanharse delle na armada, servindo-se de seu valor, e experiencia na facçaõ presente.

Tem o Governador novas de Dio.

175 O Governador andava sobremaneira cuidadoso dos negocios de Dio, interpretãdo mal a falta dos avisos, quando aportou na barra de Goa a Capitania em que fora D. Alvaro. Vinha o navio todo embandeirado, e dando alegres salvas, querendo indiciar de longe as novas que trazia. Occorreo à praya grande parte do povo, solicito a preguntar pelos filhos, parentes, e amigos, e os menos empenhados pelo commum do Estado. O Capitaõ foy levado aos Paços do Governador, satisfazendo pelo caminho a duplicadas, e molestas preguntas. Achou o Governador com o Bispo D. Joaõ de Albuquerque, e Fr. Antonio do Casal Custodio dos Francis-

Piedade, e alegria com q̃ as recebeo.

cos.

cos. A primeira couſa que o Governador preguntou foy, ſe eſtava ainda à fortaleza por ElRey ſeu ſenhor? ao que o Capitaõ reſpondeu, que eſtava, e eſtaria. A cuja nova ajoelhando-ſe o Governador, com os olhos no Ceo, deu a Deos as graças, naõ ſem derramar lagrimas, ſignificadoras da piedade com Deos, do zelo com ſeu Principe. E logo recebendo as cartas, ſoube da morte de ſeu filho D. Fernando, q̃ recebeo com tanta conſtancia, q̃ os de fóra lhe naõ conhecéraõ mudança no roſto, ou nas palavras; como ſe fora fraqueza parecer pay, ou indignidade ter affectos de homem. Fez mercè ao Capitaõ, e o mãdou que foſſe alegrar a Cidade com as novas que trazia, e logo recolhendo-ſe chorou em ſecreto o filho, eſperando tempo à dor, ſem injuria do lugar, e do [illegible]eita

Valor com q̃ ſe portou na morte de D. Fernando ſeu filho.

Aquelle meſmo dia an[illegible]ngadas; que em que vinha [illegible]ao Mundo deſte cer- das feridas fal[illegible]lencia com que o tole- po enterra[illegible] o Eſtado mais ſe aſſegu- neraes, [illegible] a fama, que com todas as panh[illegible]do Oriente; as quaes ſó eraõ de Po[illegible]o, quando as recebiamos, naõ por [illegible]mercio, ſenaõ como tributo; que ulti-

Procissaõ em acçaõ de graças

176 Ao seguinte dia se fez huma solemne procissaõ de graças, a que assistio o Governador vestido de escarlata, consolando com novo exemplo o povo na morte de seu proprio filho. Por este navio soube da saida q̃ os nossos fizeraõ desordenada, e forçosa, que fora occasiaõ de tantas mortes, e do perigo em que ficava Dom Alvaro, cuja dor soube aliviar, ou encobrir, como quem dos filhos estimava menos a vida, que a memoria.

Soccorros que manda a Dio.

177 No mesmo dia despedio Vasco da Cunha, para q̃ fosse pelas bahias, e enseadas da Costa, recolhendo os navios da armada de Dom Alvaro, e os levasse a Dio. Por elle escreveo a D. Joaõ *Mascarenhas* congratulações da honra, que havia ganhado, naõ menos para si, que para o Estado; affirmando-lo[illegible] breves dias iria avistar a Dio rentes, e a[illegible]der do Estado, para o nhados pelo comm[illegible]enhũa despeza, Capitaõ foy levado aos [illegible]uãto se apressvernador; fatisfazendo pe[illegible] soccorros, a duplicadas, e molestas pr[illegible]rtaleza.

Piedade, e alegria com q̃ as recebeo.

Achou o Governador com o [illegible]cutou D. Joaõ de Albuquerque, e Fr. [illegible]ntonio do Casal Custodio dos Francis-cos.

nhadas; que, o respeito, que nos tinhaõ os Mouros, e Gentios, naõ duraria mais, que atè saber que podiamos sofrer huma injuria; que todos estes Principes estavaõ attentos ao castigo de Cambaya, e naõ ouzáraõ atégora ajudala com forças auxiliares, temerosos de poderem cair sobre suas ruinas; porém se vissem que nos contentavamos com reparar os estragos de nossa fortaleza, e atar as feridas, que nos tinhaõ aberto, as tornariaõ a rasgar de novo, encaminhãdo o segundo golpe ao coraçaõ do Estado; que a reputaçaõ era alma dos Imperios; o sofrimento nos particulares, virtude; nas Coroas, ruina; que tinhamos perdido neste cerco tantos fidalgos illustres, tantos Cavalleiros, e soldados de nome, que cobririaõ os vivos, como sinaes infames, as feridas que recebéraõ nesta guerra, se as naõ vissem vingadas; que ficava que contar ao Mundo deste cerco, senaõ a paciencia com que o toleramos? Que o Estado mais se assegurava com a fama, que com todas as drógas do Oriente; as quaes só eraõ de preço, quando as recebiamos, naõ por comercio, senaõ como tributo; que ulti-

ultimamente, naõ queria, que a primeira fraqueza de nossas armas acontecesse nos dias de D. Joaõ de Castro; que elle estava resoluto a peleijar; a culpa seria de hum só, a victoria de todos. Referio o Governador estas palavras cõ hum espirito presago do triunfo antevisto, ou da esperãça do successo, ou da grandeza do animo.

183 Em Dio naõ estavaõ ociosas as armas, porque Rumecaõ valeroso, e constante, naõ o assombravaõ os danos recebidos, nem os soccorros esperados dos nossos. Sabia o poder, com que o Governador vinha em pessoa, ainda estimado por mayor na fama, que na apparẽcia; mas nem assi dobrou da resoluçaõ de proseguir o cerco, esperando a ultima fortuna. Mandou minar a guarita de sobre a porta em que estava Antonio Freire, e ainda que se trabalhava com estranho silencio, divertindo a attẽçaõ dos nossos com ardís differentes, o Capitaõ mór, a quem nenhum caso, ou accidente achava dessuidado, lhe penetrou a obra, à qual contrapos os mesmos reparos, que outras vezes. Deraõ os Mouros fogo à mina em dez de Outubro, a qual rebentou

Soccorros que manda a Dio.

Mina que deu fogo sem dano nosso.

bentou sem dano pela face de fóra, retrocedendo o fogo por achar resistencia nos repuxos, e viraõ os Mouros por dentro outra parede levantada, espantados de que anteviamos os fins de todos seus desenhos, naõ lhes valendo a força, nem a industria contra taõ valerosos, e prevenidos inimigos. Rumecaõ ainda que experimentava que nas minas era menor o fruito, que o trabalho, ou por cançar os nossos, ou por ter os seus em boa disciplina, começou a abrir outras, que sendo tambem conhecidas, se atalharaõ, ás quaes naõ referimos, porque naõ involveraõ successo memoravel, como por evitar o fastio de relatar cousas taõ parecidas.

VIDA DE D. JOAÕ DE CASTRO

IV. Viso-Rey da India.

LIVRO TERCEIRO.

1 AOS dezasette de Outubro deste anno de mil quinhentos quarenta e seis, entregando D. Joaõ de Castro o governo da Cidade ao Bispo D. Joaõ de Albuquerque, e a D. Diogo de Almeyda Freyre, soltou as vélas em direitura a Baçaim, onde quiz esperar alguns soccorros, e mantimentos, que vinhaõ

retar-

retardados, porque fez opiniaõ de naõ estar o Governador da India em Dio hum só dia cercado, querendo com a felicidade de Cesar chegar, ver, e vencer.

Parte o Governador para Dio.

Constava a Armada de doze galeoens grossos, de que era Capitania S. Diniz, em que hia embarcado o Governador; dos outros eraõ Capitaens Garcia de Sá, Jorge Cabral, D. Manoel da Sylveira, Manoel de Souza de Sepulveda, Jorge de Souza, Joaõ Falcaõ, Dom Joaõ Manoel Alabastro, Luis Alvares de Sousa. Os navios de remo eraõ sessenta, de que eraõ os principaes Capitaens D. Manoel de Lima, D. Antonio de Noronha, Miguel da Cunha, D. Diogo de Sottomaior, o Secretario Antonio Carneiro, Alvaro Peres de Andrade, Dom Manoel Déça, Jorge da Sylva, Luis Figueira, Jeronymo de Sousa, Nuno Fernandes Pegado o Ramalho, Lourenço Ribeiro, Antonio Leme, Alvaro Serraõ, Cosme Fernandes, Manoel Lobo, Francisco de Azevedo, Pero de Ataide Inferno, Francisco da Cunha, Antonio de Sá o Rume, Cosme de Payva, Vasco Fernãdes Tanadár mór de Goa,

Cõ que armada, e Capitães.

Cabo de quinze fustas, cotias, e taurins, em que hiaõ os Canarins de Goa, e outros navios de Cananor, e Cóchim.

Chega a Baçaim, e faz guerra a Cambaya.

3. Em seis dias afferrou Baçaim, vindo buscallo ao navio D. Jeronymo de Menezes seu cunhado, Capitaõ mór daquella fortaleza, consolando-se reciprocamẽte hum na morte do irmaõ, outro do filho. E porque o Governador naõ queria ter ociosas as armas, despachou D. Manoel de Lima cõ seis navios ligeiros, para que na enseada de Cambaya fizesse algumas presas, nos navios, que soccorriaõ, ou basteciaõ o Campo do inimigo. Naquella paragẽ andou alguns dias, em que tomou sessenta cótias de Mouros cõ mantimentos; mandou espedaçar os corpos, e trazidos á toa, os soltou nas bocas dos rios, para que a corrente os levasse á Ilha, onde fossẽ vistos com horror, e espanto, de que a ira dos Portuguezes inventasse cada dia crueldades novas. Acabado o tempo do regimento, se recolheo D. Manoel com sessenta Mouros pendurados nas vergas dos navios, espectaculo mais grato á vingança, que á humanidade. O Governador alegrãdo-se com estes ensayos da guerra, que

em

emprendia, tornou a mandar D. Manoel de Lima com trinta navios, e instrucçaõ, que todo o maritimo de Cambaya posesse a ferro, e fogo, para que a memoria do castigo durasse nas ruinas.

4 Lourenço Pires de Tavora, Capitaõ mór das naos do Reyno, (como temos referido) aportou em Cóchim cõ os mais navios de sua companhia, e achando ahi novas do cerco, partio a Goa com toda a diligencia; crendo que acharia o Governador em terra, e sabendo que se tinha levado toda a Armada, róta batida foi demandar Dio, antepondo o serviço Real aos interesses da viagem, cujo exemplo seguiraõ muitos Fidalgos Reinoes, sendo a primeira terra, q̃ pisaraõ da India, as ruinas da nossa Fortaleza. Entre os quaes passou D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia, com sessenta Soldados á sua custa, que estas eraõ as riquezas, que os Fidalgos daquelle tẽpo hiaõ buscar ao Oriente, porque eraõ entaõ melhores drógas as feridas, que agóra os diamantes. Nestas nàos teve o Governador cartas do Infante Dom Luis, que referiremos, porque se veja a attençaõ, com que o Rey, e o Infãte olha-

Lourenço Pires o vay buscar.

E outros Fidalgos

olhavão as acções mais pequenas dos Ministros, fazendo dellas acertado juizo, para lhes responder cõ premio, ou castigo, e a singeleza do trato, tão alheyo da soberania, ou altivez de outros tempos; e não será para os saudozos daquella idade prolixa esta memoria.

Carta do Infante D. Luis.

„HOnrado Governador, pelas cartas, que escrevestes a ElRey „meu Senhor, e a mim, vi o discurso „de vossa viagem depois de partido de „Moçambique até chegar á India, e o „que nella fizestes até a partida das „naos, e o estado em que achastes a „terra, e a cõdição dos homens, e devassidão dos tratos, e a fraqueza da Armada, e como vos houvestes cõ o Hidalcão nas cousas do Meále, e assi nas „cousas de Ormuz, e cõ os Fidalgos, q̃ „tinhão licêças de Martim Afonso para levarẽ lá drogas, e tudo mais q̃ por „vossas cartas dizeis. E porque ElRey „meu Senhor vos responde a todas estas cousas em particular, o não farei „eu, senão em soma. E porém não deixarei de dizer quanto me assombrou

„cá

,teá em terra o perigo, que passastes a
, travez da Ilha do Comaro , porque
, verdadeiramente foi acontecimento
, mui grãde,e temeroso; e porém eu o
, tomo como por boa estrea,porque me
, parece que vos quiz nosso Senhor
,mostrar nisto,que vos hade salvar dos
, perigos da terra da India para que he
, necessario tanto milagre, como usou
,cõ vosco em vos salvar de tamanh
, perigo; pelo que eu lhe dou muita
, graças, e folguei de saber que D. Je
, ronymo de Noronha vos teve cõpa
, nhia neste perigo,pois nosso Senho
, tambem o salvou a elle , e he cous
, de homem taõ hõrado,como elle he
, participar dos perigos, e trabalhos de
, seu Capitaõ. Quanto as mais cousas,
, que me escreveis , porq ElRey meu
, Senhor vos responde a todas em par-
, ticular ; e eu fui presente ás mesmas
, repostas,me pareceo acertado tornar-
, volas a referir,porque por suas cartas
, vereis o contentamento , que tem,de
, como nessas partes o começais a ser-
, vir,e a boa opiniaõ,que a gente tem
, de vós , o que particularmente vos
, manda que façais em cada cousa. O
, que vos eu digo mais posso dizer, he
, que

, que estou mui cõtente do modo, que
, levais nas cousas dessa terra, e do que
, nella fazeis, e dizeis, porque bem se
, mostra nisto, que o passar tantos cli-
, mas, vos naõ mudou de quem ereis, e
, dá conta, em que vos eu sempre tive:
, porque vos naõ cõtentais de mostrar
, isto assi por obras, mas além disso vos
, is sempre penhorando cõ palavras de
, demonstraçoens a fazer o mesmo; o
, que eu tenho por mui certo que vós
, fareis sempre inteiramente, quanto
, humanamẽte se poder fazer. Do mo-
, do que escrevestes a Sua Alteza naõ
, estou menos contente, porque vieraõ
, vossas cartas mui bem ordenadas, e
, nellas todas as cousas necessarias, e
, nenhũas superfluas; e bem se vé nel-
, las o mesmo, que asima digo, e q̃ en-
, tendeis as cousas, e que tendes zelo, e
, dezejo de as fazer sem respeito tem-
, poral de amor, nem interesse; o que
, muito folgo de vos ouvir, porque ain-
, da que eu tenho por certo q̃ o fareis
, assi, parece huma grande abondança
, de coraçaõ, e de virtude, que nelle tẽ-
, des, folgardes tanto de o dizer; pelo
, que eu espero em nosso Senhor que
, vos ha de cõprir vossos bons desejos,
, e

, e que vos ha de trazer dessa terra cõ
, muito vosso cõtento, e honra: porque
, naõ póde deixar de succeder isto, a
, quem nenhũa cousa procura, senaõ o
, serviço de Deos, e de seu Rey; ainda
, que vos isto hade custar grãdes traba-
, lhos, lẽbrovos, que nelles está o mere-
, cimẽto das cousas; e que a Christo Se-
, nhor nosso cõnveo passallos para en-
, trar na sua Gloria; e se vos parecerẽ
, as cousas difficiles, lembre-vos q̃ estas
, saõ as em q̃ Deos poem a maõ, e o q̃
, ajuda a quem o serve nellas cõ a ten-
, çaõ, cõ q̃ vós o fazeis, e os homẽs naõ
, podẽ pór mais de sua casa q̃ a võtade,
, e diligẽcia; e por isso S. Paulo naõ at-
, tribuhia a si, mais q̃ o plãtar das cou-
, sas, porq̃ Deos hade dar o incremẽto, e
, assi o dará elle em todas vossas cousas
, como as plantardes cõ o zelo, que eu
, cõfio que vós tendes em todas; e por
, isso vos naõ espantẽ as grãdes, nẽ te-
, nhais em pouco as pequenas; fazei
, igual ponderaçaõ, e os fins dellas re-
, metteios a nosso Senhor; e posto q̃ al-
, gũas vos naõ saiaõ como desejais, nũ-
, ca entre em vós descõfiãça, em quãto
, fizerdes as cousas cõ justo zelo, e lim-
, pa tençaõ: porque muitas vezes per-

, mitte

, mitte nosso Senhor aos que o mais
, servẽ, que façaõ erros, para que me-
, reçaõ na paciencia, e na confiança
, delle, e se espertẽ mais nas cousas, e
, se acrescentẽ em maior perfeiçaõ. Fa
, zei justiça, como a entẽderdes, tomã-
, do sẽpre conselho, e parecer nas coũ-
, sas, como fazeis; conservaivos na lim-
, peza de vossa pessoa, que usais acerca
, dos cõbates dos gostos tẽporaes, e in-
, teresses dessa terra, e cõ isto venha o
, q̃ vier, porque tudo será para bõ fim.
, Nas cousas, que tocaõ ao culto Divi-
, no, na cõversaõ dos infieis, vos esme-
, rai muito, porq̃ estas saõ as armas, que
, principalmẽte haõde defẽder a India.
, Procurai de lãçar dessa terra as despe-
, sas sobejas dos homẽs, e as brãduras,
, e delicadezas, de q̃ usaõ; e os vestidos,
, e paramẽtos de casas, que trataõ, dis-
, põdo-os para estas cousas brandã, e
, suavemẽte cõ o exẽplo, que lhes dais,
, e de vossos filhos, e cõ fazer favor, e
, mercé aos que usaõ do cõtrario; e se
, estas cousas naõ puderdes emendar,
, naõ vos espãteis disso, porq̃ as que se
, danaõ cõ tempo, cõ tempo se haõ de
, tornar a emẽdar, e naõ se podẽ reme-
, diar de improviso; por isso ide cõtinu-
, ando

; ando cõ vosso bom proposito, e fazẽ,
, do as cousas segundo a disposição do
, tempo, e o sujeito das pessoas, em que
, haveis de obrar, que com isto espero
, em nosso Senhor que encaminhe to,
, das as vossas cousas a seu serviço, e ao
, de ElRey meu senhor, e vossa honra,
, como desejais. Quãto ao q̃ me dizeis,
, que procure que vossa estada seja lá
, breve, bẽ vejo que tẽdes muita razaõ
, de o desejar assi, e me parece q̃ se naõ
, póde tratar até naõ ver as vossas car,
, tas, que este anno embora viraõ, e por
, isso deixo a reposta deste põto para o
, anno, q̃ embora virá. E acerca do q̃ me
, escreveis de D. Alvaro vosso filho, eu
, fallei a S. Alteza naquelle negocio; e
, S. Alteza o conhece bẽ, e está bem in,
, formado das qualidades de sua pes-
, soa, e deseja de lhe fazer hõra, e mer,
, cé; e porém por algũas razões, que S.
, Alteza vos mãda escrever, e porque
, este anno escreve que naõ mãda lá ne,
, nhũ despacho, houve por bem deferir
, este para responder a elle o anno que
, vẽ, e por entretãto lhe mãda fazer a
, mercé, que vereis por suas Provisões.
, A mim me fica muito bõ cuidado de
, lhe lẽbrar tudo o que a vossos filhos
toca;

, toca; espero em nosso Senhor que se
, faça de maneira, que elle receba hõ-
, ra, e mercé de S. Alteza, como vossos
, filhos, a quem deseja fazer o que vós
, lhe mereceis, e podeis ter por certo, q̃
, S. Alteza está mui verdadeiro conhe-
, cimento da vontade, cõ que servis, e
, mui cõtente do modo, que o tẽdes fei-
, to atéqui. Eu fallei a S. Alteza em Af-
, fõso de Rojas, e por vosso respeito lhe
, fizera logo a mercé, q̃ lhe eu pedi, mas
, porq̃ (como digo) manda dizer ás pes-
, soas, que andaõ na India, que este an-
, no naõ mãda lá nenhũ despacho, dif-
, ferio o de Afonso de Rojas para o an-
, no q̃ vẽ, e diz que para entaõ lhe fará
, mercé, eu terei cuidado, se a Deos a-
, prover, de vos mãdar a Provisaõ, e fol-
, go eu muito das boas novas, que me
, dais de Afonso de Rojas, e de crer he,
, q̃ sẽdo irmaõ do Mestre Olmedo, e es-
, tãdo em vossa cõpanhia, naõ póde dei-
, xar de ser homẽ de bẽ. O q̃ me mãda-
, stes nas naos, que vieraõ, me foi dado,
, e cõ tudo folguei, por ser cousa, q̃ veo
, da vossa maõ, agradeçovolo muito.
, Escrita em Almeirim a vinte seis de
, Març. de mil quinhẽtos quarẽta e sete.

O Infante D. Luis.

Parti-

6 Partido de Baçaim D. Manoel da Lima, entrou de noite o rio de Surrate, e ſubindo por elle cõ a maré, aviſtou hũa povoaçaõ grande, que ainda que naõ era habitada de Abexins, tinha delles o nome. Eſtava a povoaçaõ da banda de Levante, derramada em hũa eſtẽdida planice, e ainda que o lugar era aberto, tinha dous mil vizinhos, q̃ aſſeguravaõ a defenſa cõ algũas trincheiras, ſem outra fortificaçaõ, fiados quiçá em que os ſeus neſta guerra eraõ os invazores, e nas eſpaldas, que lhes fazia o exercito, que tinhaõ na cãpanha. Sahio D. Manoel em terra, e os noſſos cõ a meſma ordem, cõ que deſembarcavaõ, hiaõ enveſtir o inimigo, mais valeroſos, q̃ diſciplinados. Os Mouros tiveraõ animo para eſperar, naõ para reſiſtir, menos aſſõbrados do temor dos noſſos, q̃ do horror de ſeus primeiros mortos, cujo ſangue os intimidou de maneira, q̃ voltaraõ as coſtas. Pereceraõ muitos na fogida, poucos na reſiſtẽcia; foy o eſtrago grande, porque naõ perdoou a eſpada dos Soldados a ſexo, nẽ a idade. Mandou D. Manoel pór fogo as caſas, abrazaraõ-ſe fazendas, e edificios. O furor deſprezou a cobiça; mandou

Danos que faz D. Manoel da Lima em Surrate.

dou cortar as maõs a hum só Mouro, que deixou com vida, para que naõ levasse novas sem sinaes da victoria.

7 Sahio do rio a Armada, e costeando dous dias, houve vista da Cidade de Antóte, conhecida pela soberba dos edificios, e riqueza de seus habitadores, grossos cõ o cõmercio maritimo. Estes prevenidos cõ o estrago alheo, resolvéraõ-se a defẽder suas casas, ou morrer dentro nellas; taõ iguaes andaõ na estimaçaõ cõ a vida estes bens da fortuna. Tomou D. Manoel terra, ainda q̃ naõ sem sangue, porque os Mouros vieraõ esperar os nossos, mostrando-se na resoluçaõ soldados, mas naõ na disciplina, porque divididos em magótes, acometiaõ aos nossos cõ tiros vagos, e incertos, descobrindo o mesmo temor na resistencia, que depois na fogida. D. Manoel os foi levando até os encerrar na Cidade, onde a vista das mulheres, e filhos os fez deter piedosos. Aqui pareceo aos nossos que tinhaõ inimigos, porque peleijavaõ cõ amor de pays, tibios em defẽder as proprias vidas, valentes em amparar as alheas; mas como o valor naõ era natural, e nacia de afectos piedosos, ou cobardes, cedeo a piedade

Assola a Cidade de Antóte.

lade ao temor, deixandonos a Cidade, os filhos, e a victoria. E como D. Manoel hia mais a destroir, q́ a vencer, deu a Cidade ao fogo. A crueldade sobejou ao estrago, porq̃ a muitas dõzellas Bramanas, na cor, e fermosura, como as da Europa, naõ perdoou a vitoria, eximindoas da culpa o sexo, o parecer da espada. 8 Foi D. Manoel de Lima assolando os lugares da costa por toda aquella enseada de Cambaya, fazendo taes estragos, que o naõ fartava o sangue, nem a victoria. Em fim se recolheo cõ mais gloria, que despojos, e achou o Governador já na Ilha dos Mortos cõ toda a Armada junta, cõ a qual no seguinte dia, que foraõ seis de Novẽbro, se fez na volta de Dio; hiaõ os navios boyantes cheos de flamulas, e galhardetes, dando de si huma fermosa vista.

E outros lugares, recolheo-se.

9 Tãto q̃ da Fortaleza descobriraõ a Armada, foi o cõtentamento universal de todos, como os que depois de tantos diluvios de sangue, viaõ quem lhes levava a paz pela vitoria. Embandeirou-se a fortaleza toda, vestindo-se de alegria as prostradas ruinas. Mandou o Capitaõ mór desparar a artelharia. O Governador lhe respondeo do mar cõ

Chega o Governador a Dio.

hũa

hũa espantosa salva, a que succederaõ os instrumentos musicos, e guerreiros das trõbetas bastardas, solemnizando cõ alegres vesperas hũ temeroso dia. Os Mouros tambem desparavaõ muitas peças, mostrando da chegada do Governador alegria, ou desprezo.

10 Ficou D. Joaõ de Castro no mar aquella noite, dõde mandou chamar ao seu navio, o Capitaõ mór, Garcia de Sá, Manoel de Sousa de Sepulveda, Jorge Cabral, e outros Fidalgos de conselho; aos quaes significou a resoluçaõ, cõ q̃ vinha de pelejar, sobre que naõ queria parecer alheo; q̃ o Governador da India naõ desembainhava a espada para se defender, senaõ para castigar; que no modo de cometer o inimigo o acõselhassem todos. Garcia de Sá lhe approvou, e louvou a resoluçaõ tomada, apõtando razões, q̃ ao Governador foraõ muy gratas, pela pessoa, e pelos fundamẽtos. Sobre a fórma de pelejar se discorreo, e assentou modo; q̃ se teve encuberto até a execuçaõ. Ordenou q̃ se metesse a gẽte na Fortaleza no silencio da noite, e em quãto desembarcava, cõ musicas, instrumẽtos, e tiros dos navios occultar a Rumecaõ o intento. Em tres noi-

Faz conselho no mar.

Mete a gẽte na fortaleza.

noites passou a gẽte à Fortaleza por escadas de corda; o q̃ se obrou taõ cautamẽte, q̃ o naõ pode entẽder o inimigo.

11 Rumecaõ mostrando-se mais ouzado no perigo vezinho, disse aos seus que se o Governador quizesse pelejar na campanha, entrariaõ os *Mouros* na Fortaleza pelas portas, e naõ pelas muralhas; q̃ com as bandeiras Portuguezas esperava varrer a casa do Profeta; q̃ pelejavaõ pela liberdade de tantos Principes, que gemiaõ opprimidos do pezo da servidaõ, e tributos, q̃ poupassem o valor para vingar injurias de muitos annos em hũ só dia; que com o pezo de tantas victorias já naõ podia o Estado; q̃ ordenava a fortuna trazelos juntos, para os acabar de hũ só golpe. Esforçou estas arrogancias o Turco cõ mandar, que a todos os soldados se dobrassem as pagas. Passava de quarenta mil homens o exercito; eraõ os mais dos Cabos Turcos, soldados velhos, chamados cõ avantajadas pagas, a quem a fama do valor, fizera conhecidos. Haviaõ chegado de refresco ao Campo settecentos Janizaros, que quizeraõ, com soberba, militar separados, como para verem os Mouros,

Discurso de Rumecaõ.

Que exercito tinha.

quem lhes dava a victoria. Guarneceo Rumecaõ as estancias, e poz o grosso do exercito nas partes onde lhe pareceo, q̃ poderia pojar a nossa armada, sẽ que a cõfiança lhe fosse impedimento à disciplina. Desta sorte esperou a invazaõ dos nossos, à resistencia prompto, e na batalha incerto.

E como o dispoem.

12. Tẽdo o Governador recolhido na Fortaléza já todos os Soldados, achou sobre acõmetter o inimigo opinioens diversas; e como as razões de huns, e outros cahiaõ sobre a contingencia do successo, naõ se podiaõ escolher, nem reprovar sem o conhecimẽto do futuro a todos escõdido. Garcia de Sá com a authoridade dos annos, do valor, e do sangue discorreo outra vez sobre conveniencias da batalha; mas D. Joaõ de Castro mandãdo guardar silencio a todos disse; que a sorte estava já lançada; que dos valerosos seria bem julgado, dos fracos naõ queria approvaçaõ; e os de fóra esperariaõ o successo para fazer juizo. Aquella tarde gastou em dispor os soldados para o seguinte dia, para que a dilaçaõ naõ alterasse os animos, ou a resoluçaõ. Ordenou que os bateis da armada esperassem sinal com

Resolve o Governador dar batalha.

Ordem que deu à Armada.

tres

tres foguetes da fortaleza, para que no mesmo tempo, que os nossos determinassem sair, fossem remando contra aquella parte dõde o inimigo se temia, tocãdo os instrumentos de guerra, fingindo todas as demonstraçoens de saltar em terra, metẽdo pelas perchas das fustas muitas lanças, cuja vista daria apparencias ao engano; e a do Governador se daria a conhecer de longe pelo lugar, e bandeira Real, e pelos atavíos; simulaçaõ, que ou nos deu, ou ajudou a victoria.

13 Amanheceo o dia, em que se contavaõ onze de Novembro, dedicado à memoria do glorioso S. Martinho Bispo Turonense, que nos podia favorecer Santo, e ajudar soldado. Com a primeira luz do dia apareceo o Governador no terreiro da Fortaleza com bastaõ de General, vestido de armas brancas com tanta magestade, que na pessoa se respeitava o cargo. Celebrou-se Missa em hũ altar patente a todos, para que ao Deos dos exercitos se pedisse a victoria. Cõmungou o Governador, e a mayor parte dos soldados, e o Custodio dos Frãciscos publicou indulgencia plenaria aos que morressem

Faz outras prevẽ-çoens.

na batalha. Acabado este acto, mandou tirar as portas da Fortaleza, e guizar com ellas hum almoço aos Soldados, para que a confiança do General, e a desesperaçaõ de algum abrigo, igualmente servissem à victoria, fazendo-lhes o pelejar preciso, por gloria, ou por necessidade disse assi aos Soldados.

Falla aos soldados.

,, Entramos em huma batalha, onde ,, vencidos honraremos nosso Deos ,, com o sangue, vencedores, nosso Rey ,, com a victoria. A força do exercito ,, inimigo saõ Turcos, e Janizaros, os ,, quaes como Soldados mercenarios ,, buscaõ a guerra, aborrecem a peleja. ,, A outra parte se compoem de nações ,, differentes, o soldo as obriga a estar ,, juntas, mas naõ a estar conformes. ,, Naõ saõ estes mais valerosos q̃ seus ,, pays, e avós, naõ seraõ mais felices; a ,, todos sujeitáraõ nossas armas. Este ,, Imperio da Asia he filho de nossas vi- ,, ctorias; criamolo em seu primeiro ,, berço, sustetemolo agora já robusto, q̃ ,, depois de largas idades nos hade mos- ,, trar ao mundo cõ o dedo a fama des- ,, te dia. Animar a batalha fora esque- ,, cerme que somos Portuguezes.

Ne-

14 Nesta fórma tinha ordenado a gente. Deu a vanguarda a Dom Joaõ Mascarenhas, devendoselhe este mayor perigo, como premio dos outros; aggregoulhe quinhẽtos Portuguezes, seiscentos Canarins, quinhentos Naires. A Dom Alvaro de Castro, outros quinhentos Portuguezes, em que entravaõ todos os Fidalgos, e Capitaens de sua Armada. A D. Manoel de Lima outros quinhentos. O Governador ficou com os mais, que seriaõ oitocẽtos Portuguezes com alguns Canarins, e Malabares.

Ordem em q̃ os poz

15 Os Mouros cada dia engrossavaõ o campo, e de refresco tinhaõ chegado Alucaõ, e Mojatecaõ com cinco mil Soldados. Mãdou o Governador fazer final à Armada cõ os foguetes, o qual conhecido, partio à voga arrancada, e arrimando-se á praya, disparou a artelharia toda nas estancias dos Mouros; escondeo a fumaça os navios por hum espaço largo, com que o inimigo naõ acodio ao que havia de temer, senaõ ao q̃ temia, solicito no perigo imaginado, descuidado no certo. Rumecaõ com o grosso do exercito carregou áquella parte do mar a impedir a desẽbarca-

Cometete a Armada terra.

Acode alli Rumecaõ.

barcaçaõ aos nossos. O Governador sahio a este tẽpo da Fortaleza com escadas prevenidas para encostar ao muro. D. Joaõ Mascarenhas foy cõ os de sua cõpanhia cingindo a cava, por subir por aquella parte, onde estava o baluarte de Diogo Lopes de Sequeira. Antonio Moniz Barreto, que hia nesta cõserva, encomẽdou a sua escada a tres valentes Soldados; estes foraõ os primeiros que ensangoẽtáraõ a victoria, sem que chegasse á vela. Tinhaõ vindo aquelle anno nas náos do Reyno com Lourenço Pires de Tavora; eraõ naturaes da Villa do Torraõ, e traziaõ cartas a Antonio Moniz de sua máy, que lhos recomẽdava, as quaes lhe deraõ estãdo para entrar na batalha; elle as recebeo alegre, dizendo aos Soldados, que se livrasse cõ vida, lhes faria bons officios cõ o Governador, ao que elles responderaõ conformes, que só naquelle dia necessitavaõ de seu favor, que ao diante seus procedimẽtos lhes fariaõ passagem, que lhe pediaõ lhes entregasse aquella escada, seguro de que a saberiaõ arvorar, e defender cõ as vidas. Antonio Moniz vendo brios taõ hõrados em soldados humildes, lha

O Governador sae da Fortaleza.

Brio lastimoso de tres Soldados.

entre-

entregou confiado, dizendo, fiava delles o credito, e a escada, a qual logo que levãtáraõ cõ desgraçado valor, hũ tiro cego lhes estroncou ás cabeças.

16 Referirey hum estranho desafio, que deixàra de escrever por lastimoso senaõ fora taõ illustre. D. Joaõ Manoel, e Joaõ Falcaõ, fidalgos de muita opiniaõ, andavaõ entre si mal avindos por desconfianças leves, que no juizo dos homens, vem a pezar aquillo em que se estimaõ. Tratáraõ de averiguar no campo estes desabrimẽtos; fazendo juiz desta porfia o valor, ou o caso. Os padrinhos, que entravaõ na contenda cõ mais livre juizo, reduzíraõ a questaõ a mais honrado duello, discorrendo, que o Governador tinha a pique a jornada, e que o desafio, que sẽpre era delicto, seria agora escandalo; que pelo bando perdiaõ as cabeças; e que D. Joaõ de Castro naõ era pay, ainda que o parecia; sofria culpas, mas naõ atrevimẽtos, que podiaõ sanear as honras, onde arriscavaõ as vidas; concertandose, que o primeiro, e com mayor valor sobisse o muro do inimigo, ficasse por melhor reputado na singular, e na cõmum batalha; inventando, com engenhoso

Desafio estranho.

nhoso valor, mortes com premios, desafios sé culpa. Satisfizeraõ-se da proposta, hum, e outro inimigo, pediraõ a parentes, e amigos lhe tivessem as escadas, como homens, que haviaõ de pelejar pela honra do Estado, e pela sua. Começáraõ de sobir a hũ mesmo tempo. Dom Joaõ Manoel, lançando hũa maõ ao muro, lha levaraõ de hum golpe; acodindo com a outra tambem lhe foy cortada; soccorrendo-se dos cotos para ferrar o muro, cõ hum golpe de alfange lhe levaraõ a cabeça. Joaõ Falcaõ accometteo ao mesmo tempo o muro, e tendo-o já vencido, defendendo-se valerosaméte, foy morto a cutiladas. Sobre qual destes dous cõtendores deu maiores provas de valor, fizeraõ os Soldados de brio juizos differẽtes; nós diremos em beneficio de ambos, que naõ devia mais á honra, quem deu tudo por ella.

Que faz D. Joaõ Mascarenhas.

17 Começou D. Joaõ *Mascarenhas* com os seus a arrimar as escadas, sobindo muitos com tanta resoluçaõ, como fortuna, porque ainda que recebidos nas lãças, venceraõ a resistencia; estes cõpráraõ a gloria de ser primeiros com o perigo de se achar sós no

Campo,

Campo, tendo o pezo dos Mouros em quanto lhes chegavaõ os companheiros. Os feitos de armas, que se obraraõ nesta primeira escala, se deixaraõ conhecer da postura com que se combatia; pois os Mouros peleijavaõ firmes, e os nossos pendẽtes. D. Alvaro de Castro, e D. *Manoel* de Lima atravessáraõ o muro por differẽtes partes, recebendo na mayor resistencia mayor dano. Perdéraõ algũa gente em quanto pelejavaõ derramados, logo que se firmáraõ, deraõ lugar mais franco a que os seus sobissem.

Que faz D. Alvaro de Castro.

18 O Governador achou no raso mayor perigo, que teve na sobida, porque encaminhou logo á ponte, que estava defendida com hum grosso de gente, e muitas peças assestadas nella; a importancia de ganhala era igual ao perigo. Cometteua o Governador a risco aberto, o valor foy singular, o caso milagroso; porque chegãdo muitas vezes os Mouros o murraõ ás peças escorvadas, nenhuma tomou fogo; successo para milagre, opportuno; para accidente, raro. Porém naõ quiz o Ceo toda a victoria, porque crecẽdo os Turcos na defensa da ponte cõ escopetas,

Perigo do Governador na põte.

Livra-por milagre.

panelas de polvora, e lanças de arremeço, retardáraõ o impeto dos nossos. Alguũs voltáraõ os rostos aos pelouros, quiçà para mostrarnos Deos quãto valemos, deixamos em nós mesmos; fogiaõ os fracos, detinhaõ-se os valẽtes, porém D. Joaõ de Castro a nenhum inferior no esforço, mayor que todos no acordo, com alguns que acompanhavaõ, cerrou com o inimigo, brádando a vozes altas: Victoria, fogem os Turcos. Esta voz se derramou cõ taõ felices eccos, que os nossos outra vez unidos, buscàraõ sua bandeira, e os inimigos timidos, ou credulos, foraõ perdendo o Cãpo, sendo esta voz do General a porta por onde entrou a victoria. Aqui fizeraõ os nossos estrago, como de vẽcedores, e o que era ardil, jà parecia verdade. O Governador, sem perdoar instãte a sua fortuna, foy atravessando o Campo, e como nem a victoria tem temeridades, nem o temor conselho, D. Joaõ cercado de quasi todo o exercito inimigo se acclamou victorioso, fogindo por aquella parte os Mouros, sẽ dano, mas jà desordenados. Em fim tivemos por seu lado a victoria, primeiro que a batalha. Entre os

Acclama victoria.

E prosegue a

os da companhia do Governador, se affirmou sem contradiçaõ, fora elle o primeiro que cavalgàra o muro, e deste feito naõ achou testemunha cõtra si mais que a si mesmo, que lisamente disse, que Lourenço Pires de Tavora primeiro afferràra o muro, naõ querendo o credito da fama menos averiguada, havendo por escusado furtar honra, quem sabia ganhala.

Que diz de Lourẽço Pires.

19 Avisado Rumecaõ da desordem com que os seus fogiaõ, acodio com hũ grosso batalhaõ de Turcos a deter, ou estorvar a victoria, e como a vantagem do numero era taõ superior, retardando a furia dos nossos, igualou a batalha. Durou a porfia espaço largo. Foy derribada duas vezes a bandeira Real; o que vendo o Governador, bràdou impaciente: Que he isto Portuguezes? tiraõ-vos das mãos a victoria? tiraõ-vos a bãdeira? E remetendo ao inimigo cuberto de hũa adarga, em que trazia duas settas cravadas, com a voz, e com o exemplo animou os Soldados de maneira, que cõ furiosa corrente, fizeraõ retroceder aos Mouros, fogindo os ultimos com o terror dos primeiros.

Oppoem-se Rumecaõ.

Peleja o Governador pessoalmente.

20 D. Alvaro de Castro, e Dom Manoel de Lima, feitos em hum só corpo, se fizeraõ envejar de seus soldados, e de seus inimigos. Acómetteraõ a Aluçaõ, e Mojatecaõ valentes Turcos, e Cabos principaes do exercito, q̃ muito espaço lhes fizeraõ duvidosa a victoria. O sangue tingia as armas; tingia a terra; a vozaria dos *Mouros* estremecia o Campo, como perigo novo; o horror, e a confusaõ arrebatava os sentidos de sorte q̃ muitos sentiaõ as mortes primeiro, que as feridas; cedeo em fim ao valor o numero, e os Turcos se retiráraõ com infinitos mortos, as estancias perdidas. D. Joaõ Mascarenhas acómetteo a Juzarcaõ, ao qual ganhou o posto, com naõ menos valor, nem peor fortuna. Rumecaõ naõ perdendo animo, nem acordo com a primeira desgraça esperou a ultima, formando seus esquadroens no campo aberto, ou fosse necessidade, ou confiança, porque em taõ numeroso exercito, mais se conhecia o temor, que a perda, e como he proprio nas desgraças accusar a fortuna, fez Rumecaõ suas expiações cõ vozes, e alaridos supersticiosos, que os nossos ouviraõ, co-

Estancias dos inimigos ganhadas, e por quem.

Rumecaõ se forma no campo razo.

como para conciliar a indignaçaõ dos Astros.

21 D. Joaõ de Castro naõ querendo perder hum só momento de taõ fervoroso dia, juntou a si o pequeno exercito, e dando a vanguarda a seu filho D. Alvaro, arrostou o inimigo, que o esperou formado, e estendendo as pontas da mea lua, com que estava plantado, veo cingindo a nossa infantaria; porém D. Alvaro como se quizera para si só a gloria deste dia, envestio o inimigo cõ tãta gentileza, q̃ foy entre os seus o primeiro, que chegou a ferir os Mouros, cometendo, ou abrindo com espada, e rodela hum esquadraõ cerrado. Sustentou o inimigo o campo na primeira envestida, mas naõ podendo soffrer o peso da batalha, começou a retirarse cõ desordem. Os nossos rompendo de todo as fileiras turbadas, seguiaõ mais, que destroçavaõ os inimigos rotos. Por esta parte se começou a declarar a victoria; mas Rumecaõ com hum grosso batalhaõ de Mouros, e Janizaros fez aos nossos rosto, que derramados no alcance, ou desprezáraõ, ou esquecéraõ a disciplina.

O Governador, e seu filho o envestem.

Dom Alvaro rompe.

Torna Rumecaõ a fazer rosto.

Aqui

22 Aqui esteve D. Alvaro perdido, porque não podendo seus soldados resistir divididos, hião deixãdo aos inimigos o campo, e a victoria, sem que as vozes de D. Alvaro, e constancia, cõ que pelejava, pudesse deter a huns, nem ordenar a outros; tão pendente està do mais leve accidente a fortuna da guerra. Frey Antonio do Casal, de cujo valor religioso fazem os Autores memoria, cõ hum Crucifixo arvorado, começou cõ piedosas, e esforçadas razões, a reprender, e animar os nossos, mostrandolhes a imagem de Christo, exposta outra vez na Cruz a segundas injurias, aconteceo, que huma pedra perdida desencravou hũ braço do Crucifixo, e lho deixou pendente, mostrandose em huma mesma prespectiva o sagrado transumpto, aos filhos inclinado, aos infieis caido. Os nossos com mayor espirito nas injurias do Ceo, que nas do Estado, mostrárão differente valor em differẽte causa, devendo mais à offensa, de quem erão creaturas, que ao imperio de quẽ erão Soldados. Subitamente se unírão conformes, e recobrando forças, mais forão os instrumentos da victoria, que os auto-

Perigo e constancia de D. Alvaro.

Arvora Fr. Antonio do Casal hum Crucifixo.

Animão-se os nossos.

autores della. Rumecaõ ſe retirou deſ-
baratado, e D. Alvaro baralhado com
elle, entrou de envolta na Cidade;
achando já mayor eſtorvo nos mortos,
que cahiaõ, que reſiſtencia nos vivos,
que ſe naõ defendiaõ.

Rumecaõ ſe retira, e Dom Alvaro entra na Cidade.

23 A eſte tempo chegou D. Ma-
noel de Lima, taõ valeroſo no mar, co-
mo na terra; o qual pela parte que lhe
tocou, rompeo o inimigo até ſe juntar
com D. Alvaro, e entrados na Cida-
de fizeraõ cruel eſtrago nos Mouros,
que rotos, e divididos buſcavaõ ſalva-
çaõ na fogida, mais que na reſiſtencia;
já o ſemblante da guerra mais parecia
ſaco, que batalha; os noſſos achavaõ
Mouros, naõ achavaõ inimigos; mui-
tos metidos pelas caſas roubáraõ ſuas
meſmas fazendas, que occultavaõ; co-
mo furto à victoria; outros deixavaõ
as armas, por fogir mais ligeiros. D.
Joaõ Maſcarenhas entrou por outra
parte na Cidade, dando neſte dia glo-
rioſo fim a taõ illuſtre cerco.

Ajuntaſelhe Dom Manoel de Lima.

E D. João Maſcarenhas.

24 O Governador ainda pelejava no
Campo, ſolicito da victoria dos ſeus,
certo na ſua, quando lhe chegou aviſo,
que a Cidade eſtava já rendida; mas
Rumecaõ, pondo tropeços à victoria,
tor-

tornou a rebentar, como mina, com oito mil soldados, ordenandose em fórma de dar, ou esperar nova batalha; que era o poder taõ grande, que das reliquias do seu estrago fez outra nova guerra; sahiaõ a este tẽpo da Cidade Dom Alvaro de Castro, Dom Joaõ Mascarenhas, e D. Manoel de Lima a congratularse da victoria com o Governador, quãdo viraõ a Rumecaõ no campo com outro novo exercito. O Governador naõ querendo, que a suspensaõ parecesse temor, quasi com o mesmo alento da primeira batalha, cometteo a segunda, ordenando tres esquadroens, os dous, que buscassem os inimigos pelos lados, e elle pela frente. Nesta ordem cometteo o inimigo, o qual mais desesperado, que constante, aguardou o primeiro impeto dos nossos, mas como pelejava já timido, e descõfiado, e os seus cõ cobarde, e forçada obediencia lhe assistiaõ, com leve resistencia nos deixáraõ o campo; bem que em todas as facções do cerco, e da batalha, se mostrou Rumecaõ taõ valeroso, como disciplinado; mas nas adversidades merecese melhor, do que se alcança a fama.

Offerece Rumecaõ nova batalha.

O Governador o vence.

25 Abri-

25 Abriraõ-se os Mouros pela frente, e o Governador, a maneira de rio impetuoso, cuja corrente tudo leva diante, quasi indefesos os foi desbaratando. Já no campo se fazia estrago sem batalha; os Mouros pareciaõ inimigos na fogida, e naõ na resistencia; e como os nossos acometiaõ algumas mangas, que se matinhaõ inteiras, elles mesmos se desordenavaõ por remedio, fogindo huns dos outros com igual, ou mais certo perigo, que fogiaõ dos nossos. Outros, por naõ parecer inimigos, arrojavaõ as armas, como instrumẽtos, que nos podiaõ acordar aggravo, ou vingança. Em fim naquella tragedia se represẽtavaõ todos os affectos, de que o temor se veste. Rumecaõ vendo tudo perdido, vestindo huma pobre cabaya, se lançou entre os mortos, occultando-se á ira, e á victoria; porém huma pedra tirada de maõ incerta, o livrou, com a morte, do triumfo. Muitos deste homicidio se fizeraõ autores, como já nos tempos de Galba, de quẽ quizeraõ ser mais os matadores, do que foraõ as feridas. E em nossos dias, e nosso mesmo Reyno, vimos tambem hum caso nada de semelhante.

Alcãça-se a victoria.

Morre Rumecaõ.

26 Advertidamente callei os casos particulares desta batalha, porque senaõ po-

 dem

dem louvar huns, sem injuria de outros; só dos Cabos, e pessoas maiores, démos breve noticia, por reverencia do lugar, e do sangue; demais, que na cõfusaõ de huma batalha, difficultosamente se podem particularizar accidentes com o rigor da verdade; e he certo, que aquelles; a cuja penna naõ escaparaõ os atomos do caso mais occulto, ou buscáraõ soccorros para a historia, ou penetraraõ os acontecimẽtos cõ vista mais aguda. Basta saber, que taõ illustre empreza, honrou naquelles tempos nossas armas, nestes nossa memoria; e creo, que em todas as facçoens da Asia, nos cercos, naõ tivemos maior; nas batalhas, naõ tivemos igual.

Varia estimaçaõ do numero dos inimigos.

27 O numero do exercito inimigo se naõ pode averiguar ao certo, porque cõ estimaçaõ desigual, huns o sobem a sessẽta mil, outros disseraõ menos, e nem os Mouros, que ficaraõ cativos, souberaõ formar juizo certo da gente, que perdéraõ. Mas de qualquer maneira foi a desproporçaõ taõ notavel de hum poder a outro, que bastou a dar pelo Mũdo hũ espatoso brado; e nas Historias alheas achamos a victoria escrita com mais hõrado applauso, do que em nossas memorias; e se a Patria imitara a gratidaõ do Imperio

Roma-

Romano com filhos benemeritos, dera a
er ao Mundo as obras de Dom Joaõ de
Castro em sublimes estatuas, que como
annaes de bronze, fossem volumes pu-
blicos a todas as idades. Naõ achamos,
que respondessem os premios a seu me-
recimento, quiçá para o fazer maior, o
alcançou nesta parte a desgraça dos va-
roens excellentes; logrou porém, como
premio de duraçaõ mais larga, a fama de
seu nome. Os Principes da Asia com am-
biciosas mensagens lhe deraõ emboras
da victoria; a Camera de Goa o chamou
Duque, ou fosse, que o advertia, ou que o
desejava. ElRey D. Joaõ o honrou com
titulo de Viso-Rey da India, sendo do
Estado quarto em tempo. Os outros pre-
mios devia de os sepultar a mesma ter-
ra, que cobrio suas cinzas, ficando só sua
posteridade hereditaria da gloria de taõ
grande ascendente.

Parabés da victoria.

28 Recolheo o Governador os despo-
jos, que foraõ os Reaes, muitas bandei-
ras, e quarenta peças de artelharia grossa,
em que entrava aquella, que hoje temos
na fortaleza de S. Giaõ, que do lugar, em
que se ganhou, inda conserva o nome.
Entregou a Cidade ao saco, sem reservar
para si hum só ferro de lança, sempre das

Despojos della.

Saco da Cidade.

riquezas do Oriente desprezador cõstante. Desta, e outras virtudes nasceria affirmarem os Mouros, que fora o Governador assistido de algum poder divino, porque sobre o tecto da Igreja virão huma Donzella, cujos rayos não podia soffrer a vista, cujo aspecto lhe enfraquecia os corações, cõ q deixavão as armas, huns timidos, outros reverentes. Não temos este favor do Ceo por indigno de credito, se olhamos a piedade do General, a justiça da causa. Dos Mouros morrérão cinco mil, em que entravão Rumecão, Alucão, Acedecão, e outros Turcos de nome; ficárão seiscentos cativos, que depois servirão ao triumfo; dos nossos faltárão trinta, forão quasi trezentos os feridos.

Favor divino q̃ nos assistio.

Quantos Mouros morrerão.

29 Poucos dias descançou o Governador nos ocios da victoria, porque entrou logo em cuidados molestos de reedificar, antes fũdar a fortaleza, desde a primeira pedra, obra, que a necessidade fazia precisa o aperto impossivel, porque as despesas de tão prolixa guerra tinhão apurado as rendas do Estado, e sobre ellas se havião feito empenhos, que só se podião remir cõ a paz de muitos annos; porém o Governador sé se atar aos incõvenientes, começou a dar principio á nova fabrica,

Nossos mortos e feridos.

dese-

desenhando-a em fórma differente, que a antiga, porque a juizo de homens intelligentes, convinha estender o sitio, engrossar o muro, fazer os baluartes mais vizinhos, e lavrar armazens para recolher as muniçoens, e mantimentos, em parte enxuta, em que se conservassem bem acõdecionados, differentes dos outros, q̃ pela humidade do terreno corrompiaõ os bastimentos. Os materiaes naõ se podiaõ cõprar, nem conduzir sem pagas, e jornaes; pedreiros, pioens, e architectos pediaõ suas ferias. Naõ tinha o Governador baixellas, nẽ diamantes de q̃ poder valerse, assi recorreo a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a natureza naõ. Mãdou dezenterrar os ossos de seu filho D. Fernando para fazer delles á Cidade de Goa hum nunca visto empenho; mas como a terra inda tivesse o corpo mal gastado, cortou da barba alguns cabellos, sobre q̃ pedio vinte mil pardaos á Camera de Goa, abrindolhe o amor da patria hũa estranha porta, por onde naõ souberaõ entrar aquelles fidelissimos Décios, Curcios, e Fabios, de que Róma ainda hoje soberba, de entre as ruinas de seu Imperio, lhe salvou a memoria. Acompanhava o penhor a seguinte carta.

Reedifica o Governador a fortaleza.

Empenha para isso os cabellos da barba.

Carta

Carta que o Governador D. João de Castro escreveo de Dio a Cidade de Goa.

,, SEnhores Vereadores, Juizes, e Povo, ,, da muito nobre, e sempre leal Cidade ,, de Goa; os dias passados vos escrevi por ,, Simaõ Alvares Cidadaõ dessa Cidade ,, as novas da victoria, que me nosso Se-,, nhor deu cõtra os Capitaens de El Rey ,, de Cambaya, e calei na carta os traba-,, lhos, e grandes necessidades em que fi-,, cava, porq lograsseis mais inteiramente ,, o prazer, e contentamento da victoria; ,, mas já agora me pareceo necessario naõ ,, dissimular mais tempo, e darvos conta ,, dos trabalhos em que fico, e pedirvos ,, ajuda para poder supprir, e remediar ta-,, manhas cousas, como tenho entre as ,, maõs; porque eu tenho a fortaleza de ,, Dio derribada até o cimento, sem se po-,, der aproveitar hum só palmo de pare-,, de; de maneira, que naõ sómente he ne-,, cessario fabricala este veraõ de novo, ,, mas ainda de tal arte, e maneira, q perca ,, as esperanças El Rey de Cãbaya, de em ,, nenhũ tempo a poder tomar. E com es-,, te trabalho tenho outro igual, ou supe-,, rior a elle aldemenos para mim muito

,, mais

,, mais incõportavel de todos, que saõ as
,, grandes oppressoens, e continuos acha-
,, ques, que me daõ os Lasquerins por pa-
,, ga, de que lhes eu dou muita certeza,
,, porque de outra maneira se me iriaõ
,, todos, e ficarei só nesta fortaleza, o que
,, será ocasiaõ de me ver em grande peri-
,, go, e por esse respeito toda a India, como
,, quer que os Capitaens de ElRey de Cã-
,, baya cõ a gente, que ficou do desbarato,
,, estaõ em Suna, que he duas legoas des-
,, ta fortaleza, e ElRey lhes manda cada
,, dia engrossar seu cãpo cõ gente de pé,
,, e de cavallo, fazendo muitas amostras
,, de tornar a tentar a fortuna, em querer
,, dar outra batalha; para as quaes cousas
,, me he grandemente necessario certa sõ-
,, ma de dinheiro, pelo q̃ vos peço muito
,, por mercé, que por quanto isto importa
,, ao serviço de ElRey nosso Senhor, e
,, por quanto cũpre a vossas honras, e leal-
,, dades, levardes avante vosso antigo co-
,, stume, e grande virtude, q̃ he acodirdes
,, sempre ás estremas necessidades de Sua
,, Alteza, como bons, e leaes vassallos seus,
,, e pelo grande, e entranhavel amor, que
,, a todos vos tenho, me queirais empres-
,, tar vinte mil pardaos, os quaes vos pro-
,, metto como Cavalleiro, e vos faço ju-
,, ramento

,, ramento dos Santos Evangelhos de vo-
,, los mandar pagar antes de hũ anno, pos-
,, to q̃ tenha, e me venhaõ de novo outras
,, oppressoens, e necessidades maiores, que
,, das que ao presente estou cercado. Eu
,, mandei desenterrar D. Fernando meu
,, filho, que os Mouros mataraõ nesta for-
,, taleza, pelejando por serviço de Deos, e
,, de ElRey nosso Senhor, para vos man-
,, dar empenhar os seus ossos; mas acha-
,, raõ-no de tal maneira, que naõ foi licito
,, inda agora de o tirar da terra; pelo que
,, me naõ ficou outro penhor, salvo as mi-
,, nhas proprias barbas, que vos aqui mã-
,, do por Diogo Rodrigues de Azevedo;
,, porque como já deveis ter sabido, eu
,, naõ possuo ouro, nem prata, nem movel,
,, nem cousa alguma de raiz, por onde vos
,, possa segurar vossas fazendas, sómente
,, huma verdade secca, e breve, que me
,, nosso Senhor deu. Mas para que tenhais
,, por mais certo vosso pagamento, e naõ
,, pareça a algumas pessoas, que por algu-
,, ma maneira podem ficar sem elle, como
,, outras vezes aconteceo, vos mãdo aqui
,, huma provisaõ para o Thesoureiro de
,, Goa, para q̃ dos rendimentos dos caval-
,, los vos vá pagando, entregando toda a
,, quantia q̃ forem rendẽdo, até serdes pa-
,, gos,

,, gos. E o modo que neste pagamento se
,, deve ter, o ordenareis lá com elle. Hei
,, por escusado de vos affeitar palavras,
,, para vos encarecer mais os trabalhos
,, em que fico, porque tenho por muito
,, certo, por todos os respeitos, que assima
,, digo, haverdes de fazer nesta parte tu-
,, do, e mais do que puderdes, sem entre-
,, vir para isso outra cousa, salvo vossas
,, virtudes costumadas, e o amor, que to-
,, dos me tendes, e vos tenho. Encommen-
,, dome, senhores, em vossas mercês. De
,, Dio a vinte e tres de Novembro de mil
,, quinhentos quarenta e seis.

30 Chegado o mensageiro a Goa, lhe respondeo o Povo cõ maior quantidade, que a pedida, vendo que tinhaõ hum Governador taõ humilde para os rogar, taõ grande para os defender. Remeteraõlhe outra vez aquelles honrados penhores, que hoje se cõservaõ em mãos do Bispo Inquisidor Géral seu dignissimo neto, que os recolheo em huma urna, ou pyramide de cristal, assentada em hũa base de prata, na qual estaõ gravados em torno disticos differentes, que fazem de acçaõ taõ illustre engenhosa memoria, ficando aos successores de sua casa este honrado deposito,

Os Cidadãos de Goa lhos tornaõ

Hoje se conservaõ

posito, como para fazer hereditarias as virtudes de Dom Joaõ de Castro. Levaraõ os portadores do dinheiro a carta que se segue,

Carta da Camera de Goa, em reposta da do Governador.

„ ILlustrissimo, e excellente Capitaõ „ géral, e Governador da India, pelo „ muito alto, e muito poderoso, e muito „ excellente Principe ElRey nosso Se„ nhor, Diogo Rodrigues de Azevedo „ chegou a esta Cidade segunda feira seis „ do mez de Dezembro, e o dia seguinte „ deu em Camera hũa carta de Sua Illus„ trissima Senhoria, que foi lida com mui„ to prazer, e grande contentamento, por „ sabermos de sua saude; a qual boa nova „ sẽpre queriamos saber, e muito melho„ res lhe desejamos; e por ella a Cidade, e „ todo este povo em géral, e em especial „ damos muitas graças a nosso Senhor, e „ temos certa esperança em nossa Senho„ ra Virgem Maria Madre de Deos nos„ sa avogada, que tendo os povos da India „ a V.S. Illustrissima por seu Duque, e Go„ vernador, q̃ em nossas afrontas, e traba„ lhos nunca careceremos de ajudas divi-

„ naes,

mes, por merecimẽto de seu catholico, e modesto viver, e auto, e obras de muitas louvadas virtudes; e cõ esta esperança vivemos em novo repouso, porque a presente, e gloriosa victoria, q̃ por seu prudente conselho, e grande esforço, e cavallaria venceo, e descercou a fortaleza de Dio, e desbaratar, e destruir o poder de ElRey de Cambaya, cõ mais outros vinte mil homens Mouros, Turcos, Rumes, Coraçoes, e Christãos renegados da fé de nosso Senhor, Alemaens, Venezianos, Genovezes, Frãcezes, e assi de outras, e diversas naçoens, dos quaes graõ parte delles foraõ mortos a ferro de lança, e espada, de q̃ a Cidade tẽ certeza de pessoas de bem, que de vista foraõ presentes; os quaes bons serviços, nos mostraõ claros sinaes, que ao diãte, prazendo a nosso Senhor, e a seu amparo, naõ temeremos outros trabalhos, q̃ de futuro se apresentaõ do proprio Rey de Cambaya com outro novo poder, e outros Reys, e Senhores nossos comarcãos, e os de toda a India, que saõ de certo inimigos nossos, e de muitas inimizades, além de serẽ infieis, inimigos de nossa santa fé Catholica, dos quaes huns, e outros naõ temos segura, nem firme paz

antes

„ antes termos finaes de faltas, e [illegible]
„ sas amizades. E quanto ao emprestimo
„ q em nome de ElRey nosso Senhor nos
„ máda pedir, respondera Cidade, q os mo-
„ radores fazemos de prestáte, e sempre,
„ que cumprir, servirmos S. Alteza com as
„ fazendas, e vidas, e com as almas. E por-
„ que a tençaõ da Cidade, e de todos he
„ servir Vossa Illustrissima Senhoria; ha-
„ vendo respeito, que o tal emprestimo
„ cumpre muito ao serviço de ElRey nos-
„ so Senhor, cuja a Cidade he; todos so-
„ mos, com muita diligencia, e cuidado
„ daquelle dia, que Diogo Rodrigues de
„ Azevedo deu o recado até o fazer desta,
„ que saõ vinte e sette de Dezembro, se
„ ajuntáraõ vinte mil cento quarẽta e seis
„ pardaos, e huma tanga, de cinco tangas
„ o pardao; os quaes emprestou esta Cida-
„ de, a saber Cidadãos, e o Povo, e assi os
„ Bramenes mercadores, gancares, e ou-
„ rives. E escrevemos em certo a Vossa
„ Senhoria que esta Cidade, e os honrados
„ moradores, pelo servir, temos obriga-
„ çaõ de pôr as vidas, e as fazendas com
„ melhor võtade do q o faremos por nos-
„ sas proprias hõras, e interesses. E quãto,
„ senhor, aos penhores que nos manda, a
„ Cidade, e moradores nos temos por ag-

„ gravdaos

,, gravados de V. Senhoria ter taõ pouca
,, cõfiança em nós, e em nossas lealdades,
,, que para cousa que tanto cũpria ao ser-
,, viço de ElRey nosso senhor, e a seu Es-
,, tado Real, naõ era necessario taõ honra-
,, dos, e illustres penhores, porque nossa
,, lealdade nos obriga ao serviço de El-
,, Rey, e a presente necessidade, e depois
,, disso as obrigações em q somos, e a grã
,, de affeiçaõ, e muito amor q V. Senhoria
,, tẽ a esta Cidade, e moradores e por elle,
,, e tudo o mais q neste caso lhe sẽtimos,
,, lhe beijamos as mãos, e rogamos a nosso
,, Senhor, q lhe dé perfeita saude, e o pros-
,, pere de muita honra, e grãdes victorias
,, contra os inimigos de nossa santa Fé. E
,, todavia, senhor, Diogo Rodrigues de
,, Azevedo lhe torna a levar os seus pe-
,, nhores; e assi lhe levaõ elle, e Berthola-
,, meu Bispo Procurador da Cidade o dito
,, dinheiro, que lhe a Cidade, e Povo della
,, emprestáraõ de sua boa, e livre võtade.
,, E assi lhe levaõ mais a provisaõ, que cá
,, mandou para o Thesoureiro pagar o di-
,, to dinheiro, e lhe pedem por mercé que
,, tudo aceite, como de leaes vassallos, que
,, somos a ElRey nosso senhor, e a Vossa
,, Senhoria mui obrigados. Escrita em Ca-
,, mera a 27. de Dezembro de 547. E eu
,, Luis

„Luis Tremessaõ Escrivaõ da Camera o
„mandei escrever, e sobre escrevi por li-
„cença que para elle tenho. Pero Godi-
„nho. João Rodrigues Paes. Ruy Gon-
„çalves. Ruy Dias. Jorge Ribeiro. Bar-
„tholameu Bispo.

Continua a obra da fortaleza.

31 Continuava a obra da fortaleza com tanto gosto dos officiaes, e jornaleiros, que crescia sem tempo, sendo taõ pontuaes as pagas dos servidores, e soldados, que haviaõ, que só para o Governador estava o Estado pobre. Além do emprestimo da Cidade, lhe enviaraõ as donas, e donzellas em hum cofre a pedraria, e joyas, com que a fraqueza feminil serve ao poder, e á vaidade: offerta de que naõ podiaõ esperar retribuiçaõ, ou usura; donde se vê, quanto melhor servidas saõ dos povos as virtudes, que as tyrannias dos regentes.

E a guerra de Cambaya.

D. Manoel de Lima a faz.

32 Ordenou a Dom Manoel de Lima, que com trinta navios avistasse os lugares da costa de Cambaya, e os abrasasse todos, mostrando ao Soltaõ, q̃ a vingança naõ acabara na vitoria; porém q̃ na Cidade de Goga naõ entrasse, por ter aviso, que a ella se recolhera toda a gente que escapou da batalha. D. Manoel, a quem ainda esperava a fortuna por aquella enseada,

se

se foi correndo a costa, e a poucos dias de viagem lhe sobreveo hũ temporal taõ rijo, que o levou a necessidade da tormẽta a demandar abrigo no mesmo porto, que pela instrucçaõ lhe fora prohibido. Os da Cidade, como ainda tinhaõ presẽte a imagẽ do passado perigo, tanto que viraõ as mesmas armas, de q̃ estavaõ cortados, desempararaõ a Cidade assi os soldados como a gente popular, e inutil, fogindo para o sertaõ cõ igual desacordo. Estava ancorada no porto hũa náo de Mouros, que era do Zamaluco, bom correspondente do Estado, o qual vẽdo a fogida dos Mouros, começou a capear aos nossos, para que dessem na Cidade. Dom Manoel, naõ entendẽdo o final do navio, pareceolhe que de confiado o chamava á peleja, e pôdo se logo em armas colerico, e impaciente, notou, que a Cidade se despejava, e o miseravel povo corria cõ hũ tropel confuso a demandar hũa pequena serra, que lhe ficava á vista, crendo, que a distancia, e aspereza do sitio, os livraria da invazaõ dos nossos. Conheceo Dom Manoel o intento cõ que lhe capeava o navio, e perplexo entre a ocasiaõ, e a obediencia poz o caso em conselho; e como entre os soldados de valor, he sempre o brio

Vai à Cidade de Coga.

brio o primeiro interprete das ordens, votáraõ, que se entrasse a Cidade, porque a instrucçaõ do Governador naõ podia cõprender todos os accidentes, o qual se estivera presẽte, fora o primeiro que saltasse em terra. Seguio logo a execuçaõ o conselho. Entrou D. Manoel a Cidade quasi sem resistencia; o saco dos soldados foi grande, e o que desprezou a cobiça, se entregou ao fogo, que abrasou fazendas, e edificios; foi o dano maior do que a victoria. Cativou D. Manoel tres Baneanes, dos quaes soube que toda a gẽte se salvára em hum lugar da serra, que ficava em pequena distancia; determinou asaltalo para q̃ os fugitivos, e opostos, igualasse o castigo. Foi amanhecer sobre o lugar, levãdo os Baneanes por guia, forçados com miseravel necessidade a entregar os filhos, e parentes; e os que se imaginavaõ no abrigo do sertaõ seguros, viraõ primeiro sobre si a espada, que vissẽ o inimigo. Naõ fez o estrago differença de causa a causa, de pessoa a pessoa; naturaes, e estrangeiros; culpados, e innocentes pagáraõ com as vidas o delicto, ou proprio, ou alheo. Das pessoas passou á religiaõ a injuria; dentro dos Pagodes mandou enforcar a muitos, que na vaidade de suas superſti-

Que saquea e abrasa.

superstições he culpa inexpiavel. Degollou os gados do contorno, salpicando as mesquitas cõ o sangue das vacas, animal que como deposito das almas, veneraõ cõ culto abominavel.

33 Embarcado D. Manoel de Lima, tornou a cortar a enseada, onde se vio perdido sẽ tormenta, porque o fluxo, e refluxo das ondas he taõ impetuoso, que basta a destroçar os navios. Passado mais adiãte, houve vista da Cidade de Gandar, povoada de mercadores Gentios, rica pelo comercio, e fraca pelos habitadores. Esta foi na primeira envestida, rendida, e abrasada, sendo, que entregavaõ os naturaes as fazendas como preço das vidas, q̃ naõ poderaõ salvar oppostos, nem rendidos; porque a ira, ou deshumanidade dos soldados antes buscava o sangue, que os despojos. Muitos outros lugares da enseada destruio, durando nas cinzas, e ruinas muitos annos as memorias do estrago; e os naturaes, que sobreviveraõ ás miserias dos outros, se recolheraõ ao interior do Reyno, onde com segura pobreza entretinhaõ as vidas.

Embarcase, e perigа.

Destroe Gandar.

34 Deu Dom Manoel volta a Dio, onde achou ao Governador entre os materiaes da nova fabrica, a cuja vista crescia

Recolhese á Dio.

o edificio. Desejava deixar a fortaleza em defença, porque o chamavaõ a Goa differentes negocios. Porém D. Joaõ Mascarenhas, ou cansado, ou satisfeito dos trabalhos do cerco, fez deixaçaõ da praça, sem acabar o tẽpo, querendo aquelle anno vir ao Reyno lograr taõ merecida fama. Quizera o Governador dissuadillo, temendo, que ninguẽ lhe aceitasse a fortaleza, porque com a vitoria, e alteraçaõ do comercio, faltavaõ os estimulos da honra, e do proveito, que saõ os mayores incentivos, de que os homens se vencem. Porém D. Joaõ Mascarenhas resoluto a passar ao Reyno nas náos de Lourenço Pires de Tavora, obrigou ao Governador a que buscasse Capitaõ para a praça, que já alguns fidalgos lhe haviaõ engeitado, aborrecendo lugar de tantas victorias, quiçá pelo perigo, que tem succeder a varoens excellentes; porém D. Manoel de Lima, ou por complacencia do Governador, ou por confiança de si mesmo, se offereceo para ficar na praça.

Deixa Dom Joaõ Mascarenhas a praça.

D. Manoel de Lima se offerece a ficar nella.

35 Entretanto que o Governador se aprestava para passar a Goa, mandou Antonio Moniz Barretto cõ alguns navios a esperar as náos de Cambaya, q por intelligencias secretas sabia, que haviaõ de visitar

estar á costa de Pór, e Mangalór, as quaes elle encontrou, rendeo, e trouxe a Dio, cujas fazendas ajudáraõ a reparar as despesas do Estado. ElRey de Cambaya cõ o sentimento de tantas perdas, rebentou em huma vingança barbara, mandando matar dous prisioneiros nossos innocentes, que do tempo de guerra lhe ficáraõ cativos, vingando-se de taõ grandes injurias em sombras taõ pequenas.

Toma Antonio Moniz algũas náos.

36 Concluidos os negocios de Dio, começou a fortuna a sobresaltar o Estado com novos accidentes. Teve o Governador duplicados avisos de Ormuz, que os Turcos com crescido poder tinhaõ lançado de Baçorá a Mahamet As-Eniam fiel amigo do Estado, o qual chamava nossas armas, para com forças auxiliares resistir ao commum inimigo: Viaõ-se naõ de lõge os perigos, e as consequencias, que resultavaõ de taõ ruim vizinho, cõ quem a penas podiamos caber no Mũdo, quanto mais no Estado. Ponderava-se a importancia de Baçorá, como fundamento lançado para cousas mayores; de cujo sitio daremos huma breve noticia. He Baçorá povoaçaõ de quatro mil vezinhos, situada na Arabia felix, em altura de vinte e quatro gráos para a bãda do Norte; apar-

Vingança barbara de ElRey de Cambaya.

Avisos de Ormuz.

Descripçaõ de Baçorá.

tasse do rio Eufrátes em pequena distancia. Distará da fortaleza de Ormuz duzẽtas legoas, de Babylonia pouco mais de quarenta. De Ormuz a ella se navega ao longo da costa pela parte da Persia, por ter melhores surgidouros, e aguadas. A Ilha he povoada de Mouros oppostos aos Turcos, por serem (ainda que cultores de Mafamede) differẽtes na crença, porque seguem os ritos, e ceremonias do Persa, a quem dá a beber o Demonio as abominaçoens de Mafoma em vasos differentes. Aqui se fortificáraõ os Turcos, e começáraõ a ganhar os Arabios vezinhos, huns com as armas, outros com beneficios, criando em Baçorá novo Principe, que como descendente de seus antigos Reys, seria aos Arabios grato, e aos Turcos fiel; liberalidade, com que mostravaõ entrar com semblante de amigos, escondendo a ambiçaõ de senhores. A justiça deste, que os Turcos fundáraõ por Rey, escrevem outros em dilatadas letras, cuja relaçaõ deixo, por ser ao gosto importuna, e alhea da Historia.

Os Turcos se fortificaõ nella.

57 Resolveo o Governador despachar a D. Manoel de Lima para a fortaleza de Ormuz, que pela morte de D. Manoel da Sylveira lhe cabia, tomando a obrigaçaõ

Vai D. Manoel de Lima para Ormuz.

taõ da guerra com os Turcos, como pensaõ da praça, ficando outra vez a fortaleza de Dio, como pedra reprovada dos que a edificavaõ; porque naõ havia fidalgo, que quizesse ficar com o trabalho da fortificaçaõ, havendo Joaõ Mascarenhas levado as honras do perigo. Naõ sei, se as cousas da India correm hoje por esta opiniaõ. O Governador se molestava, de que lugar de tantas victorias ficasse taõ aborrecido. O que entendido por D. Joaõ Mascarenhas se lhe offereceo para ficar aquelle inverno na praça; cousa que o Governador estimou sobre modo, dizendolhe, que em quanto a fortaleza estava imperfeita, a fama de seu nome serveria de muro. E porque se veja quaõ facil era este grande varaõ em authorizar honras alheas, referirei a carta que escreveo a seu filho D. Alvaro, quando entẽdeo que D. Joaõ Mascarenhas iria a Goa para passar ao Reyno.

„ Lá vai o senhor D. Joaõ Mascare-„ nhas, tal qual os Mouros, e Gentios „ confessaõ; e eu que sou bom Christaõ, „ faço a mesma confissaõ de seu esforço, „ porque em todas as batalhas o achei „ sempre a meu lado. Vai-se embarcar pa-„ ra o Reyno, rogovos muito, que lhe fa-„ çais

E D. Joaõ Mascarenhas torna a ficar em Dio. O que escreve o Governador a seu filho D. Alvaro.

„ çais o mesmo tratamento, que a minha
„ pessoa, e naõ consintais, que tome outra
„ pousada, senaõ a vossa; porque além de
„ elle o merecer, espero em Deos, que
„ tornará muito cedo a estas partes a
„ emendar meus descuidos.

E a ElRey de todos.

Tambem escreveo a ElRey largamente sobre os merecimentos dos homens, de si naõ fallou nada, mostrando-se agradecido aos serviços de todos, e só aos seus ingrato.

Deixa naquella costa a D. Jorge.

38 Concluidas as cousas de Dio, deixou o Governador a D. Jorge de Menezes com seis navios, para que andasse o resto do veraõ na enseada de Cambaya; e mandou lançar pregaõ em todos os lugares confinantes, que todos os Mouros, e Gentios podessem tornar a povoar a Ilha, porq̃ debaixo de sua justiça, estariaõ as pessoas, e commercios seguros, gozando da paz, e liberdade antigua; e como a verdade recebe credito do valor, tornáraõ os Gentios a buscar assi o abrigo de nossas armas, como de nossas leys, vindo copia de mercadores, e vezinhos a engrossar o trato, havendo por mais segura a paz, que começava nos limites da guerra.

Embarca-se para Goa.

39 Embarcou-se o Governador para Goa, onde o esperava o applauso univer-

sal

sal das gẽtes, como eccos articulados da victoria. Chegou a tomar porto em breves dias, onde vieraõ a visitalo ao mar o Bispo, Capitaõ mór, e Regentes pedindolhe se detivesse em Pangim, em quanto a Cidade dispunha o triumfo, cõ q o queria receber, porque naõ reputasse o Mungo daquelle povo por barbaro, ou ingrato; que triumfo taõ merecido naõ era ambiçaõ da pessoa, mas gloria do Estado; q das vitorias levavaõ os Reys o fruito, os vassallos a fama; que bem podia desprezar o premio, sem engeitar a memoria.

Chega, e he vizitado no mar.

40 Deixou-se o Governador vẽcer deste agrado do povo, como quẽ naõ podia desprezar as honras do triumfo, sem injuria dos que lho ajudáraõ a merecer; nẽ pór limite ás alegrias populares em odio da prosperidade de todos, de cujas demonstraçoens festivas tinhaõ na fortuna desculpa, nos Cesares exemplo. Para os quinze de Abril de quarẽta e sette destinou o dia do triunfo primeiro, e ultimo, q viraõ nossas armadas costumadas a lograr fama sem gloria. Fabricou a Cidade no Bazar de Santa Catherina hum espaçoso caes, cujo material cobriaõ varias alcatifas. Rasgou-se a porta da Cidade até alto do muro, como que se mostravaõ as pe-

Decreta-se-lhe triumfo.

Fabrica delle.

dras humildes, ou gratas. Era a tapeçaria das muralhas de custozos brocados. A grãdeza naõ podia sobir a mais, o gosto naõ se contentava cõ menos. Em partes era o adorno de diversos velludos, para que o puro servisse à magestade, as cores ao deleite. Na portada se viaõ douss leoens dourados, sustentando em hũa, e outra tarja as Roelas dos Castros, sempre illustres, agora triumfantes. Junto ao caes corria hũ dilatado bosque de arvoredo, que com interrompidas sombras mitigava o calor, sẽ occultar o dia. Viase o mar cuberto de náos, e galeoens, de fustas, e almadias, que das Ilhas vezinhas cõcorrérão, todas embandeiradas, e alegres. Estava no terreiro do Paço huma fortaleza, desenhada pela planta de Dio: e dentro algumas bombardas carregadas sem balla, e outros instrumentos de fogo, com que significavaõ huma representaçaõ alegre dos passados horrores. Na mesma fortaleza se efeituaõ curiosas danças, que cõ acordadas vozes cãtavaõ ao Governador louvores a numeros atados, deleitando o ouvido na armonia, o juizo na letra. O cõcerto das ruas, como para dar a conhecer a opulencia do Oriente; as tellas de lavores por usuaes, se pizavaõ com desprezo

prezo. As galas dos moradores, taes, e tãtas, que parecia, que triumfava o Povo. Nẽ feria menos dos animos o applauso, se os coraçoẽs se virão, pois erão demõstraçoẽs voluntarias de naturaes affectos.

41 Abalou o Governador de Pangim em hũa galeota, cujo adorno a fazia differẽte das outras; levava cõsigo os fidalgos velhos, que o acompanhavão na jornada, igualmente parciaes na gloria, e no perigo. Hião diante os galeoens da armada, a quem seguião embarcaçoens de remo cõ as velas içadas nos palancos, e todos navegando assombrados cõ o verdor de differentes ramos, parecião da terra hũ bosque tremulo, huma Cidade erratica. Logo que avistarão a fortaleza, lhe derão hũa tão temerosa salva, que a guerra parecia real, mais que apparẽte, como cõtraposta lhe respõdeo a artelharia de terra, cõ tal horror, que os sentidos não conhecião differença da batalha ao triumfo. Para dar passo á galeota do Governador, se abrio a armada toda. Vinha custosamente trajado, dando o, que era seu ao tẽpo, vestindo não menos airosamente as galas, do que vestia as armas. Trazia huma roupa Francesa de setim carmezim cõ troçaes de ouro, que lhe tomavão os golpes,

Entra o Governador.

golpes, e como quem naõ queria perder memorias de soldado, vestia huma coura de laminas assentada em brocado cõ seus tachoens de prata, gorra com plumas, mostravaõ ouro as guarnições da espada. No caes o esperavaõ os Cabos da milicia, Nobreza, e Regimēto da Cidade, cõ os quaes entrou a primeira porta, onde hum Vereador na lingoa Latina lhe orou discretamente, discorrendo, como por beneficio de seu valor tinhamos humilhado o mais soberbo cetro do Oriente, cujas ruinas seriaõ de sua fama os elogios mayores; que agora tinha Portugal seguro o Estado em seus braços segunda vez nascido, cujas armas serviaõ tanto á Fé como ao imperio, obrando, que em taõ remotas partes se ouvissẽ os brados do Evãgelho; que agora os Mouros, e Gentios cretiaõ, que naõ podia deixar de ser Deos grande, o Deos de tantas victorias; que ainda depois de idades largas no Oriente mostrariaõ com o dedo os navegãtes o lugar da batalha, ficando por tradiçaõ o estrago de Cambaya de naçaõ a naçaõ, de Reyno a Reyno; que os pays o cõtariaõ aos filhos, ainda sobresaltados na memoria dos perigos passados; que já nossas bãdeiras gloriosamente enroladas poderiaõ descançar no

Hum Vereador lhe faz pratica.

fortuna, a elles lastimosa, a nós alegre. Viaõ, se soffremos prisioneiros arrastrãdo cadeas; tras elles as peças de campanha, cõ varias, e nunca vistas armas. As damas das janellas banhavaõ ao triumfador cõ agoas destilladas de aromas differẽtes. Os officiaes, que lavravaõ o ouro ou preciosas drógas, lhe vinhaõ a offerecer voluntarios tributos, sendo a igualdade dos animos, outra cousa mayor, que o triumfo. Os Templos adornados, e abertos se mostravaõ benevolos, e gratos; nesta fórma chegou a visitar a Cathedral, Metropoli do Oriente, onde o *Bispo*, e Clero o recebéraõ com o hymno *Te Deum laudamus*. Entrando na Sé recõnheceo com piedosas offertas ao Autor das victorias, e por ser já tarde com abreviadas ceremonias se recolheo aos Paços, naõ cabendo a magestade do triumfo nas horas de hum só dia.

Vay á Sé.

Reconhece a Deos por Autor de suas victorias.

VIDA

VIDA
DE
D. JOAÕ
DE CASTRO
IV. Viso-Rey da India.
LIVRO QUARTO.

POUCOS foraõ os Reynos do Oriente, que no Governo de Dom Joaõ de Castro, naõ alterassem aquelle Estado com diversos movimentos de guerra; ou com armas oppostas, ou com reciprocas discordias, chamando nossas forças a conciliar a paz, ou ajudar a victoria, vendo-o muitas o Oriente, em serviço da Re-

Religião cingir a espada.

1 Havia ElRey D. João enviado alguns Religiosos Franciscos á Ilha de Ceilaõ, exemplares na vida, e na doutrina, para que com o sangue, e com a palavra testimunhassẽ a verdade Evangelica; sendo este o mayor cuidado de nossos Principes, cujas bandeiras mais vezes vio tremolar a Asia em obsequio da Religiaõ, que do imperio. Entrados estes Religiosos na Ilha, foraõ recebidos de ElRey da Cotta com benigna hospedagem, começando a nascer segunda vez no Oriente o Sol divino. Ouvio aquella Gentilidade a voz do Ceo, e ao beneficio da terra inculta respondia o fruito, encaminhando ao curral da Igreja infinitas ovelhas.

Religiosos Franciscos passaõ a Ceilaõ.

2 Passáraõ estes embaixadores do Evãgelho a dar novas da luz a ElRey de Candea no coraçaõ da Ilha, o qual acharaõ grato no tratamento das pessoas, e facil na obediẽcia da doutrina; foi instruido nos mysterios da nossa crença, para que cõ fé mais robusta se lavasse nas agoas do Baptismo. Deu aos Religiosos terra, materiaes, e despesas para a fabrica de hum Templo, sendo esta a primeira fortaleza, que levantou a conquista do Evangelho naquella Ilha cõtra os erros da idolatria;

Prégaõ a Fé em Cãdea, e ElRey se inclina a ella.

porque

porque das vozes do Apostolo Saõ Tho-
mé (se alli chegáraõ) nem os entendimen-
tos havia luz, nem na terra memoria.

3 Mostrava-se este Principe aos pre-
ceitos de nossa Religiaõ obediente, mas
ainda naõ constante, porq o temor de al-
terar os vassallos na mudança da ley, lhe
fazia, por naõ perder o que amava, o que
entédia, porque como planta ainda sem
raizes, o inclinavaõ a hũa, e outra parte
contradições humanas. Tentáraõ os Re-
ligiosos desviarlhe estes tropeços do ca-
minho da vida, affirmandolhe, que debai-
xo do amparo de nossa Religiaõ, e nossas
armas, assegurava huma, e outra coroa,
porque estava naquelle tempo governan-
do o Estado aquelle D. Joaõ de Castro,
que pela Fé sabia derramar o sangue,
pelos amigos arriscar o Estado.

4 Ouvio bem o Rey esta proposta, di-
zendo, que se o Governador lhe mãdasse
soccorro, naõ só professaria a Fé, porém
que a prégaria a seus vassallos. Com esta
resolução partio hum Religioso a Goa, e
certificado o Governador da causa de sua
vinda, zelou a conversaõ daquelle Princi-
pe, como o mayor negocio do Oriente;
naõ menos prompto á dar á Igreja filhos,
que ao Estado victorias. Despachou lo-

Mostra intos constância.

Os Religiosos animaõ.

Sua resoluçaõ.

O Governador zela esta conversaõ, e manda a isso Antonio Monis

go com sette fustas a Antonio Moniz Barreto, e ordem, que encontrando-se cõ navios nossos os levasse comsigo; escrevendo àquelle Principe honradas cartas, acõpanhadas de muitos donativos. Mas em quanto Antonio Moniz vai navegando, fallaremos na toma de Baroche, por guardar a ordem dos tempos na relaçaõ dos successos.

5 Tinha o Governador despedido de Dio a D. Jorge de Menezes, para que na enseada de Cambaya fizesse todas as hostilidades possiveis, mostrando ao Soltaõ, que cõ os estragos passados nossas armas naõ embotáraõ os fios. Tomou D. Jorge algumas embarcaçoens de mantimẽtos, que passavaõ a bastecer os portos do inimigo, porque acabasse a fome aquelles, q̃ perdoara a espada. Deu huma tarde vista a Cidade de Baroche, cujos edificios lhe representáraõ na magestade a policia de Europa. Estava situada em huma eminencia, cingida de muros de ladrilho, que mais serviaõ ao adorno, que á defença. Com tudo se deixavaõ ver diversos baluartes, obrados naõ sem algũa luz de fortificaçaõ, guarnecidos de muita artelharia, que senhoreava as entradas do porto. Com a elevaçaõ do sitio se descobriaõ

Sitio, e fortificaçaõ de Baroche.

porta-

portadas de cantaria lavrada, onde a correspondencia de torres, e janellas mostravaõ de seus habitadores o poder, e artificio. Era o trato da terra de finissimas sedas, droga, que daquelle porto se navegava a muitos do Oriente. Possuía Madre Maluco esta Cidade, tributada das aldeas vezinhas, que na fertilidade, e na grandeza lhe compunhaõ hum mediano estado.

Trato dos moradores.

6 Acaso tomàraõ os nossos huma almadia de pescadores da terra; que pergũtados, disseraõ da Cidade o que temos referido. E querendo saber D. Jorge, que presidios havia na Cidade, disseraõ, que toda a milicia levàra Madre Maluco a Amadabà, Corte do Soltaõ, e que só ficavaõ ao presente algũs mecanicos, e outra gente de trato. D. Jorge parecendo-lhe opportuna a occasiaõ de assaltar a Cidade, ainda q̃ era o poder desigual para facçaõ taõ grãde, como os successos pẽdẽ dos accidentes, determinou tentar a fortuna, e por assegurar os moradores, se fez na volta do mar, como quem navegava por differente rumo, levando comsigo os pescadores, para na entrada lhe servirem de guias. Tanto que anoiteceo, tornou a armada a demandar o porto, e saltando em terra, sem que a confiança, ou descuido

Madre Maluco a senhorea

Dom Jorge a entra de noite.

do inimigo se assegurasse em defensa, ou sentinella algũa, foraõ ferindo os nossos naquella gẽte desarmada, e fraca, onde a noite, a confusaõ, e o sono os trazia a encontrar o perigo, de que andavaõ fogindo; errando miseravelmente se desviavaõ tãto dos seus, como dos inimigos, fogindo dos que tambem fogiaõ. Os gemidos dos filhos naõ moviaõ os pays à piedade, e menos à vingança; porque o temor subito obrava cõ os piores affectos da natureza. Os lamentos, e gritos das mulheres, esses as descobriaõ, sendo seus ays seu mayor perigo. E os que escondidos em suas casas escapáraõ ao ferro, nellas mesmas os abrasou o incendio, naõ ficando aos miseraveis para a morte remedio, senaõ escolha. A hum mesmo tempo se fazia a invazaõ, e saco. Foy o estrago como em guerra sem resistencia; o despojo, como em Cidade entregue. Alcançou em fim Dom Jorge nesta empresa fama sem risco, victoria sem inimigo. Porém naõ duvidamos, que se achara opposiçoes mayores, podéra conseguir seu valor o que obrou sua fortuna. Mãdou dar a Cidade ao fogo, onde em breves horas os nobres, e plebéos, as plantas, e edificios se cõvertéraõ em lastimosas cinzas,

Poem-lhe fogo.

sem

sem que a natureza as distinguisse, lugar as separasse. Embarcouse algũa artelharia miuda, e rebentou-se a grossa, sendo esta facçaõ taõ celebre entre os nossos, que fizeraõ tomasse o appellido de Baroche, quem tinha o de Menezes, como jà as ruinas de Cartago deraõ à Scipiaõ o nome de Africano.

Tomá della o appellido.

7 Acòdio o Maluco com cinco mil cavallos, cedo à lastima, tarde ao remedio; e vendo que o ferro, e fogo naõ deixára cousa alguma cõ semelhança do que havia sido, voltou impaciente a ElRey de Cambaya, como quem levava em chaga fresca a dor mais sensitiva. Representou-lhe o estrago da Cidade, aggravo, que parecia mayor, por ser depois de tantos. Sentio o Soltaõ este novo accidente, jurando acometter outra vez Dio, que era a pedra do escandalo, onde se quebravaõ as forças de tamanho imperio. Em tanto pois que os odios de Cambaya respiraõ na imaginada vingança, discorramos no espiritual de Candea, que como semente afogada entre espinhas, naõ chegou a lograr fruito.

Acode o Maluco tarde.

O Rey de Cotta dissuade ao de Cidea da conversaõ

8 Entendia o Madune Rey da Gotta, como o de Candea buscava cõ a mudança da Religiąõ, a protecçaõ do Estado, e

como estes Gentios saõ observantes zeladores de seus erros, buscou meyos para lhe persuadir, q̃ era a idolatría necessaria à Coroa; affirmãdolhe, que com a nova crença faria dos vassallos desobedientes, aos Reys inimigos, ingrato a seus antigos Idolos, que haviaõ prosperado o cetro de Candea tantos annos em Reses ascendentes; q̃ o Governador da India devia ser o mais insolente homem da terra, pois naõ sofria, que o Mundo tivesse outro Rey, nem outro Deos, mais que os que elle servia, e adorava; que naõ negava ser a Religiaõ dos Portuguezes, ou melhor, ou mais felice, pois cultivavaõ o Deos das victorias porém; que a elle lhe bastava servir aos deoses da patria, em q̃ nascéra, sem desejar melhor posteridade, ou mais ambiciosa fortuna, q̃ os que lhe precedéraõ. E quem sabia se o Governador queria fazer da piedade motivo para lhe usurpar o cetro; que naõ recebesse na Ilha homens taõ valerosos, q̃ em nenhuma parte sabiaõ jà estar, senaõ como senhores; que se os Frãguès lhe promettiaõ trazer a casa melhor Ley, e augmentarlhe o estado, quẽ cõ inteiro juizo havia de dar credito a taõ nova bõdade de homẽs, que nũca vira; e mais quãdo estes naõ

eraõ

eraõ taõ desprezadores do humano, que naõ viessem do fim do Mundo a dominar a Asia? que se queria exẽplos, mais Reynos acharia por elles destroidos, que doutrinados; que era verdade, que os seus Logues (que elles chamaõ Sacerdotes) eraõ faceis em derramar o sangue pela Ley, q̃ ensinavaõ, mas que estes o fariaõ, ou como ambiciosos do nome, ou prodigos da vida; se já naõ era, que no Occidente havia mais loucos, que nas outras Regiões, e davaõ todos naquella perigosa teima de doutrinar ao Mũdo; que ultimamente lhe aconselhava como Rey, e amigo, que devia degollar o soccorro dos Frangues que esperava, para dar satisfaçaõ a seus antigos deoses, justamente indignados de os querer desãparar por divindade estranha; q̃ pela soberba de lhe virem dar luz ao entẽdimento, ou pela ambiçaõ de lhe usurpar o Reyno mereciaõ este castigo na cõtingencia de hum, ou outro delicto; q̃ para este effeito o ajudaria cõ armas, e soldados, fazendo commum a causa pois o era tambem a injuria dos Idolos de todos.

O de Candea cõsente nisto.

9 O miseravel Principe, naõ podendo levantarse de todo cõ o pezo de seus antigos erros, se deixou persuadir das razoens

ens do barbaro, e frauduléto amigo, porq̃ os olhos ainda cegos com as nevoas da idolatría, naõ podiaõ soffrer as luzes da verdade, que lhe amanhecia; e logo ou incauto, ou violentado cõspirou na traiçaõ do Maduno, como enfermo frenetico, cõtra os instrumẽtos da saude indignado; esperáraõ em fim os hospedes, resolutos em executar a maldade, q̃ tinhaõ concebido.

Viage de Antonio Moniz.

10 Entretanto partido Antonio Moniz de Goa achou em differentes pórtos alguns navios nossos, que confórme a instrucçaõ, que levava, aggregou à sua armada. Dobrado o cabo de Comorim, e passados os baixos de Manár, foi demandar Baticalou, para dahi entrar em Candea, caminhando por terra. Levava doze fustas de remo, de q̃ tirou cento e vinte soldados escolhidos, e cõ elles foi caminhando cõ a segurança de quem hia buscar hũ Principe amigo, e obrigado, e sobre tudo, senaõ fiel ainda, ao menos grato já, e benevolo às verdades da Ley, q̃ lhe prégavamos. Chegado a Cãdea, como tudo servia em armas, naõ pode ser a traiçaõ taõ cauta, que Antonio Moniz a naõ entẽdesse por diversos avisos, e pela simulaçaõ cõ q̃ tẽtáraõ dividirlhe os soldados para os poder matar a seu salvo. De mais

Chega a Candea, acha tudo trocado.

que

que o Rey lhes naõ quiz ver o rosto, quiçá por naõ descobrir nos affectos a consciencia temerosa, e culpada. Antonio Moniz se sahio logo da Cidade, mandando queimar os impedimẽtos, e bagages, que trazia; ficando assi mais livre para a defensa, e para a retirada, e juntando os soldados lhes disse.

11 „Companheiros, e amigos; todos sabeis a traiçaõ, que nos tem ordenado este Rey infiel, a quem viemos soccorrer, e servir; entendo, que nos cometteráõ cõ força descuberta, pois tem agora huma razaõ, ou causa mais para nos offender, que he havermos conhecido seus enganos. Nenhum de nós terá mais vida, que em quanto a souber defender. Póde salvarnos o valor, e a conformidade; soccorros naõ esperamos de fóra, pois estaõ em nós mesmos; e estes barbaros naõ se empenharáõ na traiçaõ se virem, que he custosa; e que muito, façamos nós agora por nós mesmos, o que vinhamos a fazer por elles, que he derramar o sãgue? Os caminhos, que guiaõ a Batecalou, onde está a nossa armada, devem estar occupados do inimigo, pelo q̃ nos parece, que vamos demandar o Rey de Ceitacaya, fiel amigo do Estado, onde acha-

Trata voltarse.

,acharemos hospedagẽ, e abrigo seguro,
, para dahi irmos buscar nossa armada.

12 Logo que Antonio Moniz começou a marchar, se descobriraõ os inimigos em trópas, acomettendonos com settas, dardos, e pedras, e outras armas deste genero, com que nos feriraõ algũa gente, determinãdo com este importuno modo de peleija acabarnos sẽ risco. Trazia o inimigo, ao parecer, hũ corpo de oito mil homens regidos por seus Cabos, a que chamaõ Modeliares, destros naquelle modo barbaro de cõmetter, e retirar, superiores aos nossos no numero, e na agilidade, e sem duvida hum, e hum nos foraõ derribando a todos, se os naõ fizera afastar a nossa espingardaria, de que receberaõ dano, e temor grãde, vendo cahir alguns subitamente mortos; de que espantados os outros nos seguiaõ mais timidos, e cautos; assi nos foraõ picando todo aquelle dia, humas vezes atrevidos, e outras cobardes, e com este sequito desigual, e importuno, hiaõ dando aos nossos a carga lenta, mas nunca interrompida.

He comettido dos inimigos.

13 Sobreveo a noite, de que os nossos receberaõ mais segurança, que repouso, porque sempre os foraõ inquietando cõ tiros vagos, e perdidos, sem que os pobres

Trabalhos q passa.

bres

bres soldados podessem ainda sobre as armas receber algũ breve descanso; mastigando o biscouto com os olhos no inimigo, e as mãos nas armas. Assi passárão até o seguinte dia, que se descobrirão os barbaros mais soltos, e atrevidos; perdido, ou mitigado aquelle horror primeiro, q̃ lhe fazião os instrumentos do fogo. Chegárão em fim a ferirnos de perto com armas curtas, com o que foy forçado Antonio Moniz deter a marcha, e fazer algumas voltas, em q̃ lhe degollamos gente, e cativamos, entre outros, hũ seu Modeliar, que no habito, e nas armas, parecia o Regente de todos; o que mostrou ser assi no risco, e ousadia, com que intentárão livralo, fazendo muitas arremetidas, de que sairão cortados, porém sempre constãtes naquella invazão porfiada, que já os nossos não podião aturar, rendidas as forças do trabalho.

14 Alguns forão de parecer, que fizessem rosto ao inimigo, e se livrassẽ peleijando, ou acabassẽ vingados; porém Antonio Moniz lhes disse, q̃ a melhor parte do esforço era o sofrimẽto; e que só este os podia salvar; que tinhão a mayor parte do caminho vẽcido, que marchãdo vigiados, e unidos, não poderião receber grande

Prudẽcia com que moderа os seus.

de dano; que por grande, que o perigo fosse, seria depois mayor o gosto, quando o recontassem gloriosos, e seguros. Assi lhes foi o Capitaõ criãdo espiritos novos, e enfreãdo a desesperaçaõ de taõ prolixa resistencia, atè os visitar a noite, como alivio dos trabalhos do dia; na qual os barbaros tãbem quebrados deixàraõ em algũa maneira respirar os nossos. Porém tanto que amanheceo, tornáraõ a seguir a presa mais furiosos, parece que corridos de achar opposiçaõ taõ valerosa em poder taõ pequeno. Aqui se desenvolvéraõ mais soltos cõtra os nossos, que jà se defendiaõ, ainda que cõ os mesmos animos, com forças mais remissas.

15 Mãdou Antonio *Moniz* quebrar as pernas ao Modeliar, que levava cativo, e lançalo na estrada, a quem os seus deixando a peleija, acodiraõ logo detidos do amor, ou da piedade do mayoral, ou companheiro, que viaõ em taõ miseravel estado; ficáraõ os nossos hũ espaço largo, como sem inimigo; porém subitamente movidos de hum espirito de lastima, ou vingança, acometteraõ impetuosamente os nossos em hum passo estreito, que hia fechar em huma ponte, fundada sobre hum grande rio, que se naõ vadeava.

Mostrou

Mostrou aqui Antonio Moniz avãtajado esforço, fazendo cõ nove companheiros rosto aos inimigos em quanto seus soldados passavaõ; e como os teve da outra parte, quebrou hũ lanço da põte, industria, cõ que tolheo aos barbaros a passagem, e sequito. Naõ alcançou Antonio Moniz fama popular por taõ heroica defensa, porém entre os poucos, q̃ souberaõ fazer justa estimaçaõ das obras excellentes; mereceo esta retirada applausos de huma grande victoria. Chegáraõ em fim ao Rey de Ceitavaca, onde acháraõ benigna, e fiel acolhida, reparando-se da fome, e feridas, e trabalho com liberalidade piedosa, e grata, offerecẽdolhes suas forças para a vingãça de taõ justo aggravo.

Esforço com que peleija.

Retira-se.

16 O pobre Rey de Candea arrependido da maldade comettida por induçaõ do Regulo vezinho, aborrecendo a traiçaõ, como cousa criada em peito alheo, enviou a Antonio Moniz hum mensageiro com dez mil pardaos para os gastos da armada, escrevẽdolhe, q̃ o sentimento era seu, e os erros alheos; que pois o fora buscar infiel, naõ o desamparasse Christaõ; que o Deos, em que começava a crer, por isso eraõ taõ grande, porque perdoava offensas; que aquellas tenras flores, que começavaõ.

Arrepẽdese ElRey de Cãdea.

Manda lhe hum mensageiro.

cavaõ a abrir no jardim da Igreja, naõ as quizesse deixar desabrigadas às injurias do ardor da idolatria; que pois vieraõ cõ armas limpar aquelle mato de superstições gentilicas, naõ se espantasse de sahir lastimado das espinhas, e cardos da infidelidade; que sendo taõ benigno o Deos, que lhe pregavaõ; cõ justiça sẽ misericordia naõ salvaria os homens; que a quem naõ desprezava o Ceo, naõ desprezasse a terra; que lhe pedia o soccorresse, porque estava prompto a offerecer pelo amparo a fazenda, e pela Fé o sangue.

Quer Antonio Moniz tornar

17 Cõ esta carta esteve Antonio Moniz resoluto em se tornar a Candea, represẽtandoselhe mayores os interesses da Religiaõ, que os perigos da vida. Porém os soldados, como abraçados cõ a tavoa, em que haviaõ escapado, naõ quizéraõ sahir do abrigo do Principe amigo, dizendo, q̃ o primeiro engano fora do traidor femẽtido, o segũdo seria do Capitaõ crédulo, e incauto; que se naõ queriaõ tornar a fiar da bibora, que hũa vez os mordéra; porque se os quizera matar quando obrigado de hum grato socorro, que faria, quando offendido na injuria de seu exercito afrontado? Que queriaõ agradecer a Deos hũ milagre antes, que pedir

Os seus o encontraõ.

outro;

tro; que o Governador os naõ mádava como Apostolos, senaõ como soldados; que se hiaõ a derramar o proprio ságue pela Fé, fossem sem armas; mas que a sua vocaçaõ era defender a Ley cõ a espada, e naõ prégala. Vendo Antonio Moniz, que os soldados estavaõ frios no zelo, e duros na obediencia, entendendo, que se Deos quizesse salvar aquelles póvos, abriria os caminhos; resolveo buscar sua armada; e em quãto elle navega, tornaremos às cousas do Hidalcaõ, que temos retardadas.

Recolhe-se à armada.

18 Sobresaltado o Hidalcaõ com a presença do Meale em Goa, tentou cõ o remedio das armas purgar estes receos; e porque as guerras de Dio tinhaõ hum pouco desangrado o Estado, crendo acharia no Governador confiança, ou descuido nascido das victorias, sabendo a Cidade de Goa o tinha ausente, accometteo as terras de Bardez, e Salsete, que asseguradas na paz estavaõ sem defensa. Despedio quatro mil soldados, que sẽ golpe de espada as senhorearaõ, fazendo que os agricultores lhe acodissem cõ os fruitos, e fóros annuaes, que pagavaõ ao Estado. Chegou a Goa o avizo desta entrada, que deu grãde cuidado, por naõ se achar com forças para fazer ao inimigo rosto. Resolvé-

O Hidalcaõ manda sobre as terras firmes.

solvêraõ esperar a vinda do Governador, cujo nome bastaria a quebrantar ao Hidalcaõ o orgulho; presidiando entretanto a fortaleza de Rachol para deixar às incursoens do inimigo este pequeno freo.

Retiraõ-se de temor dos nossos.

19 Logo que o Governador chegou a Goa, dádo os primeiros dias ao gósto dos successos passados, naõ querendo dar outros ao descanso, como homem, que tinha a paz por vicio, a guerra por costume, passou a Agaçaim, donde despedio a D. Diogo de Almeida Freire, com novecentos homens para que desalojasse o inimigo, que estava com quatro mil soldados nas aldeas vezinhas. E tanto que os Mouros tiveraõ aviso, que a nossa gente marchava, sem esperar o som das caixas, nem a vista das bandeiras, se recolhéraõ ao sertaõ; o que a todos pareceo respeito às victorias de Dio, cuja fama tinha cheyo de temor, e reverécia o Oriente todo. Ficou outra vez a campanha à nossa obediécia, logrando com os receos da guerra huma paz mal segura, qual se podia esperar de Principe queixoso, e vezinho. O Hidalcaõ, dando-se na fugida dos seus por afrótado, acodio pela opiniaõ das armas, como segunda causa para mover a guerra, mandádo oito mil soldados a senhorear as ter-

Manda outra géte, e quer elle vir.

tás da cõtenda, em quãto aprestava poder mayor, intentando (como elle dizia) onde aventurava o Reyno, arriscar a pessoa. Porém em quanto o estrondo destas armas se naõ ouve em Goa, fallaremos das cousas de Malaca, e *Maluco*, por serem dispóstas cõ a providencia do Governador, e acabadas com sua fortuna.

20 Estava Bernardim de Sousa despachado cõ o governo das Malucas, Ilhas, que como taõ distantes do coraçaõ do Estado, recebiaõ mais tibia obediencia, assi na sojeiçaõ dos naturaes, como na liberdade dos Governadores, q̃ obravaõ voluntarios, e independentes. Tinha Jordaõ de Freitas enviado a Goa a ElRey Aeiro, ligado com prisoens, indignas da Coroa, e criminado com processos alheos da verdade. Os quaes D. Joaõ de Castro mandou verificar por tela de juizo, e absoluto o pobre Rey dos delictos impóstos; depois de o hospedar cõ Real tratamẽto, lhe restaurou cõ hõras, e favores as injurias do innocente cetro, mandando a Bernardim de Sousa, lhe fosse dar a posse do Reyno cõ mayor reverencia, q̃ de nossos Governadores costumavaõ receber seus passados, para que conhecessẽ aquelles póvos a clemencia, e justiça do Estado,

ElRey Aeyro prezo em Goa.

He absoluto pelo Governador.

do, destribuida por igual balança a subditos, e amigos.

Levado a Ternáte. 21 Chegou Bernardim de Sousa à Ilha de Ternáte, e saltãdo em terra se foy meter na fortaleza, sem as ceremonias, com que a ambição daquelles povos costuma receber a seus Governadores. Jordaõ de Freitas, que na subita vinda do successor, e na cõsciẽcia culpada, estava lêdo o processo de suas demasias, ficou sobre maneira alterado, conhecendo da inteireza de Dom João de Castro, que naõ permittia aos Capitaens móres, que aos Reys amigos fizessem, nem sofressem injurias, e que se naõ podia justificar Aeyro, sem o condenar a elle. Com tudo deu a Bernardim de Sousa posse da fortaleza, a quem logo acudiraõ os filhos de Aeyro, mais a saber dos castigos do pay, que a esperalo: taõ timidos saõ os juizos dos homẽs nas cousas que desejaõ. Bernardim de Sousa lhes disse, que o fossẽ desẽbarcar da náo taõ hõrado, que pareceria, que mais fora represẽtar serviços, que responder a culpas. Os filhos ainda incredulos no gosto da inesparada nova, foraõ corrẽdo à praia, seguidos de multidaõ de povo, que avaliava por cousa rara, justiça contra hum poderoso, admirando-se da igualdade de

nossas

nossas leys indifferentes a naturaes, e estrangeiros. Desembarcou Aeyro, dizendo, que nossos braços lhe deraõ victoria de nós mesmos; e que das excellencias do Governador da India fallaria sempre cõ o dedo na boca. Levantados em as mãos levava os grilhoens, cõ que dalli partíra preso, servindo-se da memoria do aggravo para o agradecimento. Com esta justiça repousáraõ as cousas de Maluco em grata obediencia muitos annos.

E restituido aos seus.

22 Gozava neste tempo Malaca de huma profunda paz, assentada sobre as amizades, e comercio dos Principes vesinhos, e porém ElRey de Viantana achando-se cõ forças para intentar qualquer empresa grande, o poder, e o ocio lhe trouxeraõ á memoria muitos aggravos esquecidos, q̃ dos Reys de Patane havia aquella casa recebido; e como era bem correspondido dos Principes de Quedá, Pam, e outros confinantes, teve meyos para os colligar fazendo-os parciaes na vingãça de alheas injurias. Poseraõ sobre o mar huma grossa armada, capitulando, que o de Viantana se contentaria com a vingança do inimigo, e elles ficariaõ com os despojos da guerra, a respeito de aventurarem o sangue na satisfaçaõ dos aggravos de outro.

Conjuraõ varios Reys contra Malaca.

23 Era nesta occasiaõ Simaõ de Mello Capitaõ de Malaca, e sabendo das discordias destes Principes, escreveo a Diogo Soares de Mello, que estava no porto de Patane, que se viesse aquella fortaleza, porque como todos aquelles Reys eraõ amigos do Estado, queria antes ser arbitro, que parcial em suas differenças, demais, que era razaõ politica, deixar que a guerra os quebrantasse para q̃ desangrados vivesse na paz, e obediencia de nossas armas mais sujeitos, considerando, que o tempo lhes podia dar occasiaõ, e as forças ouzadia, porque para o odio, bastava sermos nós dominantes; e para a guerra, o poder naõ busca outras causas.

Que faz o Capitaõ della.

23 Diogo Soares naõ engeitando o aviso, despedio alguns navios de carga para a Chinia, e elle cõ duas galeotas se partio na via de Malaca. Andava neste tẽpo o Achem ás presas cõ vinte velas grossas, fazendo com forças de senhor o officio de Cossario. Tomou alguns juncos de bastimentos, fez no mar outros insultos em navios de amigos. Com a fortuna creceo o atrevimento, chegado a desembarcar de noite no porto de Malaca, para poder dizer, que chegára a pizar terra de nossa obediencia, e logo cõ esta glori[a]

Sae em terra o Achem e recolhese logo.

ganha

nhada tãto a furto se tornou a embarcar.

25 Tocou-se na Cidade a rebate, onde o temor, e a noite fez maior o perigo, fogindo muitos de suas mesmas sombras. Chegárão á fortaleza as vozes dos que só temião porque vião temer, assombrados do medo sem perigo. Mandou o Capitão mór a D. Francisco Deça com alguns soldados, que entrados na povoação dos Chelins, virão na confusão, e temor de todos a imagem da guerra, menos o inimigo, que estava já embarcado, sé levar mais que a fantastica vaidade de haver saltado em terra. Sentio Simão de Mello a covardia do Achem, como se fosse injuria; tão respeitadas estavão as paredes daquella fortaleza, que parecia insolencia cometellas, avistalas, delicto. Mandou logo por hum Bantim ligeiro espiar os passos do Achem, em quanto lançava ao mar dous caraveloens, e seis fustas, para os mandar em busca do inimigo. Apportou nesta occasião Diogo Soares de Mello cõ as duas galeotas, que temos referido, como trazidas por nossa fortuna a ajudar á victoria. Nomeou a D. Francisco Deça por Cabo desta esquadra, o qual ainda mal armado, cõ a pressa de quem acodia a pedencia subita, se fez na volta do mar,

Sae a buscalo a armada.

com instrucçaõ, que se em dez dias naõ achasse o inimigo, se recolhesse ao porto, porque naõ hia bastecido para mais largo tempo.

Que fo

36 Navegáraõ oito dias sem encontrar a armada, e chegados a hũa Ilha tiveraõ novas, que o inimigo estava ancorado em Quedá, viagem de dous dias. Determinou D. Francisco passar avante, porém os soldados se amotináraõ, dizendo, que era de Capitaõ bisonho seguir a quẽ fogia; que os bastimentos estavaõ já acabados, que elles naõ hiaõ a peleijar cõ a fome; e se o regimento do Capitaõ mór se estreitava a dez dias, melhor era a obediencia, que a vitoria. Porém Diogo Soares de Mello, inda que inferior no posto, mayor na authoridade, disse, que todo o Capitaõ que se voltasse, havia de peleijar cõ elle primeiro, porq̃ mayor serviço faria a ElRey em meter no fundo soldados desobedientes, que inimigos atrevidos. Applacado nesta fórma hũ temor cõ outro, navegáraõ a Quedá, aonde souberaõ que o inimigo estava em hum porto oito legoas distante; resolveo D. Francisco seguilo visto estar taõ vezinho. Aqui foi a mormuraçaõ dos soldados mayor, mas naõ o atrevimento, porque viraõ que a inju-

Tem novas delle o Capitaõ, e quer seguilo.

Os soldados se amotinaõ.

Diogo Soares os applaca.

injuria era mais do temor que do perigo; assi foraõ seguindo a Capitania com mayores demonstraçoens de gosto, do que nunca tiveraõ, ou fosse por dourar os receos passados, ou que os coraçoens presagos da victoria criáraõ mais honrados affectos.

27 Avistáraõ naquella mesma tarde á Cidade de Patlés, em cujo porto estava o inimigo furto em hũa enseada, que fazia o rio em pequena distancia da Cidade. Mandou o Capitaõ mór sondar o rio, e abalisar cõ ramas o canal para fogir dos bancos, e sabendo pela sonda, que tinhaõ as caraveles fundo, cometteo a entrada a tempo, que o inimigo vinha com duas galés, e outros navios buscar a nossa armada, porq́ pelas espias entendeo que eraõ navios mercantis, em razaõ de haverem vista da terra dous caraveloens sómente, por estarem as fustas, e galeotas cubertas cõ a sombra de hũa põta torcida em voltas, que alli faz o rio. Trazia o inimigo duas galés diante, que davaõ escolta a outra muita fustalha; as quaes como acháraõ soldados, aos q́ imaginavaõ mercadores, quizeraõ voltar, mas como o rio era muito estreito, e ellas vinhaõ arrazadas em popa, o naõ poderaõ fazer, sem q́ pri-
mei-

Avistaõ, commettem o inimigo.

Rende Diogo Soares á Capitania.

meiro lhes chegassem os nossos. Atracados em breve espaço tingiraõ as armas, e ainda o rio em sangue. Diogo Soares entrou a galé Capitaina cõ cincoenta soldados, e achou nos Mouros taõ porfiada resistẽcia, que todos foraõ mortos, porém nenhum rendido; com o mesmo orgulho peleijaraõ os outros. Conheceose a victoria pelos vasos, mas naõ pelos cativos. Parece que com obstinaçaõ honrada nenhum quiz sobreviver á sua ruina. A resistencia do inimigo he argumẽto do valor dos nossos, pois naõ só peleijaraõ com valentes, mas com desesperados.

Embaixada dos conjurados.

28 Entretanto ElRey de Viantana, e os mais confederados recebéraõ cõ mayores vinculos a paz; estes sabẽdo que a nossa armada era saida, ajuizando que a fortaleza ficaria sem guarniçaõ bastãte, vieraõ tentar, se esta occasiaõ lhes abria caminho para tirar de Malaca taõ pesado vezinho; e como o odio os fazia atrevidos, e o temor covardes, quizeraõ com o semblante da paz disfarçarnos a guerra. Enviáraõ hũ Capitaõ pratico a Simaõ de Mello, significarlhe o sentimento, que tinhaõ de haver o Achem desbaratado a nossa armada; e que sabiaõ que com o gosto da victoria juntava poder mayor

para vir sobre a fortaleza, que como tinha taõ poucos defensores, era forçoso q̃ o valor cedesse á multidaõ; pois o numero, e a occasiaõ dava as victorias; que elles como amigos do Estado lhe pediraõ licẽça para desembarcar naquelle porto, e remirem cõ seu sangue a fortaleza de taõ certa ruina, e faria o Mundo juizo, que eraõ melhores amigos no trabalho, q̃ na prosperidade. Alem desta mensagem cautelosa, vinha o enviado instruido, que notasse os soldados que tinha a fortaleza, e do semblante do Capitaõ conjecturasse o valor, ou receo com que ouvia o destroço da armada: por ser o coraçaõ nos affectos mais fiel, que a lingua.

Reposta do Capitaõ de Malaca.

29 Porém Simaõ de Mello entẽdendo que a offerta era traiçaõ, e o mensageiro espia determinou ferilos pelos seus mesmos fios, servindo-se de enganos contra enganos. Respondeo agradecido á taõ opportunos soccorros, como lhe offereciaõ, e que em retorno de taõ grata amizade, lhe pedia alviçaras da victoria, q̃ os seus navios alcançáraõ do Achem, de que naquelle instãte havia tido aviso; e q̃ na fortaleza tinha gente, e munições sobejas para os servir contra seus inimigos; q̃ o Achem saira daquelle porto fogindo; que

que os Portuguezes tiveraõ no alcance dificuldade, na victoria nenhuma. Estas palavras receberaõ credito da segurança cõ que se disseraõ, ficando o Mouro credulo, e descontente no esforço do Capitaõ, e na victoria da armada; levando aos seus por reposta, que o Capitaõ mór ou entendéra o ardil, ou desprezàra o medo.

30 Simaõ de Mello cõ estas cousas entrou em grande cuidado, porque a tardança da armada fazia a nova contingente, accusando-se de leve, e temerario, por haver empenhado as forças daquella praça contra hũ inimigo, de cuja paz naõ tiravamos fruito, nem gloria da ruina; porque humilde prova do valor seria destroçalo cõ forças iguaes, se o tinhamos vencido com muito inferiores. Assim discorria o Capitaõ, como senaõ podéra haver desgraça sem culpa. Hiaõ na armada embarcados os casados de Malaca, cujas mulheres, e filhos com lagrimas anticipadas ao successo choravaõ a victoria, que ignoravaõ; queixando-se do Capitaõ, que quizera comprar fama com o sangue alheo; sendo mais cõveniente ao Estado huma paz honrada, que hũa victoria inutil. E já o tumulto popular tocára em liberdade, se o Mestre Francisco Xavier (que

Faltaõ novas da armada.

Queixa-se o vulgo.

O P. Xavier o sossega.

(que entaõ a India reſpeitava Penitente, e agora o Mundo venera Santo) naõ enfraqueça o povo, lembrandolhe a paciencia nas adverſidades, naõ ſó como virtude, ſenaõ como remedio, deſcobrindo-lhe canto; mas tambem compaſſivo huns longes de mais alegres novas, que mais pareciaõ alivios do proximo, q̃ annuncios de Profeta. Quando no meſmo dia, em que ſe deu a batalha, eſtando á viſta de numeroſo povo, enſinando os caminhos da vida, ſe arrebatou ſubitamente em hum extaſis profundo, como bebendo em ſuave ſilencio os ſegredos divinos, até q̃ deſpertando da myſterioſa pauſa dos ſentidos, rompeo em agradaveis vozes, dizendo, que poſtrados ante os altares, deſſemos graças ao Autor das victorias, porque naquella hora desbaratára Deos cõ noſſos braços a armada do Inimigo. O povo reverente no preſagio do Interprete divino, cõ gratas, e piedoſas lagrimas louvava a Deos no Santo, começando dos eſtremos do peſar mais ſegura a alegria. Aquella meſma tarde eſtando doutrinando a plebe em huma Ermida vezinha, referio os caſos da batalha cõ taõ particulares accidentes, como quem ſabia o ſucceſſo, de quem deu a victoria; e deſta felicidade

Prenoſtica a victoria.

E annuncia o modo della.

licidade cremos, foi o glorioso Santo intercessor, e oraculo, o qual com muitas outras illustraçoens divinas anteviu os segredos escondidos com espirito presago do futuro. Ficou Malaca gozando de hũa honrada paz, assegurada com a victoria, que temos referido; porém o Governador em Goa ainda com as armas quentes no sangue de huma batalha o chamavaõ a outra.

Cuidados do Hidalcaõ.

31 Entre o Hidalcaõ, e o Estado deixou Martim Affonso de Sousa vivas as causas dos odios, que temos referido, de que D. Joaõ de Castro lhe naõ podia dar satisfaçaõ sem afronta, nem negarlha sem guerra. Com a retirada dos Mouros estavaõ á nossa obediencia as terras de Bardéz, e Salsete, nascẽdo os fruitos da agricultura; quasi debaixo das armas cõ que os defendiamos. O Hidalcaõ, como via cõ seus olhos as terras, e tambẽ os aggravos cõtinuados na retençaõ que avaliava injusta, cada dia nos acordava cõ as armas seu dereito, sobresaltado juntamente cõ a presença do Meále em Goa, que era veneno, q̃ acomettia o coraçaõ do Reyno; entendendo, que cõ as entradas dos seus subitas, e furtivas mais irritava, que enfraquecia o Estado; e que com a negaçaõ dos

dos mantimentos, empobrecia os vassal-los, e engrossava os vezinhos, de cujos pórtos os recebiamos. Entrou em consi-deraçaõ de nos fazer a guerra cõ poder descuberto, em que aventuresse o Rey-no, e a pessoa, deixando na fortuna de hu-ma batalha a justiça de humas, e outras armas; e como a paz, e a tyrania o tinhaõ feito rico, eraõ-lhe faceis as despesas da guerra, que havia de mover quasi dentro em sua mesma casa. Despachou logo oito mil soldados a senhorear as terras da cõ-tenda, em quanto se dispunhaõ forças mayores para sustentar o que aquelles ganhassem.

Manda gente á terra firme.

32 O Governador cõ o primeiro aviso desta entrada ordenou, que D. Diogo de Almeyda Freire com novecentos Por-tuguezes, e alguns Canarins de soldo, e huma cõpanhia de cavallos fosse encon-trar o inimigo ficãdo elle em Pangim pa-ra o soccorrer com o resto da gente, se o Hidalcaõ viesse pessoalmente; fama, q os Mouros derramavaõ, e nos queriaõ per-suadir, ou se persuadir, ou se persuadiaõ. D. Diogo de Almeyda partio com esta gẽte, e fez alto na fortaleza de Rachol, a cuja vista teve algũas escaramuças leves cõ o inimigo, que naõ quiz empenhar o poder,

Dom Diogo de Almeyda lhe sae.

poder, nam aceitar a batalha, que lhe o-
ferecíamos; quiçá conhecendo, que nã
podíamos sustentar guerra lenta pela fal-
ta de provisoens, e incommodidades d
terreno alagadiço, e retalhado em este-
ros, onde naõ podíamos ter alojaméto en-
xuto, né servirnos de cavallaria em todos
os lugares da campanha; huns, q̃ pela hu-
midade nos tolhiaõ a passagem outros
pela aspereza; inconvenietes mais faceis
de vécer aos Mouros, que como naturaes
da terra sabiaõ melhor os passos, e esta-
vaõ feitos ao trabalho de calcar os pan-
tanos cõ agilidade, e soltura. Demais, que
eraõ bastecidos cõ mayor abundancia, co-
mo senhores do páiz. Vendo pois D. Dio-
go, que o inimigo tinha a escolha de pe-
leijar, ou retirarse, e que os mantimentos
lhe faltavaõ, consultou o Governador,
que lhe ordenou, que recolhesse a gente
na fortaleza de Rachol, em quanto re-
solvia o que se devia obrar.

O Governador o faz recolher.

33 Voltou o Governador de Pangim a
Goa, onde pos em conselho o estado das
cousas, e desejos que tinha de opprimir
o Hidalcaõ cõ guerra mais pesada, para
evitar as molestias de repetidas entradas
ficando de huma vez com as mãos livre
para acodir a negocios differentes, o qu

E pos esta guerra em cõselho.

na

ſão poderia ſer, deixando armado, e ſem
aſtigo tão importuno vezinho. Porèm a
odos pareceo, q̃ a guerra ſe differiſſe pa-
a tempo opportuno, qual ſeria o do ve-
ão ſeguinte, em q̃ os noſſos podiaõ cam-
ear já no terreno, e com forças mayo-
es, engroſſadas com os ſoldados reynões,
que nas náos de viagem ſe eſperavaõ;
que o fim das empreſas naõ era a brevi-
lade, era a victoria.

34 O Governador ainda que bellicoſo, e mal ſofrido, houve de ſojeitar a võtade o entendimento, eſperando ocaſiaõ, em que podeſſe pedir ao Hidalcaõ mais ſe-gura a conta de ſeus atrevimentos. O q̃ alentado ordenou a D. Diogo de Almeyda Freire, que retiraſſe a gente, deixãdo a fortaleza de Rachol com ſufficiente preſidio, pondo ás correrias do inimigo eſte pequeno freo. E como o Governador era no exercicio das armas incanſavel, em quãto naõ tinha real a guerra, parece q̃ ſe deleitava cõ a imagem della. Hia todos os dias ao campo, onde mandava aos ſoldados tirar a barra, jugar as armas, formar eſquadroens, incitando a huns com premios, a outros com louvores, fazendo com a emulaçaõ, e exercicio, crecer eſtas virtudes, trocando hũa Cidade pacifica, e poli-

Dilataſe para outro tempo.

Exercita a guerra na paz.

e politica, em escola de armas, que este
teraõ os seráos, e comedias, onde com util
e bellicosa diversaõ se recreava o povo
tendo com a frequencia destes ensayos
os soldados tambê disciplinados, que nas
occasioens da guerra verdadeira, nenhum
caso, ou accidente os tomava de novo. Pas-
sando pela rua de Nossa Senhora da Luz
vio em huã casa terrea quantidade de ar-
mas em hum cabide, tratadas cõ tal lus-
tro, e asseo, que se pagou da limpeza, e
concerto, cõ que estavaõ dispostas, e ten-
do a redea ao cavallo, preguntou, quem
na casa vivia? Acodio a lhe responder o
mesmo dono, que era hum Francisco
Gonçalves soldado de fortuna. O Gover-
nador depois de o louvar de curioso, e
bẽ occupado, lhe mandou dar trinta par-
daos, com que lustrasse o ferro, sẽdo que
nos dias de seu governo tiveraõ pouco
tempo as armas para criar ferrugem.

Favorece os soldados.

35 Era já entrado o mez de Agosto, e o
Governador como antevendo as occa-
sioens futuras, naõ perdia momento em
municionar, e bastecer a armada, quando
aportou na barra de Goa Francisco de
Moraes Capitaõ de hum Catúr com car-
tas de D. Joaõ Mascarenhas, em q̃ o avi-
sava, que o Soltaõ de Cambaya juntava
todas

Tem avisos de Dio.

todas as forças de seus Reynos com voz de pôr segundo sitio aquella fortaleza; que convinha mostrarlhe este veraõ as armas, porque attento á segurança de sua mesma casa deixaria de inquietar a alhea mórmente, que impedindo-lhe nossas armadas a liberdade da navegaçaõ, e os uteis do comercio, abriria os olhos para ver, que só da paz do Estado pendia sua prosperidade.

Cõmunicaos ao Senado, e pede-lhe ajuda.

36 O Governador mandou juntar o governo da Cidade, a quem deu copia da carta de D. Joaõ Mascarenhas, pedindo-lhe o ajudassem, para acabar de domar, ou reduzir este inimigo; e ainda que esta exacçaõ os tomava sobre taõ fresco empenho, foi o proposito do Governador taõ grata a todos, que lhe offereceraõ as vidas, e as fazendas, como se fora o serviço do Estado, alimento, e herança dos filhos, que criavaõ. Esta felicidade de tẽpos naõ alcançou a India em todos os governos. D. Joaõ de Castro lhes pedio dez mil pardaos, com que o Povo o servio promptamente. E as mulheres de alguns Cidadãos ricos lhe mandáraõ quantidade de joyas, cõ huma carta chea de honradas queixas pelas naõ haver aceitado, nẽ despendido na primeira offerta; mostrando-se as de

Offerecemlhe quanto tem.

E as mulheres suas joyas.

Chaül,

municou esta resolução com os Regedores da Cidade, e aos Cabos da milicia, e a todos pareceo a occasião opportuna. E como o Governador era nas execuções sobre maneira presto, e tinha a gẽte prõpta, repartio em cinco esquadras os soldados, segundo a disciplina da India, de que fez Cabos a seu filho D. Alvaro, D. Bernardo, e D. Antonio de Noronha filhos do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, Manoel de Sousa de Sepulveda, e Vasco da Cunha. Hia tambem D. Diogo de Almeida Freire cõ duzentos cavallos, e os casados de Goa, a quem se aggregárão os pioens da terra, em numero de mil e quinhẽtos. Presidiava a fortaleza de Rachol Francisco de Mello cõ trezentos soldados Portuguezes, e algũa infantaria dos naturaes, ao qual avizou o Governador, que se aprestasse para se juntar cõ elle na Villa de Margão.

Ordena sua gente.

39 Neste tempo chegárão à Goa Embaixadores do Rey do Canarà, que pretendião a confederação do Estado, para cõ armas auxiliares molestar ao Hidalcaõ seu confinante. Foy este Reyno entre os Orientaes, pela grãdeza do imperio, o mais illustre, pelos principios da origem, o mais desvanecido, fabulando mil tradi-

Vem lhe Embaixadores do Canarà.

çoens

goens apócrifas, com que à veneração real servio a lisonja. Ouvio o Governador a embaixada cõ ceremonias decentes à ambição do Rey, e grãdeza do Estado; e logo capitularaõ amizades com condiçoens honestas a huma, e outra Coroa. Tanto que o Hidalcaõ entẽdeo a resolução do Governador, mandou retirar a guarnição das terras firmes, como declinando o golpe da primeira invazaõ, querendo cansar o Estado com aquella fórma de guerra repentina, e furtiva, aos nossos intoleravel, a elle facil.

Ouveos, e despedeos.

Retira o Hidalcaõ a gente.

40 Soube o Governador, que os Mouros eraõ recolhidos a Pondá, onde estavaõ abrigados com a artelharia do seu forte; alguñs Capitaens foraõ de parecer, que o Governador naõ seguisse o inimigo, que fogia, opiniaõ envelhecida dos mayores soldados; porém Dom Joaõ de Castro, naõ querẽdo vestir debalde as armas, mandou passar avante, dizendo, que queria castigar ao Hidalcaõ em sua mesma casa. Foy esta resolução grata aos soldados, crẽdo, que levavaõ na fortuna do General graõ parte da victoria. Marchou o cãpo aquelle dia duas legoas, e já sobre a tarde houve vista do inimigo, que da outra parte de hũa ribeira o esperava, para

O Governador os segue.

 lhe

lhe impedir o passo com hum corpo de dous mil soldados.

41 D. Alvaro de Castro, que levava a vanguarda, se lançou ao rio, vadeando, e peleijando juntamente; o inimigo lhe deu a carga de arcabuzaria, com que lhe derribou alguma gente; porém sem impedir, ou retardar aos outros, que passavaõ. Os demais Capitaens cortáraõ o rio por differentes partes, e quando chegáraõ, acháraõ a D. Alvaro baralhado com os Mouros, e já taõ apertados, que hiaõ deixando o cãpo, porque como naõ era seu intẽto peleijarem no raso, tanto que vencemos o rio cessáraõ da opposiçaõ, que nos faziaõ, retirando-se ordenados á sua fortaleza de Pondá. O Governador mandou seguilos, o que se fez aquelle dia por sima de alguns estrépes, que encraváraõ a muitos; e chegando a Pondá vio a todos os Capitães do Hidalcaõ ordenados em fórma de dar, ou aceitar batalha. O Governador com o mesmo passo da marcha, que levava, mandou acometelos; os Mouros na resoluçaõ, parece q̃ conhecéraõ a pessoa de D. Joaõ de Castro; e como se deraõ lugar á fama de seu nome, lhe deixáraõ o campo, onde só cõ o respeito alcançou a victoria. Retirouse ao sertaõ o inimigo

Dom Alvaro peleija na vanguarda.

Os Mouros fogem.

Manda o Governador seguilos.

Retirase ao sertaõ

inimigo, onde pela aspereza da terra naõ podia ser seguido. Entrou D. Alvaro na fortaleza, que achou desamparada; foraõ muitos de parecer, que se desmantellasse; o Governador porém com mais altivo acordo mãdou que aos miseraveis fugitivos se deixasse aquelle abrigo, era desprezo, e pareceo piedade.

42 Ficáraõ outra vez as terras à nossa obediencia, sem paz segura, nem guerra cõtinuada. O Hidalcaõ tinha forças para nos tolher os fruitos, mas naõ para logralos; e peleijava mais pela reputaçaõ, que pelos interesses da campanha. Voltou o Governador a Goa, onde tinha a armada prompta para passar ao Norte, não tendo outro lugar para o descãso, que o mar, ou a batalha; e como o tẽpo chamava as vélas, e os successos traziaõ aos soldados contentes, naõ foy necessario para se embarcarem bando, ou diligencia.

Volta a Goa.

43 Achou-se o Governador no mar cõ cento e sesséta fustas, de que eraõ os Capitaens D. Alvaro de Castro, Dom Roque Tello, D. Pedro da Sylva da Gama, D. Joaõ de Abranches, Dom Jorge Deça, D. Bernardo da Sylva, Vasco da Cunha, Francisco de Lima, Francisco da Sylva de Menezes, D Jorge de Menezes

Torna a Dio.

zes o Baroche, Manoel de Sousa de Sepulveda, Cide de Sousa, Duarte Pereira, Diogo de Sousa, Garcia Rodrigues de Tavora, Dom João de Attayde, Dom João Lobo, Gaspar de Miranda, Dom Bras de Almeyda, Jorge da Sylva, Dom Pedro de Almeida, Pedro de Attayde Inferno, Antonio Moniz Barretto, Cosme Eanes Secretario, Melchior Correa, Sebastião Lopes Lobatto, Antonio de Sá, Alvaro Serrão, Dom Antonio de Noronha, Diogo Alvares Telles, Antonio Henriques, Aleixo de Abreu, Antonio Dias, Balthasar Dias, Balthasar Lopes da Costa, Damião de Sousa, Manoel de Sá, Fernão de Lima, Alonso de Bonifacio, Antonio Rebello, Antonio Rodrigues Pereira, Melchior Cardoso, Cosme Fernandes, Nuno Fernandes, Francisco Marques, Duarte Dias, Diogo Gonçalves, Francisco Alvares, Francisco Varella, Luiz de Almeyda, Francisco de Britto, Gonçallo Gomes, Gregorio de Vasconcellos, Gomes Vidal Capitão da guarda do Governador, Antonio Pessoa Veador da fazenda da armada, Gonçalo Falcão, Gonçalo de Valladares, Galaor de Barros, Gaspar Pires, João Fernandes de Vasconcellos, Fernando Alvares, João Soares,

Soares, Ignacio Coutinho, Joaõ Caraesso, Joaõ Nunes Homem, Joaõ Lopes, Lopo de Faria, Manoel Pinto, Lopo Soares, Manoel Pinheiro, Lopo Fernandes, Manoel Affonso, Marcos Fernandes, Nuno Gonsalves de Leaõ, Pero de Caceres, Pero de Motta, Ruy Pires, Pero Affonso, Pero Preto, Luiz Lobatto, Simaõ de Areda, Francisco da Cunha, Simaõ Bernardes, Thomè Branco. Patraõ mór da ribeira, Coge Percoli lingua; e os navios, que vieraõ de Cochim, de que os Cabos eraõ nossos. Foraõ nesta conserva alguns navios de particulares, que por benevolencia do Governador serviraõ graciosamente o Estado.

44 Com toda esta frota foy o Governador surgir em Baçaim, donde mandou algumas espias a Cambaya para reconhecer as forças, e desenhos do inimigo, de cujo poder se fallava em todos aquelles portos com temor, e espanto; e os Guzarates credulos, ou soberbos diziaõ, que o Soltaõ poria desta vez o Estado debaixo de seu açoute. Aqui teve o Governador aviso, que Caracém gēro de Coge Çofar estava na fortaleza de Surrate cõ pequeno presidio na confiança do exercito vesinho. Dom Joaõ de Castro desejando cometter alguma

Chega a Baçaim.

alguma das praças, que cobria à sombra do inimigo; mandou a seu filho D. Alvaro com sessenta vélas, para q sobindo o rio de Surrate, despachasse alguã pessoa de confiança, que soubesse o estado da fortaleza, ou tomando lingua da terra soubesse, com que muniçoens, o presidio Castelem se achava; e parecendo, que se podia tomar a fortaleza por escala, lhe désse logo o assalto; porque pelas mesmas pisadas, q deixasse, iria a soccorrelo.

Manda D. Alvaro a Surrate.

45 Chegou D. Alvaro com a armada ao primeiro poço, que fica na entrada do rio, e logo despachou a Dom Jorge de Menezes Baroche com seis fustas para reconhecer a fortaleza. Sobio D. Jorge pelo rio remando à vóga surda, atè que sendo visto da fortaleza, lhe tirarão algũas bõbardadas. Os das fustas voltarão logo os remos, ou timoẽs, ou cantos, por mais que lhes bradou D. Jorge que esperassem. Aqui foy o perigo mayor, donde se naõ temiaõ; porque de hũa povoaçaõ de [illegible], que estava sobre o rio, tirárão muitas peças; o que visto por D. Jorge saltou em terra, e entrando a povoaçaõ ganhou a [illegible] dos redutos com valor, e animo taõ quieto, que o baldou nas fustas [illegible] que lhe [illegible] o servo

Despede D. Alvaro a D. Jorge.

a

á gente que acodia de terra. Esta seguráçá fez parecer o póder mayor, quiçá medindo o inimigo nossas forças por nosso atrevimento.

46 Logo que D. Alvaro despedio a D. Jorge cõ as fustas, mandou traz elle outras de que eraõ Capitaens Francisco da Sylva de Menezes, e Joaõ Fernandez de Vasconcellos; os quaes desejando tomar lingoa em terra, surgíraõ em hum poço antes da povoaçaõ dos Abexins, dõde mandáraõ os marinheiros que fizessẽ aguada, que saltando em terra caminháraõ quasi hum tiro de espera. Caraoém, tanto que ouvio as bombardadas, que se tiráraõ da povoaçaõ dos Abexins, como havemos referido, despedio quinhentos Turcos, para que os soccorressem; os quaes acháraõ as officias perdidas, e a artelharia embarcada; e passando mais avãte foraõ vistos dos marinheiros, q̃ faziaõ aguada, que bradáraõ a Francisco da Sylva, dizendo, que no campo havia inimigos, e Frãcisco da Sylva encaminhou logo a soccorrelos, acompanhado de Joaõ Fernandes de Vasconcellos, e fazendo hum esquadraõ cerrado, envestiraõ com os Turcos, e os rõpéraõ, ficando alguns caídos com a carga da espingardaria, que

E outros Capitães.

os

os nossos lhes deraõ. D. Jorge, que se hia recolhendo, quando vio as fustas surtas, e que os nossos peleijavaõ em terra, poz nella a proa, e acodio a tempo, que pode carregar ao inimigo, o qual se recolheo fugindo, deixando alguns companheiros mortos no campo. Costounos a victoria hum soldado.

Que lhes succede.

47 Embarcaraõ-se os nossos, e foraõ na companhia de Dom Jorge a demandar a armada, o qual referindo a Dom Alvaro o successo, e a observaçaõ que fizera, pareceo aos Cabos, q naõ tinha lugar a facçaõ, visto estar a armada descuberta, e a terra appellidada. Só Dom Jorge sustentou tenazmente, que se devia commetter a fortaleza, sendo a grandeza de seu animo a mayor razaõ, com que o persuadia; porém eraõ as contradiçoens taõ vivas, que naõ podia acontecer sem culpa o mais feliz successo.

Voltaõ a Dom Alvaro.

48 Em quanto Dom Alvaro esteve no rio de Surrate, o Governador junto deu expediente a diversos negocios; e como sobre valeroso, era tambem bizarro, derramou fama, que havia de prender o Soltaõ dentro em Amadabà, onde à vista dos Turcos, que o asseguravaõ, o havia de assar vivo. E como esforços recebia credito

Que fez o Governador em Baçaim.

dito de taõ grandes victorias, huns aos outros a referiaõ os Mouros temerosos, ou credulos. O Governador por fazer apparecer o medo, ou a galantaria, mandou lavrar huns espetos grandes, como quem para descansar dos negocios mais graves, se deleitava em diverções briosas. Costumavaõ os soldados daquelle tẽpo trazer nos cintos humas machadinhas mui polidas, que serviaõ de cortar as driças, e enxarceas dos navios depressa, e tambem de arrombar caixoens, e fardos; este era o uso, o outro era cuberta. Desgostava-se o Governador de armas, que tinhaõ tão humilde serviço, e vendo acaso passar Fausto Serraõ de Calvos soldado limpo, com huma machadinha, lhe disse, que os homens de conta só a espada cingiaõ airosamente: Senhor (lhe respondeo o soldado) sem esta machadinha naõ servẽ os espetos de V. Senhoria, porque naõ poderemos assar inteiro a ElRey de Cambaya.

49 Foy o Governador ajuntarse cõ D. Alvaro na barra de Surrate, onde soube que a fortaleza estava soccorrida. Passou dahi cõ toda a armada junta a avistar Baroche; de cujo porto despedio a Frãcisco de Sequeira Capitaõ dos Naires de Cochim para sondar o rio, e ver o que se po- *Ajuntase com seu filho.*

dia

dia obstar, informando-se do estado da fortaleza cõ vista de olhos. Este Capitaõ subio pelo rio até haver vista do exercito do Soltaõ derramado por huma dilatada campina. Era fama, que trazia duzentos mil soldados; o certo he, que era a multidaõ taõ grande, que cobria os campos vezinhos, e distantes. Referio ao Governador o que víra, o qual altivo de se ver temido, quiz avistar as forças do inimigo por credito de sua mesma fama. Mandou que levãtasse ferro a armada, e foi sobindo até dar fundo na frente do exercito, cujo numeroso poder secava os rios. E desembarcando em terra formou campo, e apresẽtou batalha ao Soltaõ; acçaõ taõ valerosa, que entre as memoraveis do Mundo naõ deve esta ser segũda. O Soltaõ nem aceitou, nem recusou o conflicto, esperou ser comettido, assi como buscado. Vio ao Governador, naõ lhe quiz ver a espada. Porém D. Joaõ de Castro, como buscando nova gloria em facçoens naõ vulgares, chamou a si os Cabos, e fidalgos de nome, aos quaes fallou nesta substancia.

Avista o Soltaõ.

Apresenta-lhe batalha.

50 Temos à vista o mayor Rey da Asia, „ e o mayor exercito; ainda buscãdo, occa- „ siões a fortuna de nos fazer famosos, pa-

ra

" ra que sobre esta victoria na obediencia
" do Oriente descansemos as armas. Con-
" fessovos a desigualdade taõ grande en-
" tre hũ poder, e outro; porém nossas es-
" quadras naõ se contaõ pelo numero, se-
" naõ pela virtude. Aquelles saõ os mes-
" mos, que ha poucos dias destroçamos
" em Dio, naõ he necessario a estes fazer
" novas feridas; rasguemos mais as que
" ainda traze abertas. Seu mesmo numero
" os faz mais temerosos, vẽdo embaraça-
" dos os caminhos para poder salvarse;
" se hontem nos deixáraõ o Campo, tendo-
" nos sitiados, como nos haõ de resistir a-
" gora victoriozos? Mal sustentaráõ a hon-
" ra de seu Rey, os que perdéraõ a sua.
" Mayor poder he o nosso, que o do ini-
" migo; pelejaõ de nossa parte a fama, e
" a victoria. Naõ creo, que haverá quem
" engeite a grande parte, que lhe cabe na
" gloria deste dia.

Falla aos seus.

51 Os fidalgos, e soldados dissuadiraõ o Governador de taõ perigoso acomettimento, porque em forças taõ desproporcionadas, ainda era digna de reprehensaõ a victoria; que os homens grandes fiavaõ mais da razaõ, que da fortuna; q olhasse pela cõservaçaõ, pois já lhe sobejava fama; que assaz era haver desembarcado, e offere-

Reposta dos fidalgos, e Cabos.

offerecer ao Soltaõ batalha, pisando sua mesma terra. O Governador se deixou vencer destas razões, temẽdo mais a culpa, que o perigo. D. Jorge lhe pedio quinhentas espingardas, para com ellas fazer alguma sorte no inimigo; porém D. Joaõ de Castro, como lhe desviáraõ o golpe da batalha, parece que naõ quiz lastimar o Soltaõ com chaga taõ pequena. Esperou tres horas na Campanha, sem que o inimigo se movesse, e logo mandou embarcar os soldados, q̃ o fizeraõ taõ desassombrados, e seguros, como em porto do Estado; facçaõ a mais gloriosa, que tivemos sem sangue.

Está no Cãpo tres horas, e embarcase.

52 De Baroche foi o Governador atravessando a Dio, e despedio alguns navios por dentro da enseada de Cambaya a destruir os lugares da costa, a que havia perdoado a espada dos nossos. Estes taláraõ as hortas, e palmares plantados para a recreaçaõ, e alimento de seus habitadores, abrasáraõ graõ copia de navios, derribiraõ soberbos edificios, de que ainda hoje se conserva a lastima, e a memoria nas postrádas ruinas.

Danos q̃ faz.

53 Aportou o Governador em Dio, onde o Capitaõ mór o veo receber à praya, e os naturaes da Ilha fizeraõ festas, como sober-

Chega a Dio.

soberbos na sojeiçaõ de taõ valeroso inimigo. Dom Joaõ Mascarenhas lhe lembrou a licença que já tinha para passar ao Reyno, a qual o Governador lhe naõ quizera conceder, nem podia negar; alguns fidalgos lhe haviaõ engeitado a praça, temendo, parece, naõ ter as occasioens, que seus antecessores. Quando chegou áquelle porto Luiz Falcaõ, que vinha de governar Ormuz, e primeiro que elle haviaõ chegado ao Governador algũas notas de seu procedimento, toleraveis por naõ tocarem no valor, e justiça de seu governo. O Governador o chamou, e lhe disse os cargos de q́ o sindicáraõ, os quaes desejava esquecer como amigo, e naõ podia como superior, que com novos serviços podia pór silencio em defeitos passados, ficando naquella fortaleza, em que Sua Alteza, e o Mundo tinhaõ postos os olhos. Luiz Falcaõ a aceitou, rendendo ao Governador as graças por taõ hõrado castigo, offerecẽdo despender na praça a fazenda q́ adquirira em Ormuz, e a que no Reyno tinha. Este brio lhe louvou, e accendeo D. Joaõ de Castro com favores publicos.

D. Joaõ Mascarenhas faz deixaçaõ da praya.

O Governador a entrega a Luiz Falcaõ.

54 Concluidas as cousas de Dio se embarcou o Governador em direitura a Baçaim

çaim, dando vista à costa de Pór, e Mangalór; onde abrasou as Cidades de Pate, e de Patane. Os moradores fogindo ao açoute salvaraõ no sertaõ as vidas, e parte das fazẽdas, faltandolhes valor, e acordo para se defẽder, ou morrer em suas mesmas casas. Cẽto e oitenta embarcações, q̃ estavaõ em differentes portos, mandou dar ao fogo, vendo seus miseraveis donos o incẽdio com lagrimas inuteis. Ouviaõ-se de lõge as vozes, e os gemidos, desprezados da ira, e da victoria. Algũs velhos, e mininos q̃ naõ poderaõ salvarse, mandou o Governador livrar do incẽdio; misericordia aos soldados importuna, grata à humanidade. Os despojos se entregàraõ ao fogo, sendo menor a preza, que o destroço. Muitos outros lugares daquella costa, sem nome, foraõ arruinados, ficando este cerco de Dio mais famoso pela vingança, do que pela victoria.

Embarcaſe, e danos que faz.

Compaixaõ do Governador.

55 Daqui se passou o Governador a Baçaim, determinando gastar o que restava do veraõ na guerra de Cambaya, dõde despachou algũas espias para saber os passos dos inimigos, dos quaes soube, que na Corte de Amadabà naõ havia casa sem lagrimas, e que o Soltaõ mandàra cõ rigurosio decreto, q̃ se naõ fallasse no cerço,

Passa a Baçaim.

cō, e batalha de Dio, como se tiveraõ as leys impressas na dor, ou na memoria. Destes mensageiros enviados entẽdeo o Governador q̃ as fortalezas de Surrate, e Baroche se despejáraõ á vista da armada de D. Alvaro, que podera tomalas por escala, senaõ fora encontrado dos Cabos, que lho dissuadiraõ; de que D. Joaõ de Castro mostrou taõ vivo sentimento, como se acertar as occasioens fora necessidade; chegando sua modestia a romper em palavras, que accusavaõ os Capitaẽs da armada de tibios, e remissos.

Sente naõ se tomar Surrate.

56 Neste breve ocio, que o Governador teve em Baçaim começou a escrever para o Reyno, fazendo taõ honradas lẽbranças a ElRey dos homens que serviraõ, que mostrava ser este zelo gratidaõ, virtude singular entre tantas; e os soldados se avantajavaõ no valor, assegurados, que naõ lhes faltaria o General com o premio, ou com o zelo.

Lembra a ElRey os que serviraõ.

57 O Hidalcaõ entendendo, que as forças do Estado estariaõ, ainda que gloriosas, quebradas com as victorias, tornou a occupar as terras firmes cõ hum exercito de vinte mil Infantes, á ordem de Cala Batecaõ, hum valeroso Turco nascido na Dalmacia, pratico nas linguas, e discipli-

Torna o Hidalcaõ com guerra.

na de Europa. Este senhoreou sem contradição as terras, fazẽdo recolher á fortaleza de Rachol alguns poucos soldados nossos, que avisárão a Goa do poder do inimigo.

O Capitaõ de Goa lhe quer sair.

58 Recebido este aviso, D. Diogo de Almeyda cõ conselho do Bispo, que governava, e de alguns fidalgos, e soldados, resolveo desalojar os Mouros cõ a milicia da terra, primeiro que se fortificassẽ, e crecendo em atrevimento, e forças, chegassem a avistar as muralhas de Goa, Cidade dominante. Ordenada a gente, que o havia de acompanhar; e estando para marchar já prompto, vierão os Vereadores, e governo da Cidade com requerimentos, e protestos, que naõ passasse avante, nem arriscasse com forças taõ desiguaes a cabeça do Estado; que o Governador estava em Baçaim cõ armada chea de soldados victoriosos, com que podia castigar o inimigo, contra o qual levaria, como segundo exercito, seu nome, e sua fortuna.

A Cidade o encontra.

Avisa ao Governador.

59 Durou entre Cidadões, e soldados a controversia de maneira, que por pouco chegára a sedição, e discordia; zelando huns a conservação da Cidade, outros a reputação das armas. Em fim partirão, e

compo-

compoferaõ a differença cõ que fe deffe aviso ao Governador, pois eftava vezinho; o qual logo que entendeo, que o governo politico fe queria adjudicar á direcçaõ da guerra, reprendeo afperamente fua animofidade; e a D. Diogo de Almeyda agradeceo, e confirmou a refoluçaõ de bufcar o inimigo, ordenando-lhe, que o efperaffe em Pangim com a gente, onde feria em breves dias.

60 Naõ bem tinha D. Joaõ de Caftro foltado da maõ a penna, cõ que efcreveo ao Reyno, quãdo tomou a efpada. Aquelle dia, que recebeo o avifo, mandou tirar peça de leva, e ao feguinte defamarrou a armada, e indò cofteando, aviftou a Cidade de Dabúl, já famofa pelo caftigo que lhe deraõ noffas armas, e agora dos portos do Hidalcaõ a principal efcala. Deixavaõ-fe ver de longe multos jardins, pomares, e edificios polidos, que moftravaõ a delicia, e grandeza de feus habitadores; feria a Cidade de quatro mil vezinhos, cõ dous fortes, e algũs redutos, que defendiaõ a entrada do porto; e dado, que a facçaõ era para mui difcurfada, refolveo o Governador entreprendela.

Embarcafe logo

Avifta Dabul.

Sae D. Alvaro em terra.

61 Aquella tarde andou a armada pairando á vifta da Cidade, notãdo os furgidouros,

dourados, e defensas; e ao seguinte dia no quatro da Alva, mandou o Governador passar aos bateis a seu filho D. Alvaro cõ dous mil homens para saltar em terra, sendo elle dos primeiros, que a pisáraõ por meyo de muitas bombardadas. Aqui fizeraõ os inimigos rosto, impedindo, ou retardando a passagem dos nossos, esteve a batalha igual hum largo espaço, fazendo-os ouzados na peleija, o lugar, e a causa, as vozes das mulheres, e filhos q̃ ouviaõ, lhes fazia receber as feridas sẽ dor, e sẽ receo; os mortos q̃ cahiaõ, naõ lhes faziaõ exẽplo ao temor, senaõ á vingãça. De ambas as partes se derramava sangue, e a constancia de huns, e outros inimigos fazia cõtingente o successo. Quando chegou o Governador com o resto do poder, e carregou o inimigo de maneira, que começou a fraquear na defensa; pouco a pouco nos foi largando o campo, até que cõ declarada fogida nos deixou a vitoria. Entrou o Governador com os Mouros de envolta na Cidade, onde perecéraõ muitos á vista das mulheres, que naõ soubéraõ deixar, nẽ defender. Ao estrago succedeo a cobiça, o despojo igualou á vitoria apenas se pode recolher a fazẽda nas vasilhas da armada. Ardeo em poucas ora

O Governador o segue, e toma a Cidade.

a Cid

a Cidade com terrivel incendio, ficando segunda vez lastimosas suas ruinas pela memoria de hum, e outro estrago. Perdemos nesta facçaõ cinco soldados, o inimigo duzentos; mayor numero seria o dos feridos.

62 O Governador deixãdo a Cidade abrasada, se tornou a embarcar, e foi demãdar Agaçaim, onde o esperava D. Diogo de Almeyda cõ cento e cincoenta cavallos, e a milicia da terra, cõ quantidade de barcas para passar a gente. Deteve-se o Governador aqui hum dia, em q̃ se informou dos desenhos, e forças do inimigo; e logo no seguinte, q̃ era vespora do Apostolo S. Thomé, se resolveo cometter os Mouros, e invocar o nome do Sãto na batalha, naõ lhe querẽdo tirar a hõra da protecçaõ da India cõprada cõ a doutrina, e sãgue derramado na Cruz de seu martirio

Chega a Agaçaim.

63 Estava o inimigo alojado na Villa de Morgaõ, q̃ de Agaçaim ficava em pequena distãcia; o que sabido pelo Governador ordenou a sua gente em duas batalhas. A primeira deu a seu filho D. Alvaro de Castro, companheiro de suas victorias; com quem foraõ os Naires de Cochim, e os casados de Goa. A segunda, que tomou para si, se compunha de todos os

Envesste os inimigos.

os Fidalgos, e soldados da armada; aos quaes a cavallaria da Cidade guarnecia os lados. Nesta ordem mandou fazer a marcha, lançando alguns cavallos diante, que descobrissem o campo.

Fogē. 64 Os Mouros estavaõ derramados sẽ ordem, ou disciplina, como gente que naõ temia inimigo, ou o naõ esperava; porém tanto que alguns soldados, que andavaõ pelo campo, viraõ nossas bandeiras, e por vista, ou aviso entendéraõ, que o Governador os buscava, foraõ dar conta a Cala Batecaõ sobresaltados, encarecendo o poder, que o temor, ou a distácia fazia mais crecido. O Turco assombrado de ser já sobre si taõ victoriosas armas, naõ teve mais acordo, que para fazer com a fugida aos seus exemplo. Deixáraõ nos quarteis as tendas, bastimentos, e bagages, e ainda as viandas da cea já quasi cozinhadas, que foraõ para o trabalho da marcha necessario, e suave despojo. Nesta fugida começou a tomar o Governador posse das terras, e da victoria.

D. Alvaro os segue. 65 Passaraõ-se os Mouros á outra banda de hũ caudaloso rio, q̃ só se podia atravessar por huns vallos ordenados á maneira de ponte. Estes cortou o inimigo por impedir o sequito dos nossos, porém com

com tanta pressa, que ainda a terra movedissa deixava passo aberto, e ainda que difficil, naõ perigoso. Por esta parte tentou D. Alvaro a passagem do rio, começando poucos, e poucos vadealo, como a estreiteza do lugar o sofria.

66 Naõ estava taõ alheo de si o inimigo, que perdesse a occasiaõ de pelejar cõ taõ conhecida vantagem. Voltou aos seus ao rio, mostrandonos, que fora ardil o temor cauteloso. Carregáraõ os Mouros sobre os q̃ hiaõ passãdo tremulos, poucos, e desordenados. O Governador os animava a q̃ passassẽ cõ a voz, cõ o imperio, cõ a presença; mas o temor venceo a obediẽcia; voltáraõ os primeiros, naõ sem derramar sangue, e cõ peores sinaes, que os das feridas. Já a este tempo a impaciencia do Governador fez cometter o rio por differẽtes partes. D. Diogo de Almeyda o vadeou cõ hum troço da cavallaria, achando por aquella parte melhor váo, e melhor fortuna; porque se topou cõ o General dos Mouros, q̃ a cavallo andava ordenando, e animando os seus, ao qual envestio com grande gentileza. Do encontro veo o Turco a terra caído, mas naõ descoraçado, porque levantando-se, meteo maõ ao alfange, e buscou a D. Diogo, q̃ ainda

Volta

ros se houverão tão iguaes no valor, que nenhum mereceo segunda fama. Com o nome de S. Thomé, e em seu dia se venceo esta batalha, dando de seu favor aos Catholicos Orientaes hum testimunho illustre. Foi esta rota memoravel, e ainda cantada muitos annos das donzellas de Goa, inventando na singeleza de versos faceis, louvores sem artificio, nẽ lisonja.

Em dia de S. Thomé, e cõ seu nome.

68 Despedio o Governador a gente, e foi-se descansar a Pangim, escusando-se de ter a festa em Goa; desprezando as palmas, e triumfos Marciaes justamẽte, pois era já seu nome na voz do Mundo, mayor que todo applauso. Aqui esteve despachãdo as nãos de carga, que havião de voltar ao Reyno, em que foy embarcado D. João Mascarenhas, varão mais constante nos perigos da Asia, que nas adversidades da patria. Foi recebido de ElRey, e da Nobreza com honras não vulgares. Os premios não responderão com igualdade aos serviços. Foi Conselheiro de ElRey D. Sebastião no Estado, depois hum dos Governadores do Reyno. Casou com Dona Elena filha de D. João de Castello-branco, de que deixou illustre, e fidelissima posteridade.

Despacha as nãos do Reyno.

Elogio de D. João Mascarenhas.

69 Não pareceo a D. João de Castro que esta-

eſtava o Hidalcaõ ainda bem cortado de noſſas armas, reſolveo quebrantalo com mais pezada guerra. Aſſegurou com groſſo preſidio as terras de Salſete, deixando a D. Diogo de Almeyda cõ cento e vinte cavallos, e mil pioens da terra; e nos rios de Bachol ordenou, que ficaſſem alguns navios para defenſa das aldeas vezinhas; cujos lavradores deſemparavaõ as terras, vẽdo o dominio dellas incerto, e contingẽte pela inſtabilidade dos ſucceſſos da guerra. Entendendo pois o Governador, que ſeria facil de poſtrar hum Reyno declinado, foi continuando com o Hidalcaõ a guerra, querendo que de ſeu caſtigo fizeſſem argumẽto os emulos do Eſtado. Mandou embarcar os ſoldados, que tinha ſempre promptos, porque era a todos nos perigos companheiro, e nos trabalhos pay; e dando á vela, foi navegando por aquella coſta do Hidalcaõ, a qual deſtruhio cõ taõ igual açoute, que naõ deixou lugar, que podeſſe conſolar as miſerias de outro; naõ ſe livrou nenhum pela reſiſtencia, alguns pela diſtancia.

Continua o Governador a guerra.

Danos q̃ faz.

70 Outro Dabul, que chamavaõ de ſima, q̃ por eſpaço de duas legoas ſe apartava da praia, eſtava por forte, e por diſtante rico cõ os depoſitos, e fazendas de muitos;

Aſſola Dabul o de cima.

multos; mas nem assi lhe valeo o abrigo da terra, para se eximir da fortuna dos outros, porque o foi demandar o Governador, dando a seu filho D. Alvaro o primeiro perigo, a que chamaõ os soldados vanguarda (que estes eraõ os favores daquelle pay, e os daquelle tempo) porém quando chegou, os Mouros tinhaõ assegurado no interior do sertaõ, pessoas, e fazēdas. Naõ acháraõ os nossos cousa, que servisse á victoria, ao estrago si; porque os edificios, que naõ poderaõ servir ao despojo, pagáraõ com a ruina. Vieraõ as Mesquitas, e Pogódes a terra, deixando os Idolos desfeitos, e postrados, sem que a ira dos nossos de pedra a pedra fizessem differença, chorando aquelles Mouros, e Gentios com humas mesmas lagrimas as miserias de seus deoses, e as suas. Passou a indignaçaõ de nossas armas a talar a campanha, destroindo os gados, e palmares, para que a fome acompanhasse a guerra; espada de que os naõ podia livrar a fuga, ou resistēcia. Ficou em fim taõ assolado tudo, que das povoações á cāpina se naõ fazia differença pela vista senaõ pela memoria.

Talla a campanha.

71. Recolheo-se o Governador a Baçaim, donde voltou as armas á guerra de Cambaya, despedindo algũas Capitaens

Vai a Baçaim.

para que danassem todo aquelle [illegible]mo, fazẽdo presas nas nãos de Meca, que vinhaõ ancorar nos portos da enseada; o q̃ D. Antonio de Noronha, e D. Jorge Baroche fizeraõ com felices armas, crescendo com presas, e victorias, reputaçaõ, e forças ao Estado, sendo nossas armas respeitadas, e temidas nos dias de D. Joaõ de Castro, de maneira, que os mais dos Principes da Asia, vezinhos, e distantes, com voluntaria obediencia tributavaõ ao Estado, para no abrigo das nossas forças defender, ou assegurar os Reynos. Desta verdade nos daraõ os Reys de Campar, e Caxém naõ leves argumentos.

Faz danos a Cambaya.

72. Escrevem nossas Chronicas, e com mayor espanto as estranhas, aquelle famoso cerco de Dio, que defẽdeo Antonio da Sylveira, de quem as armas do Turco recebéraõ na India ou a primeira, ou a mayor afronta. Foi General da empresa Rax Solimaõ, q̃ depois de perder no sitio grãde parte da armada, o temor de nossas náos ainda ancoradas no porto, o fez retirar fogindo, e deixando em terra bagagẽs, e feridos. Este vendo, que naõ podéra conseguir a facçaõ promettida a seu Senhor, o qual soberbo, e imperioso naõ costumava aceitar satisfaçaõ de culpas, ou

Rax Solimaõ quem foy.

ou desgraças, quiz antes arriscar a fideli-
dade, que a cabeça. Entrou no porto de
Adém com voz de amigo, onde o Rey o
mandou visitar cõ mimos, e refrescos da
terra, cauto porém, e vigilãte em guardar
a Cidade, porque a fé, e o poder faziaõ ao
Baxá suspeitoso. O Turco que vio sua
traiçaõ temida, ou descuberta, quizera
por escala cometter a Cidade, porém te-
meo a fortaleza da praça, o valor dos Ara-
bios; assi recorreo a outro ardil mais vil,
e mais seguro, qual foi mandarse descul-
par com o Rey de naõ entrar na Cidade,
por naõ perder a monçaõ, que lhe pedia
quizesse vir a bordo, porque tinha que
lhe cõmunicar negocios do graõ Senhor,
em beneficio de seu Reyno. O pobre Rey
facil, e credulo em prosperar o estado, se
foi logo ver ao mar com o Baxá, assegu-
rado da consciencia innocente, mas o ty-
ranno esquecido da fé, e humanidade o
mandou descabeçar na galé entre baldões,
e mofas, deleitando-se cruel em traiçaõ
taõ fea. *Morto o Rey*, foi facil ao Baxá
occupar a Cidade na violenta morte de
seu Principe, temerosa, e confusa. E por-
que pela vezinhança dos Turcos custou
cuidado, e sangue ao Estado, daremos
della huma breve relaçaõ.

Chega a Adém

Degola o Rey.

Sitio de Adem. 73 Jaz situada na costa da Arabia felix em altura do Polo Artico de doze gráos, e hũ quarto, abrigada de huma pequena serra, que com alguns castellos lhe defẽde a entrada da terra. Está assentada na boca do Estreito, o porto limpo, capaz de ancorar navios de todo porte; ainda que descuberto aos Ponentes, que saõ os ventos, que alli cursaõ nas monções do Estio. A arte, e a natureza a fizeraõ defensavel por terra, assegurando-se da ambiçaõ dos Regulos vezinhos, e incursoens dos Alarves Arabios, que com importunas correrias molestaõ a campanha. Está no porto hũa pequena Ilha medianamente fortificada, a que os naturaes chamaõ Cirá, defronte fica outro surgidouro, abrigado de muitos ventos, onde costumaõ dar fundo náos, que navegaõ a Meca: Naõ tẽ rios, ou fontes que fertilizem a terra, e tambẽ as aguas do Ceo lhe faltaõ por dous, e por tres annos, ou seja condiçaõ do clima, ou castigo secreto, assi a coduzẽ em cafilas de camelos de partes mui remotas. A dróga principal da terra he Ruyva, mas o q mais lhe importa he a ancoragẽ das nàos, que navegaõ o Estreito. A gente he bellicosa, e cruel; segue cõ promptidaõ a guerra, pelos despojos mais, que pela victoria.

74 Occu-

74 Occupada pelo Baxá a Cidade, vendo-se inda que intruso obedecido, começou a quebrantar o povo com diversos trayames, tirandolhe as forças para melhor os dominar, timidos, e sujeitos. Aos poderosos mandava degollar, e confiscar sem causa, sendo a vida culpa, a riqueza delicto. O sofrimento dos miseraveis era melhor para virtude, que para remedio; porque até da paciencia servil dos innocentes se cansava o tyranno. No dominio da Cidade lhe succedeo Marzaõ, e tambem nos insultos taõ crueis, que apuráraõ de todo a paciencia dos pobres moradores, resolvendo-se a podelo sofrer como inimigo, mas naõ como senhor. Tiveraõ meyos para offerecer a ElRey de Campár a Cidade, e a obediencia, dizẽdo, que cõ qualquer soccorro acometteriaõ os Turcos descuidados com o dominio pacifico, e quasi hereditario, e muito mais com o desprezo de homens, que tinhaõ ao parecer, perdido a memoria de sua liberdade, e sua injuria.

Sulimaõ a occupa

Quem lhe succede.

Os moradores a offerecem a ElRey de Cãpar.

75 O Rey vezinho, cõ palavras de lastima, e agrado, lhes aceitou a offerta, ou fosse ambiçaõ, ou humanidade. Escolheo entre os seus mil soldados benemeritos de facçaõ taõ grãde querẽdo ser o mesmo Rey

Aceitaa, o Rey, e que faz.

Rey companheiro, e Capitaõ de todos. Partiraõ no silencio da noite, chegando à Cidade, lhe deraõ os conjurados huma porta, por onde entraraõ, fazendo-se senhores do castello com leve resistencia. Marzaõ com quinhentos Turcos se fez forte nos paços mais certo do perigo, que das causas, e autores delle. Cõ a primeira luz do dia appareceo ElRey capitaneando os seus, e logo enviou a Marzaõ hum trombeta, dizendo, que aquella Cidade era sua por antigos pretextos, e agora por eleiçaõ dos proprios moradores, que opprimidos com a intrusaõ do Baxá, tiveraõ a voz, e a liberdade atadas para naõ pronunciarẽ o nome do seu natural Principe; que elle os vinha amparar como a affligidos, e mais como a vassallos; que se quizessem deixar a Cidade, lhes faria tratamento de amigos, permittindolhes levar as armas, e roupa que tivessem; e quãdo naõ, a justiça, e a victoria o fariaõ duas vezes senhor de seus mesmos vassallos.

Que fazem os Turcos.

76 O Turco, entendida a conspiraçaõ dos Arabios, e que para se defender lhe faltavaõ forças, e bastimentos, obedeceo ao tempo, saindo com as bandeiras arvoradas, tocando caixas, a occupar hum castello distante oito legoas, do qual intétou

com

cõ os ſoccorros de Baçorá reduzir a Cidade à ſervidaõ primeira. Começou aſſaltádonos de Adem as caſilas, que baſteciaõ a Cidade, a qual, como recebe do ſertaõ agua, e mantimentos, padeceo em breves dias grandes neceſſidades; porque ſe algũs baſtimentos lhe entravaõ, eraõ poucos, cuſtoſos, e furtivos. Cõ lagrimas o povo laſtimado pezava em huma meſma balãça a fome, e tyrannia; males, de que ſó tinha miſeravel eſcolha. Engroſſava o tyranno ſeu partido com ſoccorros continuos, a que naõ podia o Rey fazer oppoſiçaõ com forças iguaes, e diſcorrendo com as cabeças do povo ſobre os meyos de ſalvar a Cidade, lhe trouxeraõ à memoria a fama de noſſas victorias contra Turcos, e a fidelidade de noſſa protecçaõ aos cõfederados. Reſolveraõ mandar huma Terrada ao Capitaõ de Ormuz, que entaõ era D. Manoel de Lima, offerecendo huma fortaleza, e os rendimẽtos da alfandega, dandonos juntamente a conhecer o perigo do Eſtado, ſe os Turcos firmaſſem o pé naquella praça.

Saõ ſoccorridos.

Menſageiro dos moradores a Ormuz.

77 Era fama, que o Marzaõ eſperava de Baçora em breve importãtes ſoccorros, a que ſe o deixaſſem engroſſar o poder, cometteria a Cidade com força deſcuberta;

pelo q ElRey de Campar, mostrandose no discurso, e no valor soldado, naõ querendo que este tronco prendesse com mayores raizes, determinou com tres mil homens escolhidos cercar a fortaleza; o que emprendeo com mayor resoluçaõ, que fortuna, porque nos primeiros assaltos o matáraõ. Os Arabios cortados do temor com a morte do Rey, deixando o sitio, vieraõ a sepultar o corpo, sendo na occasiaõ a vingança mais opportuna, que a piedade.

Topa D. Payo de Noronha.

78 A terrada que navegava a Ormuz, entrando o cabo de Rosalguete se encontrou com D. Payo de Noronha, que com doze navios de remo guardava aquelle Estreito, e entendida a pertençaõ do Arabio, parecendolhe este soccorro digno de todo grande soldado, escreveo ao Capitaõ de Ormuz, q se naõ houvesse de tomar esta hõra para si, lha naõ negasse a elle. D. Manoel lhe mandou mais dous navios, e alguma gente escolhida, para que fosse assegurar a Cidade, em quanto lhe aprestava mayores forças; e ao Embaixador de ElRey de Capar, depois de lhe fazer hõrado tratamento, aconselhou que pedisse ao Governador da India armada, que elle era tal, que naõ negaria amparo aos amigos

gos do Estado, mormente contra Turcos, cuja guerra tomavamos como herança de nossas armas.

79 Chegou D. Payo a Adem, onde foy recebido cõ a benevolencia, e grandeza, que poderaõ a seu proprio Principe, entregandolhe a Cidade, tanto para a defensa, como para o governo. Arvoráraõ huma bandeira nossa, pela qual se apostáraõ a morrer todos, sangrando-se nos peitos com demonstraçoens, e ceremonias barbaras, mas fieis, protestando, que defendiaõ aquella Cidade, como membro do Estado, de quem já eraõ por obediencia vassallos, e filhos por amor. Porém D. Payo se portou de maneira, que fez declinar a opiniaõ de nossas armas no Oriente, e nós trocaremos os accidentes desta Historia em beneficio de taõ grãde appellido; dado que andaõ de outra penna mais livre referidos em vulgares escritos.

Chega a Adé.

E naõ se ha bem.

80 Desamparados os de Adem por D. Payo, nem assi perdéraõ a devaçaõ do Estado, defendendo a Cidade com a voz de Portugal na boca; e porque ou naõ tinhaõ, ou naõ quizeraõ outro abrigo, que o de nossas armas, resolveraõ enviar huma pessoa Real ao Governador, que lhe significasse o estado em q̃ se achavaõ; de

Os moradores enviaõ a Goa.

cujas miserias podiamos tirar nova fama, naõ desprezando a gloria de amparar afligidos; que o Principe de Adem queria receber do Estado as leys, e a Coroa, a quem se faria feudatario cõ hum grato, e honesto tributo.

Alegrase o Governador.

81 D. Joaõ de Castro se alegrou de ver soar seu nome, e suas victorias nos ouvidos dos Principes remotos, fazendoos naõ só reverentes, mas sojeitos. Em Goa houve grande alvoroço com a mensagem, vendo que a fortuna do Governador tornava ao Estado as felicidades da primeira India, pois raõ de outras armas mal haviaõ chegado por noticia, as suas chegavaõ por imperio.

Manda seu filho.

82 Deu o Governador esta empreza a seu filho D. Alvaro, taõ benemerito de todas, que naõ pareceo a eleiçaõ de pay, mas de ministro. Quizeraõ se embarcar com elle muitos fidalgos velhos, que o Governador desviou cõ hum modesto decreto ordenando que se ficassem em Goa, porque necessitava delles para cousas mayores; era porem taõ grande o gosto da jornada, que receberaõ o decreto como aggravo de todos, parece que era o vicio daquelles tempos a ambiçaõ dos perigos. O Governador os satisfez alegre de ver aquel-

aquelles espiritos criados debaixo de sua disciplina. Mandou logo eiſar, e baſtecer trinta navios de remo, de q fez Capitães a D. Antonio de Noronha, filho do Viſo-Rey D. Garcia, Antonio Moniz Barretto, que hia provido na fortaleza, q ſe havia de fazer em Adem, D. Pedro Deça, D. Fernando Coutinho, Pero de Attaide Inferno, D. João da Attayde, Alvaro Paes de Sottomayor, Fernaõ Peres de Andrade, Pero Lopes de Souſa, Ruy Dias Pereira, Pedro Botelho Porca, irmaõ de Diogo Botelho de caſa do Infãte D. Luiz, Alvaro Serraõ, Luiz Homem, Melchior Botelho Veador da fazenda, Gomes da Sylva, Antonio da Veiga, Luiz Alvares de Souſa, Joaõ Rodrigues Correa, Diogo Correa, que tinha vindo com o Embaixador de Adem, Diogo Banho, Pero Preto, Alvaro da Gama, e outros.

Com q armada.

83 Poucos dias antes que çarpaſſe a armada, chegou a Goa hum Embaixador de ElRey de Caxém, a que os Fartaques vezinhos haviaõ uſurpado grande parte do Reyno. Eſte, como reynava na outra contra coſta da Arabia, ſabēdo que Adem era ſoccorrida de noſſas armas, ajuizando, que cõ a meſma armada o podiamos reſtaurar, eſcreveo ao Governador, que naõ

Outra embaixada de Caxem

ſeria

seria menos grato ao Mundo restituir a Caxèm, que defender a Adem. Representava quam fiel hospedagem acharaõ nossas armadas em seus portos, fazendo resenha das que alli haviaõ ancorado em têpos differêtes, a cuja causa se fizera aos Turcos sospeitoso; offerecia além da fidelidade moderado tributo.

Reposta do Governador.

O Governador, entendendo, que estes soccorros reputavaõ nossas forças, e criavaõ amigos ao *Estado* assentou, que com a mesma armada se désse favor ao de Caxém, visto ser huma mesma a viagẽ, e a despeza, com que se podia obrar huma e outra empresa. E porque os de Adem, como cercados, necessitavaõ de prompto soccorro, o Governador anteyendo, que o corpo da armada podia chegar tarde, frustrando o intento, e cabedal, despachou logo a D. Joaõ de Attayde com quatro navios para q entrasse em Adẽ, e entretivesse o cerco até chegar D. Alvaro. D. Joaõ de Attayde deu à véla, e por lhe ventar o Noroeste grosso desaparelhou hum dos navios, que arribou destroçado, os mais foraõ seguindo sua viagem.

O que passou em Adem.

84. Entretanto peleijavaõ em Adem obstinadamente cercadores, e cercados, derramando de ambas as partes sangue

Carre-

Carregava o pezo desta guerra sobre alguns Portuguezes da armada de D. Payo; que mostrárão valor illustre em nascimeto humilde, os quaes se empenhárão na resistencia, como se defenderão sua patria no principado alheo. Estes bastárão a embaraçar aos Turcos a victoria muitos dias; e como erão soldados de fortuna, nossas Chronicas cō ingrato silencio lhes callárão os nomes, como se a virtude necessitára de heroicos ascendentes, e fossem menos honrados estes por suas obras proprias, que os outros pelas alheas. Creo que cō injuria da natureza criarão novas leys os poderosos, em q naõ sô fazē hereditarios morgados, mas os merecimentos.

85 Estando as cousas de Adem na contingencia, que temos referido, appareceo a armada dos Turcos, que cōstava de nove galés Reaes, e algumas galeotas; as quaes derão vista a Cidade, e surgindo fóra da enseada, sairão em terra, armárão tendas, e fortificarão alojamento, avisando ao Baxá se lhes aggregasse cō a gente que tinha. Os Arabios, que virão sobre si forças tão grandes, acodião remissos à defensa, huns tibios, outros desconfiados, parecendolhes insuperavel o valor, e o poder dos inimigos, e já em pláticas juntas

Chegaõ Turcos.

accusa-

daraincia amigo, faltando às obrigaçoens do cargo, e às do sangue. Os mais dos Portuguezes rebelárão, só Manoel Pereira, e Francisco Vieira, dous soldados de fortuna, disserão, que aquella Cidade era de ElRey de Portugal, e que na defensa della havião de perder as vidas: parece que na milicia daquelles tempos primeiro se preguntava pelo valor, que pela disciplina: Estes sustentárão a Cidade atè o ultimo dia, ganhando melhor opiniaõ na ruina, que os Turcos na victoria.

Que fazem os Arabios.

87 Logo que os Arabios entendérão, que eraõ os Portuguezes recolhidos, perdida a esperança da defensa, tratárão de partidos, mandou porém o Principe cessar a pratica, dizendo, que antes sahiria da Cidade desbaratado, que rendido; que aquella bandeira de ElRey de Portugal nao ha deixar ganhala aos Turcos sem no[...] de seu sangue: fidelidade digna de ser [...]or assistida de nossas armas. Continuárão os assaltos o inimigo, conhecendo já dos moradores divisaõ, e fraqueza, com que tornou a tomar calor a pratica da entrega; a qual o Principe atalhou sempre, a si mesmo fiel, e ao Estado. Porém o perigo, a fome, e a desconfiança dobrárão alguns dos moradores para darem ao inimi-

go

go huma porta secreta, por onde entrou á Cidade. O Principe com a vida desempenhou a fidelidade promettida ao Estado, peleijando cõ espirito Real, mais infelice. Manoel Pereira, e Francisco Vieira salváraõ a hum Infante, que leváraõ a Campár, consolando aos vassallos com aquelle pequeno ramo de seu prostrado tronco.

Successo de D. Joaõ de Attaide.

88 D. Joaõ de Attayde que deixámos no mar com tres navios, foi fazendo viagem, e porque tinha ventos de servir, em poucos dias vio a costa da Arabia, e foi demandar a Cidade do Adem, e entrando a remo na bahia, deu de rosto com as galés q estavaõ surtas; e porque ainda cursavaõ os Levantes, se tornou a sahir para o pégo. Os Turcos logo que viraõ os navios, leváraõ as ancoras, e os foraõ seguindo taõ apressadamẽte com a vantagem do remo, que os navios de Gomes da Sylva, e Antonio da Veiga lhes ficavaõ já quasi debaixo dos esporões das galés, e vendo, que lhes naõ era possivel a fugida, menos a resistencia, varáraõ os navios na terra, q lhes ficava perto, onde salváraõ as vidas. D. Joaõ de Attayde, como levava melhor navio, foy metendo de ló tudo o que pode, vendo-se muitas vezes perdido, até

que

que sobreveo a noite, com que se fez na volta do Abexim, em cuja costa espalmou o navio no Ilheo de Mete, q̃ faz frente às Cidades de Berbará, e Zeilá. Os que se salvàraõ em terra, foraõ buscar o abrigo de ElRey de Campàn, onde achàraõ *Manoel Pereira*, e Fràcisco Vieira, de quem souberaõ os successos, que temos referido; foraõ hospedados, e providos de tudo com amor, e abundancia.

89. D. Alvaro de Castro partindo com toda a armada junta, como levava os Levàtes em popa, fez a viagem breve, e tanto avante, como os Ilhéos da Canecanim, lhe sahio D. Joaõ de Attayde, do qual soube a perda de Adem, e como lhe corrèraõ os Turcos, de cujas galés se livràra com o favor da noite. D. Alvaro, e os fidalgos, e soldados da armada mostràraõ justo sẽtimẽto desta nova, avaliando em menos a perda do Estado, que o desar de nossas armas, porque das quebras da opiniaõ entre naturaes, e estranhos dura sempre a memoria. O Embaixador, e cunhado de ElRey de Campàn, que hia na armada, sentio vivamẽte as mortes do cunhado, e sobrinho, consolando-se porém muito cõ saber que nada ficàraõ devendo à honra, nem à fidelidade, mostrando nestes

Viagẽ de D. Alvaro.

consi-

consideraçoens animo taõ inteiro, como se buscára alivio a dor alhea. D. Alvaro com os Cabos da armada poz em cõselho o que se devia obrar, e pareceo a todos, q visto o soccorro de Adem estar frustrado, voltasse as armas em beneficio do Rey de Caxem, como trazia por instrucçaõ a armada, a quem os Fartaques vezinhos tinhaõ tomado a fortaleza de Xaél; a qual senhoreava hum porto, que era dos poucos, que este Regulo tinha, a principal escala, empreza mais util, que difficil.

Faz conselho, e que assento

90 Mãdou D. Alvaro governar á Xaél, e surgindo à vista do castello, os Fartaques temerosos, ou amigos, recebéraõ como de paz a armada. Era o forte fabricado de adobes, com quatro cubellos taõ pequenos, que bastavaõ para o guarnecer vinte e cinco soldados, que o presidiavaõ. Estes, tanto que viraõ a armada, lançáraõ fóra huma mulher, que entendia, e fallava nossa lingua, a qual preguntando pelo Capitaõ mór, lhe disse, que os Fartaques eraõ amigos do Estado, que se vinhamos em demanda daquella fortaleza, a largariaõ logo. A muitos pareceo, que se lhe aceitasse, porque de inimigos taõ poucos, e sem nome, naõ esperavamos gloria, nem despojo; os mais votáraõ, que por authe-

Vay a Xael.

ridade

ridade de nossas armas os mandassem render à discripção. Entendida pela mulher esta resolução, disse, que os Fartaques saberião defender as vidas, e o castello, mal satisfeita da reposta dos nossos. Os Mouros tirárão logo huma bandeira branca, e arvorárão outra vermelha, a que succedeo tirarem os nossos algumas bombardadas, com pontaria tão incerta, que não fizerão dano. D. Alvaro rodeou cõ todos os seus a fortaleza, que mandou cometter por escala por differentes partes, assegurando os que subião cõ a espingardaria debaixo, e porque era a carga cõtinua, não ouzavão apparecer os Mouros. Fernão Peres foy o primeiro, que começou a sobir por huma escada, levando o seu guião diante, q̃ arvorou, e sustentou no muro. Quasi no mesmo tempo subio Pero Botelho com o mesmo risco, e fortuna que o primeiro. Estes franqueárão aos mais a subida.

Intenta a escala.

91 Antonio Moniz Barreto, D. Antonio de Noronha, D. João de Attayde, e outros forão demandar a porta da fortaleza, que estava entulhada com fardos de tamaras, e não podérão entrar, sem que os nossos viessem por dentro, e a desentulhassem. Os Fartaques se retirárão a dous cubellos, donde se defendião com desesperado

Pelejão os Arabios até morrer

perado

perado valor, engeitando as vidas, que D. Alvaro lhes offerecia, que parece queriaõ perder para vingança, ou para desculpa da força, que não poderaõ defēder, que até entre estes barbaros he o valor a primeira virtude. Peleijáraõ em fim os Mouros até acabar todos, naõ merecendo nome de esforço a obstinação barbara, donde não podiaõ esperar victoria, nem vingança. Dos nossos morrèraõ cinco, e passáraõ de quarenta os feridos.

Ganha-se a praça.

92 Ganhada a fortaleza (facçaõ mais importāte a Regulo, que a nossas armas) a entregou D. Alvaro ao Embaixador de ElRey de Caxém; que mostrou a gratidaõ do beneficio, então em bastecer a armada, depois em ter com o estado fiel correspondencia, e porque se hia gastando a monção, se foi D. Alvaro invernar a Goa, onde foy recebido com applauso mayor, que a victoria; festas que o Governador fomentou como pay, e D. Alvaro estimou como soldado.

Chega Lourēço Pires à Lisboa.

93 Tomou Lourēço Pires de Tavora a barra de Lisboa com as cinco naós de sua conserva; as quaes tiverão não só breve, mas facil, e prospera viagem. Dissemos como nellas vinha D. Joaõ Mascarenhas, cheo de fama, e de merecimentos. As

novas

novas de Dio, se derramáraõ logo pelo povo, ajuizando cada hum como entendia a paciencia do cerco, a resoluçaõ da batalha. O vulgo naõ sabia pôr taixa nos louvores de D. Joaõ de Castro, como gente sem enveja das pessoas, e fortunas mayores. Os fidalgos, e grandes ajudavaõ, ou consentiaõ a voz universal de todos, sendo virtude rara, poder sofrer de seus iguaes a fama; e naõ houve algũ taõ ambicioso, que desejasse para si melhor nome, nem mais illustres obras.

94 Vestiraõ galas os Reys, e a Corte, e determináraõ dia para graças na Capella com offertas pias, e Reaes. Houve hum douto Sermaõ, em que se disseraõ do Governador encomios, e virtudes. ElRey deu conta da victoria ao Summo Pontifice, e aos mayores Principes da Europa, q todos lhe congratuláraõ, como a mais illustre facçaõ do Oriente. Na carta que escreveo a ElRey, D. Joaõ de Castro, pedia licença para se vir ao Reyno, mostrãdo que naõ buscava póstos quem deixava os mayores, e porque naõ parecesse ambiçaõ nova o desprezo de tudo, pedia a ElRey duas geiras de terra, que partẽ com a sua quinta de Sintra, e rematão em hum pequeno cabeço, que inda hoje conserva

Festejase a nova de Dio.

Que pede o Governador de ai. viças.

serva

serva o nome do monte dos Alviçaras. Parece, que nas honras teve ElRey consideraçaõ a seus serviços, e premiorà sua fortuna. Tudo se verifica da sua carta, de que damos a copia.

Carta de ElRey D. Joaõ Terceiro.

95 VIso Rey amigo. Eu ElRey vos envio muito saudar. A
„ victoria, que Nosso Senhor vos deu cō-
„ tra os Capitaens de ElRey de Camba-
„ ya, foy de taõ grande contentamento
„ para mim, como era razaõ, que eu tives-
„ se por tal, e taõ grande vencimento, e por
„ quaõ grandes mercês, e ajudas nisso re-
„ cebestes de nosso Senhor; pelas quaes
„ elle seja muito louvado, e muito se deve
„ à vossa prudēcia, e grāde animo, q̃ naque-
„ le dia mostrastes, e assi no q̃ fizestes no
„ grande, e pressado socorro, q̃ mādastes à
„ fortaleza de Dio em taõ desvairado tē-
„ po offerecēdo ao mar vossos filhos, em q̃
„ se vio, quanto mais pode com vosco o
„ que importa a meu serviço, q̃ o affecto
„ natural de pay, e que eu assi estimo, co-
„ mo he razaõ; vendo, q̃ naõ sómente des-
„ baratastes taõ grāde poder de inimigos
„ mas ainda déstes muita segurāça, a toda
a India

Que mercês lhe faz ElRey.

, India; no grande receo, que aos inimi-
, gos della fica cõ esta tamanha victoria;
, cujo serviço assi he razaõ, que eu tenha
, na conta que elle merece, como que te-
, nha delle o contentamẽto, que se requе-
, re. E do fallecimento de vosso filho D.
, Fernando recebi mui grãde desprazer,
, assi por ser elle vosso filho, como porq
, hia bem mostrando naquella idade, quẽ
, houvera de ser em toda a outra; e pois
, acabou taõ honradamente, e em taõ grã-
, de serviço de nosso Senhor, e meu, de-
, veis de sentir menos sua perda; e dar
, graças a nosso Senhor por como foi ser-
, vido, que acabasse; o que fei, que vós fi-
, zestes, mostrando ainda no esquecimẽto
, da morte do filho, a lẽbrança do que cõ-
, pria a meu serviço, das quaes cousas assi
, farei sempre lembrado, que naõ somẽte
, volas conhecerei com grande contẽta-
, mento dellas, mas ainda cõ muita mer-
, cé; a que agora quiz dar principio nas
, que faço a vós, e a vosso filho D. Alvaro
, guardãdo o remate dellas para o cabo
, de vosso serviço, que eu confio, e tenho
, por mui certo, que será tal, como foraõ
, os que atégora me tendes feitos; e cõ es-
, ta confiança, e cõ a experiencia, que eu
, disso tenho, desejando muito neste tem-

,po vos fazer mercê em tudo, confide-
,rando porem quanto isto cũpria a meu
,serviço,e vendo por vossas obras,quan-
,ta mais conta tinheis cõ elle, que com
,todas vossas cousas, houve por bem de
,vos naõ dar licença para vos virdes,co-
,mo me pedieis. Pelo que vos encõmen-
,do muito,e mando,que o hajais assi por
,bem, e que nesse carrego me queirais
,ainda servir outros tres annos, no fim
,dos quaes vos mandarei licença para
,vos virdes embora. E eu espero em nos-
,so Senhor,que vos dê mui boa disposi-
,çaõ para o fazerdes:e porem se por ci-
,ma do que tanto cũpre a meu serviço,
,como he ficardesme ainda servindo nes-
,sas partes por este tempo, vos a vós
,parecer,que tendes todavia necessidade
,de vos virdes,folgarei de mo escrever-
,des, e entretanto espereis minha re-
,posta. Pero de Alcaçova Carneiro a fez
,em Lisboa a vinte de Outubro de mil
,quinhentos quarenta e sette.

REY.

Creo,

Creo, que nos pede attençaõ maior a carta da Rainha Dona Catherina, onde naõ he só Real a firma, mas tambem o discurso, ajuizando as acçoens da victoria com madureza de varaõ, e brios de soldado.

Carta da Rainha Dona Catherina.

96, VIso-Rey. Eu a Rainha vos en-
, vio muito saudar. Vi a carta, q
, me escrevestes, na qual particularmen-
, te me dais conta do que tendes feito, e
, provido em todas as cousas, que vos pa-
, receo, q cumpriaõ ao serviço de ElRey
, meu senhor, e á defensaõ, e segurança
, dessas partes, e de tudo ser taõ cõforme
, a quem vós sois, e á grande confiança
, que S. Alteza de vós tem, recebo tanto
, contentamento, como he razaõ, assi por
, ver, que S. Alteza he de vós taõ bẽ ser-
, vido, como pela muita honra, que nisso
, tendes ganhada. E quanto ao cuidado, e
, grande diligencia, com que logo enten-
, destes no corregimento, e provimento
, da armada, foi grãde principio, e mui ne-
, cessario para remedio de tamanhas cou-
, sas, como depois se offerecéraõ, e por
, certo tenho, que por mui grãde, q fosse o

, trabalho, que nisso levastes, seria maior
, o contentamento, que terieis de ser taõ
, bem empregado. E a guerra, que fizes-
, tes ao Hidalcaõ, foi cousa mui bẽ acer-
, tada, pois taõ claro se vio nella o cõtra-
, rio da opiniaõ, que dizeis se tinha, que
, da guerra dos Portuguezes lhe naõ po-
, dia vir dano, e que seria causa de a mo-
, ver tantas vezes, nẽ de sua paz se lhe se-
, guia proveito, pelo q̃ naõ estimaria que-
, brala. E se elle soubera quem vós sois, e
, quanto mais vos lembra a honra, que o
, proveito, nẽ curára de vos fazer o offe-
, recimẽto, que vos fez a cerca del Meále,
, mas a pouca impressaõ, que fez em vós,
, e vosso claro desengano lho daria a co-
, nhecer. E quanto ao negocio do cerco, e
, guerra da fortaleza de Dio, foi mui grã-
, de mercê de nosso Senhor a vitoria, que
, vos alli deu cõtra tamanho poder, e nu-
, mero de inimigos de sua santa Fé Ca-
, tholica, que de taõ diversas partes alli
, eraõ juntos, e mui claro sinal de elle ter
, de sua maõ o estado dessas partes, e lhe
, dou por tudo tãtos louvores, como he
, razaõ, e lhe devo. E muito acrecenta no
, grãde cõtentamẽto, que ElRey meu se-
, nhor, e eu temos de tamanho vẽcimẽto,
, ver cõ quãta prudencia, e discriçaõ pro

veste

vestes em todas as cousas, que para se poder alcançar eraõ necessarias, e quaõ animosamente vos houvestes no dia da batalha, e cõ quãta presteza soccorrestes aquella fortaleza, offerecendo a isso vossos filhos em taõ fortes tẽpos: o conhecimẽto, que S. Alteza, e eu temos de todas estas obras, e do grande fruito, que dellas se seguio, he mui cõforme à qualidade, e grandeza dellas; e assi confio, que o S. Alteza mostre na honra, e mercé que vos farà, e porque tudo se vos deve, e bem o deu a entender no gosto, e contentamento, cõ que logo quiz dar a isso principio, mas que agora fez a vós, e a vosso filho D. Alvaro, segũdo vereis por sua carta. E do fallecimento de D. Fernando vosso filho recebi mui grande desprazer, assi por quanto sei, que o havieis de sentir, como pela perda de sua pessoa, que segundo tinha mostrado naquelle feito, se pode bem ver, que foi grande; mas eu tenho tal conhecimẽto de vós, e de vossa muita prudencia, e virtude, que sei certo, que em todo tempo, em que nosso Senhor o levàra para si, vos conformáreis vós cõ sua võtade, e tomàreis de sua maõ, quanto mais sẽdo naquelle, em que por defensaõ de sua

Fé

, Fe, e em tamanho serviço de S. Alteza;
, taõ honradamẽte acabou, e comprio cõ
, a obrigaçaõ de quẽ era, que saõ razões
, mui grandes para vós muito o deverdes
, fazer assi, e muito menos sentirdes sua
, morte. E quanto ao que me pedis acer-
, ca de vossa vinda, em que Dona Leonor
, vossa mulher (que eu muito folguei de
, ver pelo merecimẽto de sua pessoa, e
, virtudes, e pela muito boa võtade que
, lhe tenho) me fallou de vossa parte, co-
, mo em cousa q̃ tãto deseja, estimára eu
, muito de cõ gôsto, e contentamento de
, ElRey meu senhor, poder nisso satisfa-
, zer a vós, e a ella; mas pelo muito que
, S. Alteza tem de vosso taõ bom serviço,
, e pela grande falta, que lá poderia fazer
, em tal tempo vossa pessoa, houve por
, bem de se servir ainda lá de vós outros
, tres annos, segundo por sua carta vereis.
, E tenho por mui certo, que por todas
, estas razões o havereis assi por bẽ, e vos
, rogo muito, que assi seja, e espero em
, nosso Senhor, que vos dará saude, e for-
, ças para o poderdes fazer, e vos ajudará,
, e esforçará em todos vossos trabalhos,
, pois delle se segue tanto seu serviço; e
, pois sabe, q̃ o principal respeito, porque
, Sua Alteza o ha assi por bem, he saber,
que

que será elle lá de vós inteiramẽte ser-
vido. E na lembrança, que entre tama-
nhos trabalhos, e taõ importãtes nego-
cios, tivestes daquellas cousas minhas,
que levastes a cargo, se vê bem quanto
desejo tendes de nisso, e em tudo me ser-
vir, o qual eu estimo, como he razaõ. E
quanto o que toca a Diogo Vaz, por ou-
tra carta vos escrevo o que nisso folga-
rei, que se faça. Com o beujoim de boni-
nas, e com todas as mais cousas, que me
enviastes por Lourenço Pires de Tavo-
ra, recebi muito prazer, por ser tudo taõ
bom, que bem parece ser enviado com
taõ boa vontade, a qual eu ainda mais
estimo, e tudo vos agradeço muito. E
dos criados meus, e pessoas, que me es-
creveis, que lá tem bem servido; e assi
das cousas, em que vos parece necessa-
rio prover, farei lẽbrança a ElRey meu
senhor, como pedis, que faça. O que
Sua Alteza houver de prover assi nas
mercês, que houver de fazer a todos os
que lá o serve, ha de ter tanto respeito
ao q̃ vós em tudo lhe escreverdes, e pe-
dirdes, como he razaõ, que seja, e mui-
to vos agradeço a boa informaçaõ, que
a S. Alteza dais dos meus criados, que
naquelle feito de Dio se acharaõ, e assi o

muito

„ muito favor, e boas obras, que sey que
„ a todos lá fazeis por meu respeito. Pe-
„ ro Fernandes a fez em Lisboa a trinta
„ dias de Outubro de mil quinhentos
„ quarenta e sette.

A RAINHA.

Naõ he de menor estimaçaõ a carta, que lhe escreveo o Infante D. Luis, como de Principe em fim, que taõ grãde juizo soube fazer de merecimentos, e virtudes.

Carta do Infante D. Luis.

97. „ HOnrado Viso-Rey. Recebi vos-
„ sa carta, q̃ veo nesta armada de
„ Lourenço Pires de Tavora, em que me
„ dizeis que recebestes a minha, que por
„ Luis Figueira vos mãdei; e agradeçovos
„ muito dizerdesme, q̃ vos parecerão bẽ
„ as lẽbranças que vos fazia, e muito mais
„ o pordeles em obra; e bastava para o eu
„ crer que seria assi, ainda que vos eu naõ
„ conhecera, ouvir o que lá fazeis, e ver,
que

„ que cõ a boca chea me escreveis vossos
„ trabalhos, pobreza, e abstinencia, cousas
„ com que se vence o Diabo, o Mundo, e
„ a Carne, que nessas partes da India tem
„ tanto poder; o que he mayor victoria,
„ que a de ElRey de Cambaya; nem ainda
„ de todo o poder do Turco. Pelo que em
„ quanto viverdes naõ deveis de temer
„ cousa algũa, mas antes esperai em nos-
„ so Senhor, que vos ajudará, como agora
„ fez na defensaõ, e batalha de Dio, em
„ cuja victoria vós tendes muito que lhe
„ louvar; pois vos fez instrumento de
„ tanto serviço seu, e de ElRey meu se-
„ nhor, e de tanta honra vossa, e de todos
„ os Portuguezes, assi dos que se acháraõ
„ com vosco, como dos que estiveraõ au-
„ sentes. E certo que vós tendes feito
„ nesta jornada, desde primeiro dia, que
„ tivestes novas do cerco de Dio, atè o de
„ vossa, e nossa vitoria, tudo o que enten-
„ do, que hum valeroso, e astuto Capitaõ
„ podia fazer, assi na presteza dos soccor-
„ ros, como em pordes vossos filhos por ba-
„ lisas da fortuna, e perigos do inverno, e
„ mares da India, para que os outros os ti-
„ vessem em menos; no que se mostra bẽ
„ claro, quãta mais parte tẽ em vós o ser-
„ viço de ElRey meu senhor, e a obriga-

çaõ

,, çaõ de vosso cargo, que os effeitos natu-
,, raes de pay, que saõ os que mais forçaõ
,, a natureza. E no sofrimento, q̃ mostras-
,, tes na morte de D. Fernando de Castro
,, vosso filho, se confirma bem esta opi-
,, niaõ, e certo, que eu o senti por mim, e
,, por vós, e houve por mui grande perda,
,, por quaõ certos sinaes nelle via de seu
,, grande esforço, e creo, que nisso lho
,, quiz Deos pagar com o tirar de vida taõ
,, trabalhosa por meios taõ honrados, e
,, de tanta gloria sua, q̃ deve de ser grãde
,, causa de vossa consolaçaõ. D. Alvaro de
,, Castro vosso filho naõ empregou mal
,, sua jornada, pois em tãtos trabalhos, e pe-
,, rigos soccorreo a fortaleza de Dio, a tẽ-
,, po, q̃ sua chegada foi por entaõ o reme-
,, dio della; e de como se nisso houve, e no
,, dar nas estãcias dos inimigos, e em tudo
,, o mais lhe lãço muitas benções por vos-
,, sa parte, e minha. E tornando a vossa de-
,, terminaçaõ de avẽturardes vossa pessoa
,, e o Estado da India, por soccorrerdes
,, Dio, foi mui boa, pois de o naõ fazerdes
,, estava tãto mais avẽturado; e o chegar-
,, des a Dio, e ordenardes vossa embarca-
,, çaõ, e mandardes, que os navios comet-
,, tessem a tempo que havieis de dar a ba-
,, talha, e o modo de cometter, que nisso
tives-

, tivestes tudo me parece-o digno de a-
, gora,e sempre darmos muitas graças a
, Deos nosso Senhor, e de S. Alteza vos
, fazer muitas mercès, a q̃ agora dà prin-
, cipio , como vereis a cerca de vós, e de
, vosso filho,e assi o deve fazer,e farà aos
, fidalgos,e Cavalleiros que nessa jornada
, cõ vosco o serviaõ,em especial a D. Joaõ
, Mascarenhas, q̃ se houve no peso desse
, cerco,como honrado Capitaõ , e esfor-
, çado Cavalleiro. Folguei muito de ver
, o modo,que tivestes no escrever a S. Al-
, teza sobre os serviços, q̃ os fidalgos, e
, Cavalleiros,que nessas partes andaõ,lhe
, fizeraõ no negocio de Diò , no que se
, vio, que tinheis cõ seus trãbalhos cõta;
, Isto fazei sẽpre por amor de mim,e fol-
, gai de louvar os hõmẽs, porque jà que
, està certo,naõ faltar quẽ diga delles os
, males (que haveis de castigar os que
, nelles sentirdes)razaõ he tambẽ,que os
, bons os levãteis,para que os que là naõ
, poderdes galardoar,S. Alteza por vossa
, informaçaõ o faça. Eu fallei sobre vossa
, vinda,como me escrevestes, q̃ me elle
, naõ cõcedeo,e me deu para isso duas ra-
, zões,que a meu parecer, ainda que vós
, tenhais muitas para vos desejardes de
, vir,S. Alteza tem muitas mais para vos
man-

mandar rogar, que o sirvais nesse governo outros tres annos, o que haveis de folgar de fazer por servirdes a nosso Senhor pela grande mercé, que vos tẽ feito, e a Sua Alteza pela confiança, que de vós tem, e contentamento de vosso serviço. E confiai em Deos, que vos dará forças para poderdes com os grandes trabalhos, e desordens da India; e eu espero nelle, que fazendo-o vós assi, venhais encher estes picos da serra de Sintra de Ermidas, e de vossas victorias, e que as visiteis, e logreis com muito descanso vosso. Nas cousas particulares vos naõ fallo, porque ElRey meu senhor vos escreve o que ha por seu serviço em reposta da carta geral, que lhe escrevestes, que vinha em muito bó estylo, e em muito boa ordem. Escrita em Lisboa a vinte e dous de Outubro de mil quinhentos quarenta e sette.

O INFANTE D. LUIS.

98 Deixa-se bem ver destas cartas, quaõ gratos eraõ aos Reys os serviços de D. Joaõ de Castro. Negou-lhe ElRey D. Joaõ a licença que pedia para vir descançar ao Reyno, como em beneficio da patria, e do Oriẽte, prorogoulhe outros tres annos do governo cõ nome de Viso-Rey; naõ teve vida para lograr este acrecẽtamento, para o merecer, si; fez-lhe mercẽ de dez mil cruzados de ajuda de custo, e patente de Capitaõ mór do mar da India a seu filho D. Alvaro, cargo, que já exercitava com menos annos, que victorias.

Manda ElRey seis nãos á India.

99 Tinha entendido ElRey D. Joaõ pelos avisos do Viso-Rey, que a segurãça da India necessitava de ter a todo tẽpo forças prõptas para todas as occurrẽcias do Estado; e que os estragos de Cãbaya, junto com o respeito, criavaõ odio nos Principes vesinhos, cuja ruina era para outros exemplo. Cõ estas, e outras considerações despachou este anno para a India seis nãos, que partiraõ em monçoens differentes. Das primeiras tres, que partiraõ em Novembro, era Capitaõ mór Martim Correa da Sylva, que levava a fortaleza de Dio. Os outros Capitães eraõ Antonio Pereira, e Christovaõ de Sá; e porq na costa da India teve a Capitaina

os

os ventos ponteiros, esgarróu, e naõ podendo ferrar Goa, foi tomar Angediva, donde mandou aviso ao Viso-Rey para o prover do necessario, visto serlhe forçado invernar em aquelle porto. O Piloto de Christovaõ de Sá soubese marear melhor, porque tãto q avistou a costa da India foi metendo de ló para se pór a barlavento de Goa, e houve vista da terra por Carapataõ, donde foi demandar a barra.

Chega huma a Goa.

100 Logo que o Viso-Rey soube, que entrára náo do Reyno mandou desẽbarcar os doentes, que elle em pessoa foi visitar, e prover. E certo, que entre as excellencias deste bom Viso-Rey, podemos dar o primeiro lugar á caridade, porque naõ costuma ser virtude de soldado, e menos de ministro. Recebeo as vias, em que achou as honras, e mercês, que havemos ditto, estimando estas para desempenho, aquellas para premio; de que os fidalgos a si proprios se davaõ parabens, contentes de que ficasse o Viso-Rey outro triennio governando, como quem entendia, que tinhaõ nelle os soldados pay, e o Estado homem.

Adoece o Viso-Rey.

101 Achava-se D. Joaõ de Castro gastado menos dos annos, que dos trabalhos de taõ continuas guerras, com que veo a

cair

cair rendido ao peso de taõ graves cuidados. Enfermou gravemente, e descobrio a doença em poucos dias indicios de mortal; o que elle conhecendo pela molestia, de repetidos accidentes, se aliviou da carga do governo. Chamou o Bispo D. Joaõ de Albuquerque, D. Diogo de Almeyda Freire, ao Doutor Francisco Toscano Chanceller mór do Estado, a Sebastiaõ Lopes Lobatto seu Ouvidor Géral, e a Rodrigo Gonçalves Caminha Veador da fazẽda, aos quaes entregou o Estado cõ a paz dos Principes vezinhos, assegurada sobre tãtas victorias. Mandou vir a si o governo popular da Cidade, ao Vigario Géral da India; ao Guardiaõ de S. Francisco, a Fr. Antonio do Casal, a Saõ Francisco Xavier, e aos officiaes da fazenda de ElRey, a quem fez esta falla.

Deixa o governo.

102 „ Naõ terei, senhores, pejo de vos „ dizer, que ao Viso-Rey da India faltaõ „ nesta doença as cõmodidades, que acha „ nos hospitaes o mais pobre soldado. Vim „ a servir, naõ vim a comerciar ao Oriẽte; „ a vós mesmos quiz empenhar os ossos „ de meu filho, e empenhei os cabellos da „ barba, porq̃ para vos assegurar, naõ tinha „ outras tapeçarias, nem baixellas. Hoje naõ

Falla aos do conselho.

„ naõ houve nesta casa dinheiro, com que
„ se me comprasse hũa gallinha; porque
„ nas armadas que fiz, primeiro comiaõ
„ os soldados os salarios do Governador,
„ que os soldos de seu Rey; e naõ he de
„ espantar, que esteja pobre hum pay de
„ tantos filhos. Peçovos, que em quanto
„ durar esta doença, me ordeneis da fa-
„ zenda Real huma honesta despesa, e
„ pessoa por vós determinada, que com
„ modesta taixa me alimente.

Juramento que toma.

E logo pedindo hum Missal, fez juramento sobre os Evangelhos; que atè a hora presente, naõ era devedor á fazenda Real de hum só cruzado, nem havia recebido cousa alguma de Christaõ, Judeo, Mouro, ou Gentio, nem para a authoridade do cargo, ou da pessoa tinha outras alfayas, que as q̃ de Portugal trouxera; e q̃ ainda a prata, que no Reyno fizera, havia já gastado, nẽ tivera já mais possibilidade para comprar outra colcha, que a que na cama viaõ; só a seu filho D. Alvaro fizera huma espada guarnecida de algũas pedras de pouca estima, para passar ao Reyno. Que dito lhes pedia mandassem fazer hum termo, para que se algũa hora se achasse outra cousa, ElRey como a perjuro,

perjuro, o castigasse. Esta pratica se escreveo nos livros da Cidade, a qual se podéra ler como instrucção, aos que lhe succedéraõ; nos quaes creo, ficou a memoria mais viva, que o exemplo.

103 Logo q̃ o VisoRey entendeo, q̃ era chamado a mais dura batalha, fugindo à importuna diversaõ de cuidados humanos, se recolheo com o Padre S. Francisco Xavier, buscãdo para taõ duvidosa viagem taõ seguro piloto; o qual lhe foi todo o tempo, que durou a doença, enfermeiro, intercessor, e mestre. Como naõ adquirio riquezas de q̃ dispor de novo, naõ fez outro testamento q̃ o que deixou no Reyno, quando passou a governar a India em mãos do Bispo de Angra D. Rodrigo Pinheiro, com quem o tinha communicado. E recebidos os Sacramentos da Igreja, rendeo a Deos o espirito em seis de Junho de mil quinhentos quarenta e oito, aos quarenta e oito de sua idade, e quasi tres do governo daquelle Estado. As riquezas, q̃ grangeou na Asia, foraõ suas heroicas obras, q̃ neste papel viraõ a ler os futuros cõ saudosa memoria. No seu escritorio se acharaõ tres tangas larins, hũas disciplinas, com sinaes de uzar muito dellas, e a gadelha da barba, que havia em-

Recolhese com o P. Xavier.

Sua morte.

empenhado. Mandou em São Francisco de Goa depositar seu corpo, para que dalli se tresladassem os ossos à sua Capella de Sintra. Tratou-se logo do funeral, naõ menos lastimoso, que solemne, merecendo de todo o Estado lagrimas illustres, e plebêas.

Enterro, e sentimento.

104 Depois de alguns annos vieraõ seus ossos ao Reyno, que foraõ recebidos com reverẽte, e piedoso applauso, ultimo beneficio, q̃ com suas cinzas ha recebido a patria, e trazidos aos hombros de quatro netos seus ao Cõvento de Saõ Domingos de Lisboa, onde muitos dias se lhe fizeraõ sumptuosas exequias. Daqui foraõ segũda vez tresladados ao Cõvento de S. Domingos de Bemfica, onde (posto que em Capella alhea) estiveraõ alguns annos cõ tumulo decente, atè que o Bispo Inquisidor Géral D. Frãcisco de Castro seu neto lhe fez capella, e sepultura propria, na traça, na maneira, e na esculptura depois das Reaes, a nenhũa segunda; cuja relaçaõ naõ desagradará em beneficio da memoria do avo, e piedade do neto.

Vem seus ossos ao Reyno.

Depositaõ se em S. Domingos de Lisboa.

Tresladaõ-se a Bemfica.

105 Dista o Cõvẽto de S. Domingos de Bẽfica dous mil passos da Cidade de Lisboa. Hum lugar vezinho lhe dá aquelle nome. Foy o sitio delle em propriedade

Onde estaõ hoje.

dos

dos Senhores Reys de Portugal; no qual por sua frescura tinhaõ huma casa de campo, que frequentavaõ, já para diversaõ dos negocios, já para o exercicio da caça. ElRey D. Joaõ o primeiro vendo-se devedor a Deos de tãtas victorias, entre outras acções de graças fez destes paços doaçaõ à Ordem de S. Domingos, com terras, hortas, e pomares vezinhos, em vinte e dous de Mayo de mil trezentos noventa, e nove, para se fūdar este Convento, q naõ só teve os alicesses Reaes, senaõ os augmētos. Obrigouse o fundador (por provisaõ, que nos archivos do Convento se guarda) a amparar, e defender as cousas, e Religiosos delle; solicito na causa de Deos, valeroso na sua. ElRey D. Joaõ o segundo lhe deixou hũa grossa fazenda, que com nome de Quinta das Fîtas hoje possue a casa, sem lhe impor obrigaçaõ, que podesse fazer menos grata, ou liberal a esmola. ElRey D. Manoel, ainda que repartido em cuidados, e fabricas mayores, deixou nos fundamentos deste Tēplo religiosa memoria, ordenando, q se dissessem cada semana aos Anjos duas Missas cantadas a favor dos navegātes, que esse era o Astrolabio de seus descobrimentos, e as forças das victorias Orientaes daquel-
 la

la idade. A Rainha Dona Catherina tratou esta casa como Capella sua, offerecẽdolhe de seu Oratorio Reliquias de reverencia, e preço; entre outras, em huma grande Cruz de prata hum pedaço do Santo Lenho, que sendo offerecido por mãos Reaes, calificaõ a certeza de taõ superior donativo; accumulando os senhores Reys nesta casa a beneficios temporaes os sagrados. ElRey D. Philippe o segundo lhe acreceẽtou os proprios com huma honesta esmola. Foy sempre dos mais observantes da Religiaõ este Convento, que com nome de Recoleta naõ permitte declinaçaõ, ou indulgencia do primeiro instituto. Nelle como em escola de virtudes se costumavaõ retirar os filhos mais benemeritos da Ordẽ; huns a fugir, outros a descãsar das Prelasias, para vagar a Deos em ocio santo, e reformar o espirito.

106 Nesta casa por fundaçaõ, e disciplina illustre descansaõ as cinzas victoriosas de D. Joaõ de Castro, em hũa Capella, e sepultura de religiosa grandeza. He esta da instituiçaõ de Corpus Christi, té a porta principal no claustro do Cõvẽto, e sobre ella pẽdente hũ escudo revelado das Armas do fundador; abraça o lar-

go

gos della quarenta palmos, Tem mais de ſetenta o comprimento; proporção a que os Architectos chamaõ Dupla, e à obra, Dorisa. He de huma ſó nave de pedraria brunida, o lageamento de pedras de cores tambem brunidas. Em torno a circunda interiormente hum composto, e proporcionado pedeſtal, ſobre que ſe funda a armonia da mais architectura. Tem ſeis arcos com pilares interpostos ſobre baſes, capiteis, e ſimalhas tambem em torno aõ ſeis luzes obradas cõ reſpeito a architectura. Tem hum retabolo, e ſacrario (em que ſempre eſtá o Santiſſimo Sacramẽto alumiado com duas alampadas de prata) de obra de talha com floroens, tudo dourado, e no alto hum painel da Cea do Senhor. Detras do altar, e retabolo há Coro dos Noviços, para cuja criação, e melhor ſerviço do Senhor, ſe lhes fez caſa com vinte cellas, e mais officinas, que formaõ o corpo de hum Convento. O tecto da Capella, depois de coroada cõ a ſimalha, he tambem de pedraria apainelado com artezoens, e molduras. Dos ſeis arcos, que a compoem, ficaõ os dous primeiros nos Presbyterios; no da parte do Evangelho eſtá huma porta, que dá ſerventia para a tribuna, e apoſentos do fundador, e no

da

da parte da Epistola outra para o serviço da Sáchristia. Os outros quatro occupaõ quatro sũptuosas sepulturas, cujas urnas formaõ pedras de cores lustradas, q̃ descansaõ às costas de elefantes de pedras negras.

107 No primeiro arco, que fica jũto ao do Presbyterio da parte do Evangelho, está a sepultura de D. Joaõ de Castro, onde antes de se fechar foraõ recolhidos seus ossos com o seguinte epitafio.

„D. Joannes de Castro XX. pro Re„ligione in utraque Mauritania stipē„diis factis, navata strenue opera Thu„netano bello; Mari Rubro felicibus „armis penetrato; debellatis inter Eu„phratem, & Indum nationibus: Ge„drosico Rege, Persis, Turcis uno præ„lio fusis, servato Dio, imo Reipub. „reddito; dormit in magnum diem, „non sibi, sed Deo triumphator; pu„blicis lachrymis compositus, publi„co sumptu præ paupertate funera„tus. Obijt octavo id. Junij. Anno „M.D.XLVII. ætatis XL. VIII.

Estaõ em o seguinte arco junto a este os ossos de D. Leonor Coutinho sua mulher.

108 Da

108 Da parte da Epistola em o arco que responde ao da sepultura de D. Joaõ de Castro, está a de D. Alvaro seu filho, em que do mesmo modo foraõ postos seus ossos, tem o epitaphio, que se segue.

, D. Alvarus de Castro, magni Joan-
, nis Primogenitus, qui pene ab in-
, fantia discriminum Socius, pugna-
, rum Præcursor, triumphorum Cõ-
, fors, Æmulus fortitudinis, Hæres
, virtutum, non opum: Regum
, profliator, & restitutor; in Sinai
, vertice Eques feliciter inauguratus;
, a Rege Sebastiano summis Regni
, auctus honoribus; bis Romæ, se-
, mel Castellæ, Galliæ, Sabaudiæ le-
, gatione perfunctus obiit IV. Idus
, Septemb. anno M.D.LXXV. æta-
, tis suæ L.

E logo no outro arco junto a este está Dona Anna de Atayde sua mulher. No vaõ desta Capella se fez hum carneiro com seis arcos de padraria, em hum dos quaes há Altar para se dizer Missa; e os mais tem repartimentos para ossos, e corpos dos defuntos.

109 Doou o Bispo Inquisidor Géral fũ-
dador

Conde de Abrantes, parente de D. Garcia de Castro, que foy irmaõ de D. Alvaro de Castro primeiro Conde de Monsanto, filhos de D. Fernando de Castro, netos de D. Pedro de Castro, e bisnetos de D. Alvaro Pires de Castro Conde de Arrayolos, e primeiro Condestable de Portugal, irmaõ da Rainha D. Ines de Castro, que foi mulher de ElRey D. Pedro o Cruel. Era este Condestable filho de D. Pedro Fernandes de Castro, a quem chamàraõ em Castella, o da guerra, que vindo a este Reyno principiou nelle a illustre Casa dos Castros, q em muita grandeza se tem conservado. O qual D. Pedro era por baronia descendente do Infante D. Fernando, filho de ElRey D. Garcia de Navarra, casado cõ D. Maria Alvares de Castro, filha unica do Conde Alvaro Fanhes Minaya, quinta neta de Lain Calvo, de quẽ diriva sua origẽ esta familia. Sendo moço casou D. Joaõ de Castro com Dona Leonor Coutinho sua prima segunda, mayor na qualidade, que no dote; com a qual retirado na Villa de Almada, fogio com anticipada velhice às ambiçoens da Corte: Passou a servir a Tanger, aonde deu de seu valor as primeiras, mas naõ vulgares provas, bem que destas alcança-

mos

que formão os portos; as monçoens dos ventos, e condiçoens dos mares; a força das correntes, e impeto dos rios; arrumando as linhas em rumos differentes; tudo com tão miudo, e acertada Geographia, q̃ o podéra esta só obra fazer conhecido, se já o não fora tanto pelo officio militar. Cõ igual semblante vio as incommodidades da patria, e as prosperidades do Oriente, parecendo sempre o mesmo homem em diversas fortunas. Fez brio de merecer tudo, e de não pedir nada. Fazia razão, e justiça a todos igualmente, sendo nos castigos inteiro, mas tão justificado, que antes se podião queixar da ley, q̃ do ministro. Foi com os soldados liberal, e cõ os filhos pobre, mostrando mais humanidade no officio, que na natureza. Tratava cõ grande respeito as acções de seus antecessores, honrando até aquellas de que se apartava. Sẽ estragar a cortesia conservou o respeito. Dos grandes parecia superior, dos pequenos pay; vivia de maneira, que emendava as culpas com o exemplo, mais que com o castigo. Sempre zelou a causa de Deos, primeiro que a do Estado; nenhũa virtude deixou sem premio; alguns vicios deixava sem castigo, melhorando assi muitos, huns com o benefi-

beneficio, outros como clemencia. Os
donativos, que recebia dos Principes da
Asia, mandava carregar na fazenda Real,
virtude, que louvaraõ todos, imitaraõ
poucos. Os soldados enfermos achavaõ
nelle lastima, e remedio; a todos obriga-
va, e parecia devedor de todos. Evitou
(como ruina do Estado) admittir aos sol-
dados nenhuma facçaõ [illegible], que
naõ conseguisse, sendo nestes empregos
promptissimo, [illegible] nos conselhos. En-
tre occupaçoens de soldado conservou
virtudes de Religioso; era frequente em
visitar os Templos, grande honrador dos
ministros da Igreja, compassivo, e liberal
com os pobres, devotissimo da Cruz, cu-
jo sinal adorava com inclinaçaõ profũda
sem differença de lugar, ou tempo. E
taõ religiosamẽte ardia no culto deste si-
nal santissimo, que quiz, mais levantar tem-
plo a sua memoria, que fundar casa a sua
posteridade; deixando como em piedosa
bençaõ a seu filho D. Alvaro, que se na
graça, ou justiça dos Reys achasse algu-
ma gratidaõ de seus serviços, do premio
delles edificasse na serra de Sintra hum
cõvento de Recoletos Franciscanos, ad-
vertindo, que só a invocaçaõ da Cruz se
titulasse a casa. D. Alvaro de Castro que
das

das virtudes de taõ piedoso pay, foi legitimo herdeiro, e [illegible] a fabrica do Cõvento, menos grande pela magestade do edificio, que pela santidade dos varoens penitentes, que o habitaõ. Sendo a primeira vez mandado pelo Senhor Rey D. Sebastiaõ cõ embaixada ao Papa Pio IV. impetrou delle privilegiar o Altar do dito Cõvento para todas as Missas, e para o dia da Invençaõ da Cruz indulgencia plenaria a todos os que orassem pelas necessidades mayores da Igreja, e advertidamente pela alma de D. Joaõ de Castro: graça taõ singular, e nova, que a naõ vimos concedida a Principes soberanos. Parece q̃ andava em Italia taõ viva a fama de suas victorias, como de suas virtudes, qualificadas com taõ illustre testimunho do Vigario de Christo. Por estas, e outras virtudes cremos, terá alcançado no Ceo melhores palmas em mais alto triumfo.

Que filhos teve.

Teve tres filhos, que todos com a bençaõ do pay seguiraõ os perigos da guerra. D. Miguel o mais moço, que nos dias de ElRey D. Sebastiaõ passou à India, e faleceo Capitaõ de Malaca. D. Fernando, q̃ faleceo abrasado na mina do baluarte de Dio.

Elogio de D. Alvaro de Castro.

D. Alvaro, com quem parece que partio as palmas, e as victorias, filho, e compa-

companheiro de sua fama; o qual tornando ao Reyno, sem outras riquezas, que as feridas, que recebeo na guerra, casou com Dona Anna de Attayde filha de D. Luiz de Castro, senhor da casa de Monsanto. Foi ElRey D. Sebastiaõ particular aceito, fiandolhe os mayores negocios, e lugares do Reyno; fez diversas embaixadas, a Castella, França, Roma, e Saboya. Foi do Conselho do Estado, e unico Veador da fazenda; e entre cargos taõ grandes, acabando valido, morreo pobre.

INDEX
DAS
PRINCIPAES COUSAS
desta Historia.

A
Adem.

Rece-

Resol-

E man-

Anto-

Destron-

Barba.

Leva

C

Cam-

Lan-

Cartas.

Catherina de Sousa.

Estra-

Compaixaõ.

Cotta.

Cruz.

Dabul

D

Valor,

Peri-

D.

Che-

D.

Valor

H

Hidalcaõ.

Man-

Elegeo

D.

D. Joaõ de Atayde.

D. Joaõ de Castro.

ElRey

Aceita

Decla-

Conti-

A qual

Car-

Joaõ Coelho.

Co-

Juzar-

Juzarcaõ.

Outro Juzarcaõ.

L

Infante D. Luiz.

Car-

Cui-

Direi-

De Mustafa Rumecaõ.

Reco-

E se

Meale.

Miguel de Armida.

Minas.

Moçambique.

Mor-

E pa-

N

Náos.

Nuno Pereira.

D.

P

D. Payo de Noronha.

Pate, e Patane.

D. Pedro de Almeida.

Pedro Nunes.

Rax

R

Conti-

Seba

S

Sebaſtiaõ de Sá.

Simaõ Feo.

Simaõ de Mello.

Repoſta

Surra-

Xa-

X

Xael.

F I M.